

Êxtase

Lauren Kate

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

— As pessoas podem ver milagres — Luce terminou por ele. — Elas querem.

— Isso mesmo. E ao verem, elas começam a duvidar.

— E duvidar leva à...

— Encrenca. — Daniel riu um pouquinho.

Luce não conseguiu não sorrir, curtindo que, pelo menos por um pouquinho, Daniel era um milagre só seu.

Eles se sentaram próximos um ao outro em um trecho pequeno e reto no meio do coração do nada, protegidos do vento por uma rocha de granito e longe da vista de todos; a única que os via era uma perdiz marrom-clara tentando caminhar pelas pedras encrostadas. Quando Luce olhou para além das rochas, a visão que teve alterou toda a sua percepção: uma cadeia de montanhas, um pico nas sombras, outro adornado pela luz, todos ficando mais claros a cada segundo que passava, à medida que o sol elevava-se sobre o horizonte rosa.

Daniel abriu o zíper da bolsa de couro e olhou dentro. Balançou a cabeça, dando risada.

— Qual a graça? O que tem aí dentro? — Luce perguntou.

— Antes de partirmos de Veneza, pedi que Phil pegasse algumas coisas no armário. Os Párias sabem mesmo como preparar uma alimentação nutritiva. — Ele puxou um pote de Pringles sabor páprica, um saco vermelho de Maltesers, um punhado de chocolates Baci embalados em papel laminado azul, um pacote de chicletes Day, diversas garrafinhas de refrigerantes *diet*, e alguns cilindros de pacotes de café espresso instantâneo.

Luce deu uma gargalhada.

— Isso vai te sustentar? — ele perguntou.

Luce se aconchegou nele e mordeu algumas bolinhas de chocolate, observando o céu oriental ficar rosa, depois dourado, e então azul claro, à medida que o sol elevava-se nos picos e vales distantes. A luz lançava sombras estranhas nas fendas da montanha.

De início, ela presumiu que pelo menos algumas dessas sombras fossem Anunciadores,

mas então percebeu que não, eram simples sombras que tinham se dilatado com o desvio da luz.

Luce percebeu que fazia dias que não via um Anunciador.

Era estranho. Por semanas, meses, elas apareciam perante Luce cada vez mais frequentemente, até que mal conseguia olhar para um lado sem ver uma delas balançando sombriamente em um canto, chamando-a. Agora elas pareciam ter desaparecido.

— Daniel, o que aconteceu com os Anunciadores?

Ele se reclinou contra a elevação e exalou profundamente antes de dizer:

— Estão com Lúcifer e o anfitrião do Céu. Elas também fazem parte da Queda.

— O quê?

— Isso nunca aconteceu antes. Os Anunciadores pertencem à história. São sombras de eventos significativos. Foram gerados pela Queda, então, quando Lúcifer começou este jogo, eles foram atraídos de volta.

Luce tentou imaginar: um milhão de sombras trêmulas cercando uma esfera enorme e escura, seus rebentos lambendo a superfície do esquecimento como manchas solares.

— Foi por isso que tivemos que voar até aqui, ao invés de entrar em um deles —

ela disse.

Ele assentiu e mordeu uma batata Pringles, mais pelo costume de estar cercado por mortais do que pela necessidade de consumir comida.

— As sombras desapareceram assim que retornamos do passado. Este momento em que nos encontramos agora, estes nove dias desde o gambito de Lúcifer, é um tempo de limbo. Está desatado do resto da história, e se falharmos, deixará de existir por inteiro.

— Onde exatamente ela fica? A Queda, quero dizer.

— Em outra dimensão, um lugar que não consigo descrever. Estávamos mais próximos dela quando eu te achei, depois de ter se separado do Lúcifer, mas ainda estávamos muito longe.

— Nunca pensei que fosse dizer isso, mas — ela observou a imobilidade das sombras cotidianas na montanha — sinto falta deles. Os Anunciadores eram minha conexão ao passado.

Daniel pegou sua mão e olhou profundamente em seus olhos.

— O passado é importante por toda a informação e sabedoria que contem. Mas você pode se perder nele. Você tem que aprender a manter o conhecimento do passado dentro de si enquanto persegue o presente.

— Mas agora que eles se foram...

— Agora que eles se foram, você pode fazer isso por conta própria.

Ela balançou a cabeça.

— Como?

— Vejamos — disse ele. — Está vendo aquele rio próximo ao horizonte? — Ele apontou para um minúsculo indício de azul serpenteando pela planície retilínea no

chão do deserto. Era a coisa mais distante que os olhos de Luce conseguiam enxergar.

— Sim, acho que consigo ver.

— Morei perto daqui por diversos períodos ao longo dos tempos, mas uma vez, quando morei aqui algumas centenas de anos atrás, eu tinha um camelo chamado Oded. Ele era provavelmente a criatura mais preguiçosa que já caminhou pela Terra.

Desmaiava enquanto eu o alimentava, e chegar ao acampamento beduíno mais próximo para a hora do chá era um pequeno milagre. Mas quando eu te vi pela primeira vez naquela vida...

— Oded saiu em disparada — Luce disse sem pensar. — Eu gritei porque achei que ele fosse me pisotear. Você disse que nunca o tinha visto se mover daquela maneira.

— É, bom — disse Daniel. — Ele gostou de você. — Eles fizeram uma pausa e olharam um para o outro, e Daniel começou a rir quando o queixo de Luce caiu.

— Eu consegui! — ela berrou. — Estava simplesmente ali, na minha memória, uma parte de mim. Como se tivesse acontecido ontem. Eu

me lembrei sem nem me dar conta!

Era milagroso. Todas aquelas lembranças de todas aquelas vidas que se perdiam cada vez que Lucinda morria nos braços de Daniel estavam, de algum modo, achando seu caminho de volta até ela, como Luce sempre encontrava Daniel.

Não. Era ela quem as estava encontrando.

Era como se um portão tivesse sido deixado aberto após a busca de Luce pelos Anunciadores. Aquelas lembranças tinham ficado com ela, de Moscou até Helston e o Egito. E agora mais delas estavam ficando disponíveis.

Ela sentiu, repentina e perspicazmente, quem era; e não era simplesmente Luce Price, de Thunderbolt, Geórgia. Ela era todas as garotas que já tinha sido, uma amálgama de experiências, erros, realizações, e, acima de tudo, amor. Ela era Lucinda.

— Rápido — disse a Daniel. — Podemos fazer isso mais uma vez?

— Beleza. Que tal outra vida no deserto? Você vivia no Serengeti quando te encontrei. Era alta e desengonçada e a mais rápida corredora da sua vila. Eu estava de passagem um dia, indo visitar Roland, e parei uma noite na nascente mais próxima.

Todos os outros homens desconfiaram de mim, mas...

— Mas o meu pai te deu a pele de três zebras pela faca que tinha na sua bolsa de couro.

Daniel sorriu.

— Foi uma troca difícil.

— Isso é incrível — disse ela, quase sem fôlego. Quantas coisas mais estavam dentro de si que ela não sabia? Até onde conseguiria voltar? Ela rodopiou para encará-lo, aproximando os joelhos de seu próprio peito e inclinando-se para que sua testa quase tocasse na dele. — Consegue se lembrar de tudo do nosso passado?

Os olhos de Daniel suavizaram nos cantos.

— Às vezes a ordem das coisas se mistura na minha cabeça. Admito que não me recordo de períodos longos de tempo que passei sozinho, mas consigo lembrar de cada

primeiro vislumbre do seu rosto, cada beijo nos seus lábios, cada lembrança que já construí com você.

Luce não esperou Daniel se inclinar para frente e beijá-la. Ao invés disso, ela apertou seus lábios contra os dele, saboreando o gemido surpreso de prazer dele, querendo apagar todas as dores que ele já tinha sentido ao perdê-la. Beijar Daniel era o meio termo de uma novidade animada e uma familiaridade inconfundível, como uma lembrança de infância que parecia parte de um sonho até que uma evidência fotográfica fosse encontrasse numa caixa velha no sótão. Para Luce, parecia que um hangar repleto de fotografias monumentais havia sido descoberto, e todos aqueles momentos enterrados tivessem sido libertados de seu cativeiro para os recessos de sua alma.

Ela o estava beijando agora, mas, estranhamente, o beijava no *passado*. Luce quase conseguia tocar a história do amor deles, sentir o gosto de sua essência em sua língua. Seus lábios traçavam não apenas os de Daniel, mas outro beijo que haviam partilhado, um beijo mais antigo, um beijo como este, com sua boca bem ali e os braços dele ao redor da cintura dela daquela maneira. Ele deslizou a língua contra os dentes dela, e isso também lembrou um punhado de outros beijos, cada um deles intoxicante.

Quando ele passou a mão pelas costas dela, ela sentiu uma centena de arrepios como aquele. E quando seus olhos tremularam e se abriram e fecharam, a visão dele através dos cílios emaranhados dela parecia ter a profundidade de mil beijos.

— Daniel. — A voz monótona de um Pária acabou com o devaneio de Luce.

O garoto pálido estava de pé sobre eles, olhando para baixo da rocha alta onde se reclinava. Através de suas asas cinza quase translúcidas, Luce viu uma nuvem passando pelo céu.

— O que foi, Vincent? — disse Daniel, voltando a ficar de pé. Ele devia saber o nome dos Párias por causa do tempo que passaram juntos no Céu antes da Queda.

— Perdoe-me por interromper — disse o Pária, necessitando da habilidade social que o fizesse desviar o olhar das bochechas ardentes de Luce. Pelo menos não conseguia vê-las de verdade.

Ela levantou-se rapidamente, endireitando seu suéter e pressionando uma mão gelada na pele quente.

— Os outros chegaram? — inquiriu Daniel.

O Pária permaneceu imóvel acima dele.

— Não exatamente.

A mão direita de Daniel deslizou ao redor da cintura de Luce. Com um *throosh* suave das asas, ele escalou os quinze metros de pedra vertical do jeito que um mortal poderia ter subido por um simples lance de escada. O estômago de Luce deu cambalhotas para baixo com a agitação do voo. Colocando Luce primeiramente no platô rochoso, Daniel se virou e viu os cinco Párias que os tinham acompanhado amontoados ao redor de uma sexta figura. Daniel recuou, suas asas arremessando-se para trás, em choque, quando viu o sexto Pária.

O garoto era pequeno, com um corpo delgado e pés grandes. Sua cabeça tinha sido

raspada recentemente. Parecia ter cerca de quatorze anos, se os Párias envelhecessem de acordo com os anos mortais. Alguém tinha batido nele. Feio.

Seu rosto estava arranhado, como se tivesse sido jogado repetitivamente contra uma parede de tijolos. Seu lábio sangrava tão abundantemente que sangue vermelho vivo encobria seus dentes. Quando olhou pela primeira vez, Luce não percebeu que era sangue, porque o sangue dos Párias não era vermelho. Era cinza pálido. O sangue dele era da cor de cinzas.

Ele choramingava, sussurrando algo que Luce não conseguia entender, enquanto ficava deitado de bruços na pedra e deixava os outros cuidarem dele. Eles tentaram levantá-lo para retirar sua capa de chuva imunda, que tinha sido rasgada em diversos pontos e não tinha mais uma das mangas. Mas o Pária gritou tão violentamente que até mesmo Phil cedeu, deitando o garoto de volta.

— As asas dele estão quebradas — disse Phil, e Luce percebeu que, sim, as asas encardidas estavam espalhadas de modo nada natural atrás das costas dele. — Não sei como ele voltou. — Daniel se ajoelhou perante o Pária, encobrindo o sol no rosto do garoto.

— O que aconteceu, Daedalus? — Ele descansou uma mão no ombro do Pária, o que pareceu tranquilizar o garoto.

— É uma armadilha — Daedalus proferiu roucamente, cuspidando sangue cinzento na lapela de sua capa de chuva.

— O quê? — perguntou Vincent.

— Feita por quem? — perguntou Daniel.

— Balança. Quer a relíquia. Esperando em Viena, pelos seus amigos. Exército grande.

— Exército? Estão lutando abertamente contra os anjos agora? — Daniel balançou a cabeça em descrença. — Mas eles não podem ter setas estelares.

Os olhos brancos de Daedalus incharam-se de dor.

— Não podem matar. Apenas torturar...

— Lutou contra a Balança? — Daniel pareceu alarmado e impressionado. Luce ainda não entendia o que era a Balança. Imaginava-a como extensões vagamente sombrias do Céu empurradas abaixo no mundo. — O que aconteceu?

— Tentei lutar. Em menor número.

— E quanto aos outros, Daedalus? — a voz de Phil ainda não possuía emoção alguma, mas pela primeira vez Luce conseguiu ouvir algo como compaixão movimentando-se abaixo.

— Franz e Arda — o garoto falava como se as próprias palavras lhe causassem dor — estão a caminho daqui.

— E Calpurnia? — perguntou Phil.

Daedalus fechou os olhos e balançou a cabeça o mais gentilmente que pôde.

— Chegaram até os anjos? — perguntou Daniel? — Arriane, Roland, Annabelle?

Estão a salvo?

As pálpebras do Pária tremeram, e então se fecharam. Luce nunca tinha se sentido

tão distante de seus amigos. Se algo acontecesse a Arriane, Roland, a qualquer um dos anjos...

Phil posicionou-se ao lado de Daniel, próximo à cabeça do garoto ferido. Daniel recuou alguns centímetros para dar espaço a Phil.

Lentamente, Phil retirou uma seta estelar prateada e opaca de dentro de sua capa de chuva.

— Não! — berrou Luce, rapidamente cobrindo a boca. — Não pode...

— Não se preocupe, Lucinda Price — disse Phil sem olhar de volta para ela. Ele colocou a mão dentro da bolsa de couro preto, que Daniel havia trazido de volta da elevação, e puxou uma pequena garrafa de vidro de refrigerante *diet*. Usando os dentes, abriu a tampa da garrafa. Ela rodopiou em um arco comprido antes de tombar na superfície da pedra. E então, muito lentamente, Phil inseriu a seta estelar dentro do gargalo estreito da garrafa. Ela chiou e sibilou enquanto deslizava pelo refrigerante.

Phil sorriu enquanto a garrafa produzia fumaça e queimava em suas mãos. Um cheiro enjoativamente doce flutuou dela e os olhos de Luce se arregalaram quando o líquido marrom efervescente, um refrigerante *diet* básico, começava a rodopiar e mudar para um prata claro e iridescente.

Phil retirou a seta estelar da garrafa. Arrastou-a, cuidadosamente, pelos lábios, como se a estivesse limpando, e então a enfiou de volta dentro da capa. Seus lábios cintilaram por um instante, prateados, até que ele os lambeu e limpou.

Ele acenou para uma das outras Párias, uma garota cujo rabo de cavalo loiro e liso chegava até a metade das costas.

Automaticamente, ela esticou a mão para trás da cabeça de Daedalus para levantá-la alguns centímetros da rocha. Com cuidado, e usando uma mão para separar os lábios sangrentos do garoto, Phil verteu o líquido prateado abaixo pela garganta dele.

O rosto de Daedalus se contorceu enquanto ele cuspiu e tossia, mas então tudo nele se acalmou. Ele começou a beber, e então a tragar o líquido, fazendo barulho quando chegou ao fim da garrafa.

— O que é isso? — perguntou Luce.

— Há um elemento químico na bebida — explicou Daniel — um veneno moderado que os mortais chamam aspartame e acreditam ter sido inventado pelos cientistas. Mas é um elemento antigo e Celestial; uma substância tóxica que, quando misturada com o antídoto contido na liga da seta estelar, reage e produz uma poção curadora para os anjos. Para indisposições leves como estas.

— Ele precisará descansar agora — a garota loira disse. — Mas acordará renovado.

— Terá que nos desculpar se formos embora — disse Daniel, levantando-se. Suas asas brancas arrastaram-se ao longo da superfície rochosa até ele endireitar os ombros e as levantar. Daniel então pegou a mão de Luce.

— Vá até seus amigos — disse Phil. — Vincent, Olianna, Sanders e Emmet acompanharão vocês. Juntarei-me a vocês com os outros quando Daedalus tiver as asas de volta. — Os quatro Párias deram um passo para frente, curvando as cabeças perante



Luce e Daniel, como se esperassem um comando.

— Voaremos pela rota leste — instruiu Daniel. — Ao norte sobre o Mar Negro, então para oeste quando passarmos pela Moldávia. A corrente de vento é mais calma lá.

— E quanto a Gabbe e Molly e Cam? — perguntou Luce.

Daniel observou Phil, que desviou o olhar do garoto Pária dormindo.

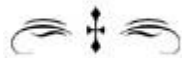
— Um de nós ficará de guarda aqui. Se seus amigos chegarem, os Párias avisarão.

— Está com o galhardete? — perguntou Daniel.

Phil girou, mostrando a pena abundante e branca enfiada na casa de botão de sua lapela. Ela cintilava e pulsava com o vento, sua radiação contrastando bruscamente com a pele pálida e doentia dos Párias.

— Espero que tenha motivo para usá-la. — As palavras de Daniel assustaram Luce, porque significavam que os anjos em Avalon estavam tão em perigo quanto os em Viena.

— Eles precisam de nós, Daniel — disse ela. — Vamos. — Daniel lançou-lhe um olhar caloroso e grato. Então, sem hesitar, ele a pegou nos braços. Com a auréola enfiada debaixo de seus dedos entrelaçados, Daniel dobrou os joelhos e lançou-se ao céu.



SEIS

DESEJADO

G aroava em Viena.

Cortinas de bruma encobriam a cidade, tornando possível que Daniel e os Párias se enfileirassem de maneira invisível no beiral de um edifício vasto antes que noite tivesse escurecido por completo.

Luce viu primeiro a esplêndida cúpula de cobre, brilhando de um verde-mar contra a neblina. Daniel a colocou perante a cúpula em uma parte inclinada do telhado de cobre enlameada com água de chuva, fechada por uma balaustrada pequena de mármore.

— Onde estamos? — ela perguntou, olhando a cúpula adornada com borlas de brocados de ouro, suas janelas ovais entalhadas com desenhos florais altos demais para que olhos mortais os vissem, a menos que estivessem nos braços de um anjo.

— Palácio de Hofburg. — Daniel passou por cima de uma calha de chuva feita de pedra e ficou na beira do telhado. Suas asas roçaram a grade de mármore branco, fazendo-a parecer enfadonha. — Lar de imperadores vienenses, depois, de reis, e agora de presidentes.

— É aqui que Arriane e os outros estão?

— Duvido — disse Daniel. — Mas é um lugar agradável para avaliarmos a nossa situação antes de procurarmos-los.

Uma rede de anexos, parecendo um labirinto, se estendia para além da cúpula, formando o restante do palácio. Alguns dividiam pátios sombrios dez andares abaixo; outros se estiravam a frente por uma distância formidável, mais longe do que a neblina permitia que os olhos de Luce enxergassem. Porções diferentes dos telhados de cobre brilhavam em tons diferentes de verde, uns ácidos, outros quase verde-azulados, como se seções da construção tivessem sido acrescentadas ao longo de um período extenso de tempo, como se tivessem enferrujado durante a chuva de diferentes eras.

Os Párias se espalharam ao redor da cúpula, inclinando-se contra os

tocos de chaminés escurecidos pela fuligem que pontilhavam o telhado do palácio, parados diante do mastro da bandeira que se elevava do centro carregando a bandeira vermelha com listra branca da Áustria. Luce permaneceu ao lado de Daniel, entre ele e uma estátua de mármore. Era o retrato de um guerreiro usando um elmo de cavaleiro e segurando uma lança dourada e alta. Eles seguiram o olhar da estátua até a cidade.

Tudo tinha cheiro de fumaça de madeira e chuva.

Debaixo da bruma e da neblina, Viena cintilava com o brilho de um milhão de luzes de Natal. Estava proliferada de carros estranhos e pedestres rápidos, tão acostumados com a vida urbana quanto Luce não estava.

Montanhas destacavam-se ao longe e o Danúbio serpenteava seu poderoso ramo pelas margens da cidade. Olhando para baixo com Daniel, Luce sentiu que já tinha estado ali antes. Não sabia com certeza quando, mas a sensação cada vez mais frequente de *déjà vu* cresceu dentro de si.

Ela se focou no débil tumulto vindo de uma fileira temporária de barracas de Natal no circuito abaixo do Palácio, no modo como as velas tremeluziam nos globos de vidro vermelho e verde dos lampiões, em como as crianças perseguiam uma às outras, puxando cachorros de madeira com rodinhas. E então aconteceu: ela se lembrou, com uma onda de satisfação, que Daniel uma vez lhe comprara, bem ali, fitas de veludo carmesim para o cabelo. A lembrança era simples, alegre, e *dela*. Lúcifer não a teria. Não poderia tomá-la (ou qualquer outra lembrança) dela. Não de Luce, não do mundo brilhante, surpreendente e imperfeito esparramando-se abaixo dela.

Seu corpo se abundou de determinação para derrotá-lo, e com a raiva de saber que, por causa do que ele estava fazendo, porque ela tinha rejeitado seus desejos, tudo isso podia desaparecer.

— O que foi? — Daniel pousou uma mão em seu ombro.

Luce não queria dizer. Não queria que Daniel soubesse que cada vez que pensava em Lúcifer ela sentia nojo de si mesma.

O vento rodopiava ao redor deles, dividindo a bruma que caía sobre a cidade e revelando uma roda gigante moderna do outro lado do rio. Pessoas giravam no círculo, como se o mundo nunca fosse acabar, como se a roda fosse circular para sempre.

— Está com frio? — Daniel posicionou a asa branca ao redor dela.

O peso sobrenatural dela foi quase sufocante, lembrando-a de que suas falhas, como mortal (e a preocupação de Daniel com elas), os estavam desacelerando. Na verdade, Luce estava congelando, e estava faminta e cansada, mas não queria que Daniel a mimasse. Eles tinham coisas importantes a fazer.

— Estou bem.

— Luce, se estiver cansada ou com medo...

— Eu disse que estou bem, Daniel — ela retrucou. Não queria ter soado má, e se arrependeu imediatamente.

Através da neblina borrada, ela conseguia distinguir as carruagens puxadas a cavalo transportando turistas e os contornos vagos de pessoas traçando suas vidas. O

mesmo que Luce tinha dificuldade em fazer.

— Reclamei muito desde que deixamos a *Sword & Cross*? — ela perguntou.

— Não, você tem sido maravilhosa...

— Não vou morrer ou desmaiar só porque está frio e chuvoso.

— Eu sei disso. — A franqueza de Daniel a surpreendeu. — Eu devia saber que *you* também sabia. Geralmente mortais são limitados pelas necessidades e funções corporais: alimentação, sono, calor, abrigo, oxigênio, medo incômodo da mortalidade, e assim por diante. Por causa disso, a maioria das pessoas não estaria preparada para esta jornada.

— Cheguei muito longe, Daniel. Eu *quero* estar aqui. Eu não deixaria você ir sem

mim. Foi um acordo mútuo.

— Ótimo, então me escute: está dentro de seu alcance se libertar das suas amarras mortais. Desprender-se delas.

— O quê? Não preciso me preocupar com o frio?

— Não.

— Certo. — Ela enfiou mãos geladas nos bolsos da calça jeans. — E quanto a um strudel de maçã?

— A mente controla o corpo.

Um sorriso relutante esgueirou-se pelo rosto dela.

— Bem, já ficou claro que você pode respirar por mim.

— Não se subestime. — Daniel retribuiu o sorriso brevemente. — Isso tem mais a ver com você do que comigo. Tente: diga a si mesma que *não* está com frio, *não* está com fome e *não* está cansada.

— Está certo. — suspirou Luce. — Eu não estou... — Ela começou a murmurar, desacreditada, mas então olhou nos olhos de Daniel.

Daniel, que acreditava que ela podia fazer coisas que ela nunca achou que era capaz, que acreditava que sua força de vontade era a diferença entre ter a auréola e deixá-la deslizar pelas pontas dos dedos. Ela segurava na mão. A prova disso. E agora ele lhe dizia que ela tinha necessidades mortais só porque pensava que tinha. Decidiu então dar uma chance a esta ideia louca. Endireitou seus ombros e projetou as palavras na escuridão da bruma.

— Eu, Lucinda Price, *não* estou com frio, *não* estou com fome, e *não* estou cansada. — O vento soprou, e a torre de relógio ao longe sinalou cinco horas – e algo se levantou dela, de modo que ela não se sentia mais esgotada. Ela sentia-se descansada, equipada para o que quer que a noite pedisse, determinada a ter sucesso.

— Belo toque, Lucinda Price — disse Daniel. — Cinco sentidos transcendidos às cinco horas.

Ela tocou a asa dele, enrolando-se nela, deixando o calor percorrer por si. Desta vez, o peso da asa dele acolheu-a em uma nova e poderosa dimensão.

— Eu posso fazer isso.

Os lábios de Daniel roçaram o alto de sua cabeça.

— Eu sei.

Quando Luce se virou para longe de Daniel, ela ficou surpresa ao descobrir que os Párias já não mais pairavam por ali, não mais a encaravam com seus olhos mortos. Eles tinham sumido.

— Eles saíram para perseguir a Balança — explicou Daniel. — Daedalus nos deu pistas sobre a localização, mas eu precisarei saber com mais precisão onde e como os outros estão sendo mantidos para que consiga distrair a Balança por tempo o bastante para que os Párias os resgatem. — Ele sentou-se na elevação, suas pernas de ambos os lados de uma estátua pintada de dourado de uma águia avistando a cidade. Luce afundou ao seu lado.

— Não deve demorar muito, depende da distância em que eles se encontram.

Então talvez uma meia hora para repassar o protocolo da Balança — ele inclinou a cabeça, fazendo cálculos — a menos que decidam convocar um tribunal, o que foi o caso na última vez em que me perturbaram. Vou achar um modo de me livrar disso hoje à noite, adiar para alguma outra data e não cumprir. — Ele tomou a mão dela, focando-se de novo. — Devo voltar lá pelas sete, no mais tardar. Isso é daqui duas horas.

O cabelo de Luce estava úmido devido à bruma, mas ela seguiu o conselho de Daniel e disse a si mesmo que isso não a afetava, e, simples assim, ela não mais o notou.

— Está preocupado com os outros?

— A Balança não irá machucá-los.

— Então por que machucou Daedalus?

Luce imaginou Arriane com olhos roxos e inchados, Roland com dentes quebrados e sangrando. Ela não queria que eles ficassem nem um pouco como Daedalus.

— Ah — disse Daniel. — A Balança sabe ser amedrontadora. Apreciam causar dor, e podem ter causado um desconforto temporário aos nossos amigos. Mas eles não ficarão machucados de modo permanente. A Balança não mata. Não é esse o estilo dela.

— Qual é o estilo dela, então? — Luce cruzou as pernas debaixo de si na superfície dura e úmida do telhado. — Ainda não me disse quem são ou contra o que estamos lutando.

— A Balança veio a existir após a Queda. É um grupo pequeno de... anjos menores.

Foram os primeiros a serem convocados pela Chamada sobre de que

lado estavam, e escolheram o Trono.

— Houve uma chamada? — perguntou Luce, incerta de ter escutado direito.

Parecia mais com uma sala de aula do que com o Céu.

— Após a cisão no Céu, todos fomos obrigados a escolher um lado. Então, começando pelos anjos dos menores domínios, cada um foi chamado para fazer um juramento de fidelidade ao Trono. — Ele encarou a bruma, e foi como se pudesse ver tudo de novo. — Levou eras para chamar os nomes dos anjos, começando pelos de hierarquia mais baixa e indo para cima. Provavelmente demorou o mesmo tempo para chamar nossos nomes do que a ascensão e queda de Roma. Mas não chegaram até o fim da Chamada antes que... — Daniel respirou com dificuldade.

— Antes do quê?

— Antes que algo acontecesse e fizesse com que o Trono perdesse a fé na sua horda de anjos... — Agora Luce percebia que, quando a voz de Daniel dissipava-se assim, não era por ele não confiar nela ou porque ela não iria entender, mas porque, apesar de todas as coisas que ela tinha visto e aprendido, ainda podia ser cedo demais para que ela soubesse da verdade. Então ela não perguntou (embora estivesse desesperada) o que tinha feito o Trono abandonar a Chamada quando seus anjos mais bem posicionados não tinham ainda escolhido seus lados. Ela deixaria Daniel falar novamente sobre isso quando estivesse pronto.

— O Céu expulsou todos que não haviam ficado do seu lado. Lembra quando eu te disse que alguns anjos nunca puderam escolher? Eles estavam entre os últimos da

Chamada, os de maior hierarquia. Após a Queda, o Céu ficou abandonado da maior parte de seus Arcanjos. — Ele fechou os olhos.

— A Balança, que teve vantagem por parecer leal, preencheu a brecha.

— Então porque a Balança jurou fidelidade ao Céu primeiro... — disse Luce.

— Eles sentiram que tinham uma quantia superior de honra — disse Daniel, terminando o pensamento dela. — Desde então, eles alegam, hipocritamente, servir ao Céu como os agentes de condicional celestiais. Mas a posição foi inventada por eles mesmos, não ordenados. Sem os Arcanjos depois da Queda, a Balança teve

vantagem de um aspirador de poder. Eles forjaram um papel para si mesmos, e convenceram o Trono de sua importância.

— Fizeram um lobby com Deus?

— Mais ou menos. Eles prometeram restaurar os caídos ao Céu, reunir de volta aqueles anjos que tinham se perdido, devolvê-los ao batente. Passaram alguns milênios nos incitando a nos comprometermos de novo ao lado “certo”, mas, no caminho, eles desistiram de tentar mudar nossos pontos de vista. Agora, na maioria das vezes, eles simplesmente tentam evitar que façamos qualquer coisa. — Seu olhar de aço estava envolto em fúria e fez com que Luce se perguntasse o que seria tão ruim no Céu para manter Daniel em exílio. A paz de lá não era preferível ao que ele tinha agora, com todos esperando que ele fizesse uma escolha?

Daniel riu amargamente.

— Mas os anjos que valem as próprias asas que retornaram ao Céu não precisam da Balança para ir lá. É só perguntar a Gabbe, a Arriane. A Balança é uma piada. Mesmo assim, eles tiveram um ou dois sucessos.

— Mas não com você? — perguntou ela. — Você não escolheu um lado ou outro.

Então eles estão atrás de você, não é?

Um bonde vermelho lotado serpenteou ao redor do círculo pavimentado abaixo, para depois fazer uma bifurcação em uma rua estreita.

— Estão atrás de mim há anos — disse Daniel, — plantando mentiras, fabricando escândalos.

— E mesmo assim você não declarou fidelidade ao Trono. Por que não?

— Eu te disse. Não é tão simples assim — ele falou.

— Mas você claramente não vai ficar do lado de Lúcifer.

— Certo, mas... não consigo explicar milhares de anos de argumentos no espaço de poucos minutos. Ficou ainda mais complicado por fatores além do meu controle. —

Ele desviou o olhar novamente, indo parar por sobre a cidade, e então

para baixo, para suas mãos. — E é um insulto que me peçam para escolher, um insulto que seu criador exija que você reduza a vastidão do seu amor aos confins diminutos e triviais de um gesto durante uma Chamada. — Ele suspirou. — Não sei. Talvez eu seja sincero demais.

— Não... — Luce começou a dizer.

— De qualquer modo, a Balança. São burocratas celestiais. Penso nele como diretores de escolas. Manejando papéis e punindo transgressões menores de regras que ninguém se importa ou acredita, tudo em nome da “moralidade”.

Novamente, Luce encarou a cidade, a qual estava puxando uma cobertura escura por sobre seus ombros. Ela pensou no vice-diretor de hálito azedo na Dover cujo nome não conseguia se lembrar, que nunca teve interesse na sua versão da história, que assinou os papéis de sua expulsão após o incêndio que matou Trevor.

— Fui ferida por pessoas assim.

— Todos nós fomos. São rigorosos com regras frívolas inventadas por eles mesmos, que julgam certas. Nenhum de nós goste deles, mas infelizmente o Trono lhes deu o poder de nos monitorar, de nos deter sem causa, de nos condenar de crimes por um júri que eles escolherem.

Luce tremeu novamente, mas dessa vez não por causa do frio.

— E você acha que eles estão com Arriane e Roland e Annabelle? Por quê? Por que prendê-los?

Daniel suspirou.

— Eu *sei* que estão com Arriane e Roland e Annabelle. O ódio deles os cega para o fato de que, ao nos atrasar, eles ajudam Lúcifer. — Ele engoliu em seco. — O que eu mais temo é que eles também tenham a relíquia.

Na distância, quatro pares de asas esfarrapadas se materializaram na neblina.

Párias. Quando se aproximaram do telhado do palácio, Luce e Daniel se levantaram para cumprimentá-los. Os Párias pousaram ao lado de Luce, suas asas crepitando como guarda-chuvas feitos de papel enquanto as puxavam para a lateral. Suas feições não demonstravam emoção alguma; nada na conduta deles sugeria que a viagem havia

sido um sucesso.

— E então? — perguntou Daniel.

— A Balança tomou posse de um lugar rio abaixo — anunciou Vincent, apontando na direção da roda-gigante. — A ala abandonada de um museu. Está sob reforma, coberta de andaimes, então eles pensam que passa despercebida. Não está equipada com alarmes.

— Tem certeza de que é a Balança? — perguntou Daniel rapidamente.

Um dos Párias assentiu.

— Percebemos a marca deles, a insígnia dourada, a estrela de sete pontas pelas sete virtudes sagradas pintadas em seus pescoços.

— E quanto a Roland e Arriane e Annabelle? — perguntou Luce.

— Estão com a Balança, com as asas presas — disse Vincent.

Luce virou para longe, mordendo o lábio inferior. Devia ser horrível para um anjo ter suas asas restritas. Ela não aguentava pensar em Arriane sem a liberdade de balançar suas asas iridescentes. Não conseguia imaginar qualquer substância forte o bastante para conter o poder das asas marmorizadas de Roland.

— Bem, se sabemos onde eles estão, vamos logo resgatá-los — disse ela.

— E a relíquia? — Daniel disse modestamente para Vincent.

Luce olhou boquiaberta para Daniel.

— Daniel, nossos amigos estão em perigo.

— Eles estão com ela? — pressionou Daniel. Ele espiou Luce e colocou sua mão ao

redor da cintura dela. — *Tudo* está em perigo. Salvaremos Arriane e os outros, mas temos que encontrar a relíquia também.

— Não sabemos de relíquia. — Vincent balançou a cabeça.

— O depósito está fortemente protegido, Daniel Grigori. Eles esperam a sua chegada.

Daniel encarou a cidade, seus olhos violetas lançando-se pelas *riveras*,

procurando o depósito. Suas asas pulsavam.

— Não esperarão muito tempo.

— Não! — Luce implorou. — Vai entrar em uma armadilha. E se te pegarem de refém, como pegaram os outros?

— Os outros devem tê-los enfurecido de alguma maneira. Contanto que siga o protocolo deles, apele à vaidade deles, a Balança não me aprisionará — disse ele. — Eu irei sozinho. — Ele olhou um dos Párias e acrescentou: — Desarmado.

— Mas os Párias têm ordens de vigiá-lo — disse Vincent em sua voz equilibrada, monótona. — Seguiremos a uma distância e...

— Não. — Daniel levantou a mão para impedir Vincent. — Você vai ficar no telhado do depósito. Sentiu a Balança lá?

Vincent assentiu.

— Alguns deles. A maioria está próxima da entrada principal.

— Que bom. — Daniel assentiu. — Vou usar o procedimento deles contra eles.

Quando eu alcançar as portas da frente, a Balança vai perder tempo me identificando, checando se estou contrabandeando algo, qualquer coisa que eles possam dizer que é ilegal. Enquanto eu os distraio perto da entrada, e os Párias abrirão caminho pelo telhado do depósito e libertarão Roland, Arriane e Annabelle. E se encontrar um membro da Balança lá em cima...

Em uníssono, os Párias abriram suas capas de chuva e revelaram invólucros de setas estelares prateadas e desbotadas e arcos compactos combinando.

— Não pode matá-los — alertou Daniel.

— Por favor, Daniel Grigori — implorou Vincent. — Todos ficaremos melhor sem eles.

— Não se chamam Balança apenas pela sua obsessão mesquinha com regras. Eles também providenciam um contrabalanço essencial às forças de Lúcifer. Você é rápido o bastante para esquivar-se deles. Apenas precisamos atrasá-los, e para isso uma ameaça bastará.

— Mas eles apenas desejam *atrasá-lo* — contra-atacou Vincent. —

Toda essa demora levará ao esquecimento.

Luce estava prestes a perguntar onde *ela* ficava no plano dele quando Daniel puxou-a em seus braços.

— Preciso que fique aqui e guarde a relíquia. — Eles olharam a auréola, descansando contra a base da estátua do guerreiro. Estava coberta de chuva. — Por favor, não discuta. Não podemos deixar a Balança chegar perto da relíquia. Você e ela estarão mais seguras aqui. Olianna ficará para te proteger.

Luce espiou a garota Pária, que a encarou de volta vagamente, seus olhos de um cinza sem profundidade.

— Está bem, ficarei aqui.

— Vamos torcer para que a segunda relíquia ainda esteja à solta — ele disse, arqueando as asas. — Quando os outros forem libertados, podemos bolar um plano para achá-la juntos. — Luce apertou as mãos, fechou os olhos, e beijou Daniel, segurando-o firme por um último instante. Ele se foi um segundo depois, suas asas majestosas ficando menores à medida que planavam na noite, os três Párias voando ao seu lado. Logo todos pareciam pouco mais que um salpico de poeira nas nuvens.

Olianna não tinha se movido. Ela estava parada como uma versão coberta por capa de chuva de qualquer das outras estátuas no telhado. Encarava Luce com as mãos juntas sobre o peito, o cabelo loiro da sua testa puxado para trás em um rabo de cavalo tão firme que parecia que ia arrebentar. Quando ela colocou a mão dentro da capa de chuva, um cheiro acre de serragem flutuou para fora. Assim que ela puxou e colocou uma seta estelar em um arco, Luce desvencilhou-se alguns passos para trás.

— Não tenha medo, Lucinda Price — disse Olianna. — Apenas quero estar preparada para defendê-la caso alguém se aproxime.

Luce tentou não imaginar que tipo de inimigos a loira imaginava. Ela novamente se abaixou no telhado e se acobertou do vento atrás da estátua de guerreiro com a lança dourada, mais por hábito do que necessidade. Ela ajustou se corpo para que ainda conseguisse ver a alta torre de relógio de tijolos marrom com a frente dourada. Cinco e meia. Contava os minutos até que Daniel e os outros Párias retornassem.

— Quer se sentar? — ela perguntou a Olianna, que se espreitava logo

atrás de Luce com seu arco pronto.

— Prefiro ficar de guarda de pé.

— É, acho que você não pode ficar *sentada* e de guarda — murmurou Luce. — Ha ha.

Uma sirene soou abaixo, um carro de polícia acelerando em uma ronda. Quando ele passou e o ar ficou silencioso de novo, Luce não soube como preencher o vazio.

Ela encarou o relógio, apertando os olhos, como se isso fosse ajudá-la a ver através da neblina. Será que Daniel já teria chegado ao depósito? O que Arriane, Roland, e Annabelle fariam quando vissem os Párias? Luce percebeu que Daniel não havia dado um galhardete de sua pena para ninguém além de Phil. Como os anjos saberiam que deveriam confiar nos Párias?

Seus ombros estavam arqueados sobre suas orelhas, e seu corpo todo se endureceu com a sensação de uma frustração fútil. Por que ela estava sentada aqui, esperando, fazendo piadas estúpidas? Ela devia ter tido um papel ativo nisso. Afinal de contas, não era Luce quem a Balança queria. Ela deveria ajudar a resgatar seus amigos ou achar as relíquias ao invés de ficar sentada aqui como uma donzela em apuros, esperando que seu cavaleiro retornasse.

— Lembra-se de mim, Lucinda Price? — a Pária perguntou em uma voz tão baixa que Luce quase não a ouviu.

— Por que os Párias estão nos chamando pelos nossos nomes completos, assim do nada? — Ela se virou e encontrou a cabeça da garota inclinada para baixo, olhando-a, seu arco-e-flecha alinhado contra seu ombro.

— É um sinal de respeito, Lucinda Price. Somos seus aliados agora. De você e de Daniel Grigori. Lembra-se de mim?

Luce pensou por um segundo.

— Você era uma das Párias lutando contra os anjos no quintal dos meus pais?

— Não.

— Sinto muito. — Luce deu de ombros. — Não me lembro de tudo do meu passado. Já nos conhecemos?

A Pária levantou sua cabeça um pouquinho.

— Nós nos conhecíamos antes.

— Quando?

A garota deu de ombros, seus ombros levantando-se delicadamente, e Luce percebeu de repente como ela era bonita.

— Logo antes. É difícil de explicar.

— E o que não é? — Luce deu uma volta, sem vontade de decifrar outra conversa críptica. Ela enfiou as mãos congeladas dentro das mangas de seu suéter branco e observou o tráfego movimentando-se para cima e para baixo nas estradas escorregadias, os pequeninos carros presos em espaços oblíquos em vielas curvas, pessoas em casacos escuros e compridos marchando sobre pontes iluminadas, carregando as compras para casa e seus familiares.

Luce sentia-se dolorosamente solitária. Sua família estaria pensando nela? Eles a imaginavam no dormitório apertado onde ela dormia na *Sword & Cross*? Callie já teria voltado para a Dover? Será que estaria recolhida no assento gelado da janela de seu quarto, secando suas unhas vermelho-escuras, tagarelando no telefone sobre sua viagem esquisita de Dia de Ação de Graças para ver uma amiga que não era Luce?

Uma nuvem escura passou pelo relógio, tornando-o visível enquanto badalava seis horas. Daniel tinha saído há uma hora, mas parecia mais um ano. Luce observou os sinos da igreja tocando, observou as mãos do grande e antigo relógio, e deixou suas lembranças levarem-na de volta às suas vidas antes da invenção do tempo linear, quando o tempo era medido em temporadas, a de plantar e a de colher.

Após o sexto gongo do relógio veio outro, mais perto, e Luce girou bem a tempo de ver Olianna desmoronar de joelhos e cair pesadamente nos braços de Luce. Ela então virou a anjo acabada e tocou o rosto da Pária.

Olianna estava inconsciente. O som que Luce ouviu foi o da Pária sendo atingida na cabeça.

Atrás de Luce estava uma figura enorme e coberta por uma capa negra. Seu rosto era duro, cheio de rugas e parecia impossivelmente velho, com camadas de pele caindo sob seus olhos azuis maçantes e abaixo de seu queixo sobressalente, e abaixo um bocado de dentes

tortos pretos e amarelos. Em sua mão direita enorme estava um mastro de bandeira, que ele deve ter usado como arma.

A bandeira austríaca pendia frouxamente da ponta do mastro, sacudindo-se suavemente contra a superfície do telhado.

Luce rapidamente ficou de pé, sentindo seus punhos erguidos, mesmo ela se perguntando o que eles fariam contra esse inimigo enorme.

Suas asas eram de um azul muito claro, apenas um tom de distância do branco.

Apesar de seu corpo se elevar sobre ela, suas asas eram pequenas e densas, alcançando só um pouco mais do que seus braços.

Algo pequeno e dourado estava preso na frente da capa do homem: uma pena, uma pena dourada e preta marmorizada. Luce sabia de que asa ela vinha. Mas por que Roland teria dado a esta criatura um galhardete de suas asas?

Ele não deu. Esta pena estava dobrada e danificada e um tanto de seu material próximo à ponta estava faltando. Sua ponta estava marrom de sangue, e ao invés de ficar ereta como a pluma brilhante que Daniel havia dado a Phil, esta pena parecia ter murchado e desbotado quando foi presa à capa negra e nojenta do anjo.

Um truque.

— Quem é você? — perguntou Luce, caindo de joelhos. — O que você quer?

— Mostre um pouco de respeito. — A garganta do anjo espamou, como se ele quisesse latir, mas sua voz saiu trêmula e fraca e antiga.

— Ganhe o meu respeito — disse Luce. — E lhe mostrarei.

Ele lhe lançou um meio sorriso forçado e maligno e deixou a cabeça cair. Então puxou a capa e expôs a nuca. Luce pestanejou na luz turva. Seu pescoço tinha uma marca pintada, que cintilava em dourado no brilho das luzes dos postes misturado ao da lua. Conseguiu contar sete pontas de uma estrela.

Ele fazia parte da Balança.

— Me reconhece agora?

— É assim que o Trono trabalha? Massacrando anjos inocentes?

— Nenhum Pária é inocente. Assim como mais ninguém, a propósito, até que provem que sejam.

— Você se provou inocente de qualquer honra, batendo em uma garota por trás.

— Insolência. — Ele enrugou seu nariz para ela. — Não te levará a lugar algum comigo.

— É exatamente onde quero chegar. — Os olhos de Luce lançarem-se até Olianna, para sua mão pálida e a seta estelar apertada com firmeza.

— Mas não é onde ficará — disse a Balança, hesitante, como se tivesse que se forçar a cometer uma provocação ilógica.

Luce agarrou a seta estelar quando a Balança lançou-se até ela. Mas o anjo era muito mais forte e rápido do que parecia. Arrancou a seta estelar das mãos dela e derrubou-a de costas contra o telhado de pedra com um tapa forte em seu rosto. Ele segurou a ponta da seta próxima ao coração de Luce.

Elas não matam mortais. Elas não matam mortais, ela ficou repetindo em sua cabeça. Mas Luce se lembrou da barganha de Bill: ela tinha uma parte imortal que *podia* ser morta. Sua alma. E ela não se separaria dela, não depois de tudo que tinha passado,



não quando o fim estava tão perto.

Ela levantou a perna, preparando-se para chutá-lo como tinha visto em filmes de *kung fu*, quando ele arremessou, de repente, a flecha e seu arco pela beirada do telhado.

Luce jogou a cabeça para o lado, sua bochecha pressionada contra a pedra gelada, e observou a arma girar no ar, a caminho das luzes cintilantes de Natal nas ruas de Viena.

O anjo da Balança esfregou as mãos na capa.

— Coisas imundas. — E então ele agarrou Luce rudemente pelos ombros e a botou violentamente de pé.

Ele chutou a Pária para o lado (Olianna gemeu, mas não se moveu), e

ali, debaixo de seu corpo fino e coberto pela capa de chuva, estava a auréola dourada.

— Achei que fosse encontrá-la aqui — disse o anjo da Balança, pegando a auréola e enfiando-a sob as dobras de sua capa.

— Não! — Ela mergulhou as mãos no lugar escuro onde tinha visto a auréola desaparecer, mas o anjo lhe deu um segundo tapa no rosto, mandando-a para trás, com seu cabelo balançando na beirada do telhado.

Ela agarrou o rosto. Seu nariz sangrava.

— Você é mais perigosa do que eles pensam — ele grasnou. — Disseram-nos que você era uma chorona, nada corajosa. É melhor eu te amarrar antes de voarmos.

O anjo rapidamente retirou sua capa e a soltou em cima da cabeça dela, como uma cortina, cegando Luce por um instante comprido e terrível. Então a noite de Viena (e o anjo) ficou visível novamente. Luce notou que, por debaixo da capa que vestia, a Balança usava outra, precisamente igual a que ele tinha removido e amarrado ao redor de Luce. Ele se abaixou, e com o puxão de uma corda, a capa de Luce foi constringida ao seu redor, como uma camisa de força. Quando ela chutou e tremeu violentamente, ela sentiu a capa ficando mais apertada.

Luce soltou um grito:

— Daniel!

— Ele não vai te ouvir — o anjo riu melancolicamente enquanto a enfiava debaixo de um braço e se movia em direção à beirada do telhado. — Ele não te ouviria nem se você gritasse para sempre.



SETE

ANJOS ATADOS

A capa a paralisava.

Quanto mais Luce se mexia, mais ela se contraía ao seu redor. Seu

tecido áspero estava preso com uma corda estranha que pinicava sua pele e mantinha seu corpo rígido.

Quando Luce retorceu-se contra ela, a corda respondeu, ajustando-se com mais firmeza ao redor de seus ombros, apertando suas costelas até ela mal conseguir respirar.

O anjo da Balança segurava Luce debaixo de seu braço ossudo enquanto voava pelo céu noturno. Com o rosto enterrado na cintura fétida da capa restaurada que o anjo usava, ela não via nada, conseguia apenas sentir o vento chicoteando a superfície de seu casulo mofado e miserável. Tudo que escutava era o uivo do vento, pontuado pelo batimento de asas firmes.

Para onde ele a estava levando? Como ela entraria em contato com Daniel? Eles *não* tinham tempo para isso!

Após um instante o vento parou, mas o anjo da Balança não pousou.

Ele e Luce pairaram no ar.

Então o anjo soltou um rugido.

— Transgressor! — ele berrou.

Luce sentiu que os dois estavam caindo, mas conseguia apenas ver a escuridão das dobras da capa de seu guarda, que abafava seus gritos de terror... até que o som de vidro quebrando fez com que até esses cessassem.

Cacos finos e afiados como lâminas cortaram a capa sufocante e o tecido da calça jeans. Suas pernas arderam como se tivessem sido cortadas em mil lugares.

Quando os pés do anjo da Balança bateram em algo firme, Luce estremeceu com o impacto. Ele a derrubou rudemente, e ela caiu em cima de seu osso do quadril e ombro.

Rolou por quase um metro, e então parou; viu que estava próxima de uma mesa de trabalho comprida e de madeira empilhada com fragmentos de pano desbotado e porcelana.

Ela se contorceu para debaixo desse abrigo provisório, quase tendo sucesso em evitar que sua capa se apertasse com mais firmeza ao seu redor. Estava começava a obstruir sua traquéia. Mas pelo menos agora conseguia enxergar.

Luce estava em um cômodo frio e cavernoso. O chão abaixo de si era um mosaico envernizado composto de triângulos cinza e vermelho tijolo. As paredes eram de um mármore mostarda reluzente, assim como os pilares grossos e quadrados no centro do cômodo. Ela analisou brevemente um corredor amplo de claraboias foscas que alcançavam o teto vasto doze metros acima. O telhado era crivado por crateras abertas

de vidro quebrado, revelando a vista cinza-escura da noite nublada do outro lado. Deve ter sido ali onde ela e o anjo aterrissaram. E esta devia ser a ala do museu que a Balança tinha tomado, aquela que Vincent tinha contado a Daniel no telhado de cobre. Isso significava que Daniel devia estar do lado de fora... e que Arriane e Annabelle e Roland deviam estar em algum lugar aqui dentro! Seu coração flutuou, para então afundar. As asas deles estavam presas, foi o que os Párias disseram. Estariam eles do mesmo jeito que ela? Ela odiava ter chegado até aqui e não poder nem ao menos ajudá-los, odiava ter que se mexer para salvá-los, mas que esse movimento colocasse sua vida em perigo.

Talvez não houvesse nada pior do que não ser capaz de se *mover*.

As botas pretas e lamacentas do anjo da Balança apareceram perante si. Luce espiou acima a figura elevada. Ele se abaixou, cheirando à naftalina apodrecida, seus olhos maçantes e lascivos. Sua mão encoberta por uma luva preta foi em sua direção...

E então a mão do anjo da Balança caiu frouxa, como se ele tivesse sido atingido.

Ele arremeteu-se para frente, colidindo com força na mesa de trabalho, empurrando-a para trás, expondo Luce. A cabeça decepada de estátua que aparentemente havia atingido a Balança rolou sinistramente e acabou parando no chão perto do rosto de Luce, parecendo encarar os olhos dela.

Enquanto Luce rolava de volta para debaixo da mesa, mais asas azuis embaçaram sua visão periférica. Mais da Balança. Quatro deles voaram em uma formação espalhafatosa na direção da reentrância de uma alcova na metade de cima da parede...

onde Luce agora via Emmet parado, brandindo uma serra comprida e prateada.

Emmet deve ter jogado a cabeça que a salvou da Balança! Fora ele o transgressor cuja entrada pelo teto havia enfurecido o sequestrador

dela. Luce nunca achou que fosse ficar tão feliz em ver um Pária.

Emmet estava cercado por esculturas em plataformas e pedestais, algumas encobertas, outras em andaimes, e uma recém-decapitada... e também por quatro anjos da Balança impossivelmente velhos, pairando próximos a ele no ar, suas capas abertas, como vampiros desprezíveis. Estas capas rígidas negras pareciam ser suas únicas armas, suas únicas ferramentas, e Luce sabia muito bem que era uma arma brutal. Sua respiração dolorida evidenciava isso. Ela sufocou uma arfada quando Emmet puxou uma seta estelar de uma aljava invisível em sua capa de chuva e a segurou na sua frente.

Daniel fizera os Párias prometerem que não iriam matar a Balança!

A Balança recuou lentamente no ar para longe de Emmet, sibilando:

— Vil! Vil! — tão alto que fez com que captor de Luce se mexesse na mesa acima dela.

Então o Pária fez algo que deixou todos no cômodo deslumbrados. Ele mirou a seta estelar em si mesmo. Luce havia visto um Daniel suicida no Tibete, então ela sabia alguma coisa sobre aquela atmosfera desesperada de emoção, a linguagem corporal derrotada que acompanhava um gesto tão extremo. Mas Emmet parecia tão confiante e insolente como sempre, enquanto olhava de um rosto coriáceo da Balança para outro.

A Balança foi incentivada pelo comportamento estranho de Emmet. Eles pairaram mais perto, bloqueando o magro Pária da visão de Luce com a lenta intensidade de

abutres aproximando-se de uma carcaça na estrada do deserto. Onde estavam os outros Párias? Onde estava Phil? Será que a Balança havia acabado com eles?

Algo soando como um tecido espesso e pesado sendo rasgado ecoou ruidosamente pela sala. A Balança pairava imóvel, suas capas amplas e sobrepostas como a boca aberta de um Anunciador que levava a algum lugar terrível e triste. Então um som cortante penetrou o ar, seguido por um som de rasgo; e então os quatro anjos da Balança giraram como bonecas de pano na direção de Luce, as mandíbulas frouxas, os olhos abertos, as capas mutiladas e rasgadas, expondo corações e pulmões negros se retorcendo espasmodicamente, jorrando sangue azul claro. Daniel havia dito aos Párias que eles não podiam usar as setas estelares para *matar* a Balança, mas ele não tinha dito para os Párias não os machucarem. Os quatro anjos da Balança caíram

amontoados no chão como marionetes cujas cortas tinham sido cortadas. Luce olhou de onde eles estavam caídos, tentando respirar, até a alcova, onde Emmet limpava sangue negro da Balança do rêmige de sua seta estelar. Luce nunca tinha ouvido falar de alguém usando a parte traseira de uma seta como arma; e, aparentemente, a Balança também não.

— Lucinda está aqui? — Luce ouviu Phil chamar. Ela olhou para cima e viu o rosto dele brilhando em uma cratera no telhado.

— Aqui! — Luce gritou para ele, incapaz de se manter parada enquanto gritava, fazendo com que a capa apertasse com ainda mais força ao redor de sua garganta.

Quando ela fez uma careta feia, a capa se retesou um pouco mais. Uma perna enorme pendeu da beirada da mesa, sua bota preta balançando no rosto de Luce, atingindo-a em cheio no nariz, levando lágrimas de dor a seus olhos. Seu captor estava vivo! Perceber isso, junto com a dor repentina que a cegou parcialmente, fez com que Luce se enfiasse ainda mais para trás debaixo do abrigo da mesa. Quando ela assim o fez, sua capa fechou completamente ao redor da sua garganta, espremendo sua traqueia até fechá-la por inteiro. Luce entrou em pânico, arfando, em vão, em busca de ar, contorcendo-se agora que não importava mais se a capa se fechasse... Então ela lembrou como tinha descoberto, em Veneza, que podia segurar a respiração por mais tempo do que achava possível. E que Daniel tinha acabado de lhe dizer que ela podia se ordenar a superar aquela limitação quando quisesse. Então ela fez isso; simplesmente fez; ela se ordenou a permanecer viva.

Mas isso não impediu que seu captor arremessasse para o lado a mesa de trabalho que a abrigava, fazendo voar cerâmica e diversos membros de esculturas antigas.

— Você parece... desconfortável. — Ele sorriu abertamente, revelando dentes cobertos de sangue, e estendeu uma mão coberta por uma luva negra na direção da barra da capa de Luce.

Mas o anjo da Balança congelou quando a parte traseira de uma seta estelar emergiu no lugar onde, há apenas um instante, estava seu olho direito. Sangue azul foi esguichado da órbita esvaziada para a capa de Luce. Ele gritou, tropeçando de modo selvagem pela sala, os braços debatendo-se, a parte de trás da seta saliente em seu

rosto encarquilhado.

Mãos pálidas apareceram perante ela, depois as mangas de uma capa de chuva esfarrapada cor de canela, seguida por uma cabeça loira raspada.

O rosto de Phil não apresentava emoção enquanto ele ficava de joelhos para encará-la.

— Aí está você, Lucinda Price. — Ele agarrou o colarinho da capa negra grudada e levantou Luce. — Retornei ao palácio para ver como você estava. — Ele a fez sentar em cima de uma mesa próxima. Ela imediatamente caiu, não sendo capaz de se manter direita. Emmet a endireitou com tão pouca emoção quanto seu colega.

Pelo menos ela tinha uma visão melhor assim. A sua frente, três escadas vazadas davam para uma expansiva câmara principal abaixo. No centro dela, uma corda de veludo vermelho delimitava uma estátua de leão elevada. Ele empinava-se em duas patas, os dentes expostos para o alto, pego no meio de um rugido. Sua juba era amarela e estava lascada.

Asas azul-acinzentadas cobriam o chão da ala de restauração, lembrando Luce de um estacionamento coberto de alfarrobas que tinha visto em um verão na Geórgia após uma tempestade. A Balança não estava morta – não tinham se transformado em poeira de seta estelar – mas tantos deles estavam inconscientes que os Párias mal conseguiam pisar sem esmagar suas asas.

Phil e Emmet estavam ocupados, incapacitando pelo menos cinquenta anjos da Balança. As asas azuis e curtas deles retorciam-se ocasionalmente, mas os corpos não se moviam.

Todos os seis Párias (Phil, Vincent, Emmet, a outra garota Pária cujo nome Luce não sabia, e até mesmo Daedalus, com seu rosto enfaixado) ainda estavam de pé, varrendo pedaços de tecido e ossos de suas capas de chuva chapinhadas de azul.

A loira, que tinha ajudado a cuidar de Daedalus, agarrou uma anjo da Balança que mal respirava pelos cabelos. As asas azuis mofadas da bruxa velha tremiam enquanto a Pária loira batia sua cabeça contra o pilar de mármore. Ela berrou nas primeiras quatro ou cinco vezes que sua cabeça atingiu a pedra. Depois os gritos esvaíram-se e os olhos esbugalhados dela rolaram para trás em sua cabeça.

Phil lutou para tirar a camisa de força preta de Luce. Seus dedos ligeiros compensavam a falta de visão. Um anjo da Balança inconsciente caiu de algum lugar acima, sua bochecha ferida

descansando perto do pescoço e ombro de Luce. Ela sentiu sangue quente escorrer em seu pescoço. A garota então apertou os olhos, fechando-os, e estremeceu.

Phil chutou o anjo para fora da mesa, mandando-o até o captor de um só olho de Luce, que ainda cambaleava desajeitadamente pela sala, rosnando:

— Por que eu? Eu faço tudo certo.

— Ele tem a auréola... — Luce começou a dizer.

Mas a atenção de Phil voltou-se à massa doentia de asas dos anjos da Balança, onde uma Balança corpulenta com cabelo de monge havia se levantado e agora avançava em Daedalus por trás. Uma capa preta áspera pendia sobre a cabeça do Pária,

pronta para cair.

— Volto logo, Lucinda Price. — Phil deixou Luce amarrada na mesa e colocou uma seta estelar em seu arco. Em um instante, ele tinha se enfiado entre Daedalus e o anjo da Balança.

— Deixe a capa, Zaban. — Phil parecia tão feroz como tinha estado quando apareceu no quintal dos pais de Luce. Ela ficou surpresa em perceber que eles sabiam os nomes um do outro, mas, é claro, eles devem ter vivido todos juntos no Céu.

Isto era difícil de imaginar agora. Zaban tinha olhos azuis aguadas e lábios azulados. Parecia quase alegre por ter a seta apontada para si. Ele pendurou a capa sobre os ombros e se virou para encarar Phil, liberando Daedalus para pegar um anjo espichado da Balança pelos pés. Daedalus girou o anjo velho ao redor três vezes em um círculo, e então o fez colidir contra a janela do leste, indo para fora para uma torre de andaime abaixo.

— Está ameaçando atirar em mim, Philip? — os olhos de Zaban estavam na seta.

— Quer que a balança penda para Lúcifer? Por que isso não me surpreende?

Phil se eriçou.

— Você não é tão importante a ponto da sua morte fazer a balança pender.

— Pelo menos temos importância. As nossas vidas fazem diferença na balança todos juntos. Justiça sempre faz diferença. Já vocês, Párias — ele sorriu, fingindo ter pena — não significam nada. É isso que faz de vocês imprestáveis.

Isso foi o bastante para Phil. Havia algo nesta Balança que ele não conseguia aguentar. Com um grunhido, ele afrouxou a flecha na direção do coração de Zaban.

— Eu me oponho a você — ele murmurou, e esperou que o ancião de asas azuis sumisse.

Luce também esperou que ele sumisse. Ela tinha visto isso acontecer antes. Mas a flecha passou de raspão pela capa de Zaban e caiu retinindo no chão.

— Como você...? — perguntou Phil.

Zaban riu e puxou algo do bolso frontal escondido de capa. Luce se inclinou para frente, afoita em ver como ele havia se protegido. Mas ela se inclinou demais para frente e deslizou pela mesa, caindo de cara no chão.

Ninguém notou. Todos ainda encaravam o pequeno livro que Zaban havia retirado de sua capa. Ajeitando-se ligeiramente, Luce viu que tinha uma capa de couro, do mesmo tom de azul que as asas dos anjos da Balança. Estava amarrado com uma corda dourada enrolada. Parecia uma Bíblia, do tipo que os soldados da Guerra da Secessão costumavam enfiar em seus bolsos dianteiros na esperança de que o livro protegesse seus corações.

Este livro havia feito exatamente isso.

Luce semicerrou os olhos para ler o título, contorcendo-se no chão mais alguns centímetros para perto. Mas ela ainda estava muito longe.

Com um único movimento, Phil recuperou sua seta estelar e deu um tapa no livro, fazendo-o cair das mãos de Zaban. Por um golpe de sorte, o livro caiu a alguns metros de Luce. Ela se contorceu novamente, sabendo que não podia pegá-lo, não com a capa

atando-a do jeito que estava. Ainda assim, ela tinha que saber o que aquelas páginas continham. Parecia familiar, como se o tivesse visto há muito, muito tempo. Ela leu as letras douradas na lombada.

Um Registro dos Anjos Caídos.

Agora Zaban corria até ele, parando ao ver Luce, que estava deitada e exposta no centro do chão. Ele cravou os olhos nela e embolsou o livro.

— Não, não — disse ele. — *Você não vai olhar o livro. Você não vai ver tudo que os anjos da Balança conquistaram. Tampouco o que falta fazer para atingir o balanço harmonioso perfeito. Não quando passou esse tempo todo ocupada demais para nos notar, para notar a justiça, apaixonando-se e desapaixonando-se de forma egoísta.*

Apesar de Luce odiar a Balança, se havia um registro dos anjos caídos, ela ansiava saber quais nomes estavam naquelas páginas, ver onde o nome de Daniel estava computado agora.

Era disso que os anjos caídos falavam. Um único anjo que podia inclinar a balança.

Mas antes que Zaban pudesse lançar mais alguma crítica em Luce, um par de asas brancas brilhantes preencheu sua visão: um anjo descendo por um buraco enorme na claraboia. Daniel aterrissou na frente dela e espiou a capa que a aprisionava; observou o pescoço constringido dela. Seus músculos se esforçaram, por baixo de sua camiseta, enquanto ele tentava rasgar a capa.

De canto de olho ela viu Phil levantar uma pequena picareta de uma mesa próxima e a passar cortando no peito de Zaban. O anjo da Balança desviou, tentando girar para fora de alcance, mas a lâmina fez contato com seu braço. O golpe foi tão poderoso que decepou a mão de Zaban na altura do punho. Enojada, Luce observou o punho frouxo e pálido cair no chão com um baque.

Tirando o jorro de sangue azul, poderia pertencer a uma das estátuas destruídas.

— Amarre isso com um dos seus nós — provocou Phil, enquanto Zaban tentava encontrar seu apêndice perdido entre os corpos feridos e inconscientes de sua seita.

— Está te machucando? — Daniel rasgou um dos nós que amarravam Luce.

— Não. — Ela desejou que isso fosse verdade. Quase era.

Quando força bruta não funcionou, Daniel tentou lidar com a capa de modo mais estratégico.

— Eu estava com uma ponta solta agora pouco — murmurou. — Agora ela está crivada dentro da capa.

Os dedos dele percorreram, centímetro a centímetro, o corpo dela, parecendo tão perto e tão distante.

Luce desejou que suas mãos, mais que qualquer outra parte de seu corpo, estivessem livres para que pudesse tocar Daniel agora, apaziguar sua ansiedade. Ela confiava nele para libertá-la. Confiava nele para qualquer coisa.

O que ela podia fazer para ajudá-lo? Luce fechou os olhos e vagou para a vida no Taiti. Daniel era um marinheiro. Ele tinha lhe ensinado dúzias de nós durante as tardes silenciosas que passaram na praia. Agora ela lembrava: o nó borboleta, que fazia uma volta reta no meio da corda com duas curvas laterais, bom para carregar peso extra em

uma linha. Ou o nó de pescador, também conhecido como nó dos namorados, que parece simples, em formato de coração, mas só podia ser desamarrado usando quatro mãos de uma só vez; cada uma tinha que dar uma volta com um fio por uma porção diferente do âmagô do coração.

A capa estava tão apertada que Luce não conseguia mover um músculo. Seus dedos vagueavam pelo colarinho, apertando-o ainda mais. Daniel amaldiçoou a capa, vendo como beliscava o pescoço dela.

— Não consigo — gritou ele, por fim. — A camisa de força da Balança é composta por infinitos nós. Apenas um deles pode desatá-los. Quem fez isso a você?

Luce movimentou a cabeça na direção do anjo de asas azuis uivando para si mesmo, cambaleando em um canto perto de um fauno de mármore. O rêmige da seta estelar ainda projetava-se de seu olho.

Ela queria contar a Daniel como seu captor havia derrubado Olianna com um mastro de bandeira, e então a amarrado e a trazido aqui.

Mas não conseguia nem falar. A capa estava apertada demais.

Nessa hora, Phil estava com o anjo queixoso em sua posse, preso pelo colarinho de sua capa encharcada de sangue. Ele estapeou a Balança três vezes antes que ele parasse com seu gemido de auto-piedade e retrocedesse suas asas azuis, alarmado.

Luce viu que um círculo espesso de sangue azul seco tinha se formado

ao redor do lugar onde o rêmige da seta se projetava de sua órbita.

— Desamarre-a, Barach — ordenou Daniel, reconhecendo de imediato o captor de Luce, fazendo ela se perguntar se eles se conheciam bem.

— Não vai acontecer. — Barach se inclinou para longe e cuspiu um jorro de sangue azul e um par de dentes pequeninos e afiados no chão.

Em um lampejo, Phil tinha uma seta apontada nos olhos do anjo.

— Daniel Grigori instruiu-o a desamarrá-la. Você irá obedecer.

Barach estremeceu, olhando a seta com desdenho.

— Vil. Vil!

Uma sombra escura caiu sobre o corpo de Phil.

Vagamente, Luce processou a imagem de outro anjo da Balança, a bruxa velha e escarpada com asas azuis mofadas. Ela devia ter despertado depois que foi atingida.

Agora ela vinha na direção de Phil com a mesma picareta que ele havia usado em Zaban...

Mas o anjo da Balança virou pó.

Vincent estava a três metros atrás dela, com um arco vazio na mão. Ele assentiu para Phil e então se virou para investigar o tapete de asas azuis, atrás de movimento.

Daniel se virou para Phil e resmungou:

— Precisamos ter cuidado com quantos nós abatemos. A Balança é importante no equilíbrio. Um pouquinho.

— Infelizmente — disse Phil, com uma inveja estranha na voz. — Manteremos a matança no mínimo, Daniel Grigori. Mas preferiríamos matar todos eles. — Ele levantou a voz para os ouvidos de Barach. — Bem-vindo ao reino dos cegos. Os Párias

são mais poderosos do que você pensa. Matarei você sem pensar duas vezes, até mesmo sem pensar uma vez. Contudo, pedirei novamente: desamarre-a.

Barach ficou parado por um longo período, como se estivesse pesando suas opções, piscando com a pálpebra velha e enrugada que restava.

— Desamarre-a! Ela não consegue respirar! — rugiu Daniel.

Barach rosnou e se aproximou de Luce. Suas mãos marcadas trabalharam em uma série de nós que nem Phil nem Daniel tinham sido capazes de encontrar. Contudo, Luce não sentiu alívio algum em seu pescoço. Não até ele começar a sussurrar algo bem baixo, com seu hálito rançoso.

A falta de oxigênio tinha feito-a se sentir tonta, mas as palavras escavaram sua mente nebulosa. Era uma forma antiga de hebreu. Luce não sabia como conhecia essa língua, mas conhecia.

— *E o Céu chorou ao ver os pecados de Seus filhos.*

As palavras eram quase ininteligíveis. Daniel e Phil não as haviam escutado. Luce não conseguia ter certeza de tê-las ouvido corretamente, mas, no entanto, elas eram familiares.

Onde ela as tinha escutado antes?

A lembrança veio até ela mais rápido do que teria gostado: um membro diferente da Balança, pegando Luce com um corpo diferente em uma capa mais velha que esta.

Tinha acontecido há muito tempo. Ela tinha passado por tudo isso antes, sido amarrado e então solta.

Naquela vida, Luce tinha posto as mãos em algo que não deveria ver. Um livro, atado com um nó complicado.

Um Registro dos Anjos Caídos.

O que ela fazia com ele? O que ela queria ver?

A mesma coisa que queria ver agora. Os nomes dos anjos que ainda tinham que escolher. Mas também não tinham permitido que ela lesse o livro naquela época.

Muito antes, Luce tinha segurado o livro em suas mãos, e sem saber como, tinha quase desatado o nó. Então veio o momento em que a Balança a capturou e a amarrou com a capa. Ela tinha observado as asas azuis dele tremerem com intensidade à medida que o anjo amarrava uma vez, duas vezes o livro. Certificando-se que seus dedos impuros não o tinham danificado, ele dissera.

Luce ouviu-o sussurrar aquelas palavras, aquelas mesmas palavras

estranhas, logo antes de derramar uma lágrima sobre o livro.

O fio dourado se desfez como mágica.

Ela olhou agora para o anjo velho e escarpado e observou uma lágrima prateada deslizar de seu olho para o labirinto de sua bochecha. Ele parecia realmente comovido, mas de um jeito complacente, como se tivesse pena do destino da alma dela. A lágrima pousou na capa, e os nós misteriosamente se desfizeram.

Luce buscou ar. Daniel arrancou o restante da capa dela e ela pendurou os braços ao redor dele.

Liberdade.



Ainda abraçava Daniel quando Barach inclinou-se perto do ouvido dela.

— Nunca terá sucesso.

— Silêncio, inimigo — exigiu Daniel.

Mas Luce queria saber o que Barach quisera dizer.

— Por que não?

— Você não é a escolhida! — disse Barach.

— Silêncio! — gritou Daniel.

— Nunca, nunca, nunca. Nem em um milhão de anos — entoou o anjo, esfregando sua bochecha de aspecto de lixa contra a de Luce... logo antes de Phil soltar a flecha em seu coração.



OITO

COMO O CÉU CHOROU

A lgo colidiu aos pés deles.

— A auréola! — arfou Luce.

Daniel arremeteu-se para baixo e apanhou a relíquia dourada do chão. Ele admirou-se com ela, balançando a cabeça.

De algum modo, ela havia permanecido intacta quando o anjo da Balança e suas roupas estranhas e regeneradoras desapareceram.

— Sinto muito por ter matado ele, Daniel Grigori — disse Phil. — Mas não conseguia mais tolerar as mentiras de Barach.

— Estavam começando a me irritar também — disse Daniel. — Apenas tenha cuidado com os outros.

— Tome isso — disse Phil, deslizando a bolsa de couro preta de seus ombros e a dando para Daniel. — Esconda-a da Balança. Estão famintos atrás dela. — Quando Daniel abriu a bolsa, Luce viu *O Livro dos Guardiões* dentro. Phil fechou a bolsa e a deixou com Daniel. — Retornarei agora à minha posição de guarda. As Balanças machucadas podem se levantar a qualquer instante.

— Lutou bem contra a Balança — disse Daniel, parecendo impressionado. —

Mas...

— Sabemos — disse Phil. — Haverá mais. Encontrou muitos do lado de fora do museu?

— Eles têm números abundantes — falou Daniel.

— Se nos deixar usar as setas estelares livremente, podemos assegurar a sua fuga...

— Não. Não quero deturpar o equilíbrio a esse ponto. Nada mais de mortes a menos que em absoluta autodefesa. Simplesmente teremos que nos apressar e cair fora daqui antes que os reforços da Balança cheguem. Vá agora, vigie as janelas e portas.

Estarei com você em um instante. — Phil assentiu, se virou, e foi embora, caminhando com dificuldade entre o tapete de asas azuis.

Assim que ficaram sozinhos, as mãos de Daniel percorreram o corpo de Luce.

— Está ferida?

Ela olhou para baixo para si mesma e esfregou o pescoço. Estava sangrando. O

vidro da claraboia havia furado sua calça jeans em alguns pontos, mas nenhum dos ferimentos parecia fatal.

Seguindo o conselho anterior de Daniel, ela disse a si mesma: *isso não lhe machuca*.

A dor foi reduzida.

— Estou bem — disse ela rapidamente. — O que aconteceu com você?

— Precisamente o que queríamos que acontecesse. Eu segurei a maioria da Balança enquanto os Párias encontravam uma entrada. — Ele fechou os olhos. — Só que eu nunca quis que você se machucasse. Sinto muito, Luce, eu não deveria ter te deixado...

— Estou bem, Daniel, e a auréola está a salvo. E quanto aos outros anjos? Quantos membros mais da Balança estão aqui?

— Daniel Grigori! — o grito de Phil ressoou pelo cômodo elevado.

Luce e Daniel cruzaram a ala rapidamente, pisando em cima de asas azuis da Balança até o umbral arqueado da sala. Então Luce parou bruscamente.

Um homem de uniforme azul marinho estava deitado com o rosto no chão de azulejo. Sangue vermelho acumulava-se ao redor de sua cabeça... o sangue vermelho de um mortal.

— Eu... eu o matei — gaguejou Daedalus, segurando um pesado elmo de ferro em sua mão e parecendo assustado. O visor do elmo estava pegajoso devido ao sangue. —

Ele passou correndo pela entrada e eu achei que fosse um da Balança. Achei que fosse apenas fazê-lo desmaiar. Mas era um mortal.

Um esfregão e um balde com rodinhas estavam inclinados atrás do corpo. Eles haviam matado um faxineiro. Até então, de alguma forma, a luta contra a Balança não havia parecido real. Brutal e sem sentido, e sim, dois membros da Balança haviam sido mortos, mas isso tinha ocorrido fora do mundo mortal. Luce se sentiu enojada ao observar o sangue se infiltrar nos sulcos do chão de azulejo, mas não conseguiu

afastar os olhos.

Daniel esfregou o queixo.

— Você cometeu um erro, Daedalus. Fez bem em proteger a porta contra intrusos.

O próximo que vier será da Balança. — Ele varreu o cômodo. — Onde estão os anjos caídos?

— E quanto a ele? — Luce encarou o homem morto no chão. Seus sapatos tinham sido lustrados recentemente. Ele usava um fino anel de ouro, indicando ser casado. —

Ele era apenas um faxineiro vindo ver o porquê do barulho. Agora ele está *morto*. —

Daniel pegou Luce pelos ombros e pressionou sua testa contra a dela. Sua respiração saía curta e quente.

— A alma dele partiu em busca de paz e alegria. E muitas mais serão perdidas se não encontrarmos nossos amigos, conseguirmos a relíquia, e cairmos fora daqui. — Ele apertou os ombros dela, e então a soltou rapidamente demais. Ela suprimiu um choro pelo homem morto, engoliu em seco, e se virou para olhar Phil.

— Onde estão eles?

Phil apontou um dedo pálido para cima.

Pendurados em uma viga grossa perto da claraboia estilhaçada estavam três receptáculos de anigem pretos. Um deles se projetava e balançava, como algo tentando nascer.

— Arriane! — berrou Luce.

O mesmo saco se projetou novamente, com mais violência desta vez.

— Você nunca irá libertá-los a tempo — chilreou uma voz no chão. Um membro da Balança com cara de peixe se apoiou nos cotovelos. — A Balança está a caminho.

Prenderemos todos vocês nas Capas dos Justos e lidaremos nós mesmos com Lúcifer...

Um escudo de bronze, jogado como um *frisbe* e por Phil, mordiscou um pedaço do escalpo da Balança, mandando o para trás até a pilha

de asas azuis.

Phil se virou para Daniel.

— Se precisar da ajuda da Balança para desamarrar seus amigos, teremos uma melhor chance se o número deles for pequeno.

Os olhos de Daniel relampejaram num tom violeta enquanto ele voava pela ala, movendo-se de um andaime de estação de restauração para o outro, e então para uma ampla mesa de mármore que parecia com uma das mesas de trabalho dos restauradores do museu. Estava empilhada de papéis e ferramentas (em sua maioria sem utilidade após esta noite), os quais Daniel vasculhou com um escrutínio intenso, atirando para o lado uma garrafa vazia d'água, uma pilha de fichários de plástico e uma foto desbotada em uma moldura. Por fim, suas mãos agarraram um escalpelo comprido e de uso industrial.

— Pegue isso — disse ele a Luce, deslizando a pesada bolsa de couro de Phil pelo ombro dela. Ela a segurou firmemente de lado e prendeu a respiração à medida que Daniel arqueava as asas e plainava do chão.

Ela o observou subir sem esforço algum, como mágica, e se perguntou como as asas dele conseguiam que tudo no turvo museu brilhasse. Quando Daniel atingiu enfim o teto, ele passou o escalpelo caprichosamente pela viga, cortando a corda da qual os três receptáculos pretos pendiam. Eles deslizaram em seus braços sem um som, e as asas de Daniel bateram mais uma vez enquanto ele carregava o monte todo com facilidade até o chão.

Daniel deitou os receptáculos pretos lado a lado em um pedaço vazio do chão.

Apressando-se até ele, Luce conseguiu ver cada um dos rostos dos anjos espreitando-se para fora, ao alto.

Seus corpos estavam amarrados no mesmo tipo de capa rígida e preta que tinha mantido Luce restringida e sem poder respirar.

Mas os anjos também tinham sido amordaçados com uma faixa de pano de juta preta. Mesmo enquanto observava a cena, as mordanças pareciam deslizar pelas bocas de seus amigos. Arriane se contorceu e esforçou e ficou mais vermelha no rosto e parecia tão furiosa que Luce achou que ela fosse explodir.

Phil olhou as formas negras se contorcendo. Ele levantou uma sob seus braços. O

anjo da Balança piscou, estupefato.

— Gostaria que os Párias selecionassem um voluntário da Balança para ajudá-lo a desamarrar seus amigos, Daniel Grigori?

— Nunca revelaremos o segredo de nossos nós! — o anjo da Balança chegou perto de sibilar. — Preferimos morrer.

— Preferiríamos também que vocês morressem — disse Vincent, chegando perto

do círculo deles com uma seta estelar em cada mão, aproximando uma da garganta do anjo da Balança que havia falado.

— Vincent, não ataque — instruiu Phil.

Daniel já se ajoelhava perante a primeira capa preta (a de Roland), trabalhando os nós invisíveis com seus dedos.

— Não consigo achar as pontas.

— Talvez uma seta estelar a corte — sugeriu Phil, segurando uma flecha de prata.

— Como um nó górdio.

— Isso não vai funcionar. Os nós são abençoados com um encantamento oculto.

Podemos precisar da Balança.

— Espere! — Luce ficou de joelhos ao lado de Roland.

Ele estava imóvel, mas seus olhos diziam a Luce como ele sentia-se impotente sobre tudo. Nada deveria restringir uma alma como a de Roland. Através da capa, ela não conseguia ver a classe e elegância que faziam o anjo caído ser quem era, quer estivesse vencendo todos os Nephilim na *Shoreline*, dando uma de DJ em festas na *Sword & Cross*, ou saindo de Anunciadores com mais primor do que qualquer outra pessoa que ela conhecesse. A Balança ter feito isso com um de seus amigos enfurecia Luce a ponto de ela querer chorar.

Lágrimas.

Era isso.

As palavras em hebraico voltaram para ela. Suas viagens haviam lhe

dado um dom com línguas. Fechou os olhos e, em suas lembranças, observou o fio dourado cair do livro. Ela se lembrou dos lábios rachados de Barach articularem hipocritamente as palavras...

E Luce agora as dizia para Roland, não sabendo o que significavam, apenas com a esperança de que pudessem ajudar.

— E o Céu chorou ao ver os pecados de Seus filhos.

Os olhos de Roland se dilataram. Os nós afrouxaram e deslizaram dele. A capa caiu pelos lados e a mordança na boca dele também foi retirada.

Ele arfou o ar, rolou de joelho, levantou-se e desprende suas asas douradas com uma força atordoante. A primeira coisa que fez foi dar um tapa de parabéns no ombro de Luce.

— Obrigado, Lucinda. Devo-lhe uma pelos próximos mil anos.

Roland estava de volta, mas sangue se acumulava no local onde Barach havia arrancado aquele galhardete falso de suas asas.

Daniel pegou a mão de Luce, puxando-a na direção dos outros dois anjos presos.

Ele havia observado e aprendido com Luce. Foi então ajudar Annabelle, enquanto Luce se ajoelhava perante Arriane, mas esta não conseguia ficar parada. A capa estava presa tão junta de si que Luce quase se contraiu ao vê-la.

Seus olhos se encontraram. Arriane fez um som que Luce entendeu como de felicidade por ver o seu rosto. Os olhos de Luce ficaram marejados, se lembrando do primeiro dia na *Sword & Cross*, quando havia visto Arriane suportar terapia de

eletrochoque. A anjo super-descolada havia parecido tão frágil naquela época, e embora mal a conhecesse, ela tinha sentido uma necessidade de proteger Arriane, do mesmo jeito que se fosse uma velha amiga. Aquela necessidade havia apenas se fortalecido conforme o tempo passava.

Uma lágrima quente deslizou pela sua bochecha e pousou no meio do peito de Arriane. Luce sussurrou as palavras em aramaico, ouvindo Daniel as sussurrar para Annabelle ao mesmo tempo. Ela espiou-o. As bochechas dele estavam úmidas.

De uma só vez, os nós se afrouxaram, e então desataram por completo.

Os anjos foram libertados pelas mãos de Luce e de Daniel... e por seus corações.

Uma rajada de vento foi gerada pela soltura das estupendas asas iridescentes de Arriane, seguida por uma brisa mais suave das asas lustrosas e prateadas de Annabelle.

O cômodo ficou quase silencioso nos instantes antes das mordanças das garotas saírem.

Arriane também tinha um pedaço de fita adesiva sobre sua boca; provavelmente ela tinha sido a razão para os outros terem sido amordaçados, em primeiro lugar.

Daniel pegou uma das pontas da fita e a arrancou rapidamente com um *cricccck*.

— Que maravilha! Como é bom ser livre! — gritou Arriane, tocando com os dedos o quadrado vermelho e inchado de pele ao redor de sua boca. — Três vivas para a mestra dos nós, Lucinda! — Sua voz tinha seu brilho de volta, mas seus olhos estavam salpicados de lágrimas. Ela notou que Luce notou, e as limpou rapidamente.

Ela marchou pelo chão polvilhado de asas, fazendo caras com níveis diferentes de zombaria para cada um dos membros inconscientes da Balança, avançando como se fosse acertá-los. Seu macacão jeans estava rasgado quase em pedaços, seu cabelo selvagem e oleoso, e ela tinha um machucado no formato da Austrália em sua bochecha esquerda. As pontas esquerdas de suas asas iridescentes estavam dobradas e se arrastavam pelo chão sujo.

— Arriane — sussurrou Luce. — Você está machucada.

— Ai, liga não, menina, não se preocupa comigo. — Arriane ofereceu um sorriso torto. — Estou me sentindo viva o bastante para acabar com umas Balanças sórdidas e velhas! — Ela olhou em volta do cômodo. — Mas parece que os Párias chegaram antes de mim. — Annabelle se levantou mais lentamente que Arriane, expandindo e então flexionando suas asas prateadas e musculares, esticando seus membros compridos como uma bailarina. Mas quando ela olhou para Luce e Arriane, sorriu e inclinou a cabeça.

— Deve haver algo que possamos fazer para retribuir a eles.

As asas de Arriane agitaram-se e ela se levantou a alguns metros do chão, voando

;pela ala do museu em círculos vastos, vasculhando os destroços.

— Eu penso em alguma coisa...

— Arriane — avisou Roland, olhando para cima e interrompendo uma conversa sussurrada que estava tendo com Daniel.

— Quee? — Arriane fez biquinho. — Você nunca mais deixou eu me divertir, Ro.

— Não temos tempo para diversão — disse Daniel a ela.

— Esses fósseis nos torturaram por horas — Annabelle disse acima da cabeça de

um leão. — Podíamos muito bem retornar o favor.

— Não — falou Roland. — Danos irreparáveis demais já foram causados.

Deveríamos gastar nossa energia achando a segunda relíquia.

— Pelo menos deixe a gente se certificar de que eles fiquem longe enquanto procuramos — disse Annabelle.

Roland olhou Daniel, que assentiu.

Com um sorriso, Annabelle voou rapidamente até uma mesa contra a parede traseira do depósito e abriu uma torneira, murmurando para si mesma. Ela derramou o que parecia, a Luce, gipsita em algum outro agente químico de fundição em um balde e começou a adicionar água.

— Arriane — disse ela com bravata. — Uma mãozinha, por favor.

— Sim, senhora. — Arriane pegou o primeiro balde de Annabelle e voou até a Balança semiconsciente, sorrindo docemente. Lentamente, ela começou a derramar a mistura úmida sobre as cabeças deles. Ela deslizava pelos lados e se amontoava em uma poça entre seus corpos. Alguns lutaram contra a mistura grossa, que endurecia rapidamente e se transformava em um tipo de areia movediça artificial. Luce percebeu a engenhosidade do plano. Em alguns instantes, quando secasse, eles ficariam presos em suas posições estiradas em um gesso duro como uma pedra.

— Isso não é sensato! — uma Balança gargarejou por entre o gesso úmido.

— Estamos construindo monumentos de Justiça para vocês — berrou Annabelle.

— Sabe, acho que prefiro a Balança quando estão engessados. — Arriane deu risada, traindo mais do que um tom de alegria vingativa.

As garotas continuaram derramando balde atrás de balde cheio em cima das cabeças dos anjos ameaçadores, até as vozes deles não mais as alcançarem, até os Párias não terem mais necessidade de ficarem em cima da Balança com suas setas estelares.

Daniel e Roland estavam afastados do grupo, discutindo em vozes abafadas. Luce encarou o machucado roxo de Arriane, o sangue nas asas de Roland, o corte no ombro de Annabelle.

E então teve uma ideia.

Ela colocou a mão dentro da bolsa de couro e retirou três garrafas pequenas de refrigerante *diet* e um punhado de setas estelares em sua alvadra prateada. Ela girou as tampas.

Rapidamente, mergulhou uma seta em cada uma, segurando as garrafas enquanto ferviam e soltavam vapores, deixando o líquido marrom dentro virar prata. Por fim, ela se levantou do canto onde estivera agachada, e ficou agradecida ao encontrar uma travessa de porcelana chinesa que havia, de algum modo, sobrevivido à batalha.

— Ei, pessoal — disse ela.

Daniel e Roland pararam de falar.

Arriane parou de espalhar gesso úmido na Balança.

Annabelle desmontou, mais uma vez, da juba da estátua de leão. Nenhum deles disse coisa alguma, mas todos pareceram impressionados quando pegaram suas

garrafas, bateram uma nas outras em celebração, e beberam.

Ao contrário do Pária Daedalus, os anjos não tiveram que fechar os olhos e dormir após terem engolido o refrigerante modificado. Talvez porque não estivessem tão gravemente feridos, ou porque está forma mais evoluída de anjo tinha uma tolerância maior. Apesar disso, a

bebida os acalmou.

Como gesto final, Roland bateu palmas, acendendo uma chama poderosa entre as mãos. Ele jogou ondas de calor na direção da Balança engessada, envernizando sua cobertura de gesso, dificultando a escapatória deles de suas capas.

Quando terminou, Roland, Arriane, Annabelle e Luce se sentaram em uma das mesas altas e encararam Daniel.

Daniel pegou a bolsa de couro e a abriu para mostrar a auréola aos outros.

Arriane arfou, deslumbrada, e esticou a mão para tocá-la.

— Você a encontrou. — Annabelle piscou para Luce. — Maneiro!

— E quanto à segunda relíquia? — perguntou Daniel. — Conseguiram? A Balança tomou de vocês?

Annabelle balançou a cabeça.

— Nunca a encontramos.

— Nós os enganamos direitinho — falou Arriane, estreitando os olhos na direção da Balança. — Acharam que conseguiriam pegá-la da gente a base de pancadas.

— Seu livro é vago demais, Daniel — disse Roland. — Fomos para Vienna procurando por uma lista.

— O *desideratum* — falou Daniel. — Eu sei.

— Mas era *tudo* o que sabíamos. Nas horas entre a nossa chegada e a Balança nos capturar, fomos a sete arquivos diferentes de cidade e não achamos nada. Foi uma tolice. Chamamos atenção demais.

— A culpa é minha — murmurou Daniel. — Deveria ter descoberto mais coisas quando escrevi aquele livro, séculos atrás. Eu era impulsivo e impaciente demais naquele era. Agora não consigo me recordar do que me levou ao *desideratum*, ou o que diz, precisamente.

Roland deu de ombros.

— Pode não ter importância, de qualquer jeito. Quando chegamos, a cidade já era um campo minado. Se tivéssemos pegado o *desideratum*, eles teriam apenas o levado para longe. Teriam destruído, como

causaram a destruição dessas obras de arte.

— A maior parte dessas obras era falsificação mesmo — disse Daniel, fazendo Luce se sentir um pouquinho menos culpada sobre o que tinham feito com o museu. —

E, por ora, os Párias conseguem lidar com a Balança. O resto de nós deve se apressar e encontrar o *desideratum*. Você disse que entrou na Biblioteca de Hofburg?

Roland assentiu.

— E quanto à biblioteca da universidade?

— Hm, foi — disse Annabelle — e provavelmente não deveríamos dar as caras tão cedo. Arriane destruiu diversos rolos de pergaminho valiosos na Coleção Especial deles...

— Ei — retrucou Arriane, indignada. — Eu os coleí de volta!

Uma trovejada de passos ressoou no corredor e todas as cabeças viraram na direção da passagem arcada aberta. Pelo menos mais vinte membros da Balança tentavam voar para dentro da sala, mas os Párias os seguravam na entrada com suas setas estelares.

Um deles avistou a auréola na mão de Daniel e arfou.

— Eles roubaram a primeira relíquia.

— E estão trabalhando juntos! Anjos e demônios e — olhos estreitos caíram em Luce — aqueles que não conhecem seu lugar, todos trabalhando por uma causa impura.

O Trono não apoia isso. Nunca encontrarão a *desiderata*!

— *Desiderata* — disse Luce, lembrando-se timidamente de uma lição entediante em sua aula de latim na Dover. — Está no... singular. — Ela se virou para encarar Daniel.

— Você disse *desideratum* há um instante. E isso é plural.

— Aquilo que se deseja — sussurrou Daniel. Seus olhos violetas começaram a pulsar, e logo seu ser inteiro brilhava, um sorriso de reconhecimento se espalhando por seu rosto. — É apenas uma coisa. Isso mesmo.

Então o gongo grave de uma torre de relógio de igreja ressoou em

algum lugar distante.

Era meia-noite.

Lúcifer estava um dia mais próximo. Faltavam seis dias.

— Daniel Grigori — berrou Phil mais alto que os sinos — não podemos segurá-los para sempre. Você e seus anjos devem partir.

— Estamos indo — retrucou Daniel. — Obrigado. — Ele encarou os anjos caídos.

— Visitaremos cada biblioteca, cada arquivo desta cidade até...

Roland pareceu duvidoso.

— Deve haver centenas de bibliotecas em Viena.

— E talvez devêssemos tentar não sermos tão destruidores nelas? — sugeriu Annabelle, inclinando sua cabeça na direção de Arriane. — Mortais se importam com seu passado também. Sim, Luce pensou, mortais se importam muitíssimo com seu passado. Lembranças de suas vidas passadas chegavam até ela com mais frequência.

Ela não conseguia pará-las ou diminuir sua velocidade. Enquanto os anjos preparavam suas asas para o voo, Luce permaneceu imóvel, debilitada pelo *flashback* mais intenso que já teve.

Fitas carmim de cabelo. Daniel e o mercado do Natal. Uma pancada de chuva lodosa e ela sem casaco. A última vez em que estivera em Viena... essa história tinha que ter algo mais... outra coisa... um sino...

— Daniel. — Luce agarrou os ombros dele. — E a biblioteca onde você me lembrou? Lembra-se dela? — Ela fechou os olhos. Não estava pensando na lembrança, e sim a sentindo, escondida superficialmente em seu cérebro. — Viemos para Viena em um final de semana... não me lembro quando, mas vimos Mozart conduzir *A Flauta Mágica*... no *Theater an der Wien*? Você queria ver um amigo seu que trabalhava em uma biblioteca antiga, o nome dele era...



Ela parou no meio porque, quando abriu os olhos, os outros estavam encarando-na, incrédulos. Ninguém, menos ainda Luce, tinha esperado que *ela* fosse se lembrar do lugar onde achariam a *desiderata*.

Daniel se recuperou primeiro. Ele lançou a Luce um sorriso engraçado que ela sabia estar repleto de orgulho. Mas Arriane, Roland e Annabelle continuaram a olhar boquiabertos para ela como se ela tivesse aprendido, de repente, a falar chinês. O que, pensando bem, ela falava.

Arriane balançou um dedo em volta da parte de dentro de seu ouvido.

— Preciso diminuir as drogas psicodélicas ou LP acabou de se lembrar de uma de suas vidas anteriores, sem estímulo algum e na conjuntura mais crucial de todas?

— Você é um gênio — falou Daniel, inclinando-se para frente e beijando-a profundamente.

Luce corou e inclinou-se para esticar o beijo por um pouco mais de tempo, mas então ouviu uma tossida.

— Sério, vocês dois — disse Annabelle. — Haverá tempo o bastante para beijos linguados se nos livrarmos dessa.

— Eu diria “vão para um quarto”, mas receio que nunca mais os veríamos —

acrescentou Arriane, o que fez com que todos rissem.

Quando Luce abriu os olhos, Daniel estava com as asas esticadas. As pontas afastaram pedacinhos de gesso e bloquearam a visão dos anjos da Balança. A bolsa de couro preto com a auréola estava pendurada sobre seu ombro.

Os Párias reuniram as setas estelares dispersas e as colocaram de volta em suas aldravas prateadas.

— Que os anjos estejam a seu favor, Daniel Grigori.

— A seu também. — Daniel assentiu para Phil. Ele virou Luce para que as costas dela ficassem pressionadas contra o peito dele e seus braços se encaixassem confortavelmente ao redor da cintura dela. Eles apertaram as mãos sobre o coração dela. — *A Foundation Library* — disse Daniel aos outros anjos. — Sigam-me, eu sei exatamente onde está.



NOVE

A DESIDERATA

N évoa engolfava os anjos. Eles voaram de volta sobre o rio, quatro pares de asas fazendo um tremendo *throosh* cada vez que batiam. Permaneceram o mais próximo possível do chão, ao ponto do brilho laranja entorpecido dos postes de rua a vapor de sódio parecer a luz de uma pista de aeroporto. Mas este voo não pousou.

Daniel estava tenso. Luce conseguia sentir a tensão correndo por todo o seu corpo: em ambos os braços ao redor da cintura dela, nos ombros deles, alinhados aos dela, até mesmo no modo como suas asas amplas batiam acima deles. Ela sabia como ele se sentia; estava ansiosa para chegar à *Foundation Library* tanto quanto o aperto de Daniel sugeria que ele estava.

Apenas alguns pontos de referência penetravam na névoa. Lá estava o pináculo elevado da imensa igreja gótica, e ali estava a roda-gigante obscurecida, suas cabines vermelhas oscilando na escuridão. Ali estava a cúpula de cobre verde do palácio onde haviam pousado quando chegaram a Viena.

Mas espere aí... eles já tinham passado pelo palácio. Talvez meia hora antes. Luce tinha tentado procurar Olianna, a quem o anjo da Balança havia deixado inconsciente.

Ela não a tinha visto no telhado naquele momento, e não a via agora.

Por que estavam dando voltas? Estariam perdidos?

— Daniel?

Ele não respondeu.

Sinos de igreja tocaram, distantes. Era a quarta badalada desde que Luce, Daniel e os outros tinham saído pela claraboia estilhaçada no museu. Estavam voando há muito tempo. Será que já eram mesmo três horas da manhã?

— Onde *está*? — Daniel murmurou baixinho, inclinando-se à esquerda, seguindo o sulco do rio, para depois se afastar por completo

e traçar uma avenida ampla alinhada com lojas escuras de departamento. Luce também já tinha visto esta rua. Eles estavam voando em círculo.

— Achei que tinha dito que sabia exatamente onde era! — Arriane mergulhou e saiu da formação em que estiveram voando (Daniel e Luce à frente, com Roland, Arriane e Annabelle formando um triângulo apertado atrás deles) e precipitou-se três metros abaixo de Daniel e Luce, perto o bastante para conversar. Seu cabelo selvagem e com *frizz* e suas asas iridescentes vacilavam para dentro e para fora da névoa.

— Eu *sei* onde está — disse Daniel. — Pelo menos, sabia onde *estava*.

— Você tem um senso de direção circundante, Daniel.

— Arriane. — Roland usou o tom de aviso que reservava àquelas ocasiões bastante frequentes em que Arriane ia longe demais. — Deixe-o se concentrar.

— É, é, é. — Arriane revirou os olhos. — Melhor voltar à “formação”. — Arriane bateu suas asas do jeito como algumas garotas piscam os cílios, fez rapidamente um sinal da paz com os dedos, e foi para trás.

— Está bem, então onde *era* a biblioteca? — perguntou Luce.

Daniel suspirou, aproximou ligeiramente as asas, e caiu por quinze metros. Um vento frio soprou a toda força no rosto de Luce. Seu estômago ficou tenso enquanto mergulhava, e então se aquietou quando Daniel parou abruptamente, como se houvesse pousado em uma corda bamba invisível, acima de uma rua residencial.

Estava silenciosa e vazia e escura, com apenas dois longos trechos de casas geminadas de pedra alongando-se pelos dois lados. Cortinas estavam fechadas à noite.

Pequeninos carros descansavam em espaços angulosos na rua. Carvalhos jovens e urbanos pontuavam a calçada pavimentada que passava na frente dos jardins belamente conservados.

Os outros anjos pairaram de ambos os lados de Daniel e Luce, cerca de seis metros acima do nível da rua.

— Era aqui onde ficava — disse Daniel. — Era *aqui*. A seis quadras do rio, a oeste do *Türkenschanzpark*. Juro que ficava. Nada disso — ele fez um movimento com a mão para a faixa de casas geminadas de

pedra indistinguíveis abaixo — estava aqui.

Annabelle franziu a testa e abraçou os joelhos ao peito, as asas prateadas batendo suavemente para mantê-la no alto. Seus tornozelos cruzados revelavam meias rosa-shocking listradas saindo para fora de seu jeans.

— Acha que foi destruída?

— Se foi — falou Daniel — não faço ideia de como recuperá-la.

— Estamos ferrados — disse Arriane, chutando uma nuvem, frustrada. Ela fitou suas gavinhas ralas, que andaram lentamente para leste, impassíveis. — Isso nunca é tão satisfatório quanto eu acho que vai ser.

— Talvez devêssemos ir a Avalon — sugeriu Roland. — Ver se o grupo de Cam teve mais sorte.

— Precisamos das três relíquias — disse Daniel.

Luce girou ligeiramente nos braços de Daniel para encará-lo.

— É apenas um contratempo. Pense no que tivemos que passar em Veneza. Mas conseguimos a auréola. Conseguiremos a *desiderata* também. É só o que importa.

Quando foi a última vez em que todos nós estivemos nesta biblioteca, há duzentos anos? É claro que as coisas iriam mudar. Não quer dizer que devíamos desistir. Nós apenas teremos que... apenas teremos que... — Todos a olhavam. Mas Luce não sabia o que fazer. Só sabia que não podiam desistir.

— A menina está certa — disse Arriane. — Não podemos desistir. Nós... —

Arriane parou abruptamente quando suas asas começaram a chacoalhar.

E então Annabelle ganiu. Seu corpo foi jogado no ar enquanto suas asas também estremeciam. As mãos de Daniel se balançaram contra Luce, enquanto o céu nebuloso noturno se transformava naquele cinza peculiar (a cor de uma tempestade no horizonte) que Luce agora reconhecia como sendo a cor de um *chronomoto*.

Lúcifer.

Ela quase conseguia ouvir o silvo na voz dele, sentir a respiração dele contra seu pescoço.

Os dentes de Luce bateram uns nos outros, mas ela também sentiu algo mais profundamente, em seu núcleo, em carne viva e de movimento turbulento, como se tudo dentro de si estivesse sendo preso em uma corrente.

Os prédios abaixo estremeceram. Postes de luz foram duplicados. Os próprios átomos do ar pareceram se fraturar. Luce se perguntou o que o terremoto fazia com as pessoas abaixo, sonhando em suas camas. Será que conseguiam sentir? Se não, ela os invejava.

Tentou chamar Daniel pelo nome, mas o som de sua voz estava entorpecido, como se estivesse debaixo d'água. Fechou os olhos, porém isso a fez se sentir nauseada.

Então os abriu e tentou focar nos prédios brancos sólidos. Depois disso, Luce viu que uma estrutura permanecia imóvel, como se fosse invulnerável às flutuações do cosmo.

Era um pequeno prédio marrom, uma casa, no meio da rua tremida e branca.

Ele não estivera ali há um segundo. Tinha aparecido como se estivesse atrás de uma cachoeira e ficasse visível por apenas um instante, antes de se duplicar, tremeluzir e desaparecer de novo na fileira extensa de casas geminadas modernas e monocromáticas.

Mas, por um instante, a casa esteve ali, uma coisa fixa num caos total, tanto afastada quanto parte da rua vienense.

O *chronotempo* estremeceu até parar e o mundo ao redor de Luce e dos anjos se aquietou. Nunca ficava mais silencioso do que naqueles instantes logo após um terremoto.

— Viu aquilo? — gritou Roland, jubiloso.

Annabelle balançou as asas, suavizando as pontas com os dedos.

— Ainda estou me recuperando da última violação. *Odeio* essas coisas.

— Eu também. — Estremeceu Luce. — Eu vi algo, Roland. Uma casa marrom. O

que era aquilo? A *Foundation Library*?

— Sim. — Daniel voou em um círculo curto sobre o local onde Luce havia visto a casa, aproximando-se dele.

— Talvez esses *bumbummotos sejam* bons pra alguma coisa — disse Arriane.

— Para onde a casa foi? — perguntou Luce.

— Ainda está lá. Só não está aqui — disse Daniel.

— Ouvi lendas sobre essas coisas. — Roland correu os dedos por seus *dreads* espessos negros e dourados. — Mas nunca achei realmente que fossem possíveis.

— Que coisas? — Luce espremeu os olhos para tentar ver o prédio marrom de novo. Mas a fileira de casas geminadas modernas continuou imóvel. O único movimento na rua eram os galhos expostos de árvore inclinando-se com o vento.

— Chama-se Pátina — falou Daniel. — É um modo de retorcer a realidade em uma unidade de tempo e espaço...

— É um rearranjo da realidade para guardar algo em segredo — acrescentou

Roland, voando para o lado de Daniel e espiando abaixo como se ainda conseguisse ver a casa.

— Então, embora a rua exista em uma linha contínua em uma realidade —

assentiu Annabelle para as casas geminadas — abaixo dela está outro reino independente, onde esta estrada leva até a nossa *Foundation Library*.

— Pátinas são a fronteira entre as realidades — disse Arriane, os polegares enfiados nos suspensórios de seu macacão. — Um show de raios laser que apenas pessoas *especiais* conseguem ver.

— Vocês parecem saber muito sobre esse negócio — disse Luce.

— É — troçou Arriane, com cara de quem queria chutar outra nuvem. — Exceto como entrar numa.

Daniel assentiu.

— Pouquíssimas entidades são poderosas o bastante para criar Pátinas,

e aquelas que conseguem as guardam atentamente. A biblioteca está aqui. Mas Arriane tem razão. Teremos que pensar num modo de entrarmos.

— Ouvi dizer que precisa de um Anunciador para entrar em uma — falou Arriane.

— Lenda cósmica. — Annabelle balançou a cabeça. — Cada Pátina é diferente. O

acesso é inteiramente a critério do criador. Ele programa o código.

— Uma vez ouvi Cam contar uma história em uma festa sobre como ele acessou uma Pátina — disse Roland. — Ou foi uma história sobre uma festa que ele deu em uma Pátina?

— Luce! — disse Daniel de repente, fazendo todos se assustarem em pleno ar. —

É você. É sempre você.

Luce deu de ombros.

— Sempre eu o quê?

— Era você quem sempre tocava o sino. Era você quem entrava na biblioteca.

Você só precisa tocar o sino.

Luce olhou a rua vazia, a neblina colorindo tudo ao seu redor em marrom.

— Do que está falando? Que sino?

— Feche os olhos — disse Daniel. — Lembre. Volte ao passado e ache o sino que te puxa...

Luce já estava lá, de volta à biblioteca na última vez em que esteve em Viena com Daniel. Seus pés estavam firmes no chão. Chovia e seu cabelo estava espalhado pelo seu rosto. Suas fitas de cabelo carmesim estavam ensopadas, mas ela não ligava. Estava procurando alguma coisa.

Havia uma trilha curta até o pátio, depois uma alcova do lado de fora da biblioteca. Estivera frio do lado de fora, e um fogo queimava dentro. Ali, no canto mofado próximo à porta, estava uma corda

entrelaçada bordada com peônias brancas e pendendo de um considerável sino prateado.

Ela esticou a mão no ar e o puxou.

Os anjos arfaram. Luce abriu os olhos.

Ali, no centro do norte da rua, a fileira de casas geminadas contemporâneas foi

interrompida no seu cerne por uma única e pequena casa marrom. Fumaça enrolada subia de sua chaminé. A única luz (com exceção das asas dos anjos) era o brilho amarelo e turvo de um lampião no parapeito da janela da frente.

Os anjos pousaram com suavidade na rua vazia e o aperto que Daniel aplicava em Luce se suavizou. Ele beijou sua mão.

— Você se lembrou. Bom trabalho.

A casa marrom tinha apenas um andar, enquanto as casas geminadas ao redor tinham três. Desse modo, era possível ver por trás da casa as ruas paralelas, mais casas geminadas modernas e de pedra branca. Ela era uma anomalia: Luce examinou o telhado de palha, o portão com espigão no limite do gramado livre de ervas daninhas, a porta da frente arqueada e assimétrica de madeira, e tudo isso fazia a casa parecer pertencer à Idade Média.

Luce deu um passo em direção a casa e encontrou-se em uma calçada. Seus olhos caíram no letreiro grande e de bronze pressionado contra as paredes cheias de lama.

Era um marco histórico, no qual se lia em grandes letras entalhadas
FOUNDATION

LIBRARY, EXT. 1233.

Luce olhou ao redor da rua outrora mundana.

Havia latas de lixo reciclável cheias de garrafas plásticas d'água, minúsculos carros europeus estacionados em paralelo tão próximos uns dos outros que seus para-choques se tocavam e buracos rasos na estrada.

— Então, estamos em uma rua de verdade em Viena...

— Exatamente — disse Daniel. — Se fosse de dia, você veria os

vizinhos, mas eles não te veriam.

— Pátinas são comuns? — perguntou Luce. — Havia uma na cabana onde dormi na ilha na Geórgia?

— São altamente incomuns. Preciosas, na verdade. — Daniel balançou a cabeça.

— A cabana era apenas o porto seguro mais isolado que conseguimos achar em tão pouco tempo.

— Uma Pátina de pobre — disse Arriane.

— Também conhecida como a casa de veraneio do Sr. Cole — acrescentou Roland.

O Sr. Cole era um dos professores na *Sword & Cross*. Ele era mortal, mas tinha ficado amigo dos anjos desde que eles chegaram à escola, e depois que Luce partiu, ele lhe dava cobertura. Era graças ao Sr. Cole que os pais dela não estavam ainda mais preocupados que de costume com ela.

— Como são feitas? — perguntou Luce.

Daniel balançou a cabeça.

— Ninguém, exceto o artista da Pátina, sabe. E há pouquíssimos deles. Lembra-se do meu amigo, Dr. Otto?

Ela assentiu. O nome do doutor estivera na ponta de sua língua.

— Ele morou aqui por centenas de anos, e nem mesmo ele sabia como essa Pátina veio parar aqui. — Daniel estudou a casa. — Não sei quem é o bibliotecário agora.

— Vamos — disse Roland. — Se o *desideratum* estiver aqui, precisamos achá-lo e

sair de Viena antes que a Balança se reagrupe e nos encontre.

Ele abriu o trinco do portão e o segurou de lado para que os outros passassem. O

caminho de pedrinhas que levava à casa marrom estava coberto com frésias roxas selvagens e orquídeas brancas entrelaçadas, preenchendo o ar com seu aroma doce.

O grupo alcançou a pesada porta de madeira com seu alto arqueado e batedor plano de ferro, e Luce agarrou a mão de Daniel.

Annabelle deu uma pancada na porta.

Nada de resposta.

Então Luce olhou para cima e viu um puxador de sino tecido com o mesmo tipo de costura que aquele em que ela atingiu no ar. Ela espiou Daniel. Ele assentiu com a cabeça.

Ela o puxou e a porta rangeu lentamente, se abrindo, como se a própria casa os estivesse esperando. Eles espiaram um corredor iluminado à luz de vela, tão comprido que Luce não conseguia ver onde ele acabava. O interior era muito mais amplo que seu exterior sugeria; o teto era baixo e curvado, como um túnel de estrada de ferro atravessando uma montanha. Tudo era feito de um tijolo em um adorável rosa-bebê.

Os outros anjos esperaram Daniel e Luce, os únicos que já tinham estado ali.

Daniel cruzou a entrada até o corredor primeiro, segurando a mão de Luce.

— Olá? — chamou ele.

A luz das velas tremeluzia nos tijolos à medida que os outros anjos entravam e Roland fechava a porta atrás deles. Enquanto caminhavam, Luce estava ciente do silêncio do corredor, do eco que as batidas de seus sapatos faziam no chão liso de pedra.

Ela parou na primeira entrada aberta no lado esquerdo do corredor quando uma lembrança inundou sua mente.

— Aqui — disse ela, apontando para a sala. Era escura, exceto pelo brilho amarelado de um lampião no parapeito, da mesma cor que eles haviam visto do lado de fora da casa. — Não era este o escritório do Dr. Otto?

Estava escuro demais para ver claramente, mas Luce se lembrava de um fogo queimando jubilosamente em uma lareira no lado oposta da sala. Em sua lembrança, a lareira estivera bordejada com uma dúzia de prateleiras de livros entupidas de lombadas de couro na biblioteca do Dr. Otto. Seu eu-passado não havia enfiado seus pés vestidos com meias de lã no suporte para pés perto da lareira e lido o quarto

volume de *As Viagens de Gulliver*? E a sidra do doutor, que circulava livremente, não tinha feito a sala toda cheirar a maçãs, cravo e canela?

— Você está certa. — Daniel tomou um candelabro aceso de sua alcova de tijolos no corredor e o segurou dentro da sala para iluminá-la mais. Mas a grade acima da lareira estava fechada, assim como a escrivaninha antiga de madeira no canto, e mesmo no calor da luz de velas o ar parecia frio e rançoso. As prateleiras estavam frouxas e danificadas devido ao peso dos livros, cobertos por uma bruma de poeira. A janela, que outrora tinha vista para uma rua residencial movimentada, estava com as persianas verde-escuras fechadas, dando à sala uma sensação sombria de abandono.

— Não é de se espantar ele não ter respondido nenhuma das minhas cartas —

disse Daniel. — Parece que o doutor se mudou.

Luce se deslocou em direção às prateleiras e arrastou o dedo por uma lombada poeirenta.

— Acha que um desses livros pode conter aquilo que se deseja que estamos procurando? — perguntou Luce, puxando um da prateleira: *Canzoniere*, de Petrarch, com uma fonte gótica. — Tenho certeza que o Dr. Otto não se importaria que déssemos uma olhadinha por aqui se isso fosse nos ajudar a encontrar aquilo que...

Ela parou de falar. Tinha escutado algo: o canto suave da voz de uma mulher.

Os anjos olharam uns aos outros quando outro som chegou até eles na escuridão da biblioteca. Agora, além de uma canção tenebrosa, vinha o som oco de sapatos e o retinido de um carrinho sendo manobrado. Daniel se deslocou até a passagem aberta e Luce o seguiu, espiando o corredor com cuidado.

Uma sombra escura se esticava na direção deles. Velas tremeluziam nas alcovas de pedra rosa do corredor curvado e parecido com um túnel, distorcendo a sombra, fazendo seus braços parecerem impossivelmente compridos e como os de uma assombração.

A dona da sombra, uma mulher magra com uma saia lápis cinza, um cardigã de cor mostarda e sapatos pretos de salto altíssimo, andou na direção deles, empurrando uma elegante travessa prateada de chá sob rodinhas. Seu flamejante cabelo ruivo estava repuxado em um coque

chignon. Argolas douradas elegantes cintilavam em suas orelhas.

Algo no modo como ela caminhava, no modo como se portava, parecia familiar.

Enquanto a mulher cantava sua melodia sem letra, ela levantou ligeiramente a cabeça, fazendo com que seu perfil projetasse uma sombra contra a parede. A curva do nariz, a precipitação do queixo, a baixa sobressaliência do osso da testa... tudo isto dava a Luce uma sensação de *déjà vu*. Ela procurou em seu passado por outras vidas onde poderia ter conhecido esta mulher.

De repente, o sangue foi drenado do rosto de Luce. Toda a tinta de cabelo no mundo não poderia enganá-la.

A mulher empurrando o carrinho de chá era a Srta. Sophia Bliss. Antes que percebesse, Luce estava com as mãos ao redor de uma tenaz de latão frio que repousava na porta da biblioteca. Ela a ergueu como se estivesse empunhando uma arma, a mandíbula cerrada e seu coração martelando, e entrou no corredor a toda velocidade.

— Luce! — chamou Daniel.

— Dee? — gritou Arriane.

— Sim, querida? — disse a mulher, um segundo depois de notar Luce tentando atacá-la. Ela pulou bem quando o braço de Daniel engolfou Luce, segurando sua investida.

— O que está fazendo? — sussurrou Daniel.

— Ela é... ela é... — Luce lutou para se desvencilhar de Daniel, sentindo o aperto

dele queimar a sua cintura. Esta mulher havia assassinado Penn. Ela havia tentado matar Luce. Por que mais ninguém queria matá-la?

Arriane e Annabelle correram até a Srta. Sophia e a atacaram com um abraço duplo. Luce pestanejou.

Annabelle beijou as bochechas nuas da mulher.

— Não te vejo desde a Revolta Camponesa em Nottingham... quando foi isso, 1380?

— Definitivamente não deve fazer tanto tempo — disse a mulher educadamente, sua voz cadenciando daquele mesmo jeito de

bibliotecária bondosa que fazia na *Sword*

& Cross, quando enganou Luce, fazendo-a gostar dela. — Adoráveis tempos.

— Não te vejo há algum tempo também — disse Luce, temperamental. Ela se afastou de Daniel e ergueu novamente a tenaz, desejando que fosse algo mais mortífero. — Não desde que você assassinou a minha amiga...

— Ah, querida. — A mulher não recuou. Ela observou Luce vindo até ela e bateu um dedo delgado em seus lábios. — Deve haver alguma confusão.

Roland deu um passo para frente, separando Luce da Srta. Sophia.

— É só que você parece com outra pessoa. — A mão calma dele no ombro dela fez com que Luce parasse.

— O que quer dizer? — disse a mulher.

— Ah, é claro! — Daniel lançou um sorriso triste a Luce. — Pensou que ela fosse...

deveríamos ter te dito que os transeternos geralmente se parecem.

— Quer dizer que ela não é a Srta. Sophia?

— Sophia Bliss? — A mulher pareceu ter acabado de morder algo azedo. — Aquela vadia ainda está à solta? Tinha certeza que alguém já a teria livrado de seu sofrimento.

— Ela enrugou seu minúsculo nariz e deu de ombros para Luce. — Ela é minha irmã, então só posso demonstrar uma pequena porcentagem da raiva que acumulei ao longo dos anos em relação àquela bruaca nojenta.

Luce riu de nervoso. A tenaz deslizou de sua mão e caiu retinindo no chão. Ela examinou a mulher mais velha, encontrando similaridades com a Srta. Sophia: um rosto que parecia velho e novo ao mesmo tempo. Mas também encontrou diferenças.

Comparados aos olhos negros de Sophia, os olhos pequenos desta mulher pareciam quase dourados, enfatizados pelo tom de amarelo de seu cardigã, combinando.

A cena com a tenaz havia humilhado Luce.

Ela se reclinou contra a parede curvada de tijolos e afundou no chão, sentindo-se vazia, não sabendo se estava aliviada por não ter que enfrentar a Srta. Sophia novamente.

— Sinto muito.

— Não se preocupe, querida — disse a mulher alegremente. — No dia que eu encontrar Sophia novamente, vou agarrar o objeto pesado mais próximo e bater com ele nela eu mesma.

Arriane atirou uma mão para ajudar Luce a levantar, puxando-a tão forte que os pés dela saíram do chão.

— Dee é uma velha amiga. E uma festeira selvagem de primeira, devo acrescentar.

Tem o metabolismo de um burro. Ela quase fez com que as Cruzadas acabassem à força na noite em que seduziu Saladino.

— Ah, bobagem! — disse Dee, batendo a mão em uma dispensa.

— Também é a melhor contadora de histórias de todos — acrescentou Annabelle.

— Ou costumava ser, antes de sumir da face da terra. Onde esteve se escondendo, mulher?

A mulher suspirou profundamente e seus olhos dourados umedeceram.

— Na verdade, me apaixonei.

— Ah, Dee! — cantou Annabelle, agarrando a mão da mulher. — Que maravilhoso.

— Otto Z. Otto. — A mulher fungou. — Que ele descanse...

— Dr. Otto — disse Daniel, saindo da entrada da porta. — Você conhecia o Dr.

Otto?

— De frente para trás e do avesso. — A mulher misteriosa fungou.

— Oops, onde está a minha educação? — disse Arriane. — Precisamos fazer apresentações. Daniel, Roland, não acho que já tenham conhecido oficialmente a nossa amiga Dee...

— Que prazer. Me chamo Paulina Serenity Bisenger. — A mulher sorriu, enxugou seus olhos úmidos com um lenço rendado, e esticou a mão tanto para Daniel quanto para Roland.

— Srta. Bisenger — disse Roland — posso perguntar por que as meninas te chamam de Dee?

— É apenas um apelido antigo, amor — disse a mulher, oferecendo o tipo de sorriso críptico em que Roland se especializava.

Quando ela se virou para Luce, seus olhos dourados se iluminaram.

— Ah, Lucinda. — Ao invés de estender sua mão, Dee abriu seus braços em um abraço, mas Luce se sentiu estranha de aceitá-lo. — Peço desculpas pela semelhança desconfortável que lhe deu tamanho susto. Devo afirmar que minha irmã se parece comigo; eu *não* me pareço com *ela*. Mas você e eu nos conhecemos tão bem em tantas vidas, por tantos anos, que eu me esqueço de que você talvez não se recorde. Foi a mim quem você confiou seus segredos mais obscuros: seu amor por Daniel, o medo do seu futuro, seus sentimentos confusos em relação a Cam. — Luce enrubesceu, mas a mulher não notou. — E foi a você quem eu confiei as razões da minha existência, assim como a chave de tudo que você procura. Você era a inocente com quem eu sabia que podia sempre contar para fazer o que precisava ser feito.

— Eu... eu sinto muito, não me lembro — gaguejou Luce, e ela sentia.
— Você é um anjo?

— Transeterna, querida.

— Tecnicamente, são mortais — explicou Daniel — mas podem viver centenas, até mesmo milhares de anos. Há muito tempo trabalham junto com os anjos.

— Tudo começou com o bisavô Matusalém — disse Dee, orgulhosa. — Ele inventou a oração. Inventou sim!

— Como fez isso? — perguntou Luce.

— Bem, nos tempos antigos, quando os mortais queriam algo, eles simplesmente *desejavam* essa coisa de um modo indiscriminado. Meu bisavô foi o primeiro a apelar diretamente para Deus, e aqui está a parte engenhosa: ele pediu uma mensagem confirmando ter sido ouvido. Deus respondeu com um anjo, e o anjo mensageiro surgiu dali. Foi Gabbe, eu acho, quem construiu o espaço aéreo entre o Céu e a Terra, para que as orações dos mortais pudessem fluir mais

livremente. Meu bisavô amava Gabbe, ele amava os anjos, e ensinou toda a sua gente a amá-los também. Ah, mas isso foi há tantos anos.

— Por que os transeternos vivem por tanto tempo? — perguntou Luce.

— Porque somos iluminados. Por causa do histórico da nossa família com os anjos mensageiros, e o fato de sermos capazes de recebermos a glória de um anjo sem sermos sobrepujados, como os mortais são, fomos recompensados com uma estimativa de vida estendida. Nós estabelecemos a ligação entre os anjos e outros mortais, para que o mundo possa sempre ter uma sensação de proteção angelical.

Podemos ser mortos a qualquer instante, é claro, mas fora um assassinato e acidentes bizarros, um transeterno viverá até o fim dos tempos. Os 24 restantes de nós são os últimos descendentes sobreviventes de Matusalém. Costumávamos ser pessoas exemplares, mas me envergonho em dizer que estamos em declínio. Já ouviu falar dos Anciãos de Zhsmaelim?

A menção do grupo maligno da Srta. Sophia mandou um arrepio pelo corpo de Luce.

— Todos transeternos — disse Dee. — Os Anciãos *começaram* de maneira nobre.

Houve uma época onde eu mesma estava envolvida com eles. É claro, todos os bons abandonaram — ela espiou Luce e franziu a testa — não muito depois de a sua amiga Penn ter sido assassinada. Sophia sempre teve um temperamento cruel. Agora se tornou ambiciosa. — Ela fez uma pausa, retirando um lenço branco para polir um canto do carrinho prateado de chá. — Coisas tão sombrias para falar na nossa reunião. Mas há um lado positivo: você se lembrou como viajar pela minha Pátina. — Dee sorriu radiantemente para Luce. — Um trabalho exemplar.

— *Você* criou a Pátina? — perguntou Arriane. — Não fazia ideia de que você podia fazer isso!

Dee ergueu uma sobrancelha, o mais fraco dos sorrisos em seus lábios.

— Uma mulher não pode revelar *todos* os seus segredos, menos ainda tirar vantagem deles. Pode, garotas? — Ela fez uma pausa. — Bem, agora que somos todas amigas de novo, o que os traz a Foundation? Eu estava prestes a sentar para o meu chá de jasmim antes do amanhecer. Vocês realmente têm que se juntar a mim, eu sempre faço demais.

Ela deu um passo para o lado e revelou uma bandeja prateada lotada com um bule prata e alto, pratos de porcelana com minúsculos sanduíches de pepino e com o pão sem casca, broinhas fofas com passas douradas e uma tigela de cristal transbordando nata e cerejas. O estômago de Luce fez uma cambalhota ao ver a comida.

— Então você devia estar nos esperando — falou Annabelle, contando as xícaras de chá com o dedo.

Dee sorriu, se virou, e continuou empurrando o carrinho pelo corredor. Luce e os anjos correram para alcançá-la, enquanto os saltos de Dee retiniam no chão, chegando em uma bifurcação e tomando o caminho da direita, entrando em uma sala enorme feita do mesmo tijolo rosa.

Havia um fogo ardente no canto, uma mesa de jantar de carvalho polido onde cabiam sessenta pessoas, e um gigantesco candelabro feito do tronco de uma árvore empedernida e decorado com centenas de velas brilhantes de cristal.

A mesa já tinha porcelana fina posta para muito mais convidados do que os que estavam ali. Dee pôs-se a encher as xícaras de chá com um chá de cor âmbar.

— É tudo muito casual aqui, podem se sentar onde quiserem.

Após alguns olhares decididos de Daniel, Arriane finalmente se adiantou e tocou Dee (que estava servindo um amontoado de nata em um cálice e complementando-a com frutas) de leve nas costas.

— Na verdade, Dee, não podemos ficar para o chá. Estamos com um pouco de pressa. Veja bem...

Daniel deu um passo a frente.

— Chegaram até você as notícias sobre Lúcifer? Ele está tentando apagar o passado, levando a horda de anjos do tempo da Queda para o presente.

— Isso explica os tremores — murmurou Dee, enchendo outra xícara.

— Consegue sentir os *chronomotos* também? — perguntou Luce.

Dee assentiu.

— Mas a maioria dos mortais não, caso esteja se perguntando.

— Viemos aqui porque precisamos estabelecer a localização original da Queda —

disse Daniel — o lugar onde Lúcifer e a horda do Céu aparecerão. Temos que impedi-lo.

Dee pareceu estranhamente resoluto em seu serviço de chá, continuando a repartir os sanduíches de pepino.

Os anjos esperaram que ela respondesse. Uma tora no fogo se despedaçou, estalou, e caiu da lareira.

— E tudo porque um garoto amava uma garota — ela disse, por fim. — É bastante perturbador. Realmente evoca o pior em inimigos antigos, não é? A Balança enlouquecendo, os Anciãos matando inocentes. Tantas coisas desagradáveis. Como se vocês anjos caídos já não tivessem o bastante com o que se incomodar. Digo, devem estar incrivelmente cansados. — Ela lançou um sorriso calmo a Luce e gesticulou novamente para que eles sentassem.

Roland puxou a cadeira na cabeceira da mesa para Dee e se sentou na cadeira à sua esquerda.

— Talvez possa nos ajudar. — Ele gesticulou para que os outros se juntassem a ele.

Annabelle e Arriane se sentaram ao lado dele, e Luce e Daniel, do outro lado da mesa. Luce deslizou sua mão sobre a de Daniel, unindo seus dedos aos dele.



Dee passou as últimas xícaras de chá em volta da mesa.

Após um retinir de porcelana e colheres despejando açúcar nos chás, Luce limpou a garganta.

— Nós vamos impedir Lúcifer, Dee.

— Eu espero que sim.

Daniel agarrou os dedos de Luce.

— Agora, estamos procurando por três objetos que contam a história antiga dos que caíram. Quando juntados, eles devem revelar a

localização original da Queda.

Dee bebericou seu chá.

— Garoto esperto. Tiveram sorte? — Daniel mostrou a bolsa de couro e a abriu, revelando a auréola dourada e vítrea. Uma eternidade tinha se passado desde que Luce mergulhou na igreja afundada para retirá-la da cabeça da estátua.

A testa de Dee se enrugou.

— Sim, me lembro disso. O anjo Semihazah a criou, não foi? Mesmo na pré-história ele tinha um talento estético. Não havia textos escritos para ele satirizar, então ele fez isso, um tipo de comentário sobre as maneiras tolas como os artistas mortais tentam capturar o brilho angelical. Divertido, não é? Imagine carregar um horrendo...

aro de basquete sobre a sua cabeça. Dois pontos e tudo mais.

— Dee. — Arriane colocou a mão dentro da bolsa e puxou o livro de Daniel, e então folheou até encontrar a nota na margem sobre o *desideratum*. — Viemos para Viena achar isso — ela apontou — aquilo que se deseja. Mas estamos ficando sem tempo e não sabemos o que é ou onde achar.

— Que esplêndido! Vieram ao lugar certo.

— Eu sabia! — vociferou Arriane. Ela se reclinou de volta na cadeira e deu um tapa nas costas de Annabelle, que estava mordiscando educadamente uma broinha. —

Assim que te vi, sabia que ficaríamos bem. Você tem o *desideratum*, não tem?

— Não, querida. — Dee balançou a cabeça.

— E... então? — perguntou Daniel.

— Eu *sou* o *desideratum*. — Ela resplandeceu. — Tenho esperado há tanto tempo ser chamada para trabalhar.



-Você é o desideratum? — o sanduíche de pepino de Luce caiu de seus dedos e quicou na sua xícara de chá, deixando um pingo de maionese na toalha de mesa bordada com renda.

Dee sorriu reluzentemente para eles. Havia quase um brilho endiabrado em seus olhos dourados, fazendo-a parecer mais uma adolescente do que uma mulher com muitas centenas de anos de vida. Enquanto ela prendia uma lustrosa mecha do cabelo vermelho de volta em seu coque chignon e servia mais chá a todos, ficou difícil imaginar que esta criatura elegante e vibrante também era, de fato, um artefato.

— Foi assim que conseguiu o apelido Dee, não foi? — perguntou Luce.

— Sim. — Dee parecia satisfeita. Ela piscou para Roland.

— Então sabe o local da Queda? — A pergunta fez com que todos prestassem atenção. Annabelle se endireitou, alongando seu pescoço comprido. Arriane fez o oposto, desmoronando ainda mais em sua cadeira, com os cotovelos na mesa e o queixo descansando nas mãos apertadas. Roland se inclinou para frente, enfiando os dreads para trás de um dos ombros. Daniel apertou a mão de Luce. Seria Dee a resposta para todas as perguntas que eles tinham?

Ela balançou a cabeça.

— Posso ajudá-los a descobrir onde a Queda aconteceu. — Dee assentou a xícara em seu pires. — A resposta está dentro de mim, mas sou incapaz de expressá-la de algum modo que eu ou você entendamos. Não até que todas as peças estejam nos seus lugares.

— O que quer dizer com “em seus lugares”? — perguntou Luce. — Como saberemos quando isso acontecer?

Dee andou até a lareira e usou uma tenaz para devolver a lenha caída ao seu lugar, dentro.

— Você saberá. Todos nós saberemos.

— Mas você pelo menos sabe onde está o terceiro artefato? — Roland passou para os outros um prato de limões cortados após derrubar um no seu chá.

— De fato, sei sim.

— Nossos amigos — falou Roland — Cam, Gabbe e Molly foram a Avalon procurá-lo. Se pudesse ajudá-los a localizar...

— Sabe tão bem quanto eu que os anjos devem localizar cada artefato por conta própria, Senhor Sparks.

— Achei que fosse dizer isso. — Ele reclinou-se de volta em sua cadeira, espiando Dee. — Por favor, me chame de Roland.

— E eu achei que fosse perguntar. Roland. — Ela sorriu. — Estou feliz por ter perguntado. Faz com que eu sinta como se confiassem em mim para ajudá-los a derrotar Lúcifer. — Ela inclinou a cabeça para Luce. — Confiança é importante, não acha, Lucinda?

Luce olhou em volta da mesa para os anjos caídos que havia conhecido na *Sword*

& *Cross*, eras atrás.

— Acho. — Uma vez ela tinha tido uma conversa bem diferente com a Srta.

Sophia, que havia descrito confiança como uma busca infrutífera, *uma boa maneira de se matar*. Era assustador como as duas se pareciam fisicamente, enquanto as palavras produzidas por suas almas distintas diferiam tão completamente.

Dee esticou a mão até a auréola no centro da mesa.

— Posso?

Daniel lhe passou a peça, que Luce sabia, por experiência própria, ser bastante pesada. Nas mãos de Dee, parecia não pesar nada.

Seus braços delgados mal eram compridos o bastante para se fecharem sobre a circunferência dourada, mas Dee embalou a auréola como uma criança. Seu reflexo peerscrutava-a de volta, turvamente, no vidro.

— Outra reunião — disse ela, suavemente, para si mesma. Quando Dee olhou para cima, Luce não soube dizer se ela estava contente ou triste. — Será maravilhoso quando o terceiro artefato estiver em sua posse.

— Da sua boca para os ouvidos de Deus — disse Arriane, despejando algo de um odre gordo e prateado em seu chá.

— É a rota do meu bisavô! — falou Dee, com um sorriso.

Todos riram, um tanto nervosos.

— Falando no terceiro artefato... — Dee olhou para baixo para um fino relógio de ouro enterrado entre seu emaranhado de braceletes de pérola — alguém mencionou que vocês estavam com um pouco de pressa?

Houve um barulho de xícaras de chá voltando para seus pires, cadeiras sendo empurradas para trás, e asas se abrindo ao redor da mesa. De repente, a sala de jantar impressionante pareceu menor e mais brilhante e Luce sentiu aquele formigamento familiar percorrer seu corpo quando viu as amplas asas de Daniel se abrirem.

Dee a viu olhando.

— Adorável, não é? — Ao invés de corar ao ser pega encarando Daniel, Luce apenas sorriu, já que Dee estava do lado deles.

— Sempre.

— Para onde, Capitão? — Arriane perguntou a Daniel, enfiando broinhas nos bolsos de seu macacão.

— De volta ao Monte Sinai, certo? — disse Luce. — Lá não é onde concordamos que Cam e os outros devem nos encontrar?

Daniel deu uma olhadela em direção à porta. Sua testa enrugou de agitação.

— Na verdade, eu não queria mencionar isso até acharmos o segundo artefato, mas...

— Vai lá, Grigori — falou Roland. — Desembucha.

— Antes de sairmos do depósito — disse Daniel — Phil me disse que tinha recebido uma mensagem de um dos Párias que ele enviou para Avinhão. O grupo do Cam foi interceptado...

— A Balança? — perguntou Dee. — Ainda fomentam fantasias sobre a importância deles no equilíbrio cósmico?

— Não dá para ter certeza — disse Daniel — apesar de parecer provável. Iremos para a *Pont Saint Bénédet*, em Avinhão. — Ele espiou Annabelle, cujo rosto havia se transformado em escarlate.

— O quê? — gritou ela. — Por que lá?

— Minha marginália no *Livro dos Guardiões* sugere que esta é a localização aproximada do terceiro artefato. Deve ter sido a primeira parada de Cam, Gabbe e Molly.

Annabelle desviou o olhar e não disse mais nada.

O tom ficou sério à medida que o grupo saía da sala de jantar. Luce ficou tensa de preocupação por Cam e Molly, imaginando os dois presos em capas pretas da Balança como Arriane e Annabelle.

Asas angelicais farfalharam ao longo das paredes estreitas de tijolo enquanto eles voltavam pelo corredor sem fim. Quando chegaram à entrada curva de madeira que os levaria de volta para fora, Dee abriu um círculo de ferro que cobria o olho mágico e espiou.

— Hmmm. — Ela deixou o olho mágico balançar e fechar sozinho.

— O que foi? — perguntou Luce, mas, no momento, Dee já havia aberto a porta e gesticulava para que todos deixassem a peculiar casa marrom, cuja alma era muito mais rica do que seu exterior sugeria.

Luce saiu primeiro e esperou na sacada (que era, na realidade, apenas um amontoado de palha tocado pela neve) pelos outros. Os anjos saíram da entrada um por vez: Daniel arquejando as asas brancas para trás enquanto saía de frente, Annabelle prendendo suas espessas asas prateadas de lado, Roland agrupando suas asas douradas marmorizadas na frente do corpo como um escudo invencível, e Arriane passando a toda, imprudente, xingando uma vela despercebida perto da entrada que havia chamuscado uma ponta de sua asa.

Depois disso, todos os anjos permaneceram juntos no gramado e flexionaram suas asas, felizes por estarem fora, no ar puro, de novo.

Luce notou a escuridão. Ela tinha certeza de que, quando entraram na *Foundation*, o sol não estava longe de nascer. Os sinos da igreja haviam badalado mais uma vez, anunciando quatro horas da manhã, e o céu estivera à espreita do dourado precioso do amanhecer.

Eles tinham ficado do lado de dentro com Dee por apenas uma hora? Por que o céu agora estava de um azul escuro, como no breu da noite?

As luzes estavam acessas nas casas geminadas de pedra branca. Pessoas passavam por trás de janelas, fritando ovos, servindo xícaras

de café. Homens com

pastas e mulheres de terninhos saíam pelas portas dianteiras e, sem nem uma vez olharem para a congregação de anjos no meio da rua, entraram em seus carros e dirigiram para longe, na direção onde Luce presumiu que seus trabalhos ficassem.

Ela se lembrava de Daniel ter explicado que esses vienenses não conseguiam vê-los quando estavam dentro da Pátina. E eles não viam a casa marrom de jeito nenhum.

Luce observou uma mulher com um robe de banho preto de tecido felpudo e um capuz plástico de chuva andar tontamente em sua direção com um cachorro peludo e pequeno. A propriedade dela fazia fronteira com o caminho de pedras coberto de vegetação que levava à porta dianteira da *Foundation*.

A mulher e seu cachorro pisaram no caminho de pedras.

E desapareceram.

Luce arfou, mas então Daniel apontou para trás dela, para o outro lado do gramado da *Foundation*. Ela girou.

A doze metros de distância, onde o caminho de pedras terminava e a calçada moderna recomaçava, a mulher e seu cachorro reapareceram. O cachorro latia histericamente, mas a mulher continuava a caminhar como se nada houvesse perturbado sua rotina matinal.

Era tão estranho, percebeu Luce, que a missão dos anjos fosse manter a vida dela dessa maneira. Para que nada acontecesse e apagasse o mundo dessa mulher, para que ela nunca nem mesmo notasse por quanto perigo havia passado.

Mas enquanto as pessoas na rua podiam não ter notado Luce ou os anjos, certamente notaram o céu. A mulher com o cachorro olhava-o continuamente, preocupada, e a maioria das pessoas deixava suas casas usando capas de chuva e carregando guarda-chuvas.

— Vai chover? — Luce havia voado por dentro de bolsões de chuva com Daniel, chuveiros quentes que os deixavam revigorados e regojizados... mas este céu era nefasto, quase preto.

— Não — disse Dee. — Não vai chover. É a Balança.

— O quê? — a cabeça de Luce se elevou. Ela espremeu os olhos ao

olhar para o céu, horrorizada quando ele se deslocou e inclinou. Nuvens de tempestade não se moviam daquele jeito.

— O céu foi obscurecido pelas asas deles. — Arriane estremeceu. — E por suas capas.

Não.

Luce encarou o céu até ele começar a fazer sentido.

Com uma sensação próxima a de vertigem, ela discerniu uma massa ondulante de asas azuis acinzentadas. Formavam um borrão no céu, tão grossas como uma película de tinta, bloqueando o sol de nascer. As batidas das asas curtas e embrutecidas zuniam como um enxame de vespas. Seu coração apertou-se enquanto ela tentava contá-las.

Era impossível. Quantas centenas não estariam pairando na amplitude acima?

— Estamos cercados — falou Daniel.

— Estão tão perto — disse Luce, recuando à medida que o céu enervava-se.

— Eles conseguem nos ver?

— Não exatamente, mas sabem que estamos aqui — disse Dee, despreocupada, enquanto um grupo menor da Balança descia, baixo o bastante para que eles vissem os rostos enrugados e sedentos de sangue deles. Olhos frios vasculhavam o espaço onde Luce e os outros estavam reunidos, mas, quanto a Pátina, a Balança parecia ser tão cega quanto os Párias.

— A minha Pátina nos cerca, do mesmo modo que um pano de prato pode cobrir uma panela, formando uma barreira protetora. A Balança não pode nos ver ou passar por ela. — Ela conseguiu sorrir para Luce. — Só atende a badalada de um certo tipo de alma, uma inocente com seu próprio potencial. — As asas de Daniel pulsavam atrás dela. — Estão juntando mais irmãos com o tempo. Precisamos dar um jeito de sairmos daqui, e precisamos nos apressar.

— Não tenho intenção nenhuma de ser presa em uma daquelas burcas de quebrar o pescoço — disse Dee. — Ninguém vai me pegar na minha própria casa!

— Gosto do que ela fala — disse Anabelle de lado para Luce.

— Sigam-me! — gritou Dee, correndo em disparada pelo beco fechado. Eles correram atrás dela, passando por uma inesperada plantação de abóboras, deram a volta em um coreto ornamentado e dilapidado e chegaram a um quintal amplo e de um verde luxuoso.

O queixo de Roland se inclinou na direção do céu. Estava mais escuro agora, mais denso de asas.

— Qual o plano?

— Bem, para começar... — Dee vagueou ao redor e foi parar sobre um carvalho mosqueado no centro do jardim — a biblioteca precisa ser destruída.

Luce arfou.

— Por quê?

— Um mecanismo básico. Esta Pátina sempre circundou a biblioteca, então deve permanecer com ela. Para que possamos passar pela Balança, teremos que abrir a Pátina, assim expondo a *Foundation*, e eu não pretendo deixá-la para que suas asas indiscriminadas a fucem. — Sua mão acariciou o rosto chocado de Luce. — Não se preocupe, querida, eu já doei os volumes valiosos da coleção (a maioria para o Vaticano, apesar de alguns terem ido para Huntington e para uma pequena cidade sem nada de mais no Arkansas). Ninguém sentirá falta deste lugar. Sou a última bibliotecária daqui e, francamente, não planejo retornar a esta função depois dessa missão.

— Ainda não entendo como passaremos deles. — O olhar de Daniel permaneceu fixo no céu azul-escuro que rodopiava.

— Terei que produzir uma segunda Pátina, cercando apenas os nossos corpos, nos garantindo uma passagem segura. Então abrirei esta aqui e deixarei a Balança tomá-la.

— Acho que estou sentindo o cheiro do que você está preparando — falou Arriane, subindo em um galho como um macaco e sentando-se aconchegadamente no

carvalho.

— A *Foundation* será sacrificada — Dee franziu sua testa — mas pelo menos a Balança terá um belo incêndio.

— Espera aí, como a biblioteca vai ser sacrificada? — Roland cruzou

os braços sobre o peito e olhou para baixo para Dee.

— Estava esperando que pudesse me ajudar com isso, Roland — falou Dee, os olhos cintilando. — Você é meio que bom em começar incêndios, não é?

Roland ergueu as sobrançelas, mas Dee já tinha se virado. Encarando o tronco da árvore, ela alcançou um nó em sua casca, puxou-o como uma maçaneta secreta, e abriu o tronco, dando para uma câmara oca. Dentro, a madeira era polida e a câmara tinha, aproximadamente, o tamanho de um pequeno vestiário. Os braços de Dee mergulharam para dentro e puxaram uma comprida chave dourada.

— É assim que se abre a Pátina? — perguntou Luce, surpresa por precisar de algo tão físico como uma chave.

— Bem, é assim que eu a destranco, para que possa ser manipulada conforme os nossos interesses.

— Quando a abrir, se houver um incêndio — disse Luce, lembrando-se do modo como a mulher andando com seu cachorro tinha desaparecido da existência por um instante com uma piscadela quando cruzou o gramado da frente da *Foundation* — o que vai acontecer com as casas e com as pessoas dessa rua?

— O engraçado da Pátina é que — disse Dee, ajoelhando-se e fuçando no jardim, atrás de algo. — Como ela se encontra na fronteira entre as realidades do passado e do presente, nós podemos estar aqui, e não aqui, no presente, e também em outro lugar. É

um lugar onde tudo que imaginamos sobre o tempo e o espaço se encontra materialmente. — Ela levantou as frondes de uma samambaia enorme, e então cavou a terra com as mãos. — Nenhum mortal do lado de fora será afetado, mas se a Balança for tão voraz como todos nós sabemos que é, assim que eu abrir esta Pátina, ela se lançará diretamente sobre nós. Por um momento tenso, ela se juntará a nós na realidade de outro lugar onde a *Foundation Library* esteve, nesta rua.

— E voaremos para longe, presos na segunda Pátina — adivinhou Daniel.

— Precisamente — falou Dee. — Então somente temos que fechar esta ao redor deles. Assim como eles não podem entrar agora, eles não serão capazes de sair depois.

E enquanto voarmos em segurança para a adorável e antiga Avinhão, a biblioteca se transformará em fumaça, com a Balança presa dentro.

— É brilhante — disse Daniel. — A Balança, tecnicamente, continuará viva, então a nossa ação não irá fazer o equilíbrio celestial pender, mas ela será...

— Uma marca de queimado no passado, selada, fora do nosso caminho. Certo.

Todos estão de acordo? — O rosto de Dee se iluminou. — Ah, *ali* está!

Enquanto Luce e os anjos estavam parados acima dela, Dee retirou a terra de cima de um buraco que fora cavado no jardim.

Ela fechou os olhos, segurou a chave perto de seu coração, e sussurrou uma bênção:

— Que a luz nos cerque, que o amor nos envolva, nos proteja, Pátina, do mal que chegará.

Cuidadosamente, ela encostou a chave na fechadura. Seu pulso sacudiu com a força precisa para virar a chave, mas, finalmente, ela rangeu e virou um quarto para direita. Dee exalou pesadamente e ficou de pé, limpando as mãos na saia.

— Aqui vamos nós.

Ela levantou os braços sobre a cabeça e então, muito lentamente e com bastante propósito, os abaixou na direção de seu coração. Luce esperou que a terra fosse deslocada, que qualquer coisa acontecesse, mas por um instante nada pareceu mudar.

Então, enquanto o espaço em volta deles ficou tão silencioso que daria para ouvir um alfinete caindo, Luce ouviu um som farfalhante quase inaudível, como palmas sendo esfregadas. O ar pareceu distorcer-se ligeiramente, fazendo com que tudo (a casa marrom, a fileira de casas geminadas vienenses que a cercavam, até mesmo as asas azuis da Balança aqui) vacilassem. As cores se entortaram e derreteram. Foi como ficar parada dentro de uma névoa turva, flutuando sobre gasolina.

Como antes, Luce podia tanto ver quanto não ver a Pátina. Suas fronteiras amorfas ficavam visíveis em um instante (com a transparência iridescente de uma bolha de sabão) e então desapareciam. Mas conseguia *senti-la* se moldando no pequeno espaço

no jardim onde ela e os outros estavam, emanando calor e uma sensação de ser envolvida por algo poderoso e protetor.

Ninguém falou nada, silenciados pela maravilha de Dee.

Luce estudou a mulher mais velha, que murmurava tão intensamente que quase parecia vibrar. E a garota ficou surpresa quando sentiu que a Pátina interior estava pronta. Algo que não parecera inteiro há um momento agora parecia.

Dee assentiu, suas mãos em seu coração como se estivesse orando.

— Estamos em uma Pátina dentro de uma Pátina. No coração da segurança e da proteção. Quando eu abrir a orla exterior para a Balança, confiem nessa proteção e permaneçam calmos. Nenhum mal chegará a vocês.

Ela sussurrou de novo as palavras: *Que a luz nos cerque, que o amor nos envolva, nos proteja, Pátina, do mal que chegará.* E Luce se encontrou murmurando-as junto. A voz de Daniel também aderiu à benção.

Então surgiu um buraco, como uma rajada de vento frio entrando em um cômodo quente. Eles se aproximaram, as asas pressionando uma contra as outras, com Luce no meio. Observaram o céu mudando.

Um grito selvagem veio bem de cima, e milhares de outros se juntaram a esse. A Balança agora conseguia enxergar.

Eles se abundaram na direção do buraco.

A abertura estava quase toda invisível a Luce, mas devia estar diretamente acima da chaminé da casa marrom.

Foi para lá que a Balança se dirigiu, como formigas aladas atacando uma gota de geleia derramada. Ela acertou o telhado, a grama, as calhas da casa. Suas capas se ondularam com o impacto das aterrissagens duras. Seus olhos vasculharam a

propriedade, sentindo e não sentindo Luce, Dee e os anjos.

Luce segurou a respiração e não fez barulho.

A Balança continuou atacando. Logo o quintal abundava com suas asas azuis duras. Cercaram a Pátina interior de Dee, lançando olhares tão famintos como de lobos sobre o lugar onde a presa que almejavam estava se escondendo. Mas a Balança não conseguia ver os anjos, a

garota e a transeterna protegidos dentro.

— Onde estão? — um deles rosnou, sua capa enrolada em um mar de asas azuis enquanto ele propelia-se pela multidão de seu povo. — Estão aqui em algum lugar.

— Preparem-se para voar rápida e arduamente até Avinhão — sussurrou Dee, ficando imóvel quando um anjo da Balança com uma marca de nascença salpicada em seu rosto inclinou-se perto dos limites da Pátina e cheirou, como um porco atrás de lama.

As asas de Arriane tremiam e Luce sabia que ela estava pensando no que a Balança havia feito a ela. Luce alcançou a mão de sua amiga.

— Roland, que tal aquela queima abençoada? — disse Daniel através de lábios cerrados.

— Pode deixar. — Roland entrelaçou seus dedos, franziu a testa, e então olhou duramente para a casa marrom. Houve uma grande explosão, como uma bomba explodindo, e a *Foundation Library* explodiu. A Balança gritou quando foi mandada para o céu da Pátina, suas capas engolfadas em chamas que pareciam com dedos.

Roland fez um aceno com a mão e o buraco onde a biblioteca estivera se transformou em um vulcão, cuspidor chamas e rios de lava pelo gramado. O carvalho pegou fogo.

Chamas se espalharam por seus galhos como se fossem os fósforos de uma caixa.

Luce estava suada e tonta por conta do calor abrasante da Pátina, mas apesar de a Balança ter sido jogada para trás como repercussão das ondas de choque, o grupo dentro da pequena Pátina de Dee não se queimou.

Dee gritou:

— Vamos voar! — E bem aí um tornado de ar carregado de calor e chamas serpenteou pelo quintal, engolindo uma centena de membros da Balança e os levantando até seu núcleo flamejante, girando-os como em um carrossel pelo gramado.

— Pronto, Luce? — os braços de Daniel a envolveram bem quando os de Roland envolveram firmemente Dee. Fumaça ricocheteava das paredes do lado de fora da Pátina, mas Luce estava tendo dificuldade em respirar por causa de seu pescoço dolorido e machucado.

Então Daniel a levantou do chão. Eles voaram diretamente para cima. De canto de olho, Luce viu as asas marmorizadas de Roland à direita e Annabelle e Arriane à esquerda. Todas as asas dos anjos batiam tão rapidamente e arduamente que teciam uma claridade pura e cegante, saindo do fogo e entrando no céu azul limpo.

Mas a Pátina ainda estava aberta. Os anjos da Balança que ainda conseguiam voar sentiram, de algum modo, que estavam sendo enganados, presos.

Eles tentaram se levantar das labaredas, mas Roland mandou outra onda de calor,

inundando-os, mandando-os de volta para a terra que pegava fogo, queimando suas peles enrugadas até que virassem esqueletos com asas.

— Só mais um instante... — os dedos de Dee e seu olhar fixo manipulavam as fronteiras da Pátina.

Luce estudou Dee, e então a bagunça que era a Balança queimando. Ela imaginou a Pátina apertada no topo como uma capa ao redor de um pescoço, barrando a Balança dentro, sufocando-os.

— Tudo feito — gritou Dee enquanto Roland a levava mais alto no ar.

Luce olhou para baixo, abaixo de seus pés e dos de Daniel, enquanto o chão se afastava deles. Ela viu o fogo horrível piscar, então estremecer, e depois desaparecer, engolfado em uma fumaça escondida em algum outro lugar. A rua que deixaram para trás era branca e moderna e cheia de pessoas que não haviam sentido nada.

O chão estava a quilômetros abaixo deles quando Luce parou de imaginar as asas dos membros da Balança cozinhando em chamas vermelhas.

Não havia propósito em repensar as coisas. Ela só podia olhar para frente, na direção da próxima relíquia e de Cam, Gabbe e Molly, na direção de Avinhão.

Por falhas na cobertura fina das nuvens, o terreno ficou rochoso, de um cinza-escuro, e montanhoso. O ar invernal ficou ainda mais frio e penetrante, e a batida incessante das asas dos anjos estilçava o silêncio na beirada da atmosfera.

Cerca de uma hora de voo depois, as asas marmorizadas de Roland

entraram no campo de visão de Luce, abaixo dela mesma e de Daniel.

Ele carregava Dee do mesmo modo que Daniel carregava Luce: os ombros alinhados com os dela, um braço passado sobre o peito dela e o outro em volta da sua cintura. Como Luce, Dee cruzava as pernas na altura dos tornozelos, e seus sapatos de salto fino pendiam precariamente muito acima do chão. Os músculos escuros de Roland protegendo a estrutura frágil e mais velha de Dee faziam com que o par parecesse quase cômico enquanto entravam e saiam de foco, ondulando pelas nuvens.

Mas o brilho de adrenalina nos olhos de Dee a fazia parecer muito mais jovem do que era. Mechas do seu cabelo ruivo chicoteavam sua bochecha, e o seu cheiro (de hidratante e rosas) perfumava o ar no qual eles voavam.

— Bem, acho que a barra está limpa — disse Dee.

Luce sentiu o ar ao seu redor chilrear. Seu corpo ficou tenso, preparando-se para outro *chronotempo*. Mas, desta vez, não era Lúcifer transgredindo a Queda o que causava a ondulação. Era Dee, retirando a segunda Pátina. Uma fronteira turva se aproximou da pele de Luce, e então passou por ela, fazendo-a tremer com um prazer impossível de ser localizado.

Então ele se retraiu até virar uma minúscula órbita de luz ao redor de Dee. Ela fechou seus olhos e, um instante depois, absorveu a Pátina em sua pele. Era quase invisível... e uma das coisas mais bonitas que Luce já havia visto.

Dee sorriu e chamou Luce com um pequeno aceno. Os dois anjos que as carregavam inclinaram suas asas para cima, a fim de que as damas pudessem conversar.

Dee colocou, em formato de concha, as mãos sobre a boca e chamou Luce por cima do barulho do vento.

— Conte-me, querida, como foi que vocês dois se conheceram?

Luce sentiu os ombros de Daniel estremecerem atrás dela com uma risada. Era uma pergunta normal para se fazer a duas pessoas em um relacionamento feliz; então por que deixava Luce tão infeliz?

Porque a resposta era desnecessariamente complicada.

Porque nem mesmo ela sabia a resposta.

Ela apertou uma mão no medalhão em volta do seu pescoço. Ele balançou contra a sua pele quando as asas de Daniel bateram mais uma vez, fortes.

— Bem, frequentamos a mesma escola, e eu...

— Ah, Lucinda! — Dee ria. — Estava te provocando. Meramente me perguntei se você havia descoberto a história por trás do seu *primeiro* encontro.

— Não, Dee — falou Daniel, firme. — Ela ainda não aprendeu sobre isso...

— Já perguntei, mas ele não me conta. — Luce espiou a queda vertiginosa abaixo, sentindo-se tão distante da verdade sobre aquele primeiro encontro quanto estava das cidades alinhadas ao Mar Adriático sobre o qual voavam. — Fico louca por não saber.

— Tudo no seu devido tempo, querida — disse Dee calmamente, encarando em frente o horizonte curvado. — Posso assumir que você pelo menos entrou em contato com *algumas* de suas lembranças mais antigas?

Luce assentiu.

— Brilhante. Ficarei satisfeita com o conto do romance mais antigo que conseguir lembrar. Vá em frente, querida. Satisfaça uma velha senhora. Ajudará a passar o tempo até chegarmos em Avinhão, como os peregrinos de Os Contos da Cantuária.

Uma lembrança passou perante os olhos de Luce: a tumba fria e úmida em que fora trancada com Daniel no Egito, no modo como os lábios dele se pressionaram contra os dela, seus corpos um contra o outro, como se fossem as duas últimas pessoas no mundo...

Mas eles não estavam sozinhos. Bill também estivera lá.

Ele esteve esperando, observando, querendo que a alma dela morresse dentro de uma tumba úmida egípcia.

Luce abriu seus olhos de uma só vez, retornando ao presente, onde os olhos vermelhos dele não a pudessem achar.

— Estou cansada — disse ela.

— Descanse — falou Daniel suavemente.

— Não, estou cansada de ser punida simplesmente porque te amo, Daniel. Não quero nada com Lúcifer, com a Balança e os Párias e quaisquer outros lados que existam. Não sou um peão; sou uma pessoa. E para mim já chega.

Daniel entrelaçou sua mão com a de Luce e a apertou.

Tanto Dee quanto Roland pareceram querer alcançá-la e fazer o mesmo.

— Você mudou, querida — falou Dee.

— Desde quando?

— Desde antes. Nunca te ouvi falar desse jeito. E você, Daniel?

Daniel ficou em silêncio por um instante. Finalmente, acima dos sons do vento e das batidas das asas dos anjos contra o ar rarefeito, ele disse:

— Não. Mas fico feliz que ela fale assim agora.

— E por que não? É uma tragédia transdimensional pela qual vocês passaram.

Mas esta menina tem persistência; é uma menina com força, uma menina que uma vez me disse que nunca cortaria o cabelo, apesar de estar amaldiçoada (as palavras foram suas, querida) por nós e emaranhados, ser um imã para roseiras bravas, porque aquele cabelo era parte de si mesma, ligado indelevelmente na sua alma.

Luce espreitou os olhos ao olhar para a mulher mais velha.

— Do que está falando?

Dee inclinou a cabeça na direção de Luce e apertou seus lábios volumosos.

Luce encarou arduamente seus olhos dourados, o fino cabelo ruivo e até o modo delicado como ela cantarolava enquanto eles voavam.

E então ela entendeu.

— Eu me lembro de você!

— Que adorável — falou Dee — também me lembro de você!

— Eu não morava em uma choupana em uma planície aberta?

Dee assentiu.

— E nós conversamos *mesmo* sobre o meu cabelo! Eu tinha... eu tinha

percorrido um caminho cheio de urtigas após me abaixar para caçar algo... era uma raposa?

— Você era bem moleca. Mais valente do que alguns dos homens da pradaria, na verdade.

— E você — disse Luce — você passou horas retirando-as do meu cabelo.

— Eu era sua titia favorita, por assim dizer. Você costumava dizer que o diabo havia lhe amaldiçoado com um cabelo extremamente grosso. Um tantinho dramática, mas você tinha apenas dezesseis anos... e não estava muito longe da verdade, como apenas pessoas de dezesseis anos conseguem.

— Você disse que uma maldição é apenas uma maldição se eu me permitir ser amaldiçoada por ela. Você disse... que estava dentro do meu poder me libertar de qualquer maldição... que maldições eram prelúdios de bênçãos...

Dee piscou.

— Depois me disse para cortar fora. Meu cabelo.

— Isso mesmo. Mas você não queria.

— Não. — Luce fechou os olhos enquanto a bruma gelada de uma nuvem passava por ela, a condensação arrefecendo sua pele. De repente, ela ficou inexplicavelmente triste. — Não queria. Não estava pronta.

— Bem — falou Dee. — Com certeza gosto como arruma seu cabelo desde que deu por si!

— Olhe. — Daniel apontou para onde o chão de nuvens caía como um penhasco.

— Chegamos.

Eles desceram até Avinhão. O céu sobre a cidade estava limpo, sem nuvens para

interromper a visão. O sol lançava as sombras das asas dos anjos sobre o pequeno vilarejo medieval de construções de pedras, limitado apenas por pastos verdejantes de terras cultivadas. Vacas pastavam abaixo deles. Um trator abria caminho pela terra.

Enfileiraram-se à esquerda e voaram por cima de um estábulo, sentindo o fedor úmido de feno e esterco. Eles mergulharam baixo sobre uma catedral feita da mesma pedra fulva de que a maioria das construções da cidade era feita. Turistas tomavam café em uma cafeteria alegre. A cidade brilhava no sol dourado do meio-dia.

A sensação alarmante da chegada tão rápida se misturou com a sensação do tempo escorregando pelos dedos de Luce. Eles estavam procurando as relíquias por quatro dias e meio.

Metade do tempo já tinha se passado e logo a Queda de Lúcifer se aproximaria deles.

— É para onde estamos indo. — Daniel apontou para uma ponte no subúrbio, que não se estendia por completo sobre o rio cintilante que serpenteava a cidade. Era como se metade da ponte tivesse sucumbido na água. — *Pont Saint Bénézet*.

— O que aconteceu com a ponte? — perguntou Luce.

Daniel espiou sobre seu ombro.

— Lembra-se como Anabelle ficou silenciosa quando mencionei que vínhamos para cá? Ela inspirou o homem que construiu esta ponte na Idade Média, na época que os papas moravam aqui e não em Roma. Ele a viu um dia voando sobre o Rio Ródano, quando ela achou que ninguém podia vê-la. Então construiu a ponte para segui-la até o outro lado.

— Quando ela ruiu?

— Devagar, com o tempo, um arco caia no rio. E então outro. Arriane diz que o garoto (o nome dele era Bénézet) tinha um dom para ver anjos, mas não para arquitetura. Annabelle o amava. Ela ficou em Avinhão como sua musa até ele morrer.

Ele nunca se casou, manteve-se afastado do resto da sociedade de Avinhão. A cidade achava que ele era maluco. — Luce tentou não comparar sua relação com Daniel com o que Anabelle tinha tido com Bénézet, mas era difícil não comparar.

Que tipo de relação um anjo e um mortal poderiam ter *de verdade*? Quando tudo isso acabasse, se eles derrotassem Lúcifer... o que aconteceria? Ela e Daniel voltariam para a Geórgia e ficariam como qualquer outro casal, saindo para tomar sorvete nas sextas-feiras, depois de verem um filme? Ou a cidade inteira acharia que ela era

louca, como Bénézet?

Seria tudo em vão? No final, o que seria deles? Será que seu amor sumiria como os arcos da ponte medieval?

A ideia de partilhar de uma vida normal com um anjo, isso sim era loucura. Ela sentia isso toda vez que Daniel *voava* com ela pelo céu. E, mesmo assim, ela o amava cada dia mais.

Eles pousaram na margem do rio, debaixo da sombra de um salgueiro chorão, mandando uma manada de patos agitados bateram na água. Em plena luz do dia, os anjos dobraram suas asas. Luce permaneceu atrás de Daniel, para observar o processo

intrincado quando as asas dele se retraíam na sua pele.

Elas voltavam primeiro no centro, fazendo uma série de estalos suaves enquanto camadas de músculos se dobravam sobre asas empíreas. Por fim, as pontas finas e quase translúcidas das asas de Daniel, que cintilavam à medida que desapareciam dentro do corpo dele, sem deixar rastro em sua camiseta, que fora particularmente feita para ele.

Eles andaram até a ponta, como qualquer outro turista interessado na arquitetura. Annabelle andava muito mais dura que o normal, e Luce viu Arriane esticar a mão e tocar a mão dela. O sol estava claro e o ar cheirava a lavanda e água de rio. A ponte era feita de grandes pedras brancas, seguras por longos arcos abaixo.

Havia uma pequena capela de pedra com uma única torre anexa de um lado, próxima da entrada da ponte. Continha uma placa na qual se lia CAPELA DE SAINT

NICOLAS. Luce se perguntou onde estavam os verdadeiros turistas.

A capela estava coberta com uma poeira fina e prateada.

Eles andaram silenciosamente pela ponte, mas Luce notou que Annabelle não era a única chateada. Daniel e Roland tremiam, permanecendo bem afastados da entrada da capela, e Luce se lembrou que eles eram proibidos de entrar em um santuário de Deus.

Dee correu seus dedos sobre o estreito corrimão de latão com um suspiro pesado.

— Chegamos tarde demais.

— Não é... — Luce tocou a poeira. Era insubstancial e leve, com um ligeiro brilho prateado, como a poeira que havia coberto o quintal de seus pais. — Você quer dizer...

— Anjos morreram aqui. — A voz de Roland estava monótona enquanto ele encarava o rio.

— M-mas — gaguejou Luce — não sabemos se Gabbe e Cam e Molly ao menos chegaram até aqui.

— Este costumava ser um lindo lugar — disse Annabelle. — Agora eles o arruinaram para sempre. *Je m'excuse, Bénédet.*

Foi quando Arriane levantou uma pena prateada tiritante.

— O galhardete de Gabbe. Intacto, então deve ter sido arrancado por ela mesma.

Talvez para dar a um Pária que não chegou até aqui antes... — Ela desviou o olhar, segurando a pena próxima ao peito.

— Mas achei que a Balança não matava anjos — disse Luce.

— Não matam. — Daniel se abaixou e limpou um pouco da poeira que estava amontoada como neve aos seus pés.

Algo estava enterrado abaixo.

Seus dedos encontraram uma seta estelar prateada e empoeirada. Ele a limpou na sua camiseta e Luce estremeceu cada vez que seus dedos se aproximaram da ponta cega e mortal. Por fim, ele a segurou para que os outros a examinassem. Estava marcada com uma letra Z ornamentada.

— Os Anciãos — sussurrou Arriane.

— *Eles* ficam satisfeitos matando anjos — disse Daniel suavemente.



— De fato, não há nada que eles prefiram. — Ouviu-se um estralo repentino.

Luce girou, esperando... ela não sabia o quê. A Balança? Os Anciãos?

Dee balançou o punho, esfregando suas articulações vermelhas com a outra mão.

Então Luce viu: a porta de madeira da capela fora golpeada no meio. Dee deve tê-la socado. Ninguém mais achou extraordinário uma mulher tão minúscula causar tanto dano.

— Você está bem, Dee? — chamou Arriane.

— Sophia não tem o que fazer aqui. — Sua voz vibrava de raiva. — O que Lúcifer está fazendo vai além do domínio da preocupação dos Anciãos. E, mesmo assim, ela pode arruinar tudo para vocês, anjos. Eu poderia matá-la.

— Promete? — perguntou Roland.

Daniel colocou a seta estelar na bolsa de couro e a fechou.

— Como quer que essa batalha tenha acabado, deve ter começado por causa da terceira relíquia. Alguém a encontrou.

— Uma guerra por recursos — disse Dee.

Luce recuou.

— E alguém morreu por isso.

— Não sabemos o que aconteceu, Luce — disse Daniel. — E não saberemos até ficarmos perante os Anciãos. Precisamos achá-los.

— Como? — perguntou Roland.

— Talvez tenham ido para Sinai para nos observar — sugeriu Annabelle.

Daniel balançou a cabeça e andou de um lado para o outro.

— Eles não sabem como chegar em Sinai... a menos que torturem um dos anjos até conseguirem a informação. — Ele parou e olhou para longe.

— Não — falou Dee, olhando pelo círculo de seu grupo na ponte. — Os Anciãos têm seus próprios propósitos. São gananciosos. Querem uma parcela maior em tudo isso. Querem ser lembrados, como seus antepassados. Se morrerem, querem partir como mártires. — Ela fez uma pausa. — E qual é o local mais hedonista para encenar seu próprio martírio?

Os anjos deslocaram o peso de uma perna para a outra. As asas de Daniel se eriçaram enquanto ele vasculhava o céu oriental de um rosa-pálido. Annabelle correu as longas unhas pelo cabelo. Arriane abraçou o peito com os braços e encarou arduamente o chão, sem nenhuma tirada sarcástica. Luce parecia ser a única que não sabia do que Dee falava. Por fim, a voz de Roland ecoou nefastamente pela ponte despedaçada:

— Gólgota. Lugar de caveiras.



ONZE

VIA DOLOROSA

À medida que os anos se amontoavam logo acima do que parecia ser a costa sul da França, Luce observou as ondas escuras rolarem abaixo deles, acabando no distante litoral. Ela calculou de cabeça:

A meia-noite seria terça-feira, primeiro de dezembro. Havia cinco dias que ela tinha retornado dos Anunciadores, o que quer dizer que eles já tinham passado da metade do período de nove dias em que os anjos caíram na Terra. Lúcifer e os eus-passados de todos estavam na metade da Queda.

Tinham duas das três relíquias, mas não sabiam o que era a terceira, e como interpretá-las quando tivessem todas. O pior de tudo era que, no processo de localizar as relíquias, eles tinham ganhado mais inimigos. E pareciam ter perdido amigos.

Poeira da *Pont Saint Bénédet* estava sob as unhas de Luce. E se fosse Cam? Em um punhado de dias, Luce tinha passado por mudanças de pensamento, primeiro se sentindo cautelosa quanto ao envolvimento de Cam na missão deles, para depois se sentir desesperançada ao pensar em perdê-lo. Cam era feroz e sombrio e imprevisível e intimidador e não era o cara com que Luce estava destinada a ficar... mas isso não significava que ela não ligava pra ele, não se importava *com* ele de um certo modo.

E Gabbe. A bela sulista que sempre sabia a coisa certa a se dizer e a fazer. Desde que Luce conheceu Gabbe na *Sword & Cross*, a anjo não

havia feito nada exceto cuidar dela.

Agora Luce queria cuidar de Gabbe.

Molly Zane também tinha ido a Avinhão com Cam e Gabbe.

Luce tinha temido e depois odiado Molly... até uma manhã dessas, quando ela entrou pela janela do seu quarto na casa dos seus pais e encontrou Molly fingindo ser ela na cama. Era um favor e tanto. Até mesmo Callie tinha gostado de passar um tempinho com Molly. Será que a demônio havia mudado?

Será que Luce havia mudado?

As batidas rítmicas das asas de Daniel pelo céu estrelado ninaram Luce até um estado profundo de relaxamento, mas ela não queria dormir. Queria se focar no que poderia recebê-los quando eles chegassem a Gólgota, preparar-se para o que estava a caminho.

— No que está pensando? — perguntou Daniel. Sua voz era baixa e íntima no vento frenético pelo qual voavam.

Annabelle e Arriane voavam a frente deles, um pouco abaixo. Suas asas, de um prata escuro e iridescente, estavam esticadas a toda amplitude sobre a bota verde italiana.

Luce tocou o medalhão prateado ao redor do pescoço.

— Estou com medo.

Daniel apertou-a com força.

— Você é tão corajosa, Luce.

— Sinto que estou mais forte do que nunca, e tenho orgulho das lembranças que agora posso acessar por conta própria, especialmente se elas podem nos ajudar a impedir Lúcifer — ela fez uma pausa, olhando para baixo, para suas unhas poeirentas

— mas ainda tenho medo do que iremos encontrar nesse voo.

— Não deixarei Sophia chegar perto de você.

— Não é pelo que ela possa fazer comigo, Daniel. É o que ela já pode ter feito às pessoas com quem me importo. Aquela ponte, toda aquela poeira...

— Espero tanto quanto você que Cam e Gabbe e Molly não estejam feridos. —

Suas asas bateram uma vez, grandiosas, e Luce sentiu seu corpo subir acima de uma nuvem de chuva inchada. — Mas anjos podem morrer, Lucinda.

— Sei disso, Daniel.

— Claro que sim. E sabe o quanto isso é perigoso. Cada anjo que se junta a nossa luta de impedir Lúcifer também sabe disso. Ao se juntar a nós, eles reconhecem que nossa missão é mais importante do que a alma de um único anjo.

Luce fechou os olhos. *A alma de um único anjo.*

Aí estava, de novo, a ideia que tinha primeiramente ouvido Arriane dizer na IHOP

de Vegas. Um anjo poderoso que inclinasse a balança. Uma decisão para determinar o final de uma luta que durou milênios.

Quando ela abriu os olhos, a lua estava banhada em uma luz branca e suave, sobrepondo-se acima da paisagem escura.

— As forças do Céu e do Inferno — começou ela — elas realmente estão equilibradas nesse instante? — Daniel ficou em silêncio.

Ela sentiu o peito dele se levantar contra o dela, e então abaixar. As asas dele bateram um pouco mais depressa, mas ele não respondeu.

— Você sabe? — Luce continuou a pressionar. — O mesmo número de demônios de um lado e o mesmo número de anjos do outro?

Um vento a chicoteou.

Por fim, Daniel disse:

— Sim, apesar de não ser tão simples. Não é questão de mil aqui contra mil ali.

Jogadores diferentes contam mais que outros. Os Párias não tem peso algum. Você ouviu Phil lamentar isso. A Balança é quase insignificante (apesar de você não perceber isso, pelo modo como propagandeiam sobre a importância deles). — Ele fez uma pausa.

— Um dos Arcanjos? Valem uma centena de anjos sem importância.

— Ainda é verdade que existe um anjo importante que ainda tem que escolher um lado?

Uma pausa.

— Sim, ainda é verdade.

Ela já havia implorado uma vez que ele escolhesse, no telhado da *Shoreline*. Eles estavam no meio de uma discussão e a hora não tinha sido adequada. Mas a ligação

entre eles estava mais forte agora. Certamente, se ele soubesse quanto ela o apoiava, que ela ficaria do lado dele e o amaria apesar de tudo, isso o ajudaria a finalmente tomar sua decisão.

— E se você simplesmente fosse em frente e... escolhesse?

— Não...

— Mas, Daniel, você pode impedir isso! Você pode desequilibrar a balança, e mais ninguém precisaria morrer e...

— Eu quis dizer que não, não é tão fácil assim. — Ela o ouviu suspirar e soube, mesmo sem olhar, o tom preciso em que os olhos deles estavam brilhando agora: um violeta profundo, selvagem e lupino. — Não é mais tão fácil — repetiu.

— Por que não?

— Porque este presente não importa mais. Estamos em um bolsão de tempo que pode deixar de existir. Então escolher agora não significaria nada, não até que o defeito dos nove dias seja consertado. Ainda temos que impedi-lo. Ou Lúcifer consegue o que quer e apaga os últimos cinco ou seis milênios e todos recomeçamos...

— Ou nós temos sucesso — disse Luce automaticamente.

— Se isso acontecer — falou Daniel — iremos reexaminar como os postos se alinham.

A seis metros abaixo, Arriane voava lentamente, como num transe, dando voltas dentro de voltas como se estivesse passando o tempo. Annabelle voou em um dos bolsões de água que os anjos geralmente evitavam. Ela saiu do outro lado com as asas úmidas e o cabelo rosa grudado na lateral do rosto, nem parecendo notar. Roland estava em algum lugar atrás deles, provavelmente envolvido profundamente com

seus próprios pensamentos enquanto carregava Dee nos braços. Todos pareciam desgastados, distraídos.

— Mas *quando* vencermos, você não poderia...

— Escolher o Céu? — disse Daniel. — Não. Tomei minha decisão há muito tempo, quase no Começo.

— Mas achei que...

— Escolhi você, Lucinda.

Luce assentou sua mão sobre a de Daniel enquanto o mar escuro como alcatrão abaixo acabava em uma trilha de deserto.

A paisagem estava bem abaixo, mas a fazia se lembrar do terreno ao redor do Monte Sinai: penhascos rochosos interrompidos pelo matagal de árvores recorrentes.

Ela não entendia por que Daniel tinha que escolher entre o Céu e o amor.

Tudo que ela sempre quis foi o amor dele... mas a que preço? Seria o amor deles digno do apagamento do mundo e de todas as suas histórias? Será que Daniel podia ter prevenido esta ameaça se houvesse escolhido o Céu tempos atrás?

E ele teria retornado para lá, onde pertencia, se seu amor por Luce não o tivesse feito se desviar do caminho?

Como se estivesse lendo sua mente, Daniel falou:

— Depositamos nossa fé no amor.

Roland os alcançou. Suas asas viraram em um ângulo e seu corpo girou para encarar Daniel e Luce. Em seus braços, o cabelo ruivo de Dee voava e suas bochechas encandeciam. Ela gesticulou para que os dois se aproximassem. As asas de Daniel bateram uma vez, graciosas, e correram diretamente pela nuvem, pairando ao lado de Roland e Dee. Roland assobiou e Arriane e Annabelle olharam para trás, fechando um círculo iridescente no céu escuro.

— São quase quatro da manhã em Jerusalém — disse Dee. — Isso quer dizer que podemos esperar que a maior parte dos mortais esteja dormindo ou de algum outro modo fora do nosso caminho por talvez mais uma hora. Se Sophia estiver com seus amigos, ela provavelmente

está planejando... bem, deveríamos nos apressar, queridos.

— Sabe onde eles vão estar? — perguntou Daniel.

Dee pensou por um instante.

— Antes que eu desertasse o grupo dos Anciãos, o plano sempre era se reunir na Basílica do Santo Sepulcro. Ela foi construída na declina de Gólgota, no Bairro Cristão da Cidade Antiga.

O grupo deslizou na direção do chão santificado. Formavam uma coluna de asas cintilantes. O céu aberto estava azul-marinho, salpicado com estrelas, e pedras brancas de construções distantes e abaixo brilhavam de um azul ácido e assustador.

Apesar de o terreno parecer naturalmente seco e poeirento, a terra era ornada com palmeiras espessas e bosques de azeitonas.

Eles desceram no cemitério mais amplo que Luce já havia visto, construído em um declínio gradual de frente à Cidade Antiga de Jerusalém.

A cidade, em si, estava escura e sonolenta, banhada pela luz do luar e cercada por uma separação alta de pedra. A formidável mesquita da Cúpula da Rocha encontrava-se bem no alto de uma colina, sua cúpula dourada brilhando mesmo na escuridão. Estava distante do resto da cidade apertada, com longos lances de escadas de pedra e portões altos em cada entrada.

Além das paredes velhas, alguns arranha-céus modernos cortavam o horizonte distante, mas, dentro da Cidade Antiga, as estruturas eram muito mais velhas e menores, esculpindo um labirinto de estreitos becos pavimentados que eram melhores percorridos a pé.

Eles pousaram na barreira de um portão alto que marcava a entrada da cidade.

— Este é o Novo Portão — explicou Dee. — É a entrada mais próxima do Bairro Cristão, onde a igreja está.

Quando estavam enfileirados nas escadas gastas do alto do portão, os anjos haviam retraídos as asas nos ombros. A rua pavimentada se estreitava enquanto Dee brandia uma pequena lanterna vermelha de plástico e os liderava na direção da igreja.

Na maior parte das fachadas de pedra haviam encaixado portas de

metal que deslizavam para cima e para baixo, como a porta na garagem dos pais de Luce. As portas estavam todas fechadas agora, trancadas para a rua por onde Luce caminhava do lado de Daniel, segurando sua mão e esperando o melhor.

Quando mais se embrenhavam na cidade, mais construções pareciam esmagá-los

de ambos os lados. Eles passaram sob as tendas listradas dos mercados árabes, sob compridos arcos de pedra e corredores turvos. O ar tinha cheiro de carneiro assado, depois de incenso, e por fim de sabão em pó. Vinhas de azaleia escalavam as paredes, procurando água.

A vizinhança estava toda em silêncio, exceto pelos passos dos anjos e por um coioote que uivava nas colinas. Eles passaram por uma lavanderia fechada, com sua placa em árabe, e depois por uma floricultura com adesivos em hebraico colados por todas as janelas.

Em todo lugar que Luce olhava, caminhos estreitos se dividiam na rua: por um portão aberto de madeira aqui, um lance curto de escadas acima. Dee parecia contar as portas pelas quais eles passavam, sacudindo o dedo enquanto andavam.

Em um dado momento, ela estalou os dedos, abaixou-se sob um arco de madeira desgastada, virou em uma esquina, e desapareceu. Luce e os anjos olharam rapidamente uns para os outros e então a seguiram: desceram diversos degraus, deram a volta em um canto úmido e escuro, subiram alguns degraus, e, de repente, estavam no telhado de outro prédio, olhando para baixo para outra rua apertada.

— Ali está. — Dee assentiu sombriamente.

A igreja elevava-se sobre tudo a seu redor. Sua construção era feita de pedras claras e lisas, e tinha pelo menos cinco andares, mais alta nos seus dois campanários estreitos. Em seu centro, uma cúpula enorme azul parecia um cobertor do céu da meia-noite enrolado ao redor de uma pedra. Tijolos enormes formavam largos arcos ao longo da fachada, marcando os lugares de sólidas portas de madeira no primeiro andar e vitrais arqueados acima. Uma escada estava pousada contra um peitoril de tijolos do lado de fora da janela do terceiro andar, não alcançando lugar algum.

Porções da fachada da igreja estavam se desfazendo e ficando pretos com o tempo, enquanto outros pareciam terem sido restaurados recentemente.

Dos dois lados, dois longos braços de pedra se ramificavam à frente da igreja, formando uma fronteira ao redor da praça reta pavimentada.

Logo atrás da igreja, uma minarete alta e branca cutucava o céu.

— Uau — Luce se ouviu dizendo à medida que ela e os anjos desciam outro surpreendente lance de escadas e entravam na praça.

Os anjos se aproximaram das pesadas portas duplas que se elevavam acima deles com pelo menos doze metros de altura. Eram pintadas de verde e ladeadas por três pilares planos de pedra dos dois lados. Os olhos de Luce atraíram-se para o friso ornamentado entre as portas e os arcos acima deles... e, acima disso, para a cruz dourada resplandecente que pontuava o céu. A construção era tão silenciosa, sombria, viva com eletricidade espiritual.

— Entremos, pois — disse Dee.

— Não podemos entrar aí — disse Roland, afastando-se da igreja.

— Ah, sim — falou Dee — o negócio de incêndio. Açam que não podem entrar porque é um santuário de Deus...

— É o santuário de Deus — falou Roland. — Não quero ser eu quem vai destruir

esse lugar.

— Só que não é um santuário de Deus — falou Dee, simples. — Bem pelo contrário. Este é o lugar onde Jesus sofreu e morreu. Portanto, se perguntarem ao Trono, isso nunca foi um santuário, e esta é a única opinião que realmente importa. Um santuário é um lugar seguro, um refúgio do mal. Mortais adentram estas paredes para rezar, em seu modo infinitamente mórbido, mas, em relação a sua maldição, vocês não serão afetados. — Dee fez uma pausa. — O que é bom, porque Sophia e seus amigos estão aí dentro.

— Como sabe? — perguntou Luce.

Ela escutou passos na parede lado leste do jardim. Dee apertou os olhos para ver a rua estreita.

Daniel agarrou a cintura de Luce tão rapidamente que ela caiu sobre ele. Virando a esquina abaixo de uma placa de rua onde se lia VIA DOLOROSA, duas freiras idosas deslocavam-se, carregando uma enorme cruz de madeira. Usavam hábitos simples azuis-marinhos,

pesadas e frágeis sandálias, e rosários de contas ao redor do pescoço.

Luce relaxou ao ver as idosas crentes, cuja média de idade parecia ser 85 anos. Ela começou a ir em direção das mulheres, obedecendo ao instinto de ajudar pessoas mais velhas a carregarem fardos pesados, mas o aperto de Daniel na cintura de Luce não relaxou à medida que as freiras se aproximavam das grandes portas da igreja com uma lentidão excruciante. Parecia impossível as freiras não terem visto o grupo de anjos a seis metros de distância (eram as únicas outras almas na praça), mas as irmãs, lutando com sua carga, nem ao menos olharam de relance na direção dos anjos.

— É um pouco cedo para que as Irmãs da Via Crúcis estejam acordadas, não é? —

Roland sussurrou para Daniel.

Dee ajustou sua saia e prendeu uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha.

— Esperava que não chegasse a esse ponto, mas simplesmente teremos que matá-las.

— O quê? — Luce espiou uma das mulheres debilitadas e desgastadas do sol. —

Quer matar aquelas freiras?

Dee franziu a testa.

— Não são freiras, querida. São Anciãos e devemos nos livrar deles, ou eles se livrarão de nós.

— Me sinto livre em dizer que parece que já se livraram delas.

Arriane deslocou o peso de um lado para o outro.

— Aparentemente, Jerusalém recicla.

Talvez a voz de Arriane tenha encontrado as freiras e as assustado, ou talvez elas estivessem esperando chegar precisamente no lugar certo, mas, naquele instante, quando alcançaram as portas da igreja, elas pararam e se viraram, de modo que a viga comprida de sua cruz apontava para a praça, na direção dos anjos, como um canhão.

— O tempo está se esgotando, anjos — falou Dee por lábios cerrados.

A freira de olhos de pedra mostrou aos anjos as gengivas cobertas de nervos e mexeu em algo na base da viga.

Daniel empurrou a bolsa de couro nas mãos de Luce, e então colocou a garota atrás de Dee. A mulher mais velha não cobria totalmente Luce (o alto de sua cabeça chegava só até o queixo de Luce), mas Luce captou a ideia e se abaixou. Os anjos soltaram as asas com uma velocidade brutal e se jogaram para ambos os lados; Arriane e Annabelle dando uma guinada para a esquerda, Roland e Daniel mergulhando à direita.

A cruz gigante não era um fardo penitencial de peregrinos. Era uma besta enorme, cheia de setas estelares, com o objetivo de matar todos aqui.

Não houve tempo para que Luce registrasse isso. Uma das freiras soltou o primeiro tiro; ela chiou no ar, na direção da cabeça de Luce. A seta prateada ficou maior na visão de Luce à medida que rodopiava no ar, se aproximando.

Então Dee pulou.

A minúscula mulher alargou os braços, amplamente abertos. A ponta chata da seta colidiu com o centro de seu peito.

Dee grunhiu enquanto a seta (inofensiva a mortais, disso Luce sabia) foi retirada de seu corpo e caía no chão, deixando a transeterna dolorida, mas ilesa.

— Presidia, sua tola — Dee gritou para a freira, arrastando a seta para trás com seu salto alto. Luce inclinou-se para baixo a fim de pegá-la e a colocou dentro da bolsa de couro. — Sabe que não vai me machucar! E agora deixou meus amigos bravos. —

Elas gesticulou amplamente para os anjos, que se propeliavam à frente para desarmar as Anciãs fantasiadas.

— Abaixo-se, desertora! — retrucou Presidia. — Exigimos a menina! Entregue-a e iremos... — Mas Presidia nunca conseguiu terminar. Arriane estava nas costas da Anciã rapidamente, retirando o hábito de sua cabeça, pegando seu cabelo branco em cada uma das mãos angelicais.

— Já que respeito os Anciãos — sibilou Arriane pela mandíbula cerrada — sinto que devo impedi-los de passarem vergonha. — Então ela levantou do chão, ainda segurando Presidia pelo cabelo. A Anciã

chutou o ar, como se estivesse pedalando uma bicicleta invisível. Arriane rodopiou e bateu o corpo da velha em uma cornija na fachada da igreja com tanta força que deixou um entalhe quando ela caiu, amontoada e retorcida, as mãos e pernas saindo em ângulos pavorosos.

A outra Anciã disfarçada tinha derrubado o canhão-cruz e tentava escapar, correndo arduamente até a ruela no canto oposto ao da praça. Annabelle pegou a cruz e transformou-se em uma arremessadora de dardos, recuando como uma espiral apertada e então correndo para soltar o pesado T de madeira.

A cruz arqueou pelo ar e acertou a Anciã fujona em sua coluna curvada. Ela caiu para frente e entrou em convulsão, empalada pela réplica de um instrumento antigo de execução.

O jardim ficou em silêncio. Instintivamente, todos se viraram para olhar Luce.

— Ela está bem — avisou Dee, levantando a mão de Luce no ar como se as duas tivessem acabado de ganhar uma corrida de revezamento.

— Daniel! — Luce apontou para um relampejo de branco que desaparecia nas

costas de Daniel, entrando na igreja. Enquanto as portas duplas fechavam vagarosamente, puderam ouvir um monge velho, que eles não haviam notado, subindo as escadarias adentro.

— Sigam-no — gritou Dee, pisando sobre o cadáver destroçado de Presidia.

Luce e Dee correram para alcançar os outros. Quando entraram na igreja, ela estava escura e silenciosa. Roland apontou na direção de um lance de degraus de pedra, no canto. Eles se abriam em um pequeno arco de pedra, que levava a uma escadaria maior. O espaço era apertado demais para que os anjos abrissem as asas, então caminharam para cima, degrau por degrau, o mais rápido que conseguiam.

— O Ancião irá nos levar até Sophia — sussurrou Daniel enquanto se abaixavam sob um arco de pedra e passavam para uma escadaria obscura. — Se ela tiver os outros... se tiver a relíquia...

Dee pousou uma mão firme no braço de Daniel.

— Ela não deve perceber a presença de Luce. Você deve impedir que o Ancião chegue até Sophia.

Os olhos de Daniel voltaram para Luce, e então para Roland, que assentiu rapidamente, correndo como um foguete pela escada, como se já tivesse percorrido antigas fortalezas de pedra.

Nem dois minutos depois ele os esperava no alto da escadaria apertada. O Ancião estava morto no chão, os lábios azuis, os olhos opacos e úmidos. Atrás de Roland, uma entrada aberta se curvava radicalmente à esquerda. Alguém naquele andar cantava algo parecido com um hino.

Luce estremeceu.

Daniel gesticulou para que ficassem para trás, e então espiou além da beira da escada curva. De onde estava, prensada contra uma parede de pedra, Luce conseguia ver uma pequena porção da capela além do patamar. As paredes eram pintadas com afrescos elaborados e iluminadas por dúzias de pequenos lampiões de latão suspensos de um teto abobado por correntes de contas. Havia um pequeno cômodo com um mosaico da crucificação cobrindo toda a parede a oeste. Depois disso, encontrava-se uma fileira de colunas abobadas altamente decoradas e com vários metros de largura, cortando uma segunda capela, maior, que era mais difícil de se ver daqui. Entre as duas capelas, um santuário amplo e dourado para Maria estava coberto de buquês de flores e velas sacramentais queimadas até a metade.

Daniel inclinou a cabeça. Um relampejo vermelho passou zunindo por uma das colunas.

Uma mulher com um longo manto escarlate.

Ela se curvava sobre um altar feito de uma grande lousa de mármore e adornado com um lençol branco e rendado. Algo estava deitado no altar, mas Luce não conseguia ver o que era.

A mulher era frágil, porém atraente, com cabelo cinza curto, em um corte chanel da moda. Seu manto estava preso na cintura por um cinto colorido traçado. Ela iluminava uma vela na frente do altar. As mangas fluídas de seu manto escorregavam

por seus braços enquanto ela genuflectia, expondo pulsos adornados com pilhas e pilhas de braceletes de pérola.

Srta. Sophia.

Luce empurrou Daniel para subir mais um degrau, desesperada por uma visão melhor. As colunas largas obstruíam a maior parte da capela, mas quando Daniel auxiliou-a a subir um pouquinho mais nas escadas, ela conseguiu ver mais. Não havia um, mas sim três altares no cômodo, não uma, mas três mulheres de manto escarlate acendendo, como um ritual, velas ao redor delas. Luce não reconheceu duas delas.

Sophia parecia mais velha, mais cansada do que parecera por trás de sua mesa de bibliotecária. Luce se perguntou brevemente se era porque ela tinha deixado de ficar cercada por adolescentes para fugir com seres que não eram adolescentes há muitas centenas de anos. Naquela noite, o rosto de Sophia estava pintado, seus lábios parecendo sangue. O manto que usava era poeirento e escuro, com círculos de suor.

Tinha sido dela a voz que cantava. Quando ela recomeçou, em uma voz que parecia ser latim, mas não era, todo o corpo de Luce se apertou. Ela se lembrava disso.

Fora este o ritual que a Srta. Sophia havia feito em Luce na última noite em que frequentara a *Sword & Cross*.

A Srta. Sophia estivera prestes a assassiná-la quando Daniel entrou quebrando o teto.

— Passe-me a corda, Vivina — disse a Srta. Sophia. Estavam tão concentradas em seu ritual sombrio que não sentiram os anjos se aproximando pela escada do lado de fora da capela. — Gabrielle parece um pouco confortável demais. Gostaria de confinar a garganta dela.

Gabbe.

— Não tem mais — disse Vivina. — Tive que amarrar duas vezes o Cambriel aqui.

Ele estava se contorcendo. Aah, ainda está.

— Ai meu Deus — sussurrou Luce. Cam e Gabbe estavam aqui. Ela então presumiu que a presença de uma terceira mulher de manto significava que Molly também estava ali.

— Deus não tem nada a ver com isso — disse Dee baixinho. — E Sophia é louca demais para saber disso.

— Por que os anjos caídos estão tão quietos? — sussurrou Luce. — Por que não resistem?

— Eles não devem ter percebido que este lugar não é um santuário de Deus —

falou Daniel. — Devem estar em choque, eu sei que eu estaria, e Sophia deve estar usando isso como vantagem. Ela sabe que eles se preocupam que qualquer coisa que façam ou digam pode fazer a igreja romper em chamas.

— Sei como eles se sentem — sussurrou Luce. — Temos que impedi-la. — Ela começou a andar na direção da porta, encorajada pela lembrança recente das Anciãs que eles haviam destruído do lado de fora, pelo poder dos anjos atrás de si, pelo amor de Daniel, pelo conhecimento das duas relíquias que eles já haviam descoberto. Mas uma mão agarrou seu ombro, puxando-a de volta para o corredor.

— Todos vocês, fiquem aqui — sussurrou Dee, olhando cada um dos anjos nos olhos para se assegurar de que haviam entendido. — Se virem vocês, saberão que Luce está aqui. Esperem aqui. — Ela apontou para as colunas, grossas o bastante para que três anjos se escondessem atrás. — Sei lidar com a minha irmã.

Sem outra palavra, Dee marchou até a capela, seus saltos batendo no chão preto e branco de azulejo.

— Eu diria que você tem mais que o suficiente de corda, Sophia — falou Dee.

— Quem está aí? — ganiu Vivina, assustada no meio de sua genuflexão.

Dee cruzou os braços sobre o peito enquanto andava em volta dos altares, cacarejando para mostrar, zombeteiramente, sua desaprovação pelo trabalho das Anciãs.

— Que vestimentas mais ordinárias. Bem coisa da Sophia fazer o seu segundo melhor em um sacrifício com implicações cósmicas e eternas.

Luce estava desesperada para estudar a reação da Srta. Sophia, mas Daniel a segurou. Ouviu-se um som de raspão, uma arfada melodramática, e uma risada cruel e suave.

— Ah, sim — disse a Srta. Sophia. — A vagabunda da minha irmã retornou, bem a tempo de testemunhar minha hora do estrelato. Isso

excederá seu recital de piano superestimado.

— Você é realmente muito burra.

— Por que não tenho a marca de corda recomendada? — bufou Sophia.

— Esquece a corda, sua tonta — disse Dee. — Você é burra em mais de uma dúzia de jeitos, inclusive em achar que vai se safar com essa.

— Não seja condescendente com ela! — sibilou a terceira Anciã.

— Não há, de verdade, outro modo de falar com ela — Dee replicou instantaneamente.

— Obrigada, Lyrica, mas eu consigo lidar com Paulina — disse Sophia sem nem mesmo desviar o olhar de Dee. — Ou como você pede pras pessoas te chamarem agora?

Pee{3}?

— Sabe muito bem que é Dee. Você apenas gostaria de saber por quê.

— Ah, sim, *Dee*. Graaaaaaande diferença. Bem, vamos aproveitar a nossa breve reunião o melhor possível.

— Solte-os, Sophia.

— Soltá-los? — cacarejou Sophia. — Mas eu os quero mortos. — Sua voz subiu e Luce imaginou as mãos dela arrastando-se sobre os anjos presos nos altares. — Acima de tudo, eu quero *ela* morta!

Luce não conseguiu nem mesmo arfar. Ela sabia de quem a bibliotecária estava falando.

— Isso não vai impedir Lúcifer de apagar a sua existência. — A voz de Dee soava quase triste.

— Bem, você sabe o que o papai sempre costumava dizer: “Vamos todos para o inferno mesmo.” Podemos ao menos tentar conseguir o que queremos enquanto

estamos na Terra. Onde ela está, Dee? — cuspiu Sophia. — Onde está aquela criança chorona da Lucinda?

— Eu não sei. — A voz de Dee era lisa. — Mas vim para impedi-la de descobrir. —

Agora Daniel e Luce se apertavam mais perto da entrada da primeira capela.

— Eu te odeio! — gritou Sophia, saltando em cima de Dee. Roland se virou para olhar Daniel, perguntando com os olhos se deveria intervir. Daniel parecia ter confiança nas habilidades da *desiderata*. Ele balançou a cabeça uma vez.

As Anciãs assistentes de Sophia observaram de seus altares as duas irmãs rolares pelo chão, saindo e depois entrando no campo de visão de Luce. Dee no topo, depois Sophia, depois Dee em cima de novo.

As mãos de Dee encontraram o pescoço de Sophia e o apertaram. O rosto da antiga bibliotecária da *Sword & Cross* brilhava, vermelho, à medida que suas mãos batiam contra o peito de Dee e ela lutava para sobreviver.

Lentamente, Sophia levantou seu joelho até que ele estivesse pressionado profundamente contra a barriga de sua irmã, a fim de empurrá-la para trás. Os braços de Dee estavam completamente esticados, enquanto ela forçava-se para continuar apertando o pescoço de Sophia. Ela olhou para baixo para o rosto contorcido de raiva de sua irmã, seus olhos pegando fogo de ódio.

— Seu coração enegreceu, Sophia — falou Dee, sua voz suave e nostálgica. — Foi como se uma luz tivesse sido apagada. Ninguém conseguia ligar de volta. Só podíamos tentar impedi-la de nos atropelar na escuridão.

Então ela soltou Sophia, permitindo que ela tragasse, em pânico, uma quantidade enorme de ar nos pulmões.

— Você me traiu — arfou Sophia enquanto Dee pegava com as mãos o colarinho de sua irmã, fechava os olhos, e se deslocava a fim de bater violentamente o crânio de Sophia contra os azulejos do chão de mosaico.

Mas, ao invés disso, ouviu-se um berro longo quando Dee foi lançada no ar. Sophia havia chutado-a com uma força que Luce havia esquecido pertencer à velha mulher. Ela saltou de pé. Suava e seu rosto estava vermelho, seu cabelo branco e selvagem, enquanto corria onde Dee estava repousando, a alguns metros. Luce ficou na ponta dos pés e recuou quando viu que os olhos de Dee estavam fechados.

— Rá! — Sophia voltou aos altares e pegou algo debaixo daquele onde Cam estava preso. Ela puxou um estojo cheio de setas estelares.

De volta à alcova, Roland olhou novamente para Daniel.

Desta vez Daniel assentiu.

Em um instante, Arriane, Annabelle e Roland voaram de seus esconderijos para a sala. Roland foi em direção a Srta. Sophia, mas, no último segundo, ela desviou e primorosamente o evitou. As asas dele bateram no rosto dela, mas ela escapou do agarro dele.

Ao verem asas de anjos, as duas outras Anciãs se acovardaram, encolhendo de pânico e medo. Annabelle as segurou enquanto Arriane abriu um canivete suíço que estava em seu bolso (o rosa, o mesmo que Luce havia usado para cortar o cabelo da



garota há meses) e serrou as cordas que prendiam Gabbe no altar.

— Pare ou irei matá-lo! — Sophia gritou para os anjos enquanto ela retirava um punhado de setas e pulava em cima de Cam.

Escarranchando-o, ela ergueu as lanças prateadas acima da cabeça dele. Seu cabelo estava emaranhado e oleoso. Suas mãos, pálidas e trêmulas. A Srta. Sophia estudou esses detalhes com um sorrisinho.

— Eu amo tanto ver um anjo *morrer*. — Cacarejou, segurando as setas estelares no alto. — E matarei um tão arrogante. — Ela voltou a olhar Cam. — A morte dele será algo lindo de se contemplar.

— Vá em frente. — A voz de Cam saiu pela primeira vez, baixa e plana. Luce quase gritou quando o ouviu murmurar: — Nunca pedi um final feliz. — Luce havia assistido Sophia matar Penn com suas próprias mãos e sem remorso algum. Isso não voltaria a acontecer.

— *Não!* — gritou Luce, lutando para se livrar do aperto de Daniel e arrastando-o com ela para dentro da capela.

A Srta. Sophia, lentamente, girou seu corpo na direção de Luce e Daniel, apertando seu punhado de setas. Seus olhos brilharam, prateados, e seus finos lábios se curvaram em um sorriso fantasmagórico à medida que Luce mandava Daniel à frente, tentando sair de seu aperto implacável.

— Temos que impedi-la, Daniel!

— Não, Luce, é perigoso demais.

— Ah, aí está você, querida. — A Srta. Sophia sorriu radiantemente.
— E Daniel Grigori! Que bom. Estive esperando vocês. — Então ela piscou e jogou as setas estelares acima de sua cabeça em um amontoado denso, bem na direção de Daniel e Luce.



DOZE

ÁGUA PROFANA

Tudo aconteceu em uma fração de segundo:

Roland atracou-se com a Srta. Sophia e a derrubou no chão. Porém, fez isso um milésimo atrasado.

Cinco setas estelares percorreram silenciosamente o espaço vazio da capela. O

grupo se separou no meio do voo, e as setas pareceram suspensas no ar por um instante durante a trajetória em direção a Luce e Daniel.

Daniel.

Luce se atirou para trás, para pressionar o próprio corpo de encontro ao peito de Daniel. Ele teve o instinto oposto: seus braços empurraram Luce com força para o chão.

Dois grandes pares de asas cruzaram o espaço em frente a Luce, vindo com ímpeto da esquerda e da direita. Um dos pares era de um tom de ouro vermelho, o outro era de um prateado puro, quase branco. Elas encheram o ar diante de Luce e Daniel, como enormes telas de penas — e depois sumiram num piscar de olhos.

Algo zuniu na orelha esquerda de Luce. Ela se virou e viu uma única seta estelar ricochetear contra a parede acinzentada de pedras e cair no chão. As demais setas haviam sumido.

Uma poeira fina e iridescente começou a baixar ao redor de Luce.

Piscando em meio à poeira, Luce começou a examinar o aposento:

Daniel estava agachado ao lado dela. Dee, agora recobrada, estava em cima da Srta. Sophia, que se debatia. Annabelle estava de pé diante das outras duas Anciãs, que jaziam sem vida no chão. Arriane, segurando pedaços de corda solta numa das mãos e o canivete suíço na outra, ambas trêmulas. Cam, ainda preso ao altar, perplexo.

Gabbe e Molly, que haviam acabado de ser libertadas de seus altares por Arriane...

Desapareceram.

E os corpos de Luce e Daniel estavam cobertos por uma fina camada de poeira.

Não.

— Gabbe... Molly... — Luce ficou de joelhos. Estendeu as mãos, examinando-as como se nunca as tivesse visto. A luz das velas iluminava os rostos de ambas, dando à poeira uma coloração dourada, depois prateada, enquanto Luce virava as mãos para observar suas palmas. — Não, não, não, não, não, não.

Olhou para trás, mirando bem dentro dos olhos de Daniel. O rosto dele estava empoeirado, os olhos com um brilho violeta tão denso que era difícil permanecer olhando para eles.

O que se tornou ainda mais difícil quando a visão de Luce ficou embaçada pelas lágrimas.

— Por que elas...?

Por um momento, tudo permaneceu quieto.

Então o rugido de um animal preencheu o ambiente.

Cam esforçou-se para libertar a perna direita das cordas que o prendiam, machucando o tornozelo no processo. Debateu-se para libertar os pulsos, urrou enquanto libertava a mão direita das amarras, rasgando a asa que estava presa na coluna de ferro, e deslocando o ombro. O braço dele oscilava de forma terrível, frouxo, como se tivesse sido quase rasgado para fora do corpo. Mancou do altar em direção a Sophia, empurrando Dee para o lado. A força daquele movimento arremessou os três ao chão. Cam caiu em cima de Sophia, fazendo pressão em um dos lados do corpo dela, tentando esmagá-la sob seu peso. Ela soltou um grunhido abafado, levando os braços sem força para diante do rosto enquanto as mãos de Cam buscavam o

pescoço dela.

— Estrangular é a maneira mais íntima de se matar alguém — disse Cam, como se estivesse dando aula de Introdução à Violência. — Agora vamos ver a beleza de sua morte.

Mas a luta da Srta. Sophia foi bem feia. Ela grunhiu e engasgou em busca de ar. Os dedos de Cam apertaram mais ainda, e bateu a cabeça dela contra o chão repetidas vezes. Começou a sair sangue da boca da mulher, mais escuro que seu batom.

As mãos de Daniel tocaram o queixo de Luce, virando o rosto dela para fitar o dele. Segurou-a pelos ombros. Olharam no fundo dos olhos um do outro, procurando uma forma de ignorar os últimos grunhidos de Sophia.

— Gabbe e Molly sabiam o que estavam fazendo — sussurrou Daniel.

— Sabiam que iriam morrer? — disse Luce.

Atrás deles, Sophia choramingou, soando quase como se tivesse aceitado que aquela seria a maneira como iria morrer.

— Sabiam que impedir Lúcifer é mais importante que a vida isolada de cada um

— disse Daniel. — Mais que qualquer outra coisa que aconteceu, deixe que isso a convença do quanto a nossa tarefa aqui é urgente.

O silêncio ao redor deles era grande agora. Não se ouvia mais a tosse engasgada da Srta. Sophia. Luce não precisou olhar para saber o que aquilo significava.

Um braço envolveu-lhe a cintura. Um tufo de cabelos negros pousou sobre seus ombros.

— Venham — disse Arriane. — Vamos limpar vocês dois.

Daniel entregou Luce a Arriane e Annabelle.

— Vão em frente vocês, garotas.

Luce seguiu os anjos, entorpecida. Elas guiaram Luce até a parte de trás da capela, abrindo diversos armários até encontrarem o que estavam procurando: uma pequena porta laqueada de preto que dava para um aposento circular e sem janelas.

Annabelle acendeu o candelabro que jazia numa mesa próxima à porta, então acendeu outro numa alcova de pedra. O quarto de tijolos vermelhos era do tamanho de uma despensa grande e não tinha móveis, a não ser por uma banheira batismal suspensa. O interior da banheira era feito de mosaicos verdes e azuis; o exterior, de

mármore entalhado com um friso mostrando anjos descendo à Terra.

Luce sentia-se infeliz e morta por dentro. Até mesmo a banheira batismal parecia zombar dela. Ali estava ela – a garota cuja alma amaldiçoada era importante de alguma forma, disponível para qualquer um porque não havia sido batizada quando criança –, prestes a lavar a poeira de dois anjos mortos. Será que salvar Luce e Daniel tinha valido suas almas? Como? Esse “batismo” partiu um pouco mais o coração já despedaçado de Luce.

— Não se preocupe — disse Arriane, lendo a mente da amiga. — Isso não irá contar.

Annabelle encontrou uma pia no canto do quarto, atrás da fonte batismal. Jogou um balde atrás do outro de água fumegante dentro da banheira. Arriane permaneceu ao lado de Luce, sem olhar para ela, apenas segurando-lhe a mão. Quando a banheira estava cheia e refletindo um azul esverdeado por causa do mosaico, Annabelle e Arriane içaram Luce acima da superfície da água. Ela ainda vestia a calça jeans e o suéter. Os anjos não haviam pensado em despi-la, mas então perceberam suas botas.

— Ops! — disse Annabelle suavemente, abrindo o zíper de uma bota de cada vez e colocando-as de lado. Arriane tirou o colar prateado do pescoço de Luce e o pôs dentro de uma das botas. As asas tremulavam enquanto saíam do chão para pousar Luce dentro da água morna.

Luce fechou os olhos, mergulhou na banheira e permaneceu embaixo d'água durante alguns instantes. Se chorasse, não sentiria as lágrimas enquanto permanecesse submersa. Ela não queria senti-las. Era como se Penn tivesse morrido novamente, uma nova dor expondo outra mais antiga ainda fresca no peito de Luce. Depois do que pareceu um longo tempo, sentiu mãos deslizando por baixo de seus braços e puxando-a para cima. A superfície da água se tornara um filme de poeira cinza. Não tinha mais brilho.

Luce não tirou os olhos da água até que Annabelle começou a retirá-la o suéter pela cabeça. Ela sentiu o suéter sendo despido, seguido

pela camiseta que vestia por baixo. Annabelle se atrapalhou um pouco com o botão da calça. Há quantos dias estava usando aquela roupa? Era estranho se livrar dela – era como livrar-se de uma camada de pele e olhar para ela caída no chão.

Correu as mãos pelos cabelos molhados para afastá-los do rosto. Não tinha percebido o quanto estavam repugnantes. Então se sentou no banco na parte de trás da banheira, apoiou-se numa das bordas e começou a tremer. Annabelle colocou mais água quente, mas isso não fez com que os tremores de Luce cessassem.

— Se eu tivesse permanecido nas escadas, como Dee pediu...

— Então Cam estaria morto — disse Arriane. — Ou mais alguém. Sophia e seu clã iriam produzir poeira esta noite de um jeito ou de outro. Nós sabíamos disso quando viemos até aqui, mas você não — suspirou ela. — Por isso, sair das escadas e tentar salvar Cam foi muito corajoso, Luce.

— Mas *Gabbe*...

— Ela sabia o que estava fazendo.

— Foi o que Daniel disse. Mas por que iria se sacrificar para salvar...

— Porque apostou que você, Daniel e o restante de nós iríamos conseguir. —

Arriane descansou o queixo no braço, na borda da banheira. Colocou um dedo na água, espalhando a poeira na superfície. — Mas saber disto não torna as coisas mais fáceis.

Todos nós a amávamos muito.

— Ela não pode ter ido embora.

— Ela *se foi*. Desapareceu do mais elevado altar da Criação.

— O quê? — Não tinha sido isso que Luce havia tentado dizer. Ela quis dizer que *Gabbe* era sua amiga.

A testa de Arriane se enrugou.

— *Gabbe* era o Arcanjo de nível mais alto... Você não sabia? Sua alma valia... nem sei dizer quantas outras. Sua alma valia muito.

Luce jamais havia pensado antes na forma como seus amigos eram

classificados no Céu, mas agora pensou nas vezes em que Gabbe tomou conta dela, deu-lhe comida e a aconselhou. Havia sido a mãe celestial de Luce.

— E o que a morte dela significa?

— Há muito tempo, Lúcifer foi classificado como o mais importante — explicou Annabelle. Após uma pausa, olhou para Luce, registrando o choque da outra. — Ele estava logo ali, ao lado de todo o poder. Então se rebelou e Gabbe ocupou o lugar dele.

— Muito embora estar no patamar mais próximo ao Trono seja uma bênção mesclada — murmurou Arriane. — Pergunte ao seu velho amigo Bill.

Luce teve vontade de perguntar quem vinha em segundo lugar na classificação depois de Gabbe, mas algo a impediu. Talvez um dia tivesse sido Daniel, mas o lugar dele no Céu estava em risco porque continuava escolhendo Luce.

— E Molly? — perguntou Luce finalmente. — A morte dela... compensa a de Gabbe? Em termos do equilíbrio de forças entre o Céu e o Inferno? — Ela se sentiu insensível falando sobre os amigos como se fossem bens materiais... Mas também sabia que neste momento a resposta era muito importante.

— Molly também era importante, muito embora estivesse num nível mais baixo

— respondeu Annabelle. — Isso foi antes da Queda, é claro, quando ela ficou do lado do exército de Lúcifer. Sei que não devemos falar mal daqueles que viraram pó, mas Molly costumava me incomodar bastante. Toda aquela negatividade.

Lucy assentiu, sentindo-se culpada.

— Porém, algo havia mudado nela recentemente. Era como se tivesse despertado.

— Annabelle olhou para Luce. — Respondendo à sua pergunta, o equilíbrio entre o Céu e o Inferno ainda pode ser afetado. Apenas temos de ver como as coisas vão se desenrolar. Um monte de coisas que são importantes neste momento se tornarão irrelevantes se Lúcifer vencer.

Luce olhou em direção a Arriane, que havia desaparecido atrás da

porta e espirrara três vezes seguidas.

— Olá, queridas! — Quando reapareceu, ela trazia nas mãos uma toalha branca e um grande roupão de banho. — Terá de servir por agora. Encontraremos uma muda de

roupa para você antes de deixarmos Jerusalém.

Quando Luce não se moveu de dentro da banheira, Arriane estalou a língua como se estivesse tangendo um cavalo para fora do estábulo e estendeu a toalha para que Luce pisasse. Ela se levantou, sentindo-se como uma criança enquanto Arriane a envolvia com a toalha e começava a secá-la. A toalha era fina e áspera, mas o roupão era grosso e morno.

— Precisamos correr antes que a horda de turistas chegue — disse Arriane, recolhendo as botas de Luce.

Quando deixaram o quarto batismal e caminharam de volta à capela, o sol já havia nascido e lançava uma infinidade de cores através dos vitrais que retratavam a Ascensão.

Os corpos da Srta. Sophia e das outras duas Anciãs jaziam sob a janela, amarrados.

Quando as garotas cruzaram rumo à nave da capela principal, Cam, Roland e Daniel estavam sentados no altar central, conversando baixinho. Cam bebia o último refrigerante de seta estelar da bolsa de couro preta de Phil. Luce pôde *ver* uma casca se formando sobre o tornozelo ensanguentado de Cam, e então a casca começando a se desfazer. Ele bebeu o último gole e encaixou o ombro de volta com um estalo.

Os rapazes olharam para cima e encontraram Luce de pé entre Annabelle e Arriane. Os três pularam de cima do altar, mas Cam foi o primeiro a andar em direção a Luce.

Ela permaneceu imóvel enquanto ele se aproximava. O coração estava acelerado.

A pele dele parecia pálida, fazendo com que o verde de seus olhos lembrasse esmeraldas. Havia suor em seus cabelos e um pequeno arranhão próximo ao olho esquerdo. A ponta da asa tinha parado de sangrar e estava envolvida num tipo de bandagem.

Sorriu para ela. Pegou suas mãos. As mãos dele estavam mornas e

vivas e houve um momento em que Luce pensou que jamais o veria novamente, jamais veria aqueles olhos brilharem, nem aquelas asas douradas se abrirem, ou o modo como seu tom de voz se elevava quando contava uma piada sarcástica... E, embora ela amasse Daniel mais que qualquer outra coisa, mais do que jamais imaginara possível, Luce não podia suportar a ideia de perder Cam. Fora isso que a impulsionara para dentro da capela.

— Obrigado — disse ele.

Luce sentiu os próprios lábios tremerem e os olhos arderem. Antes que pudesse pensar no que estava fazendo, se jogou nos braços de Cam, sentindo as mãos dele abraçarem-na. Quando o queixo dele pousou no topo de sua cabeça, ela começou a chorar.

Ele a deixou chorar. Abraçou-a com força. Sussurrou:

— Você é tão corajosa.

Então os braços de Cam a soltaram e seu peito se afastou lentamente. Por um segundo, ela se sentiu exposta e com frio, mas então outro peito, outro par de braços substituíram os de Cam. E soube, sem precisar abrir os olhos, que era Daniel. Nenhum outro corpo no universo se ajustava tão perfeitamente ao dela.

— Importa-se se eu me intrometer? — perguntou ele baixinho.

— Daniel... — Ela fechou os punhos e o abraçou com força, querendo mandar a dor embora.

— Shhh. — Ele a manteve nos braços por um tempo que poderia ter sido horas, ninando-a levemente, balançando-a nas asas até que as lágrimas secassem e o peso no coração se levantasse, permitindo que respirasse sem fungar.

— Quando um anjo morre — perguntou ela, ainda abraçada a Daniel —, vai para o Céu?

— Não — respondeu ele. — Não há mais nada para um anjo após a morte.

— Como pode ser?

— O Trono jamais previu que algum anjo pudesse se rebelar, muito menos que o anjo caído Azazel passaria séculos numa caverna grega desenvolvendo uma arma capaz de matar anjos.

O peito dela tremeu novamente.

— Mas...

— Shhh — sussurrou ele. — A dor pode sufocá-la. É perigosa, é algo mais para você derrotar.

Ela inspirou profundamente e se afastou o bastante para poder ver o rosto dele.

Seus olhos pareciam inchados e exaustos, e a camisa de Daniel estava encharcada pelas lágrimas de Luce, como se o tivesse batizado com sua dor.

Além dos ombros de Daniel, descansando no altar onde Gabbe estivera amarrada, algo prateado brilhava. Era um cálice enorme, a circunferência como a de uma jarra de ponche, mas com formato alongado e feito de prata martelada.

— É isso?

Era essa a relíquia que custara a vida de seus amigos?

Cam caminhou em direção ao objeto e o apanhou.

— Nós o descobrimos na base da ponte Saint Bénézet imediatamente antes de os Anciãos nos capturarem — disse ele, balançando a cabeça. — Espero que essa cuspidreira valha todo o esforço.

— Onde está Dee? — Luce olhou em volta em busca da pessoa que provavelmente mais conheceria o significado da relíquia.

— Ela está lá embaixo — explicou Daniel. — A igreja abriu ao público há pouco tempo, por isso Dee desceu para construir uma pequena placa para ocultar os corpos das Anciãs. Neste momento está na base das escadas com um cartaz que diz que aquela ala está fechada para reforma.

— E funcionou? — perguntou Annabelle, impressionada.

— Ninguém tentou passar até o momento. Os turistas religiosos não são uns *hooligans* — zombou Cam. — Chutem as almofadas de oração!

— Como você pode fazer piadas num momento como este? — perguntou Luce.

— Como poderia não fazer? — retrucou Cam. — Preferiria que eu

estivesse chorando?

Uma pancada rápida soou na janela do outro lado da capela. Os anjos se

prepararam enquanto Cam se dirigiu para abrir a vidraça próxima ao vitral. Ele tensionou a mandíbula.

— Preparem as setas estelares!

— Cam, espere! — gritou Daniel. — Não atire.

Cam parou. Um segundo mais tarde, um garoto trajando um casaco cáqui escorregou pela janela aberta. Assim que ficou de pé, Phil levantou a cabeça raspada e fixou os olhos brancos mortos em Cam.

Cam rosnou.

— Você já era, Pária.

— Eles estão do nosso lado agora, Cam. — Daniel apontou para o sinal feito com a própria asa enfiado na lapela de Phil.

Cam engoliu, cruzando os braços.

— Desculpe. Eu não sabia disso. — Pigarreou, completando: — Isso explica por que os Párias que vimos na ponte em Avinhão estavam lutando contra os Anciãos quando chegamos. Não tiveram a chance de se explicar antes de todos serem...

— Mortos — completou Phil. — Sim. Os Párias se sacrificaram em nome da sua causa.

— O Universo é a causa de todo mundo — disse Daniel, e Phil assentiu brevemente.

Luce abaixou a cabeça. Toda aquela poeira na ponte. Não havia lhe ocorrido que aquilo pudesse ter sido por causa dos Párias. Ela estivera preocupada demais com Gabbe, Molly e Cam.

— Estes últimos dias foram um golpe pesado sobre os Párias — disse Phil. A voz o traía revelando uma nuance de tristeza. — Muitos foram capturados pelos anjos da Balança em Viena. Outros tantos sucumbiram aos Anciãos em Avinhão. Restam apenas quatro de nós. Posso deixá-los entrar?

— Claro — respondeu Daniel.

Phil estendeu a mão em direção à janela e mais três capas de chuva cor de canela escorregaram para dentro do quarto: uma garota que Luce não reconhecia, a quem Phil apresentou como Phresia; Vincent, um dos Párias que montou guarda para Luce e Daniel no Monte Sinai, e Olianna, a garota pálida do topo do palácio em Viena. Luce sorriu para ela, um sorriso que sabia que a Pária não conseguia ver. Mas Luce esperava que pudesse senti-lo, porque estava feliz de ver que ela havia sarado. Todos os Párias pareciam irmãos, simples, belos e extremamente pálidos.

Phil apontou para os Anciãos mortos sob a janela.

— Parece que precisam de assistência para se desfazer desses corpos. Será que os Párias podem tirá-los de suas mãos?

Daniel soltou uma risada surpresa.

— Por favor.

— Apenas certifiquem-se de não prestar nenhuma homenagem a esses assassinos geriátricos — completou Cam.

— Phresia. — Phil assentiu para a garota, que se ajoelhou diante dos corpos,

colocou-os sobre os ombros, abriu as asas marrons e saiu voando pela janela. Luce a observou cruzar o céu, levando embora a última visão que teria da Srta. Sophia.

— O que é isso na mochila de pano? — apontou Cam para a bolsa de tecido azul-marinheiro atravessada no torso de Vincent.

Phil fez um sinal para que Vincent pousasse a mochila no centro do altar. Ele a pôs no chão com um ruído pesado.

— Em Veneza, Daniel Grigori me perguntou se eu tinha alguma comida para Lucinda Price. Eu tenho me culpado por não ter podido oferecer nada além de lanches pouco saudáveis, o tipo de comida que minhas amigas modelos italianas preferem.

Desta vez, perguntei a uma mortal israelense que tipo de comida gostava. Ela me levou a algo chamado barraca de falafel. — Phil ergueu os ombros e a voz assumiu uma entonação de pergunta no final.

— Você está me dizendo que isso que está na sacola é um grande

pedaço de falafel? — Roland ergueu as sobrancelhas em dúvida, olhando para a sacola de Vincent.

— Ah, não — respondeu Vincent. — Os Párias também compraram humus, pão árabe, picles e um pote de algo chamado tabule, salada de pepino e suco fresco de romã.

Você está com fome, Lucinda Price?

Era uma quantidade absurda de comida deliciosa. De certa forma parecia errado comer nos altares, por isso espalharam a comida no chão para todos — Párias, anjos, mortais — comerem com vontade. O humor era sombrio, mas a comida estava satisfatória e quente, e algo do qual todos pareciam precisar. Luce mostrou para Olianna e Vincent como montar um sanduíche de falafel; Cam até pediu para Phil lhe passar o humus. Em determinado momento, Arriane voou pela janela para procurar algumas roupas para Luce. Retornou com um par de jeans desbotados, uma camiseta e uma jaqueta do exército israelense com um emblema retratando uma chama amarelo-alaranjada.

— Tive de beijar um soldado para conseguir isto — disse, mas a voz não mostrava a mesma suavidade que teria se estivesse brincando também com Gabbe e Molly.

Quando nenhum deles conseguia mais comer, Dee apareceu à porta.

Cumprimentou os Párias educadamente e pousou uma das mãos no ombro de Daniel.

— Você está com a relíquia, querido?

Antes que Daniel pudesse responder, os olhos de Dee encontraram o cálice. Ela o ergueu e o virou nas mãos, examinando-o cuidadosamente de todos os lados.

— A Asa de Prata — sussurrou ela. — Olá, velha amiga.

— Pelo visto sabe o que fazer com aquela coisa — disse Cam.

— Ela sabe — respondeu Luce.

Dee apontou para um prato de latão que havia sido forjado em um dos lados do cálice e falou algo em voz baixa, como se estivesse lendo. Correu os dedos sobre uma imagem talhada ali. Luce se inclinou para a frente para poder ver melhor. A ilustração parecia com as asas de um anjo em queda livre.

Finalmente, Dee levantou o rosto e os encarou com uma estranha expressão.

— Muito bem, agora tudo faz sentido.



— O que faz sentido? — quis saber Luce.

— Minha vida. Meu propósito. Aonde precisamos ir. O que precisamos fazer. É

chegada a hora.

— Hora de quê? — perguntou Luce. Eles haviam conseguido todos os artefatos agora, mas ainda não entendia o que ainda lhes restava fazer.

— É hora do ato final, querida — disse Dee alegremente. — Não se preocupe, irei guiá-los durante todo o processo, passo a passo.

— Até o Monte Sinai? — Daniel se levantou e ajudou Luce a ficar de pé.

— Chegou perto. — Dee fechou os olhos e inspirou profundamente, como se para resgatar a lembrança do fundo dos pulmões. — Há um par de árvores nas montanhas a cerca de mil e quinhentos metros acima do Monastério de Santa Catarina. Gostaria que nos encontrássemos lá. É chamado *Qayom Malak*.

— *Qayom Malak... Qayom Malak* — repetiu Daniel. A palavra soava como *kayome malaka*. — Está no meu livro. — Ele abriu o zíper da mochila e folheou a obra, falando baixinho consigo. Finalmente ergueu o volume para Dee ver. Luce deu um passo adiante para poder ver também. No pé da página, mais ou menos na página cem, o dedo de Daniel apontava para uma nota meio apagada escrita numa língua que Luce não reconhecia. Próximo à nota, havia escrito o mesmo grupo de letras três vezes: *QYWM' ML'K'. QYWM' ML'K'. QYWM' ML'K'.*

— Muito bem, Daniel — sorriu Dee. — Você sabia o tempo todo. Muito embora *Qayom Malak* seja muito mais fácil para as línguas modernas pronunciarem do que... — pronunciou um conjunto de sons guturais complicados que Luce seria incapaz de repetir.

— Eu nunca soube o que significava — disse Daniel.

Dee olhou pela janela aberta, para o céu da tarde da cidade sagrada.

— Você logo saberá, meu garoto. Muito em breve você saberá.



TREZE

A ESCAVAÇÃO

O bater de asas acima.

O roçar de nuvens na pele.

Luce estava voando na escuridão, afundada no túnel inebriante de mais um voo. Era leve como o vento.

Uma única estrela estava no centro do céu azul-escuro, quilômetros acima do colorido horizonte.

Luzes piscavam no chão escuro, parecendo impossivelmente distantes. Luce estava em outro mundo, subindo em direção ao infinito, iluminada pelo brilho de asas prateadas.

Elas batiam novamente, impulsionando para a frente, então para trás, carregando-a mais para o alto... mais alto...

O mundo era silencioso lá em cima, como se existisse só para ela.

Mais alto... mais alto...

Não importava o quão alto, estava sempre resguardada pelo brilho das asas prateadas acima dela.

Estendeu a mão para tocar Daniel, como se para dividir aquela paz, acariciar a mão dele no mesmo local onde sempre repousava: ao redor da cintura de Luce.

A mão dela encontrou apenas a própria pele. A mão dele não estava lá.

Daniel não estava lá.

Havia apenas o corpo de Luce e o horizonte cada vez mais escuro, além de uma única estrela distante.

Ela acordou do sonho. No alto, desperta, encontrou novamente as mãos de Daniel

– uma delas lhe segurava a cintura, a outra estava mais acima, atravessada sobre o peito. No lugar onde sempre repousavam.

Era final de tarde – e não noite. Ela, Daniel e os outros escalavam uma escada de nuvens macias que obscurecia as estrelas.

Apenas um sonho.

Um sonho no qual era *Luce* quem estava voando. Todos têm esse tipo de sonho.

Você deve acordar logo antes de cair no chão. Mas Luce, que na vida real voava todos os dias, havia acordado quando percebeu que estava voando por conta própria. Por que não havia olhado para cima, para ver como eram as suas asas, para ver se eram maravilhosas e suntuosas?

Fechou os olhos, esperando voltar para aquele céu mais calmo, onde Lúcifer não estava tropejando em direção a eles, onde Gabbe e Molly não haviam morrido.

— Não sei se consigo fazer isso — disse Daniel.



Os olhos de Luce se abriram, voltando à realidade. Abaixo deles, os picos de granito vermelho da península do Sinai eram tão recortados que pareciam feitos de pedaços de vidro quebrado.

— O que você não consegue fazer? — perguntou Luce. — Encontrar o local da Queda? Dee irá nos ajudar, Daniel. Acho que ela sabe exatamente como encontrá-lo.

— Claro — disse ele sem convicção. — Dee é ótima. Temos muita sorte de tê-la ao nosso lado. Mas mesmo se encontrarmos o local da Queda, não sei como conseguiremos deter Lúcifer. E se não conseguirmos... — O peito dele inflou atrás das costas de Luce. — Não suportarei mais sete mil anos sem você.

Durante todas as suas vidas, Luce vira Daniel deprimido, frustrado,

preocupado, apaixonado, deprimido novamente, carinhoso, desconfiado, desesperadamente triste.

Mas jamais o vira derrotado. A resignação triste em sua voz a cortava, súbita e profundamente, da mesma forma que uma seta estelar rasgava a carne dos anjos.

— Você não vai ter que fazer isso.

— Fico imaginando o que acontecerá se Lúcifer vencer. — Ele ficou sutilmente na retaguarda do grupo; Cam e Dee ocupavam a dianteira, Arriane, Roland e Annabelle logo atrás, os Párias espalhados ao redor de todos eles. — É demais para aguentar, Luce. É

por isso que os anjos escolhem um lado, é por isso que as pessoas se juntam a um grupo. Não fazer isso tem um preço muito alto; é pesado demais resistir a tudo sozinho.

Houve um tempo em que Luce teria instintivamente ficado introspectiva, insegura pela dúvida de Daniel, como se aquilo sugerisse uma fraqueza no relacionamento deles. Mas agora ela estava armada das lições do passado de ambos.

Sabia, quando Daniel estava cansado demais para se lembrar, do tamanho do amor dele.

— Não quero ter que passar por tudo isso novamente. Todo esse tempo sem você, sempre esperando, meu otimismo tolo me dizendo que algum dia será diferente...

— Seu otimismo foi justificado! Olhe para mim. Olhe para nós! Isto é diferente. Eu sei que é, Daniel. Eu nos vi em Helston, no Tibete e no Taiti. Estávamos apaixonados, é claro, mas não era nada parecido com o que temos agora.

Eles estavam agora bem afastados, longe dos ouvidos dos amigos. Eram apenas Luce e Daniel, dois namorados conversando no céu.

— Continuo aqui — disse Luce. — Estou aqui porque você acreditou em nós. Você acreditou em mim.

— Eu acreditei... Eu acredito em você.

— Eu acredito em você também. — Ela ouviu um sorriso invadir a própria voz. —

Eu sempre acreditei.

Eles *não iriam* falhar.

Pousaram em meio a uma tempestade de areia.

Ela pairava sobre o deserto como um grande manto, como se mãos enormes tivessem espalhado todo o Saara no ar. Dentro da espessa nuvem amarelo-tostada, os

anjos e tudo o que os cercava tornou-se indistinto: o solo estava encoberto por redemoinhos de areia; o horizonte havia sido apagado por lençóis amarronzados. Tudo parecia pixelado, banhado em poeira estática, como um ruído branco corrosivo, uma amostra do que estaria por vir caso Lúcifer vencesse.

O nariz e a boca de Luce ficaram cheios de areia. Ela entrou na roupa e arranhava a pele. Era muito mais áspera que a poeira fina deixada após a morte de Gabbe e Molly, uma triste lembrança de algo pior e mais belo.

Luce perdeu completamente a noção do que a rodeava. Não fazia ideia de quão perto estavam de pousar até que seus pés roçaram o invisível chão rochoso. Ela sentiu que havia grandes pedras, talvez montanhas, à esquerda, contudo não conseguia enxergar mais do que alguns metros adiante. Apenas o brilho das asas dos anjos, opaco pelas ondas de areia e vento, sinalizava onde os outros estavam.

Quando Daniel a pousou na rocha acidentada, Luce levantou a gola do casaco até as orelhas, tentando proteger o rosto da areia áspera. Eles estavam reunidos num círculo, as asas dos anjos formando uma auréola de luz num caminho pedregoso no sopé da montanha: Phil e os outros três Párias restantes, Arriane, Annabelle, Cam, Roland, Luce, Daniel e Dee no centro, como se fosse a guia de um museu liderando uma excursão.

— Não se preocupem, geralmente é assim durante a tarde! — gritou Dee sobre um vento tão forte que agitava as asas dos anjos. Usava as mãos como um visor, colocando-as na altura das sobranceiras. — Isso vai terminar logo! Assim que atingirmos o local de *Qayom Malak*, juntaremos as três relíquias. Elas nos contarão a verdadeira história da Queda.

— E *onde* é exatamente o *Qayom Malak*? — gritou Daniel.

— Teremos que escalar a montanha. — Dee apontou para trás de si, para o promontório quase invisível, cujo sopé havia sido o local de pouso dos anjos. O pouco que Luce conseguia enxergar da montanha parecia extremamente íngreme, impenetrável.

— Você quer dizer que voaremos até o topo, não é? — perguntou Arriane enquanto batia os saltos de seus sapatos. — Nunca fui boa em escaladas.

Dee balançou a cabeça. Estendeu a mão para pegar a sacola de pano que Phil estivera segurando, abriu o zíper e pegou um par de pesadas botas de caminhada.

— Ainda bem que vocês estão usando sapatos adequados. — Ela tirou os sapatos de salto alto, colocou-os dentro da sacola e começou a amarrar as botas. — Não será uma escalada fácil, mas nessas condições, o caminho até o Qayom Malak é mais facilmente atingido a pé. Podem usar as asas para se equilibrarem contra os ventos.

— Por que não esperamos a tempestade de areia passar? — sugeriu Luce, os olhos lacrimejando sob o vento empoeirado.

— Não, querida. — Dee passou a alça preta da sacola sobre os ombros estreitos de Phil. — Não temos tempo. Precisa ser agora.

Sendo assim, formaram uma fila atrás de Dee, confiando novamente a ela a responsabilidade de liderá-los. A mão de Daniel encontrou a de Luce. Ele ainda parecia

taciturno após a conversa dos dois, mas nunca deixava de segurar sua mão.

— Bem, adeus, foi bom conhecer vocês! — brincou Arriane enquanto os outros começavam a escalada.

— Se procurarem por mim, perguntem para a areia — disse Cam em resposta.

A rota de Dee os levou em direção ao topo da montanha, ao longo de um caminho rochoso que ficava cada vez mais estreito e íngreme. Estava coberto por rochas que Luce não conseguia enxergar até tropeçar nelas. O sol poente parecia a lua, a luz pálida filtrada pela cortina pesada do vento.

Luce tossia, engasgada pela areia, a garganta ainda doía por causa da batalha em Viena. Ziguezagueava para a esquerda e para a direita,

sem ver para onde ia, tendo apenas uma vaga sensação de que estavam sempre subindo. Ela focou no cardigã amarelo de Dee, que balançava no corpinho da velha mulher como uma bandeira.

Mantinha a mão sempre agarrada à de Daniel.

Aqui e ali a tempestade de areia se atenuava ao redor de algum grande bloco de pedra, formando breves bolsões de visibilidade. Em um desses momentos, Luce viu uma manchinha verde-claro à distância. Estava numa clareira a centenas de metros acima e muito mais à direita de onde se encontravam agora. Aquele pontinho de cor era a única coisa que quebrava os quilômetros de paisagem sépia sem graça. Luce ficou observando-o como se fosse uma miragem, até que a mão de Dee deu um leve tapinha em seu ombro.

— É para lá que estamos indo, querida. É bom manter os olhos no prêmio.

Então a tempestade conseguiu passar pelo bloco de rocha e a areia entrou cobrindo tudo, ocultando o pontinho verde. O mundo voltou a ser a massa de grânulos de areia.

Imagens de Bill pareciam se formar na areia esvoaçante: a maneira como ele havia gargalhado na primeira vez em que se encontraram, transformando-se de um falso Daniel num ser repugnante; sua expressão inescrutável quando ela encontrara Shakespeare no Globe. As imagens ajudavam Luce a se endireitar quando tropeçava no caminho. Não iria desistir até conseguir derrotar o diabo.

Imagens de Gabbe e Molly também davam força a Luce. Um clarão de asas, dois arcos dourados e prateados, passou novamente diante dos olhos da garota.

Você não está cansada, disse ela para si mesma. *Não está com fome*.

Finalmente eles conseguiram chegar a uma grande rocha com o formato da ponta de uma lança, apontada em direção ao céu. Dee gesticulou para que se encostassem a ela, de frente para a montanha, e ali o vento finalmente parou.

Era o entardecer. As montanhas tinham uma coloração cinza-escuro. Ficaram sobre um planalto mais ou menos do tamanho da sala de estar de Luce. Exceto por uma pequena entrada onde o caminho terminava, a pequena extensão redonda era cercada por um despenhadeiro de pedras vermelhas, formando um espaço que poderia ter sido usado como um anfiteatro natural. Ele os abrigava mais do

que simplesmente do vento: mesmo se não houvesse uma tempestade de areia, grande parte do planalto era escondido pela pedra em formato de flecha e pelas grandes rochas ao redor.

Ali, ninguém que estivesse subindo o caminho poderia vê-los. Qualquer anjo da Balança a persegui-los só poderia conseguir seu intento se por sorte voasse diretamente acima deles. Aquele degrau oculto era uma espécie de santuário.

— Eu gostaria de dizer que estou *alto* — falou Cam.

— Essa caminhada teria *arruinado* John Denver — concordou Roland.

Marcas de rios que não existiam mais deixavam veias no chão coberto de poeira.

A entrada íngreme de uma caverna se abria na base da parede de pedra à esquerda da rocha em formato de ponta de lança.

Na parte mais distante do planalto, um pouco à direita de onde estavam, uma avalanche viera descansar contra a montanha. A pilha resultante era formada por pedras que variavam de tamanho, desde pequenas, como um seixo, até maiores que uma geladeira. O líquen crescia nos intervalos entre elas, parecendo manter as pedras grudadas no declive.

Uma oliveira verde-claro e uma figueira anã se esforçavam para crescer diagonalmente ao redor das rochas. Provavelmente eram o pontinho verde que Luce vira à distância quando estava lá embaixo. Dee disse que era para lá que estavam indo, mas Luce não conseguia acreditar que haviam conseguido escalar tudo aquilo em meio à tempestade de areia.

As asas de todos eles se pareciam com as dos Párias, marrons e cheias de areia, emitindo um brilho fraco. E as asas dos Párias pareciam ainda mais frágeis que o normal, como teias de aranha. Dee usou a manga do suéter, que tinha sido alargado pelo vento, para limpar a areia do rosto. Correu as unhas pintadas de vermelho pelos cabelos ruivos emaranhados. De alguma forma a velha senhora ainda estava elegante.

Luce nem quis pensar na própria aparência.

— Tédio jamais! — A voz de Dee soou atrás dela enquanto desaparecia para o interior da caverna.

Eles a seguiram, parando após alguns passos, quando a luz fraca se transformou em escuridão. Luce se apoiou contra uma fria pedra marrom-avermelhada próxima a Daniel. A cabeça dele quase tocava no teto baixo. Todos os anjos tiveram que fechar as asas para se acomodarem na caverna apertada.

Luce ouviu o som de algo arranhando e então a sombra de Dee apareceu na parte iluminada da entrada da caverna. Empurrava com a ponta de sua bota de caminhada um grande baú de madeira na direção deles.

Cam e Roland se apressaram a ajudá-la, o brilho opaco das asas cobertas de areia alterando a escuridão da caverna. Cada um levantou um dos lados do baú e então o levaram até uma alcova natural indicada por Dee. Diante de seu aceno de cabeça, pousaram o baú contra a parede.

— Obrigada, cavalheiros. — Dee percorreu os dedos pela quina de ferro do baú. —

Parece que foi ontem que deixei isto aqui, mas deve ter sido há quase duzentos anos. —

Seu rosto se contraiu numa careta de nostalgia. — Bem, a vida de uma pessoa não passa de um dia. Gabbe me ajudou, embora jamais tivesse se lembrado da localização exata por causa da tempestade de areia. Ela era um anjo que sabia o valor de se

preparar com antecedência. Sabia que este dia chegaria.

Dee puxou uma elegante chave prateada do bolso de seu cardigã e a enfiou na fechadura do baú. Quando a velha arca se abriu, Luce se aproximou, esperando que algo mágico – ou ao menos histórico – fosse revelado. Em vez disso, Dee pegou seis cantis comuns, três pequenas lamparinas de bronze, um pacote pesado de cobertores e toalhas, e vários pés-de-cabra, picaretas e pás.

— Bebam se tiverem sede. Primeiro Lucinda. — Ela distribuiu os cantis, que estavam cheios de água fresca e deliciosa. Luce sorveu o conteúdo de seu cantil e enxugou a boca com as costas da mão. Quando lambeu os lábios, estavam irritadiços por causa da areia seca.

— Melhor assim, não? — sorriu Dee. Abriu uma caixa de fósforos e acendeu uma vela em cada uma das lamparinas. A luz bruxuleava, refletindo sombras nas paredes enquanto os anjos se debruçavam uns sobre os outros, limpando-se.

Arriane e Annabelle limpavam as asas usando as toalhas secas. Daniel, Roland e Cam preferiram sacudir as suas, batendo-as contra as pedras até que o suave som de ssssss, da areia caindo sobre as pedras, parasse. Os Párias pareciam felizes de continuar sujos. Logo a caverna estava completamente iluminada pelo brilho angelical, como se alguém tivesse acendido uma fogueira.

— E agora? — perguntou Roland, tirando areia de uma de suas botas de couro.

Dee havia se dirigido para a entrada, ficando de costas para os outros. Ela caminhou em direção ao planalto lá fora e esperou que a seguissem.

Todos se reuniram num pequeno semicírculo, de frente para a pilha de pedras, a oliveira e a figueira.

— Precisamos *entrar* — disse Dee.

— Entrar aonde? — Luce olhou para trás de si. A caverna que acabaram de deixar era a única opção de lugar para “entrar” que Luce conseguia ver. Lá fora, havia apenas o chão do planalto e as pedras encostadas na parede.

— Santuários são construídos no topo de santuários que são construídos no topo de santuários — disse Dee. — O primeiro da Terra ficava bem aqui, sob esta pedra caída. Dentro dele, está o pedaço final da antiga história dos anjos caídos. Esse é o *Qayom Malak*. Após a destruição do primeiro santuário, muitos outros ocuparam o seu lugar, mas o *Qayom Malak* sempre permaneceu dentro deles.

— Você quer dizer que os mortais também usaram o *Qayom Malak*? — perguntou Luce.

— Sem pensar muito bem e sem o compreender. Com o passar dos anos foi ficando cada vez mais mal interpretado por cada grupo que construiu seu templo aqui.

Este local tem sido considerado de mau agouro por muitas pessoas. — Ela olhou para Arriane, que apoiou o peso na outra perna. — Mas isso não é culpa de ninguém. Foi há muito tempo. Hoje à noite iremos desenterrar o que um dia se perdeu.

— Você se refere ao conhecimento da nossa Queda? — Roland caminhava pela rampa de pedras. — É isso o que o *Qayom Malak* irá nos revelar?

Dee sorriu de maneira enigmática.

— Essas palavras são aramaico. Elas significam... Bem, vai ser melhor se vocês simplesmente virem por si mesmos.

Ao lado deles, Arriane mastigava ruidosamente uma mecha de seus cabelos, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco e as asas imóveis. Olhava para a oliveira e a figueira, como se estivesse em transe.

Nesse momento, Luce percebeu o que as árvores tinham de estranho. O motivo pelo qual pareciam crescer diagonalmente para fora das pedras: era porque seus troncos estavam enterrados.

— As árvores — disse ela.

— Sim, elas já estiveram completamente expostas. — Dee se abaixou para acariciar as folhas murchas da pequena figueira. — Assim como o *Qayom Malak*. — Ela se levantou e deu um tapinha no topo das rochas. — Todo este planalto já foi muito mais extenso. Um lugar adorável, às vezes vibrante, embora isso seja difícil de imaginar agora.

— E o que aconteceu com ele? — perguntou Luce. — Como o santuário foi destruído?

— O mais recente deles foi coberto por esta rocha caída. Isso foi há cerca de setecentos anos, após um terremoto particularmente forte. Mas mesmo antes disso, a lista de calamidades que ocorreram aqui é sem precedentes... inundações, incêndios, assassinatos, guerras, explosões. — Ela parou, olhando para a pilha de rochas como se fossem bolas de cristal. — Ainda assim, a única parte importante permanece intacta. Ao menos espero que ainda esteja assim. E é por isso que precisamos entrar.

Cam caminhou lentamente em direção a uma das maiores rochas e se encostou nela com os braços cruzados.

— Sou ótimo em muitas coisas, Dee, e uma delas é rock que, como vocês sabem, também significa rocha... Mas passar *entre* as rochas não é um dos meus pontos fortes.

Dee bateu palmas.

— É exatamente por isso que coloquei as pás no baú todos aqueles anos atrás.

Teremos que mover as rochas de lugar — explicou ela. — Estamos em

busca do que está lá embaixo.

— Você está dizendo que iremos escavar o *Qayom Malak*? — perguntou Annabelle, roendo as unhas cor-de-rosa.

Dee tocou um caminho de musgo no centro do monte de pedras bem antes do início do rochedo íngreme.

— Eu começaria por aqui, se fosse vocês!

Quando perceberam que Dee estava falando sério sobre dismantelar a torre, Roland distribuiu as ferramentas que a senhora havia retirado do baú de madeira. E

todos lançaram mãos à obra.

— Enquanto movem as pedras, deixem esta área livre. — Dee gesticulou em direção ao espaço aberto entre a pilha de rochas caídas e a trilha que os havia levado até ali, demarcando uma área de mais ou menos um metro quadrado. — Vamos precisar dela.

Luce pegou uma picareta e bateu-a contra a rocha, meio desajeitada.

— Você sabe como é o tal *Qayom Malak*? — perguntou ela a Daniel, cujo pé de cabra estava apoiado numa rocha atrás da figueira. — Como iremos reconhecê-lo quando o encontrarmos?

— Meu livro não traz nenhuma ilustração para isso. — Daniel partiu a rocha facilmente com um golpe. Os músculos dos seus braços tremiam enquanto levantava as metades de pedra, cada uma do tamanho de uma mala grande. Ele as colocou atrás de si, tendo cuidado para não deixar que caíssem na área que Dee havia demarcado. —

Temos que confiar que Dee irá se lembrar.

Luce andou em direção ao espaço aberto deixado pela rocha que Daniel havia acabado de retirar. A oliveira e a figueira estavam completamente expostas, até os troncos – que agora pareciam quase planos, por causa do peso das rochas caídas. O

olhar de Luce percorreu a enorme pilha de pedras que ainda teriam de remover. Tinha uns seis metros de altura, fácil. Será que alguma coisa resistiria ao seu peso?

— Não se preocupe — disse Dee, como se lesse a mente de Luce. — Está aí em algum lugar, tão a salvo quanto a sua primeira lembrança

amorosa.

Os Párias haviam voado até o topo da pilha de rochas. Phil mostrou aos outros onde colocar as pedras que já haviam partido, e então eles voltaram a bater na pilha, fazendo a rocha se quebrar e rolar pelos lados.

— Ei! Estou vendo tijolos amarelos bastante antigos aqui. — As asas de Annabelle bateram acima do ponto mais alto da pilha, no local onde se encostava contra a parede vertical da montanha. Afastou alguns fragmentos com a pá. — Acho que pode ser uma das paredes do santuário.

— Uma parede, querida? Muito bem — disse Dee. — Deve haver mais três delas, é a maneira como as paredes são construídas. Continuem cavando.

Ela estava distraída, observando o pedaço que havia demarcado no planalto, mas notando o progresso da escavação. Parecia contar alguma coisa. O olhar, fixo no chão.

Luce observou Dee por alguns instantes e percebeu que a velha senhora estava contando seus passos, como se estivesse delimitando uma área de jogo.

Levantou a cabeça e percebeu Luce olhando para ela.

— Venha comigo.

Luce olhou para Daniel, para a pele brilhante de suor. Ele estava ocupado com uma pedra grande. Ela se virou e seguiu Dee para dentro da caverna.

A lamparina de Dee balançava enquanto ela caminhava, iluminando os cantos escuros. O lugar era infinitamente mais sombrio e mais frio sem o brilho das asas dos anjos. Dee remexeu seu baú por alguns instantes.

— Onde está aquela maldita vassoura? — perguntou Dee.

Luce se inclinou por cima de Dee, segurando outra lamparina para ajudar a iluminar a arca. Enfiou a mão no grande baú e sentiu a aspereza do cabo.

— Aqui está.

— Maravilha. As coisas sempre estão no último lugar que procuramos, especialmente quando não conseguimos enxergar — falou Dee, colocando a vassoura

sobre os ombros. — Quero lhe mostrar uma coisa enquanto os outros continuam a escavação.

Andaram de volta ao planalto, onde o barulho de metal batendo contra a pedra era alto e forte. Dee parou no canto da pedra caída, de frente para o local que havia pedido para os anjos deixarem livre. Começou a arrastar a vassoura rapidamente, com movimentos retos. Luce havia pensado que o planalto era todo feito da mesma rocha vermelha, mas à medida que Dee varria, Luce notava que havia uma plataforma de mármore por baixo dela. E um padrão emergiu: rocha amarelo-claro alternada com pedras brancas, formando um mosaico intrincado.

Finalmente Luce reconheceu um símbolo: uma longa linha de pedra amarela, ladeada por diagonais linhas brancas descendentes com comprimentos decrescentes.

Luce se agachou para poder correr os dedos pela pedra. Parecia a ponta de uma flecha, que apontava na direção oposta ao topo da montanha, na direção de onde os anjos haviam chegado.

— Esta é a plataforma Ponta de Flecha — falou Dee. — Quando tudo estiver pronto, nós a usaremos como um tipo de palco. Cam fez este mosaico há muitos anos, embora eu duvide que se lembre disso. Passou por coisas demais desde então. A desilusão amorosa é uma forma particular de amnésia.

— Você sabe algo sobre a mulher que partiu o coração de Cam? — sussurrou Luce, lembrando-se de que Daniel havia dito a ela para jamais tocar no assunto.

Dee fez uma careta, assentiu e apontou para a flecha amarela nos blocos de mármore.

— O que você acha do desenho?

— Acho lindo — respondeu Luce.

— Eu também — falou Dee. — Tenho um desenho igual a este tatuado sobre meu coração.

Sorrindo, desabotoou os primeiros dois botões de seu cardigã,

revelando uma combinação amarela. Afastou o colarinho alguns centímetros, expondo a pele alva do peito. Finalmente, apontou para uma tatuagem preta sobre ele. Tinha precisamente as mesmas linhas que a pedra amarela no chão.

— O que significa? — quis saber Luce.

Dee bateu de leve na pele sobre a tatuagem e ajeitou a combinação.

— Mal posso esperar para contar a você — sorriu ela, virando-se para encarar o bloco de rocha atrás delas —, mas vamos começar do início. Veja como eles estão indo bem!

Os anjos e os Párias haviam limpado uma parte do exterior da pilha. O canto direito de duas antigas paredes de tijolos se estendia por diversos metros entre os escombros. Estavam bastante danificadas, janelas não planejadas apareciam aqui e ali.

O teto já não existia mais. Alguns dos blocos estavam escurecidos por causa de algum incêndio acontecido há muitos anos. Outros pareciam úmidos, como se estivessem se recuperando de uma enchente pré-histórica. No entanto, o formato retangular do antigo templo estava começando a ficar claro.

— Dee — chamou Roland, acenando para que a mulher fosse até a parede norte para inspecionar o progresso de suas escavações.

Luce retornou para o lado de Daniel. Enquanto estivera com Dee, ele havia limpado um amontoado de pedras, empilhando-as organizadamente à direita da rampa. Luce sentiu-se mal por quase não ajudar. Pegou a picareta de novo.

Trabalharam durante horas. Já passava da meia-noite quando haviam limpado metade da rampa. As lamparinas de Dee iluminavam o planalto, mas Luce gostava de ficar perto de Daniel, usando como iluminação o brilho ímpar de suas asas. As mandíbulas dela doíam por causa da tensão no rosto. Os ombros estavam doloridos e os olhos ardiam, mas não parou. Não reclamou.

Continuou escavando com a picareta. Ergueu a ferramenta para bater contra um bloco de pedra rosa exposto por uma grande rocha arredondada que Daniel tinha acabado de remover, esperando que a ponta da picareta batesse contra matéria sólida.

Mas, em vez disso, ela cortou algo mole. Luce largou a picareta e começou a cavar com as mãos através de um caminho

surpreendentemente argiloso. Havia atingido uma camada de arenito tão desagregada que esfarelava com o toque de um dedo. Luce aproximou a lamparina para ver melhor enquanto arrancava torrões grandes. Após cavar vários centímetros na argila, sentiu algo liso e duro.

— Encontrei alguma coisa!

Os outros circundavam a pedra enquanto Luce limpava as mãos nos jeans e usava os dedos para raspar um quadrado de pedra de cerca de meio metro. Em algum momento, aquilo devia ter sido completamente adornado, mas agora a única coisa visível era o débil contorno de um homem com uma auréola sobre a cabeça.

— É isto que procuramos? — perguntou ela, excitada.

Os ombros de Dee roçaram os de Luce. Ela tocou o bloco com o polegar.

— Receio que não, querida. Esta é apenas uma imagem de nosso amigo Jesus.

Temos de continuar cavando através dele.

— Através? — perguntou Luce.

— Para dentro da pedra. — Dee bateu no bloco com os dedos. — Esta é a fachada do santuário mais recente, um monastério medieval para monges particularmente antissociais. Precisamos cavar até encontrar a estrutura original, atrás desta parede.

Ela percebeu que Luce hesitava.

— Não tema destruir uma iconografia antiga — falou Dee. — Isso precisa ser feito para atingirmos o que é antigo *de verdade*. — Ela olhou para o céu, como se procurasse pelo sol, mas ele tinha há muito mergulhado no horizonte atrás deles. As estrelas estavam no céu. — Ai, ai. O tempo voa, não é mesmo? Continuem cavando! Vocês estão indo bem!

Finalmente, Phil deu um passo à frente com seu pé de cabra e golpeou o bloco com a imagem de Jesus. Conseguiu abrir um buraco. O espaço atrás da imagem era vazio, escuro e tinha um cheiro estranho, almiscarado e velho.

Os Párias saltaram sobre o bloco quebrado, aumentando a fenda para

que pudessem cavar mais fundo. Eram trabalhadores esforçados, eficientes. Descobriram

que, sem um teto sobre o santuário, as pedras caídas da avalanche haviam tomado também o interior daquele templo. Os Párias se revezaram quebrando a parede e colocando de lado os blocos que se separavam da estrutura.

Arriane estava afastada do grupo, num canto escuro do platô, chutando uma pilha de pedras como se tentasse ligar o motor de um cortador de grama. Luce caminhou até ela.

— Ei! — disse Luce. — Está tudo bem?

Arriane levantou os olhos, dedilhando as alças do macacão. Um sorriso estranho tomou conta do rosto dela.

— Lembra-se de quando fomos suspensas? E nos fizeram limpar o cemitério da Sword & Cross? Quando ficamos juntas esfregando aquele anjo?

— Claro! — O dia de Luce havia sido terrível naquela ocasião: repreendida por Molly, ansiosa por estar apaixonada por Daniel e, pensando bem, em dúvida se Arriane gostava dela ou se apenas sentia pena.

— Foi divertido, não? — A voz de Arriane pareceu distante. — Sempre vou me lembrar daquele dia.

— Arriane — disse Luce —, não é sobre isto que você está pensando de verdade, é? O que tem neste lugar que está fazendo você se esconder aqui?

Arriane permaneceu parada, apoiando-se na pá e balançando o corpo para a frente e para trás. Ela observava os Párias e os outros anjos escavando uma coluna interior alta. Finalmente, fechou os olhos e desabafou:

— Sou o motivo pelo qual este santuário não existe mais. O motivo de ele trazer má sorte.

— Mas... Dee falou que não havia sido culpa de ninguém. O que aconteceu?

— Após a Queda — começou ela —, eu estava recuperando minhas forças, procurando um abrigo, uma forma de curar minhas asas. Não

havia ainda retornado ao Trono. E nem sabia como fazer isso. Não me lembrava do que eu era. Estava sozinha, vi este lugar e...

— Você entrou no santuário que costumava ficar aqui — disse Luce, lembrando-se do que Daniel havia contado sobre o motivo pelo qual os anjos caídos não se aproximavam de igrejas. Todos haviam ficado receosos na Igreja do Santo Sepulcro.

Não se aproximaram da capela na ponte Saint Bénézet.

— Eu não sabia! — O peito de Arriane tremia quando respirava.

— Claro que não. — Luce passou o braço sobre o ombro de Arriane. Ela era toda pele, osso e asas. O anjo pousou a cabeça sobre o ombro de Luce. — Ele explodiu?

Arriane assentiu.

— Da mesma maneira como você explode em chamas... Não — corrigiu-se ela. —

Da maneira como você *explodia em chamas* nas suas vidas passadas. Puf. O templo inteiro incendiado. Só que não foi, desculpe dizer isso, tipo tragicamente belo ou romântico. Foi preto no branco e *absoluto*. Como uma porta se fechando na minha cara.

Foi quando soube que realmente havia sido expulsa do Céu. — Ela se virou para Luce, seus olhos azuis mais inocentes do que Luce se lembrava de ter visto. — Eu nunca tive

intenção de ir embora. Foi um acidente, vários de nós simplesmente acabaram envolvidos... na batalha de outra pessoa. — Ela deu de ombros e sorriu com uma expressão ardilosa. — Talvez eu tenha ficado acostumada demais a ser uma rejeitada.

Isso me cai bem, você não acha? — Ela fez uma pistola com os dedos e a disparou em direção a Cam. — Acho que não me incomodo de andar por aí com esse grupo de foras da lei. — Então o rosto de Arriane mudou, qualquer traço de humor desapareceu. Pegou Luce pelos ombros e sussurrou: — Pronto.

— O quê? — Luce deu meia-volta.

Os anjos e os Párias haviam afastado diversas toneladas de pedra. Estavam agora de pé sobre o local onde antes ficava a pilha de rochas. Haviam cavado até quase o amanhecer. Ao redor deles se erguia o

santuário escondido que Dee prometera que iriam encontrar. A velha e elegante senhora era mesmo de palavra.

Restavam apenas duas paredes frágeis, formando uma quina à direita, mas as pedras cinzas no chão indicavam que o formato original se estendia por aproximadamente seis metros quadrados. Grandes blocos de mármore formavam as bases das paredes, onde antes havia um teto de arenito. Frisos desgastados pelo tempo decoravam partes da estrutura – criaturas aladas tão antigas e apagadas que quase sumiam na pedra. Um incêndio havia chamuscado pedaços das cornijas decorativas próximas ao topo das paredes.

A figueira e a oliveira, completamente descobertas, marcavam a barreira entre a pedra em forma de ponta de lança que Dee varrera e o santuário escavado. As duas paredes que faltavam deixavam o restante da estrutura para ser completado na imaginação de Luce, que pensou em antigos peregrinos se ajoelhando para rezar ali.

Estava bastante claro onde eles se ajoelhariam.

Quatro colunas jônicas de mármore com bases caneladas e capitel com volutas haviam sido construídas ao redor de uma plataforma suspensa no centro do piso de cerâmica. E, nessa plataforma, existia um enorme altar retangular feito de pedra clara.

Parecia familiar, mas ao mesmo tempo diferente de qualquer coisa que Luce já havia visto. Estava repleto de pedras e sujeira, e Luce pôde visualizar os contornos da decoração incrustada no topo: dois anjos de pedra frente a frente, cada um deles do tamanho de um boneco grande. Parecia que outrora tinham sido folheados a ouro, mas agora havia apenas salpicos do seu antigo brilho. Os anjos de pedra estavam ajoelhados, orando, as cabeças baixas, sem auréolas, com asas cheias de belos detalhes, curvadas de maneira que as pontas se tocavam.

— Sim. — Dee inspirou profundamente. — É isso. *Qayom Malak*. Significa “O

Inspetor dos Anjos”. Ou como eu gosto de chamar, “O Assistente dos Anjos”. Ele guarda um segredo que alma alguma jamais decifrou: a chave para o local onde os Caídos caíram na Terra. Você se lembra, Arriane?

— Acho que sim. — Arriane parecia nervosa ao se aproximar da escultura.

Quando chegou à plataforma, permaneceu parada por um bom tempo

diante dos anjos de pedra ajoelhados. Então também se ajoelhou. Tocou as pontas das asas deles, o lugar onde os dois anjos se conectavam. Estremeceu. — Vi por apenas um segundo antes de...



— Sim — falou Dee. — Você foi arremessada para fora do santuário. A força da explosão causou a primeira avalanche que enterrou o *Qayom Malak*, mas a figueira e a oliveira permaneceram expostas, um guia para os outros santuários que foram construídos nos anos seguintes. Os cristãos estiveram aqui, os gregos, os judeus, os mouros. Os santuários deles também pereceram, por avalanches, incêndios, escândalos ou medo, criando uma parede impenetrável ao redor do *Qayom Malak*. Precisava de mim para ajudá-la a reencontrá-lo. E não conseguiria me encontrar até que *realmente* precisasse de mim.

— E o que acontece agora? — perguntou Cam. — Não me diga que precisamos rezar.

Os olhos de Dee não abandonaram o *Qayom Malak*, nem mesmo quando entregou a Cam a toalha que trazia sobre os ombros.

— Ah, é bem pior que isso, Cam. Agora vocês precisam limpá-lo. Polir os anjos, especialmente suas asas. Poli-os até que brilhem. Precisaremos que a luz da lua brilhe sobre eles da forma correta.



CATORZE

AR APARENTE

B *um*. Soou como se fosse um trovão, a preparação de um tornado escuro. Luce acordou com um pulo dentro da caverna, onde havia dormido no ombro de Daniel. Não pretendia cair no sono, mas Dee insistiu para que descansassem antes de explicar o propósito do *Qayom Malak*. Arrancada do sono agora, Luce sentia que muitas horas preciosas haviam se passado. Ela suava em seu saco de dormir aflanelado. O colar de prata estava quente contra o peito.

Daniel estava deitado bastante quieto, os olhos focados na entrada da caverna. O

tremor parou.

Luce se apoiou nos cotovelos, percebeu Dee ao seu lado, adormecida em posição fetal, remexer-se levemente, os cabelos vermelhos soltos e emaranhados. Do lado esquerdo de Dee jaziam os sacos de dormir vazios dos Párias; as estranhas criaturas estavam de pé, alertas, amontoadas na parte de trás daquele espaço pequeno, as asas escuras sobrepostas. À direita, Annabelle e Arriane dormiam, ou pelo menos descansavam, suas asas prateadas entrelaçadas desinibidamente, como irmãs.

A caverna estava quieta. Luce devia ter sonhado com o ronco. Ainda estava cansada.

Quando rolou para o outro lado, aninhando as costas no peito de Daniel de maneira que ele a embalasse com a asa direita, suas pálpebras se fecharam. Depois, se abriram.

Estava cara a cara com Cam.

A poucos centímetros de distância, a cabeça apoiada sobre a mão, com os olhos verdes presos aos dela como num transe, ele abriu a boca, prestes a dizer algo...

BUM.

A caverna tremeu como uma folha. Por um momento, o ar pareceu assumir uma estranha transparência. O corpo de Cam tremulou, estando ali e *não* estando ao mesmo tempo, a própria existência parecendo bruxulear.

— Chronomoto — disse Daniel.

— Infalível como uma mãezona rastreando os filhos — concordou Cam.

Luce se levantou, sentindo falta do próprio corpo no saco de dormir, da mão de Daniel em seu joelho, de Arriane, cuja voz abafada dizia “não fui eu” até que as asas de Annabelle batessem nela para acordá-la. Todos estavam *bruxuleando* diante dos olhos uns dos outros. Concretamente presentes num momento, e sem substância, como fantasmas, no seguinte.

O chronomoto havia liberado de repente uma dimensão em que eles nem mesmo

estavam *ali*.

A caverna ao redor estremeceu. Areia se desprende das paredes. Mas, ao contrário de Luce e seus amigos, as propriedades físicas da rocha vermelha permaneceram imutáveis, como se para provar que apenas pessoas – *almas* – corriam o risco de serem apagadas.

— O *Qayom Malak*! — disse Phil. — Uma pedra caída iria soterrá-lo novamente.

Luce observou, incomodada, enquanto as asas pálidas do Pária estremeciam à medida que ele cambaleava freneticamente em direção à entrada da caverna.

— Isto é um abalo sísmico na realidade, Phillip, não um terremoto — falou Dee, detendo Phil. A voz dela soava como se alguém estivesse aumentando e diminuindo seu volume. — Agradeço a preocupação, mas teremos de aguentar firmes.

E então houve um último e grande “bum”, um rugido longo e terrível, durante o qual Luce não pôde ver *ninguém*, e depois eles estavam de volta, sólidos, novamente *reais*. Houve um silêncio súbito, tão absoluto que Luce pôde ouvir o próprio coração batendo dentro do peito.

— Isso, tudo bem — disse Dee. — O pior já passou.

— Todos estão bem? — perguntou Daniel.

— Sim, querido. Estamos bem — respondeu Dee. — Embora tenha sido uma experiência desagradável. — Ela se levantou e caminhou, a voz seguindo logo atrás. —

Pelo menos foi um dos últimos deslocamentos sísmicos que alguém terá que vivenciar.

Trocando olhares, os outros a seguiram para fora da caverna.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Luce. — Lúcifer já está assim tão próximo? — Seu cérebro estava a toda, contando amanhecer, anoitecer, amanhecer, anoitecer. As lembranças se emaranhavam, uma corrente de frenesi, pânico e asas voando no céu.

Era de manhã quando Luce adormecera...

Eles pararam em frente ao *Qayom Malak*. Luce permaneceu no bloco em forma de ponta de flecha, encarando a escultura dos dois anjos. Roland e Cam elevaram-se no céu e pairaram a cerca de 15 metros do chão. Olharam em direção ao horizonte, próximos um do outro para poderem conversar em particular. Suas enormes asas bloqueavam a luz do sol – que, Luce notou, estava baixo no horizonte.

— Já é a tarde do sexto dia desde que Lúcifer começou sua Queda solitária —

disse Dee calmamente.

— Nós dormimos o dia todo? — perguntou Luce, apavorada. — Perdemos tempo demais...

— Nada foi perdido — disse Dee. — Tenho uma longa noite pela frente. E, pensando bem, você também. Logo estará grata por ter descansado.

— Vamos começar antes que outra alteração se inicie, antes que tenhamos de lutar contra a Balança — disse Cam, enquanto ele e Roland voltavam para o chão. As asas de ambos se chocaram levemente por causa da força do pouso.

— Cam está certo. Não temos tempo a perder. — Daniel pegou a mochila preta, que continha a auréola que Luce havia roubado da igreja submersa em Veneza. Então

pegou a sacola de pano, que trazia uma protuberância no centro, bem onde ele colocara a asa de prata. Ele pôs as duas bolsas fechadas diante de Dee, de maneira que os três artefatos ficassem enfileirados.

Dee não se moveu.

— Dee? — chamou Daniel. — O que temos de fazer?

Dee não respondeu.

Roland deu um passo à frente, tocando as costas dela.

— Cam e eu vimos sinais de mais anjos da Balança no horizonte. Eles ainda não conhecem nossa localização, mas não estão muito longe. Seria melhor se começássemos.

Dee franziu a testa.

— Temo que isso seja impossível.

— Mas você disse... — Luce começou a falar enquanto Dee a observava placidamente. — A tatuagem. O símbolo no chão...

— Eu ficaria feliz em *explicar* — falou Dee. — Mas não podemos apressar a obra.

Ela olhou em volta do círculo de anjos, Párias e Luce. Quando teve certeza de que tinha a atenção de todos, começou a falar:

— Conforme já sabemos, o começo da história dos que caíram jamais foi escrita.

Embora possam não se lembrar com clareza — o olhar caiu sobre os anjos —, vocês gravaram seu primeiro dia na Terra com *objetos*. Até hoje, os elementos essenciais de sua sabedoria pré-histórica estão codificados em diferentes artefatos, que são, para os olhos comuns, uma coisa completamente diferente.

Dee pegou a auréola a auréola e segurou-o contra a luz do sol.

— Vejam — disse ela, correndo o dedo por uma série de rachaduras no vidro que Luce não havia notado antes. — Esta auréola de vidro é também uma lente. — Dee a manteve erguida para que todos pudessem olhar através dela. Atrás, seu rosto estava levemente distorcido pela curvatura convexa do vidro, fazendo com que seus olhos dourados ficassem enormes.

Abaixou a auréola a auréola, pegou a sacola de pano e tirou dela o cálice de prata, que brilhou com os últimos raios de sol do dia enquanto Dee deslizava a mão suavemente por seu interior.

— Assim como este cálice — disse ela, apontando para a ilustração martelada na prata, as asas que Luce havia notado em Jerusalém —, carrega o registro do êxodo do local da Queda, a primeira Diáspora dos anjos. Para retornarem para sua primeira casa na Terra, vocês precisam encher esse cálice. — Ela fez uma pausa, olhando para dentro do cálice de prata. — Quando estiver cheio, iremos esvaziá-lo no chão de mosaico, que contém a imagem de como o mundo já foi um dia.

— Quando o cálice estiver cheio? — repetiu Luce. — Cheio de quê?

— Primeiro, as primeiras coisas. — Dee caminhou para a margem da plataforma de pedra e varreu alguns sedimentos. Então se curvou para colocar o cálice diretamente no topo do símbolo amarelo na pedra. — Creio que isto deva ficar aqui.

Luce permaneceu ao lado de Daniel, extasiada, enquanto observavam Dee subir e

descer lentamente a plataforma. Finalmente, ela pegou a auréolaa auréola outra vez e a carregou até o *Qayom Malak*. Em determinado momento, havia tirado as botas de caminhada e calçara novamente seus sapatos de salto alto, e agora os saltos tamborilavam no mármore. Os cabelos despenteados desciam até a cintura. Ela inspirou profundamente e expirou.

Com ambas as mãos, ergueu a auréolaa auréola acima da própria cabeça, sussurrou algumas palavras de oração e então, com muito cuidado, baixou-a diretamente no espaço formado pelas asas das esculturas dos anjos rezando. Coube como um anel.

— Eu *não* esperava por isso — disse Arriane para Luce.

Luce também não – embora estivesse certa de que a mulher estava envolvida em algo poderoso, sagrado.

Quando se virou para encarar Luce e os anjos, Dee parecia prestes a dizer alguma coisa. Em vez disso, caiu de joelhos e se deitou de costas no chão, aos pés do *Qayom Malak*. Daniel se apressou em direção a ela, pronto para ajudá-la, mas ela sinalizou com a mão para que ele se afastasse. A ponta de seus sapatos descansava no peito do *Qayom Malak*; os braços delgados se estendiam acima da cabeça, de forma que as pontas dos dedos roçassem levemente o cálice de prata. Seu corpo ocupava o espaço com precisão.

Ela fechou os olhos e permaneceu imóvel por vários minutos.

Quando Luce estava começando a se perguntar se ela havia adormecido, Dee falou:

— Foi bom que eu tenha parado de crescer há duzentos anos.

Então ela se levantou, apoiando-se em Roland, e limpou a poeira da própria roupa.

— Está tudo certo. Quando a lua iluminar bem ali. — Apontou em direção ao céu, a leste, logo acima das rochas.

— A lua? — Cam olhou para Daniel.

— Sim, a lua. Ela precisa brilhar exatamente aqui. — Dee bateu de leve no centro da auréolaa auréola de vidro, onde uma rachadura

ficara mais visível do que minutos atrás. — Se bem conheço a lua, e eu conheço (após todos esses anos, uma pessoa desenvolve com seus companheiros um relacionamento íntimo) ela deve iluminar exatamente onde precisamos que ilumine à meia-noite de hoje. O que vem a calhar realmente, já que a meia-noite é a minha hora favorita do dia. A hora das bruxas...

— E o que acontecerá então? — perguntou Luce. — À meia-noite, quando a lua estiver onde tem de estar?

Dee andou mais devagar e fechou as mãos em concha na altura das bochechas de Luce.

— Tudo, querida.

— E o que precisamos fazer nesse meio-tempo? — perguntou Daniel.

Dee enfiou a mão no bolso do cardigã e puxou um grande relógio de ouro.

— Algumas coisas ainda precisam ser feitas.

Seguiram as instruções de Dee nos mínimos detalhes. Cada um dos artefatos foi

limpo, polido, espanado por diversos pares de mãos. Já era noite alta quando Luce pôde visualizar o que Dee tinha em mente para a cerimônia.

— Mais duas lamparinas, por favor — instruiu Dee. — Isso totalizará três, uma para cada relíquia. — Era estranha a maneira como Dee se referia às relíquias, como se não fosse uma delas. Era ainda mais estranha a forma como andava de um lado para o outro do planalto, como uma anfitriã preparando um jantar, certificando-se de que tudo estava perfeito.

O quarteto de Párias acendeu as lamparinas ritualisticamente. Suas cabeças raspadas orbitavam sobre as pedras como planetas. A primeira lamparina iluminou o *Qayom Malak*.

A segunda lançou luz sobre o cálice de prata, que ainda estava onde Dee o deixara, sobre a pedra dourada em forma de ponta de lança, distante exatamente à altura de Dee

– meros um metro e meio – do *Qayom Malak*. Antes, os anjos haviam providenciado um arco em formato de meia-lua, com pedras como

bancos, dispondo-as do lado direito e do lado esquerdo da placa, de maneira a lembrar um palco. Isso fez o espaço parecer-se ainda mais com um anfiteatro. Annabelle limpava as rochas como um lanterninha preparando os assentos para uma plateia iminente.

— O que Dee vai fazer com tudo isto? — sussurrou Luce para Daniel.

Os olhos violeta de Daniel estavam pesados com algo que ele não conseguia verbalizar e, antes que Luce pudesse implorar para que tentasse fazê-lo, as mãos de Dee encontraram os ombros de Luce.

— Por favor, vistam estes robes. Acho que vestes cerimoniais ajudam a manter o foco na tarefa a ser feita. Daniel, acho que este deve servir em você. — Ela colocou um manto marrom-escuro nas mãos dele. — E aqui está um para a bela Arriane. — Passou o robe para o anjo. — Falta você, Luce. Há robes menores no fundo do meu baú, logo ali.

Pegue minha lamparina e procure.

Luce pegou o lampião e começou a guiar Daniel em direção à caverna onde haviam passado a noite anterior, mas Dee segurou o braço do anjo.

— Posso falar com você?

Daniel assentiu para que Luce prosseguisse sozinha, então ela o fez, imaginando o que Dee não queria falar na sua frente. Apoiou o cabo da lamparina no antebraço, fazendo a luz balançar enquanto caminhava para a entrada da caverna.

Luce abriu a tampa do baú e enfiou a mão dentro dele. A única coisa ali era um longo manto marrom, que pegou. Era feito de uma lã grossa, espesso como um casaco de inverno e de cheiro adocicado, como tabaco. Quando o ergueu acima do corpo, pareceu ser cerca de um metro mais longo que ela. Agora estava ainda mais curiosa para saber o motivo pelo qual Dee a havia afastado de Daniel. Colocou a lanterna no chão e puxou o robe desajeitadamente por cima da cabeça.

— Precisa de ajuda?

Cam havia entrado na caverna tão silenciosamente quanto uma nuvem. De pé atrás dela, pegou uma parte da sobra de tecido e a enfiou embaixo do cinto de pano do manto. Ele o amarrou de forma que agora a roupa chegasse até os tornozelos de Luce,

cabendo perfeitamente, como se tivesse sido feita para ela.

Luce se virou para encará-lo. A luz da lanterna tremulava em seu rosto. Ele permaneceu imóvel, da maneira como apenas Cam sabia fazer.

Luce correu os dedos por baixo do cinto que ele havia amarrado.

— Obrigada — disse ela, voltando em direção à entrada da caverna.

— Luce, espere...

Ela parou. Cam baixou o olhar para o bico da bota, chutando a lateral do baú. Luce observou também. Estava se perguntando como não o havia ouvido entrar na caverna, como tinham acabado ficando sozinhos.

— Você ainda não acredita que estou do seu lado.

— Não importa mais, Cam. — Ela sentiu um nó impossivelmente apertado na garganta.

— *Escute.* — Cam deu um passo na direção dela, de maneira que ficaram a apenas alguns centímetros de distância um do outro. Ela pensou que fosse tomá-la nos braços, mas ele não o fez. Nem mesmo tentou tocá-la; apenas ficou bem perto dela, imóvel. —

As coisas eram diferentes. Olhe para mim. — Ela obedeceu, nervosa. — Posso trazer o dourado de Lúcifer em minhas asas agora, mas não foi sempre assim. Você me conheceu antes de eu tomar esse caminho, Lucinda, e nós éramos amigos.

— Bem, como você mesmo disse, as coisas mudam.

Cam deixou escapar um rosnado frustrado.

— É *impossível* se desculpar para uma garota cuja memória é tão convenientemente seletiva. Permita que eu tente: à medida que desperta para o seu verdadeiro eu, começa a recobrar todo tipo de lembranças suntuosas nas quais você e Daniel se apaixonam, Daniel fala uma linda frase, Daniel se vira em direção a silhuetas que acariciavam as pontas das estrelas no horizonte...

— E por que não deveria? Pertencemos um ao outro. Daniel é meu tudo. E você é...

— O que ele diz a meu respeito? — Os olhos de Cam se estreitaram.

Luce estalou os dedos e se lembrou da maneira como, mais cedo na Sword & Cross, as mãos de Daniel haviam deslizado sobre as dela para que parasse com aquela mania. O toque dele havia sido familiar desde o começo.

— Ele diz que confia em você.

Uma pausa se seguiu, mas Luce se recusou a preenchê-la. Queria ir embora. E se Daniel chegasse e a visse nessa caverna escura com Cam? Estavam discutindo, mas Daniel não seria capaz de perceber isso a distância. Com o que se pareciam, ela e Cam?

Quando ergueu o olhar, os olhos dele estavam límpidos, verdes e profundamente tristes.

— *Você* confia em mim? — perguntou ele.

— Por que isto importa agora se...

Os olhos dele se arregalaram, ferozes e excitados.

— *Tudo importa agora*. Todos os outros momentos foram apenas ensaios para o que ocorre agora. E, para que faça o que tem que fazer, não pode me ver como um inimigo. Você não faz ideia de onde se meteu.

— Do que você está falando?

— Luce. — Era a voz de Dee. Ela e Daniel estavam parados na entrada da caverna.

Dee era a única a sorrir. — Estamos prontos para você!

— Eu?

— Você.

Luce sentiu medo de repente.

— O que preciso fazer?

— Por que não me acompanha e descobre?

As mãos de Dee estavam estendidas, mas Luce achou difícil se mover. Olhou para Cam, mas ele olhava para Daniel, que ainda estava olhando para ela, seus olhos ardendo como faziam quando estava prestes a pegá-la nos braços e beijá-la apaixonadamente.

Mas ele não se mexeu e isso fez com que os poucos metros que os afastavam parecessem milhares de quilômetros.

— Eu fiz algo errado? — perguntou ela.

— Você está prestes a fazer algo maravilhoso — disse Dee, ainda estendendo as mãos para ela. — Não vamos desperdiçar o pouco tempo que temos.

Luce pegou a mão dela, que estava tão fria que a assustou. Estudou Dee, que parecia mais pálida, mais frágil e mais velha do que na biblioteca em Viena. Mas, de alguma forma, por baixo da pele fina e dos ossos proeminentes, algo ainda brilhava de forma efervescente, vindo de seu interior.

— Eu pareço bem, querida? Você está me encarando.

— Claro — disse Luce. — É que...

— Minha alma? Está brilhando, não é?

Luce assentiu.

— Ótimo.

Cam e Daniel não se falaram quando passaram um pelo outro: Cam saindo da caverna e Daniel dando a volta atrás de Luce, segurando a lanparina.

— Dee? — Luce se virou para a mulher, cuja mão gélida estava tentando esquentar com a sua. — Não quero ir até lá. Tenho medo e não sei por quê.

— Isso é como deveria ser. Mas essa tarefa não pode ser de outra pessoa.

— Será que alguém poderia por favor me dizer o que está acontecendo?

— Sim — respondeu Dee, dando um puxão firme, mas encorajador na mão de Luce. — Assim que formos lá para fora.

Enquanto rodeavam a pedra em formato de ponta de lança que encobria parcialmente a entrada da pequena caverna, o vento frio caía sobre eles, inclemente.

Luce ficou para trás, protegendo o rosto do súbito jato de areia com a

mão livre. Dee e Daniel a ajudaram a seguir pela trilha que haviam percorrido na noite anterior, no trecho onde estavam mais expostos ao vento.

Luce descobriu que os picos ao redor do planalto formavam barreiras contra as rajadas revoltas, permitindo que enxergasse e escutasse novamente. Embora conseguisse ouvir a tempestade de areia diária uivando além do planalto, tudo o que estava dentro da rocha curvada parecia subitamente quieto e claro.

Duas lamparinas brilhavam no bloco de mármore – uma diante do *Qayom Malak* e outra atrás do cálice de prata. Ambas atraíam alguns mosquitos, que se chocavam contra o vidro das lanternas, estranhamente acalmando Luce. Pelo menos ainda estava num mundo onde as luzes atraíam mosquitos. Ainda estava em um mundo que conhecia.

A lamparina iluminou os dois anjos dourados ajoelhados em oração. A luz tocou as bordas da pesada auréola de vidro rachado, que Dee havia retornado ao seu lugar de direito, aninhada nas asas dos anjos.

No despenhadeiro que se elevava sobre o platô, quatro Párias estavam empoleirados nas bordas da rocha, cada um encarando um dos pontos cardeais. As asas dos Párias, guardadas de lado, mal pareciam visíveis, mas o facho de luz do lampião de Daniel mostrava as setas estelares em cada um de seus arcos prateados, como se aguardassem a chegada dos anjos da Balança a qualquer momento.

Os quatro anjos caídos que Luce conhecia melhor ocupavam os assentos de pedra ao redor das relíquias, dispostas de forma ritualística. Arriane e Annabelle estavam sentadas de um lado, as costas eretas, as asas ocultas. Do outro lado estavam Cam e Roland... com um assento vazio entre eles.

Seria para Luce ou Daniel?

— Muito bem, todos estão aqui, exceto a lua — falou Dee, olhando para o céu. —

Mais cinco minutos. Daniel, poderia se sentar no seu lugar?

Daniel entregou a lanterna para Dee e caminhou pela placa de mármore. Parou diante do *Qayom Malak*. Luce quis ir até ele, mas antes que pudesse se inclinar em sua direção, Dee segurou a mão dela com mais força.

— Fique comigo, querida.

Daniel se sentou entre Roland e Cam, e encarou Luce com olhos inexpressivos.

— Permita-me que explique — ecoou nas paredes de pedra vermelha a voz calma e clara de Dee, e todos os anjos se apuraram para ouvir.

— Conforme falei mais cedo, precisamos que a lua apareça, e agora, daqui a alguns instantes, ela virá nos visitar acima deste pico. Irá brilhar através da lente da auréolaa auréola. Temos sorte de o céu estar limpo esta noite, sem nada para obscurecer as sombras das adoráveis crateras da lua quando se encaixarem nas rachaduras do vidro da auréolaa auréola. Juntos, irão projetar os contornos dos continentes e as linhas dos países, que, com a ajuda dos entalhes do cálice, irão abranger o mapa da Simulacra Terra Prima. Bem aqui. — Ela apontou para um espaço vazio no degrau de mármore, onde havia se deitado na noite anterior, ao medir a distância entre o *Qayom Malak* e o cálice de prata. — Vocês verão uma representação do mundo quando os anjos caíram na Terra. Sim — suspirou ela —, só mais um momento. Ali.

A crista da lua apareceu sobre o penhasco que se sobressaía por trás do *Qayom Malak*. E, embora estivesse pálida e minguante, brilhou tão clara como o amanhecer. Os anjos, os Párias, Luce e Dee permaneceram quietos durante vários minutos, observando a lua subir, observando enquanto ela brilhava debilmente, depois mais forte, através da superfície translúcida da auréola. A placa de mármore além dele

ficou branca, depois enevoadada e então, subitamente, a projeção tornou-se clara, bem visível e real. As linhas projetadas, as interseções – *continentes* –, fronteiras, terras e mares.

Parecia parcialmente completo. Algumas linhas levavam a lugar algum; algumas fronteiras jamais se fecharam. Mas estava claro que era o mapa da Terra, pensou Luce, como devia ter sido quando Daniel caiu ali por causa dela. Aquilo remexeu algo no fundo de sua memória. Parecia familiar.

— Você está vendo a pedra amarela ali no centro? — perguntou Dee.

Luce comprimiu os olhos para enxergar uma cerâmica da mesma pedra amarela, levemente mais escura que aquela onde o cálice havia sido colocado.

— Aquilo somos nós, logo ali, no centro de tudo.

— Como uma seta dizendo: “Você está aqui” — disse Luce.

— Isso mesmo, querida. — Dee se virou para Luce. — E agora, minha Lucinda querida, já consegui entender qual é o seu papel nesta cerimônia?

Luce se aborreceu. O que queriam dela? Era a história deles, não dela. Depois de toda aquela confusão, era apenas uma garota como outra qualquer, arrebatada pela promessa do amor. Daniel a havia encontrado na Terra após ter caído do Céu; alguém deveria perguntar a *ele* o que estava acontecendo.

— Sinto muito. Eu não sei.

— Vou dar uma dica — disse Dee. — Está vendo o lugar onde os anjos caíram marcado neste mapa?

Luce suspirou, ansiosa para conseguir logo uma explicação.

— Não.

— Foi determinado há muitos milênios que o local neste mapa seria apenas revelado com sangue. O sangue que corre pelas nossas veias sabe muito mais que nós.

Observe atentamente. Vê as ranhuras no mármore? São as linhas que fecham as fronteiras da Terra angélico-pré-lapsariana. Elas devem se tornar claras depois que o sangue for derramado. O sangue fará uma poça em um lugar de importância vital. O

conhecimento, querida, está no sangue.

— O local da Queda — disse um dos anjos, reverentemente. Luce não conseguiu determinar se foi Arriane ou Annabelle.

— Mais ou menos como um mapa do tesouro numa história de aventura, o local do impacto, o local da Queda, será marcado com uma estrela de sangue de cinco pontas.

Agora...

Dee estava falando, porém Luce não conseguia mais ouvir o que dizia. Então era isso que teria de ser feito para deter Lúcifer. Era isso que Cam quis dizer que ela precisaria fazer. Era por isso que Daniel não olhava para Luce. Sentia como se sua garganta estivesse fechada. Quando abriu a boca, soou como se estivesse embaixo d'água.

— Você precisa... — Ela engoliu em seco. — Do meu sangue.

Dee engasgou de rir e pressionou uma mão fria contra o rosto de Luce.

— Meu Deus, não, querida! Fique com seu sangue. Eu lhe darei o meu.



— O quê?

— Isso mesmo. Enquanto eu estiver deixando este mundo, você irá encher o cálice de prata com meu sangue. Irá derramá-lo nesta depressão a leste da marca da seta dourada. — Ela indicou uma falha à esquerda do cálice, depois balançou as mãos dramaticamente em direção ao mapa. — Então irá observá-lo preencher as falhas aqui e ali, aqui e ali, até encontrar a estrela. Aí você saberá onde encontrar Lúcifer e acabar com o plano dele.

Luce estalou os dedos. Como Dee podia falar sobre a própria morte de maneira tão casual?

— Por que você faria isso?

— Ora, foi para isso que fui criada. Os anjos foram criados para adorar e eu também tenho um propósito.

Então Dee puxou de um dos bolsos mais fundos de seu manto marrom um longo punhal de prata.

— Mas este é...

O punhal que a Srta. Sofia tinha utilizado para matar Penn. O mesmo que ela havia utilizado em Jerusalém quando prendeu os anjos.

— Sim, eu o peguei no Gólgota — explicou Dee, admirando o belo punhal. A lâmina brilhava como se tivesse acabado de ser afiada. — Este punhal possui uma história sombria. É hora de fazer bom uso dele, querida. — Ela estendeu o punhal, a lâmina pousada na palma de sua mão, o cabo apontando na direção de Luce. —

Significaria muito para mim se fosse você a pessoa a derramar o meu sangue, querida.

Não apenas porque *é* querida para mim, mas também porque *precisa* ser você.

— Eu?

— Sim, você. Precisa me matar, Lucinda.



QUINZE

A DÁDIVA

-N ão posso!

— Sim, pode — falou Dee. — E irá fazê-lo. Ninguém mais pode.

— Por quê?

Dee olhou por sobre os ombros, em direção a Daniel. Ele permanecia sentado, olhando para Luce, mas não parecia enxergá-la. Nenhum dos anjos se levantou para ajudá-la.

Dee sussurrou:

— Se está, como diz estar, completamente determinada a quebrar sua maldição...

— *Você sabe que estou.*

— Então precisa usar o meu sangue para isso.

Não. Como poderia a maldição dela estar relacionada a derramar o sangue de outra pessoa? Dee os trouxera até ali, até o *Qayom Malak*, para revelar o local da Queda dos anjos. Esse era o seu papel enquanto *desideratum*. Isso não tinha nada a ver com a maldição de Luce.

Ou tinha?

Quebrar a maldição. Claro que Luce queria fazer isso; era tudo o que ela queria.

Poderia ela quebrá-la, ali e agora? Como seria capaz de viver tranquilamente com sua consciência caso matasse Dee? Luce olhou para a senhora, que lhe segurou as mãos.

— Não quer saber a verdade sobre sua primeira vida?

— Claro que quero. Mas por que matar alguém revelaria meu passado?

— Vai revelar todo tipo de coisas.

— Não compreendo.

— Ah, querida. — Dee suspirou, olhando para além de Luce, para os outros. —

Estes anjos fizeram um bom trabalho para protegê-la, mas também a protegeram ao ponto da complacência. Chegou a hora de você despertar, Lucinda, e para isso, precisa *agir*.

Luce virou-se para não fitá-la. A expressão nos olhos dourados de Dee era apelativa demais, intensa demais.

— Já vi mortes o suficiente — disse Luce.

Um anjo se ergueu da escuridão do círculo que haviam formado ao redor do *Qayom Malak*.

— Se ela não pode fazer isso, eu posso.

— Cale a boca, Cam — repreendeu Arriane. — Sente-se aí.

Cam deu um passo adiante, aproximando-se de Luce. Seu corpo magro lançou

uma sombra pela plataforma.

— Chegamos longe demais. Não dá para dizer que não tentamos de tudo. — Ele se virou para encarar os outros. — Mas talvez ela não seja mesmo capaz disso. Toda pessoa tem um limite. Não seria a primeira juvenzinha em quem alguém apostou uma fortuna e perdeu. E se ela for a última?

O tom do anjo não combinava com suas palavras, nem com seus olhos, que diziam com sinceridade desesperada: “Você pode fazer isso. Você precisa fazer.”

Luce sentiu o peso do punhal na mão. Já vira aquela mesma lâmina ceifar a vida de Penn. Sentira-a na pele quando Sophia tentou matá-la na capela da Sword & Cross. O

único motivo pelo qual Luce não estava morta agora era porque Daniel tinha entrado pela janela rosada para salvá-la. O único motivo

pelo qual não guardava nenhuma cicatriz era por causa do toque curador de Gabbe. Eles haviam salvado a vida dela por causa deste momento. Para que pudesse tirar outra vida.

Dee percebeu o quanto o medo havia tomado conta de Luce. Fez sinal para que Cam se sentasse.

— Talvez fosse melhor, querida, se não encarasse isso como tirar a minha vida.

Você estaria me dando a maior dádiva de todas, Lucinda. Não vê que estou pronta para seguir adiante? — Ela apertou os lábios num sorriso. — Sei que é difícil entender, mas chega um momento na jornada de um corpo mortal em que ele busca morrer do modo mais vantajoso possível. Os antigos chamavam a isso de “boa morte”. É hora de eu partir e, se me der a dádiva dessa morte *muito* boa, prometo que não vai se arrepender.

Com os olhos ardendo em lágrimas, Luce olhou para além de Dee.

— Dan...

— Não posso ajudar você, Luce — disse Daniel, antes mesmo de terminar de pronunciar seu nome. — Precisa fazer isso sozinha.

Roland se levantou e examinou o mapa. Olhou para a lua a leste.

— Se for mesmo feito, então melhor que seja rápido.

— Não temos muito tempo — explicou Dee, apoiando a mão frágil sobre o ombro de Luce.

As mãos de Luce tremiam, suando sobre o cabo pesado do punhal, o que tornava difícil segurá-lo. Atrás de Dee, via a plataforma com o mapa semidesenhado, e, mais adiante, o *Qayom Malak*, no qual a auréola de vidro estava apoiada. O cálice de prata repousava aos pés de Dee.

Luce havia passado por um sacrifício antes: em Chichén Itzá, quando se clivara ao seu eu do passado de nome Ix Cuat. Aquele ritual não tinha feito nenhum sentido para Luce. Por que alguém querido deveria morrer para que outras coisas queridas pudessem continuar vivendo? Será que quem havia criado tais regras não achava que isso merecia uma explicação? Era como Abraão, a quem foi pedido que sacrificasse o filho Isaac. Teria Deus criado o amor para fazer com que o sentimento de dor fosse ainda pior?

— Fará isso por mim? — pediu Dee.

Quebrar a maldição.

— Fará isso por si?

Luce segurou o punhal entre as palmas abertas.

— O que eu devo fazer?

— Vou orientar você no processo.

A mão esquerda de Dee se fechou ao redor da direita de Luce, que cerrou ao redor do punhal. O cabo estava escorregadio pelo suor das mãos.

Com a mão direita livre, Dee desamarrou seu manto e o retirou, ficando diante de Luce vestida com uma longa túnica branca. A parte de cima de seu peito estava nua, revelando a tatuagem de ponta de flecha.

Luce gemeu ao ver aquilo.

— Por favor, não se preocupe, querida. Sou uma raça especial, e este momento sempre foi o meu destino. Um rápido golpe em meu coração será o bastante para me libertar.

Era o que Luce precisava ouvir. O punhal tremia enquanto Dee o guiava na direção da tatuagem. A senhora só podia ajudar Luce até certo ponto, porém; Luce sabia que em breve teria de segurar a lâmina sozinha.

— Você está se saindo bem.

— Espere! — gritou Luce quando a lâmina cortou a carne de Dee. Uma gota vermelha de sangue desabrochou na pele da senhora, bem acima da barra da túnica. —

O que irá acontecer com você depois que morrer?

Dee sorriu tão tranquilamente que Luce não teve dúvidas de que aquilo era para o bem dela.

— Ora, querida, deslizarei para a obra-prima.

— Você vai para o Céu, não é?

— Lucinda, não vamos falar sobre...

— Por favor. Não posso mandar você para outra vida a menos que saiba como será. Eu irei vê-la novamente? Você irá embora como um anjo?

— Oh, não, minha morte será uma vida secreta, como o sono — disse Dee. —

Melhor que o sono, na verdade, porque pela primeira vez serei capaz de sonhar. Em vida, os transeternos jamais sonham. Eu irei sonhar com o Dr. Otto. Faz tanto tempo que não vejo o meu amor, Lucinda. Com certeza, você deve ser capaz de entender, não é?

Luce sentiu vontade de chorar. Ela entendia. Claro, claro que aquilo ela entendia.

Tremendo ainda mais, ela levou o punhal de volta até a tatuagem no peito de Dee.

A velha apertou de leve as mãos de Luce.

— Abençoada seja, criança. Abençoada seja abundantemente. Depressa, agora. —

Ansiosa, Dee olhou para o céu, piscando para a lua. — Para dentro.

Luce gemeu ao enfiar o punhal no peito da senhora. A lâmina atravessou carne, ossos e músculos – e depois chegou ao belo coração, enterrada quase até o punho. Os rostos de Luce e de Dee praticamente se tocavam. As nuvens que as respirações de ambas formavam se misturaram no ar.

Dee rangeu os dentes e segurou a mão de Luce ao dar à lâmina um giro rápido

para a esquerda. Os olhos dourados se arregalaram, depois se congelaram de dor ou espanto. Luce queria desviar o olhar, mas não conseguiu. Procurou o grito dentro de si mesma.

— Retire a lâmina — sussurrou Dee. — Despeje meu sangue no cálice de prata.

Recuando, Luce arrancou o punhal. Sentiu algo se partir no interior do corpo de Dee. A ferida era uma caverna negra aberta. O sangue fluía para a superfície. Era aterrorizante ver os olhos dourados de Dee se

nublando. A senhora desabou no platô iluminado pelo luar.

À distância, ouviu-se o grito agudo de um anjo da Balança. Os anjos olharam para cima.

— Luce, precisamos que ande depressa — disse Daniel com calma forçada, que a deixou mais alarmada do que se estivesse em pânico.

Ela ainda segurava o punhal, que estava vermelho, pegajoso e pingava com o sangue da transeterna. Ela o atirou no chão e o punhal caiu com um tilintar minúsculo que a deixou furiosa, pois mais parecia um brinquedo do que a poderosa arma que matara duas almas amadas por Luce.

Limpou as mãos no manto e lutou para conseguir respirar. Teria desabado de joelhos caso Daniel não a segurasse.

— Desculpe, Luce. — Ele a beijou, os olhos irradiando sua costureira ternura.

— Pelo quê?

— Por eu não ter podido ajudar.

— Por que não pôde?

— Você fez o que nenhum de nós poderia fazer. E fez sozinha. — Segurando-a pelos ombros, Daniel virou Luce na direção da visão que ela não queria ver.

— Não. Por favor, não me faça...

— Olhe.

Dee estava se sentando, aninhando o cálice de prata de modo que a borda pressionasse o seio. O sangue fluía livremente de seu coração, irrompendo a cada batida poderosa, como se não fosse sangue e sim algo mágico e estranho, de outro mundo. Luce supôs que fosse mesmo. Os olhos de Dee estavam fechados, mas ela sorria, com o rosto erguido para cima, iluminado pela lua. Não parecia sentir dor alguma.

Quando o cálice estava cheio, Luce deu um passo adiante, dobrou o corpo para apanhá-lo e colocou-o de volta na flecha amarela da plataforma. Quando tirou o cálice de prata de Dee, a velha senhora tentou se levantar. As mãos ensanguentadas se apoiaram no chão para ajudar no impulso. Os joelhos tremeram quando lutou para se apoiar

sobre um dos pés, depois o outro. Inclinou-se para a frente, o corpo sofreu uma ligeira convulsão enquanto ela segurava o manto negro. Estava tentando colocá-lo novamente ao redor dos ombros, percebeu Luce, para que a ferida ficasse coberta.

Arriane deu um passo à frente para ajudá-la, mas não adiantou. Mais sangue inundou o manto.

Os olhos dourados de Dee estavam mais pálidos; a pele, quase translúcida. Tudo

nela parecia desbotado e suave, como se ela já estivesse em algum outro lugar. Um novo soluço subiu ao peito de Luce enquanto Dee dava um passo, mancando em sua direção.

— Dee! — Luce cruzou o espaço entre elas, estendendo os braços para segurar o corpo da mulher que morria. Parecia uma sombra do que tinha sido antes de Luce atravessá-lo com o punhal.

— Shhh — pediu Dee. — Só queria agradecer a você, querida. E te dar este pequeno presente de despedida. — Enfiou a mão dentro do manto e, ao retirá-la, seu polegar estava escuro de sangue. — O presente do autoconhecimento. Você precisa se lembrar de como sonhar com aquilo que já conhece. Agora chegou a hora de eu dormir e de você despertar.

Os olhos de Dee percorreram o rosto de Luce, e parecia que era capaz de enxergar tudo o que havia para ver nele – todo o passado e o futuro da garota. Por fim, pressionou a testa de Luce com seu polegar ensanguentado.

— Faça bom proveito, querida.

Então ela caiu.

— Dee! — Luce atirou-se sobre ela, mas a mulher estava morta. — *Não!*

Atrás de Luce, Daniel a segurou pelos ombros, oferecendo-lhe toda a força que podia. Não era o bastante. Não poderia trazer Dee de volta ou mudar o fato de que Lucinda a matara. Nada poderia.

Lágrimas turvaram a visão de Luce. O vento soprava com força do oeste e assobiava sobre as curvas dos montes, trazendo consigo outro grito esganiçado de um anjo da Balança. Parecia que cada centímetro do mundo estava no caos, e nada jamais se assentaria. Ela tocou a

marca de polegar sobre a testa...

Uma luz branca irradiou ao redor de Luce. Suas entranhas arderam. Ela cambaleou, estendendo os braços na frente do corpo e balançando o corpo cheio de...

Luz.

— Luce? — A voz de Daniel parecia distante.

Estaria ela morrendo?

Sentiu-se subitamente galvanizada, como se a marca em sua testa fosse uma ignição e Dee tivesse lhe acendido a alma.

— Isto é outro chronomoto? — perguntou, embora o céu não estivesse cinzento e sim de um tom branco brilhante. Tão brilhante que não conseguia enxergar Daniel nem nenhum outro anjo ao redor da plataforma.

— Não. — Era a voz de Roland. — É ela.

— É você, Luce. — A voz de Daniel tremia.

Os pés dela deslizavam na rocha enquanto seu corpo se erguia em um esplendor de leveza. Por um instante, o mundo zumbiu com harmonia incandescente.

Agora chegou a hora de você despertar.

O ar ao redor de Luce pareceu estremecer, transformando-se de branco em cinza borrado. Depois, muito ao longe, ela avistou o rosto gargalhante de Bill. As asas negras estavam abertas e eram mais largas que o céu, mais amplas que mil galáxias, enchendo

a mente dela, preenchendo cada reentrância do universo, engolfando Luce com fúria infinita.

Dessa vez eu irei vencer.

A voz dele era como cacos de vidro arrastando-se sobre pele nua.

Quão perto estaria agora?

Os pés de Luce bateram no chão do planalto. A luz sumiu.

Ela caiu de joelhos, aterrissando perto de Dee, que havia se deitado de

lado, apoiando a cabeça em um dos braços, os longos cabelos ruivos espalhados ao redor como sangue. Os olhos estavam fechados e o rosto, sereno, tão diferente do rosto que vinha atormentando Luce naquela semana. A garota tentou se levantar, mas se sentiu desajeitada.

Daniel caiu de joelhos ao seu lado. Sentando na plataforma, a abraçou. O cheiro dos cabelos e o toque das mãos dele a acalmaram. Ele sussurrou:

— Estou aqui, Luce, está tudo bem.

Ela não queria dizer a ele que não parava de ver Bill. Sentia vontade de voltar para aquela luz. Tocou a marca na testa, mas nada aconteceu. O sangue de Dee havia secado.

Daniel estava encarando Luce, os lábios apertados. Tirou o cabelo dos olhos dela e pressionou a palma da mão contra sua testa.

— Você está queimando.

— Estou bem.

Realmente sentia-se febril, mas não havia tempo para se preocupar com isso.

Aquele era o momento que Dee dissera para aguardarem, o momento no qual sua morte valeria a pena.

— Luce. Daniel. — Era a voz de Roland. — É melhor vocês verem isto.

Ele segurava o cálice inclinado e estava derramando a última gota de sangue de Dee na depressão situada na base do mapa. Quando Luce e Daniel se juntaram aos outros, o sangue já havia fluído para o interior da maioria das linhas quebradas do mármore. Embora Dee tivesse dito que a Terra era diferente na época da Queda, o mapa diante deles parecia cada vez mais semelhante ao do mundo contemporâneo.

A América do Sul estava um pouco mais próxima da África, o canto nordeste da América do Norte roçava a Europa, mas basicamente o mapa era igual. Havia um trecho de água onde o Golfo de Suez separava o Egito da península do Sinai e, no meio da península, uma pedra amarela demarcava o platô onde estavam naquele momento. Ao norte situava-se o Mediterrâneo, pontilhado com mil ilhazinhas – e do outro lado de seu cinturão estreito, no ponto onde a Ásia se encontrava com a Europa, havia uma poça rasa de sangue que, aos

poucos, tomava a forma de uma estrela.

Luce ouviu Daniel engolir em seco ao lado. Todos os anjos olhavam estupefatos enquanto o sangue de Dee preenchia as pontas da estrela, indicando o local da Turquia moderna, mais especificamente...

— Troia — disse Daniel por fim, balançando a cabeça, atônito. — Quem teria adivinhado...

— *De novo* esse lugar — murmurou Roland. O tom de voz desvelava uma história



torturante com aquela cidade.

— Sempre tive a impressão de que era um lugar condenado. — Arriane estremeceu. — Mas eu...

— Nunca soube por que — completou Annabelle.

— Cam? — disse Daniel, e os outros afastaram o olhar do mapa para encarar o demônio.

— Eu irei — falou Cam rapidamente. — Está tudo bem comigo.

— Então é isso — disse Daniel, como se não pudesse acreditar. — Philip —

chamou ele, olhando para cima.

Phil e os três Párias se levantaram de seus poleiros na ponta dos montes acima.

— Alerte os outros.

“Que outros? Quem mais restara a essa altura?”, pensou Luce.

— O que digo a eles? — perguntou Phil.

— Diga que sabemos o local da Queda, que estamos partindo agora mesmo para Troia.

— Não. — A voz de Luce interrompeu o movimento dos Párias. — Não podemos ir ainda. E Dee?

No fim, não foi nenhuma surpresa que Dee tivesse cuidado de todas as providências, até os mínimos detalhes para o seu memorial. Annabelle as encontrou enfiadas em um sarrafo na tampa do baú de madeira, que, conforme a carta de Dee explicava, se virava de boca para baixo para formar um altar fúnebre. O sol estava baixo no horizonte quando começaram a construir o memorial. Era o término do sétimo dia; a carta de Dee lhes garantia que aquilo não seria uma perda de tempo.

Roland, Cam e Daniel transportaram o baú até o centro da plataforma de mármore. Cobriram o mapa completamente, para que, quando os anjos da Balança descessem ali, vissem um funeral, e não o local da Queda dos anjos.

Annabelle e Arriane levaram o corpo de Dee para trás do pedestal improvisado.

Colocaram-na cuidadosamente no centro dele, de modo que seu coração ficasse bem acima da estrela formada pelo seu sangue. Luce se lembrou do que Dee dissera: santuários são construídos em cima de santuários. O corpo dela formaria um santuário para o mapa que escondia.

Cam enrolou o manto de Dee ao redor do corpo dela, mas deixou seu rosto exposto fitando o céu. Em seu local de descanso final, Dee, a *desideratum*, parecia pequenina, mas poderosa. Parecia em paz. Luce queria acreditar que Dee estava vagando em sonhos com o Dr. Otto.

— Ela quer que Luce a abençoe — leu Annabelle na carta.

Daniel apertou a mão dela, como se dissesse: *Está tudo bem com você?*

Luce nunca tinha feito nada do tipo. Esperava sentir-se estranha, culpada por falar no funeral de alguém que havia matado, mas no lugar daquelas emoções existia um sentimento de honra e reverência.



Ela foi até o catafalco. Permitiu-se alguns segundos para reunir os pensamentos.

— Dee foi nossa *desideratum* — começou Luce. — Mas ela foi mais do que um objeto desejado.

Luce suspirou e percebeu que não estava abençoando apenas Dee, mas também Gabbe e Molly, cujos corpos viraram ar – e Penn, a cujo funeral não pôde comparecer.

Tudo aquilo era demais. Sua visão rodopiou e as palavras sumiram, e tudo o que sabia era que Dee havia espalhado sangue sacrificial em sua testa.

Era a dádiva de Dee para Luce.

Você precisa se lembrar de como sonhar com aquilo que já conhece.

O sangue pulsava nas têmporas de Luce, com força. A cabeça e o coração estavam tomados por calor, mas as mãos pareciam geladas quando as passou acima do corpo de Dee.

— Algo está acontecendo. — Luce segurou o rosto dela entre as mãos, os cabelos espalhados ao redor do corpo. Fechou os olhos e viu uma luz branca brilhante nos fundos das pálpebras de Dee.

— Luce...

Quando Luce abriu os olhos, os anjos haviam atirado seus mantos para longe e aberto as asas. O planalto estava inundado de luz. Uma grande massa de anjos da Balança pairava em algum lugar logo acima.

— O que está acontecendo? — perguntou Luce, protegendo os olhos com as mãos.

— Precisamos correr, Daniel — berrou Roland lá de cima. Teriam os outros anjos decolado? Qual era a fonte daquela luz?

Os braços de Daniel envolveram a cintura de Luce e a apertaram com força. A sensação era boa, mas ela ainda estava com medo.

— Estou aqui ao seu lado, Lucinda. Eu amo você, não importa o que aconteça.

Ela sabia que seus pés estavam flutuando, que seu corpo alçava voo. Sabia que estava com Daniel. Mas mal tinha consciência da passagem deles pelo céu ardente, mal tinha consciência de qualquer outra coisa que não o estranho e novo latejar em sua alma.



DEZESSEIS

APOCALIPSE

E m algum ponto no meio do caminho começou a chover.

Gotas de chuva tamborilaram nas asas de Daniel. Trovões ribombavam no céu à frente deles. Relâmpagos cruzavam a noite. Luce estivera dormindo, em um estado pesado de algo semelhante ao sono, pois, quando veio a tempestade, despertou para uma semiconsciência sonhadora.

O vento era brutal e incessante, emplastando Luce ao corpo de Daniel. Os anjos voavam através dele com uma velocidade tremenda; a cada batida de asas atravessavam cidades inteiras, cordilheiras inteiras. Sobrevoavam nuvens que pareciam *icebergs* gigantes, passando por elas num piscar de olhos.

Luce não sabia onde eles estavam, nem há quanto tempo viajavam. E não tinha vontade de perguntar.

Estava escuro de novo. Quanto tempo restava ainda? Não conseguia se lembrar.

Contar parecia impossível, embora Luce um dia tivesse adorado resolver contas de cálculo complexas. Quase riu ao pensar em si sentada à carteira de madeira na aula de cálculo, mordiscando uma

borracha ao lado de vinte adolescentes mortais. Será que aquilo realmente já havia acontecido com ela?

A temperatura caiu. A chuva se intensificou quando os anjos voaram para dentro de uma tempestade que se estendia para além dos limites da visão. Agora o som das gotas de chuva caindo sobre as asas de Daniel parecia o de granizo atirado na neve.

A tempestade vinha de lado e de cima. As roupas de Luce ficaram encharcadas.

Sentia calor em um momento e frio no seguinte. As mãos de Daniel ao redor de seu corpo afagaram a pele arrepiada de seus braços. Ela via água descendo pelas pontas de suas botas pretas em direção ao chão, situado a milhares de metros abaixo.

Visões surgiam na escuridão, através da tempestade. Via Dee soltando os cabelos ruivos que rodeavam-lhe o corpo. A senhora sussurrava: *Quebre a maldição*. Seus cabelos viravam tentáculos ensanguentados que a envolviam como as ataduras de uma múmia, depois como um casulo de lagarta... até seu corpo se transformar em uma enorme coluna de sangue espesso e gotejante.

Através da neblina, uma luz dourada aumentou de intensidade. As asas de Cam se enfiaram no espaço entre os pés de Luce e o trecho de terra que ela estava observando.

— É aí? — gritou Cam por cima do vento.

— Não sei — respondeu Daniel.

— E como *iremos* saber?

— Simplesmente iremos.

— Daniel. O tempo...



— Não me apresse. Precisamos levá-la ao lugar certo.

— Ela está dormindo?

— Está febril. Não sei. Shhh.

Um grunhido de frustração acompanhou o desaparecimento do brilho

de Cam de volta ao interior da neblina.

As pálpebras de Luce tremeram. Ela *estava* dormindo? O céu parecia chover pesadelos. Agora via a Srta. Sophia, com os olhos negros cintilando à luz refletida pelas gotas de chuva. Ela levantou o punhal, e as pulseiras de pérola chacoalharam quando desceu a lâmina no coração de Luce. Suas palavras – *A confiança é uma busca negligente* – ecoavam sem parar na mente de Luce, até ela sentir vontade de gritar.

Então a visão da Srta. Sophia tremeluziu e rodopiou, escurecendo-se para formar a gárgula na qual Luce *havia* confiado de modo tão negligente.

O pequeno Bill, que se passara por amigo, durante todo o tempo escondera algo vasto e aterrorizante. Talvez, para o diabo, aquilo fosse a amizade: amor tingido de maldade, sempre. O corpo da gárgula era uma casca para forças obscuramente poderosas.

Na visão de Luce, Bill arreganhava presas negras apodrecidas e exalava nuvens de bolor. Rugia, mas em silêncio, um silêncio que era pior que qualquer coisa que ele já pudesse ter dito, pois a imaginação dela completava o vazio. Ele consumia o plano de visão de Luce na pele de Lúcifer, como o Mal, como o Fim.

Ela abriu os olhos de repente. Apertou os braços de Daniel que a envolviam enquanto os dois voavam pela tempestade interminável.

Você não está com medo, jurou em silêncio em meio à chuva. Era a coisa mais difícil da qual já tivera de se convencer naquela jornada.

Quando você enfrentá-lo novamente, não terá medo.

— Gente — chamou Arriane, aparecendo à direita das asas de Daniel.
— Vejam.

As nuvens se afinavam à medida que eles seguiam em frente. Abaixo estava um vale, um amplo trecho de plantação rochosa que se encontrava com um estreito de mar a oeste. Um cavalo de madeira gigantesco assomava absurdamente na paisagem desértica, monumento a um passado de sombras. Luce pôde ver ruínas de pedra perto dele, um teatro romano, um estacionamento contemporâneo.

Os anjos seguiram voando. O vale se espalhava abaixo, escuro, a não ser pela única luz à distância: um abajur elétrico que brilhava pela janela de uma pequenina cabana no meio da encosta.

— Voem em direção à casa — ordenou Daniel aos demais.

Luce estivera observando uma fileira de bodes se espalhar pelos campos encharcados e se reunir em um bosque de pés de damasco. Seu estômago se revirou quando Daniel se inclinou para baixo de repente. Quando tocaram o chão, Luce e os anjos estavam a cerca de quinhentos metros da cabana branca.

— Vamos entrar. — Daniel pegou a mão de Luce. — Eles devem estar nos

esperando.

Luce caminhou ao lado de Daniel embaixo da chuva. Seu cabelo estava espalhado no rosto, o casaco emprestado ensopado com o que pareciam quinhentos litros de gotas de chuva.

Estavam subindo uma trilha enlameada e sinuosa quando uma grande gota d'água se prendeu aos cílios de Luce e caiu dentro do seu olho. Quando o esfregou e piscou, a Terra havia mudado completamente.

Uma imagem cintilou como um clarão diante de seus olhos, uma lembrança há tempos esquecida que voltava à vida:

O chão molhado sob os pés passou de verde para preto tostado em alguns pontos, e cinza-claro em outros. O vale ao redor estava pontuado por crateras profundas e fumegantes. Luce sentiu o cheiro de carniça, carne queimada e podre, um cheiro tão espesso e pungente que se prendeu ao céu da boca e fez suas narinas arderem. As crateras fervilhavam, emitindo um som como o de cascavéis, quando passou por elas.

Poeira – poeira angelical – estava espalhada por todos os lados; fluuava pelo ar, cobria o chão e as pedras, caía como flocos de neve sobre seu rosto.

Havia algo prateado em sua visão periférica. Pareciam pedaços quebrados de um espelho, só que era fosforescente – cintilando, quase vivo. Luce soltou a mão de Daniel, caiu de joelhos e rastejou pelo chão lamacento na direção do vidro prateado estilhaçado.

Não sabia por que fazia isso. Só sabia que precisava tocar aquilo.

Estendeu a mão na direção de um pedaço grande, gemendo por causa do esforço.

Segurou-o com força...

E depois piscou e não havia nada em suas mãos além de um punhado de lama macia.

Olhou para Daniel, com os olhos cheios de lágrimas.

— O que está acontecendo?

Ele olhou para Arriane.

— Leve Luce para dentro.

Ela sentiu os próprios braços serem levantados.

— Você vai ficar bem, menina — disse Arriane. — Prometo.

A porta de madeira escura da cabana se abriu e uma luz suave derramou-se do interior. Olhando para os anjos molhados estava o rosto calmo e contido de Steven Filmore, o professor preferido de Luce em Shoreline.

— Que bom que você conseguiu chegar — falou Daniel.

— Digo o mesmo. — A voz de Steven era firme e professoral, exatamente como Luce se recordava. De algum modo, era reconfortante.

— Está tudo bem com ela? — perguntou Steven.

Não. Ela estava ficando louca.

— Sim. — A confiança de Daniel pegou Luce de surpresa.

— O que aconteceu com o pescoço dela?

— Trombamos com alguns anjos da Balança em Viena.

Luce estava alucinando. Não se sentia nem um pouco bem. Trêmula, olhou nos olhos de Steven, que eram firmes, confortadores.

Você está bem. Tem de estar. Por Daniel.

Steven ficou segurando a porta aberta para eles entrarem. Na pequena cabana de chão sujo e teto de palha havia um monte de cobertores e tapetes em um canto, um fogão grosseiro perto da lareira e quatro cadeiras de balanço dispostas em quadrado no meio da sala.

De pé, na frente das cadeiras, estava Francesca – a esposa de Steven e a outra professora Nephilim de Shoreline. Phil e os três outros Párias aguardavam em estado de alerta na parede oposta. Annabelle, Roland, Arriane e Luce se apertavam ao redor da lareira do casebre.

— E agora, o que vai ser, Daniel? — perguntou Francesca, com tom profissional e direto.

— Nada — respondeu Daniel rapidamente. — Nada ainda.

Por que não? Lá estavam eles nos campos de Troia, perto do lugar onde era esperado o pouso de Lúcifer. Havia corrido até ali para impedi-lo. Por que passar por tudo o que passaram naquela semana só para ficar sentados dentro de uma cabana, esperando?

— Daniel — disse Luce. — Eu bem que gostaria de uma explicação.

Porém Daniel olhava apenas para Steven.

— Por favor, sentem-se. — Steven conduziu Luce até uma das cadeiras de balanço. Ela afundou ali e assentiu agradecida quando ele lhe estendeu uma xícara de metal com chá turco de maçã com especiarias. Steven fez um gesto para a cabana. —

Não é grande coisa, mas estamos protegidos da chuva e da maior parte do vento, e vocês sabem o que dizem...

— Localização, localização, localização — concluiu Roland, inclinando-se no braço da cadeira de balanço, no ponto onde Arriane havia se aninhado, em frente a Luce.

Annabelle olhou ao redor, para a chuva batendo à janela, para a sala apertada.

— Então foi *aqui* o local da Queda? Quero dizer, meio que consigo sentir isso, mas não sei se é porque é verdade ou porque estou sugestionada. Que coisa mais *estranha*.

Steven, que estava limpando seus óculos no suéter de lã, tornou a deslizar-los pelo nariz e retomou o tom professoral.

— O local da Queda é bastante grande, Annabelle. Pense na área necessária para cento e cinquenta milhões, oitocentos e vinte e sete mil e oitocentos e sessenta e um...

— Você quer dizer cento e cinquenta milhões, oitocentos e vinte e sete

mil e setecentos e quarenta e seis... — interrompeu Francesca.

— Claro, existem discrepâncias. — Steven sempre divertia a bela e combativa esposa. — A questão é que muitos anjos caíram e, assim, o impacto foi amplo. — Olhou brevemente para Luce. — Mas, sim, vocês estão sentados em um dos trechos do local onde os anjos caíram sobre a Terra.

— Seguimos o mapa da velha — disse Cam, atijando o fogo do fogão, que havia se transformado em cinzas. Seu toque, porém, o fez rugir de volta à vida. — Mas ainda me

pergunto como vamos saber com certeza se foi aqui mesmo. Não temos mais muito tempo. Como vamos *saber*?

Porque estou tendo visões a respeito, a mente de Luce gritou de repente. *Porque, de algum modo, eu estava aqui.*

— Que bom que você perguntou. — Francesca abriu um rolo de pergaminho no chão entre as cadeiras de balanço. — A biblioteca Nephilim de Shoreline possui um mapa do local da Queda. O mapa foi desenhado numa escala tão próxima do real que, até alguém determinar uma localização geográfica, poderia ter sido em qualquer lugar.

— Podia muito bem indicar uma fazenda de formigas — acrescentou Steven. —

Estávamos aguardando o sinal de Daniel desde que Luce retornou dos Anunciadores, rastreando o progresso de vocês, tentando ficar ao seu alcance para quando precisassem de nós.

— Os Párias nos encontraram em nossa casa de inverno no Cairo logo depois da meia-noite — disse Francesca, dando de ombros como se estivesse afastando um arrepio. — Por sorte, este aqui trazia o emblema de amizade, senão talvez tivéssemos...

— Ele se chama Phillip. Os Párias estão do nosso lado agora — interrompeu Daniel.

Era estranho que Phil se tivesse feito passar por aluno em Shoreline durante meses e Francesca não o houvesse reconhecido. Bem, mas tinha o fato de a esnobe professora anjo só prestar atenção aos alunos “talentosos” da escola.

— Eu estava torcendo para que vocês conseguissem chegar a tempo —

continuou Daniel. — Como estavam as coisas em Shoreline quando partiram?

— Não muito boas — respondeu Francesca. — Vocês enfrentaram coisa pior, tenho certeza, mas mesmo assim não foi fácil para nós. Os anjos da Balança chegaram a Shoreline na segunda-feira.

Daniel tensionou a mandíbula.

— Não.

— Miles e Shelby... — disse Luce, num arfar. — Eles estão bem?

— Está tudo certo com seus amigos. A Balança não conseguiu encontrar nada para nos acusar...

— Isso mesmo — disse Steven, cheio de orgulho. — Minha esposa é uma ótima comandante. Acima de qualquer repreensão.

— Mesmo assim... — continuou Francesca. — Os alunos ficaram bastante assustados. Alguns de nossos maiores patrocinadores tiraram seus filhos da escola. —

Ela fez uma pausa. — Espero que isso tudo valha a pena.

Arriane se pôs de pé num salto.

— Pode apostar seu rico dinheirinho que vale!

Roland se levantou com rapidez e empurrou Arriane para baixo, para que tornasse a se sentar. Steven segurou o braço de Francesca e levou-a até a janela. Logo todos estavam cochichando e Luce não teve mais forças para ouvir nada além da frase

“Tenho uma grande doação de verbas para ela bem aqui!” dita em voz alta por Arriane.

Lá fora, uma faixa finíssima de luz avermelhada abraçava as montanhas. Luce



ficou olhando para aquilo, com o estômago revirado, sabendo que indicava o nascer do sol do oitavo dia, o último dia completo antes de...

A mão de Daniel foi parar sobre seu ombro, cálida e forte.

— Como você está?

— Tudo certo. — Ela se sentou mais ereta, fingindo estar alerta. — O que precisamos fazer agora?

— Dormir.

Endireitou os ombros.

— Não, não estou cansada. O sol está nascendo, e Lúcifer...

Daniel se inclinou sobre a cadeira de balanço e beijou a testa de Luce.

— O resultado vai ser melhor se você estiver descansada.

Francesca olhou para eles, desviando o olhar da conversa com Steven.

— Você acha que é uma boa ideia?

— Se ela está cansada, precisa dormir. Umas horinhas a mais não vão machucar ninguém. Já estamos aqui.

— Mas *não estou* cansada! — protestou Luce. Era óbvio, porém, que estava mentindo.

Francesca engoliu em seco.

— Bem, creio que você tem razão. Ou vai acontecer ou não vai.

— O que ela quis dizer com isto? — perguntou Luce a Daniel.

— Nada — respondeu ele suavemente. Em seguida, virando-se para Francesca, disse bem baixo: — *Vai acontecer.* — Ele levantou Luce o bastante para poder deslizar o próprio corpo para a cadeira de balanço e ficar ao lado dela. Envolveu os braços ao redor da cintura dela. A última coisa que Luce sentiu foi um beijo em sua têmpora e o sussurro ao pé do ouvido: — Que ela durma pela última vez.

— Pronta?

Luce estava de pé ao lado de Daniel em um terreno não cultivado do lado de fora da cabana branca. A névoa subia do solo, e o céu exibia o tom azul pungente do início de uma tempestade pesada. Havia neve nos morros a leste, mas as planícies ondulantes do vale transpiravam

calor primaveril. Flores desabrochavam nas margens do campo.

Borboletas se espalhavam por toda parte, brancas, cor-de-rosa e douradas.

— Sim.

Luce havia acordado num instante quando sentiu a mão de Daniel levantá-la da cadeira de balanço e levá-la para fora da cabana silenciosa. Devia tê-la abraçado a noite inteira.

— Espere — pediu ela. — Pronta para o quê?

Os outros a observavam, reunidos em um círculo como se estivessem esperando, os anjos e os Párias de asas abertas.

Uma nuvem de cegonhas cruzou o céu, com as asas de pontas negras bem abertas como frondes de palmeiras. O voo delas escureceu o sol por um instante, lançando

sombras sobre as asas dos anjos, antes de seguirem adiante.

— Diga quem sou — pediu Daniel simplesmente.

Era o único anjo cujas asas estavam escondidas sob as roupas. Deu um passo para longe dela, virou os ombros para trás, fechou os olhos e abriu as asas.

Elas se desenrolaram com rapidez e suprema elegância, desabrochando nas laterais do corpo e lançando uma rajada de vento que balançou as copas dos damasqueiros.

As asas de Daniel assomavam sobre o corpo dele, radiantes e maravilhosas, tornando-o impossivelmente lindo. Brilhava como um sol: não apenas as asas, o corpo inteiro, e mais do que isso. O que os anjos chamavam de sua glória se irradiava de Daniel. Luce não conseguia desviar os olhos.

— Você é um anjo.

Ele abriu seus olhos cor de violeta.

— Continue.

— Você... você é Daniel Grigori — continuou Luce. — É o anjo que me ama há milhares de anos. O garoto que amei desde o primeiro momento... não, *em todos os momentos* que o vi pela primeira vez. —

Ela observou o sol brincar sobre a brancura das asas, ansiou para senti-las envolvendo seu corpo. — Você é a alma que se encaixa na minha.

— Ótimo — disse Daniel. — Agora me diga quem *você é.*

— Bem... eu sou Lucinda Price. Sou a garota por quem você se apaixona.

Uma tensão imóvel se espalhou ao redor de todos eles. Todos os anjos pareceram estar com a respiração suspensa.

Os olhos de Daniel se encheram de lágrimas.

— Mais.

— Isto não é o suficiente?

Ele fez que não.

— Daniel?

— Lucinda.

O modo como ele pronunciou o nome dela – com tanta gravidade – fez seu estômago doer. O que ele queria dela?

Ela piscou, e o som pareceu uma trovoad... E então a planície troiana se escureceu como tinha escurecido na noite anterior. A terra se viu marcada por rachaduras tortas. No lugar do campo, havia crateras fumegantes. Poeira, cinzas e morte em toda parte. As árvores estavam em chamas ao longo do horizonte, e um fedor horrendo de podridão se enovelava pelo vento. Era como se a alma dela tivesse sido arrastada pelos milênios. Havia neve sobre as montanhas, nenhuma cabana branca bonitinha à frente, nenhum círculo de rostos preocupados de anjos.

Mas havia Daniel.

As asas dele brilhavam através do ar empoeirado. A pele nua era perfeita, orvalhada, rósea. Os olhos cintilavam com o mesmo tom intoxicante de violeta, mas ele não estava olhando para ela. Olhava para o céu. Não parecia perceber que Luce estava

perto dele.

Antes que pudesse acompanhar o olhar dele para cima, o mundo

começou a girar.

O cheiro no ar mudou de podridão para poeira árida. Ela estava de volta ao Antigo Egito, ao túmulo escuro onde fora trancafiada e quase perdera sua alma. Aquela cena se desenrolou diante de seus olhos: a seta estelar, quente dentro de seu vestido, o pânico óbvio em seu rosto do passado, o beijo que a trouxera de volta – e Bill esvoaçando pelo sarcófago do faraó, já armando seu esquema mais ambicioso. Nos ouvidos dela, a risada rouca dele ainda ecoava.

Mas daí a risada sumiu. A visão do Egito se metamorfoseou em outra: uma Lucinda de um passado ainda mais distante estava debruçada sobre um campo de flores altas. Usava um vestido de pele de veado e segurava um dente-de-leão sobre o rosto, puxando suas pétalas uma a uma. A última tremeu no vento e ela pensou: *Bem-me-quer*. O sol cegava, mas então algo atravessou na frente dele: o rosto de Daniel, os olhos cintilando violeta, o cabelo louro esculpindo uma auréola a partir dos raios do astro.

Ele sorriu.

Depois o rosto desapareceu. Uma nova visão, uma outra vida: o calor de uma fogueira na pele dela, o desejo ardendo em seu peito. Havia música alta e estranha; gente rindo; amigos e familiares em volta. Luce se viu com Daniel, dançando como louca ao redor das chamas. Podia sentir o ritmo dos movimentos dentro de si mesma, até quando a música sumiu e as chamas que lambiam o céu se transformaram de vermelho quente em prata suave...

Uma cachoeira. Um grande rio gelado descia por um penhasco de calcário. Luce estava embaixo dele, separando uma nuvem de lírios-d'água com suas braçadas. Seu cabelo comprido e molhado se reuniu ao redor dos ombros quando saiu da água, depois tornou a mergulhar. Ela apareceu do outro lado da cachoeira, numa lagoa de pedra úmida. E lá estava Daniel, esperando, como se estivesse esperando por ela toda a sua vida.

Ele mergulhou de uma rocha, molhando Luce quando o corpo atingiu a superfície da água. Nadou até ela, puxou-a para si, um braço em volta de suas costas e o outro aninhado sob seus joelhos. Ela enlaçou o pescoço dele e deixou que a beijasse. Fechou os olhos...

Bum.

De novo o trovão. Luce estava de volta à planície troiana. Mas, dessa vez, presa em uma das crateras, seu corpo preso embaixo de uma

plataforma rochosa. Ela não conseguia mexer nem a perna nem o braço esquerdos. Lutava para se soltar, gritava, vendo manchas vermelhas e cacos de algo que parecia um espelho quebrado. A cabeça girava com a dor mais intensa que ela já havia sentido.

— Socorro!

E então, Daniel apareceu pairando acima dela, os olhos violeta esquadrinhando seu corpo com horror fixo. “*O que aconteceu com você?*”

Luce não sabia responder – não sabia onde estava nem como havia chegado lá. A

Lucinda de suas lembranças nem sequer reconhecia Daniel. Mas ela, sim.

De repente, se deu conta de que aquela foi a primeira vez que ela e Daniel se encontraram na Terra. Aquele era o momento pelo qual tanto suplicara, o momento a respeito do qual Daniel jamais quis falar.

Nenhum dos dois reconheceu o outro. Já estavam instantaneamente apaixonados.

Como *aquela* poderia ser o local de seu primeiro encontro? Aquela planície escura e flagelada fedia a imundície e morte. Seu eu do passado parecia derrotado, ensanguentado... como se tivesse sido estilhaçado em mil pedaços.

Como se tivesse caído de uma altura impossível.

Luce olhou para o céu. Havia algo ali – uma massa de faíscas infinitesimais, como se o Céu tivesse sido eletrocutado e ondas de choque ondulassem de lá de cima até o fim dos tempos.

Só que as faíscas se aproximavam. Formas escuras delineadas por luz rolavam do infinito acima. Deviam ser um milhão delas, reunidas em um bando amorfo e caótico ao longo do céu, claras e escuras, suspensas e caindo simultaneamente, como se estivessem além do alcance da gravidade.

Será que Luce estivera ali em cima? Tinha quase a sensação de que sim.

Então compreendeu uma coisa: *Aqueles eram os anjos. Aquela era a Queda.*

A lembrança de testemunhar a queda deles sobre a Terra fez Luce sentir-se agoniada. Era como observar todas as estrelas caindo do céu noturno.

Quanto mais longe eles caíam, mais dispersa a formação desajeitada se tornava.

Entidades separadas tornaram-se visíveis, autônomas. Ela não conseguia imaginar nenhum dos anjos, seus amigos, daquele modo. Mais perdidos e sem controle do que o mais desamparado dos mortais no pior dia de sua vida. Estaria Arriane ali? Cam?

Seu olhar acompanhou uma esfera de luz descendo diretamente em cima dela. O

ponto aumentava e tornava-se mais iluminado à medida que se aproximava.

Daniel também olhou para cima. Luce percebeu que ele também não reconhecia as formas que caíam. Seu impacto na Terra o havia estremecido tanto que apagara de sua memória a lembrança de quem era, de onde tinha vindo, o quanto fora magnífico.

Ele observava os céus com terror profundo no olhar.

Em um segundo, um punhado de anjos caindo estava a centenas de metros acima da cabeça dos dois... depois, perto o bastante para Luce distinguir os corpos estranhos e escuros dentro daqueles recipientes de luz. Não se mexiam, mas pareciam inegavelmente vivos.

Agora estavam ainda mais perto, quase em cima de Luce, até que ela gritou – e a grande massa de claridade e escuridão desabou no campo ao lado.

Uma explosão de fogo e fumaça negra arremessou Daniel para longe de Luce. E

mais explosões vieram em seguida. Mais um milhão viria em seguida. Elas transformariam a Terra e todos os seres vivos em uma polpa. Luce mergulhou, protegeu os olhos e abriu a boca para gritar novamente.

O som que saiu, porém, não foi um grito...

Porque sua lembrança mudou para algo ainda mais remoto. Mais remoto que a

Queda?

Luce já não estava no campo de crateras fumegantes e anjos meteóricos.

Estava de pé numa paisagem de pura luz. Naquele lugar não havia espaço para terror em sua voz, não poderia *existir*, e isso era algo que ela ao mesmo tempo sabia e não sabia. Tinha noção de onde estava, mas não podia ser real.

Um acorde forte e intenso de música corria de sua alma, tão lindo que deixava tudo branco ao redor. A cratera havia desaparecido. A Terra havia desaparecido. Seu corpo estava...

Ela não sabia. Não conseguia vê-lo. Não conseguia ver nada a não ser aquele fantástico brilho branco tingido de prateado. O brilho se desenrolou como um embrulho até Luce ser capaz de distinguir um prado branco e amplo espalhado à sua frente. Bosques esplêndidos de árvores brancas alinhavam-se nas laterais do campo.

À distância, via-se uma saliência prateada ondulante. Luce sentiu que aquilo era importante. Depois viu que havia mais sete daquelas, formando um grande arco no ar ao redor de algo tão intenso que Luce não conseguia olhar.

Ela se concentrou na saliência, a terceira a partir da esquerda. Não conseguia tirar os olhos dela. Por quê?

Porque... e agora sua lembrança voltava no tempo com força...
Porque...

Aquela saliência pertencia a ela.

Tempos atrás, costumava se sentar ali, ao lado de... quem? Isso parecia ter importância.

A visão de Luce rodopiou e sumiu, e a saliência prateada se dissolveu. A brancura remanescente entrou em foco, separando as formas, virando...

Rostos. Corpos. Asas. O fundo de céu azul.

Isso não era uma lembrança. Estava de volta ao presente, à vida real e final. A seu redor estavam seus professores Francesca e Steven; seus aliados Párias; seus amigos Roland, Arriane, Annabelle e Cam. E seu amor, Daniel. Olhou cada um deles e os achou tão lindos. Eles a

observavam com alegria tola no rosto. E também choravam.

A dívida do autoconhecimento, dissera Dee. *Você precisa se lembrar de como sonhar com aquilo que já conhece.*

Tudo aquilo estivera dentro dela o tempo inteiro, em cada instante de cada uma de suas vidas. Porém, apenas agora Luce se sentia desperta além da sua capacidade de imaginar o que significava estar desperta. Uma leve brisa passou por sua pele e ela pôde *sentir* o mar distante, carregado pelo sopro do Mediterrâneo, dizendo-lhe que ela continuava em Troia. Sua visão, também, estava mais clara do que já estivera. Via os pontinhos brilhantes de pigmento que formavam as asas das borboletas douradas que passavam. Respirou o ar frio, sentiu-o encher os pulmões, cheirou o zinco do solo argiloso que o tornaria fértil na primavera.

— Eu estava lá — sussurrou ela. — Eu estava no...

Céu.

Mas não conseguiu dizer. Sabia demais para negar – e, entretanto, não o bastante para dizer com todas as letras. Daniel. Ele iria ajudá-la.

Continue, imploravam os olhos dele.

Por onde havia começado? Tocou o medalhão com a fotografia tirada quando ela e Daniel moraram em Milão.

— Quando visitei a minha vida passada em Helston — começou ela —, aprendi que nosso amor era mais profundo que aquilo que éramos em cada vida do passado isolada...

— Sim — disse Daniel. — Nosso amor transcende tudo.

— E... quando visitei o Tibete, aprendi que um único toque ou beijo não era o estopim da minha maldição.

— O toque, não. — Era a voz de Roland. Ele sorria, de pé ao lado de Daniel com as mãos cruzadas às costas. — O toque, não, e sim a consciência de si. Era um nível para o qual você ainda não estava preparada... até agora.

— Sim. — Luce tocou a própria testa. Havia mais, muito mais. — Versalhes. — Ela começou a falar mais depressa. — Fui condenada a me casar com um homem que eu não amava. E seu beijo me libertou, e minha morte foi gloriosa porque sempre voltaríamos a nos encontrar

novamente. Sempre.

— Juntos para sempre, faça chuva ou faça sol — cantarolou Arriane, enxugando os olhos úmidos na manga de Roland.

Agora a garganta de Luce estava tão apertada que era difícil falar. Mas já não doía.

— Só em Londres percebi que a sua maldição era muito pior que a minha — disse ela a Daniel. — O que você precisava passar, ao me perder...

— Isso jamais importou — murmurou Annabelle, as asas zunindo tanto que seus pés estavam a centímetros do chão. — Ele sempre esperaria por você.

— Chichén Itzá. — Luce fechou os olhos. — Aprendi que a glória de um anjo pode ser fatal para os mortais.

— Sim — disse Steven. — No entanto, você continua aqui.

— Continue, Luce. — A voz de Francesca era mais encorajadora do que já tinha sido em Shoreline.

— China antiga. — Ela fez uma pausa. A importância dessa vida era diferente das outras. — Você me mostrou que nosso amor valia mais que qualquer guerra arbitrária.

Ninguém falou. Daniel assentiu de modo muito leve.

E foi então que Luce entendeu não apenas quem ela era – mas o que tudo aquilo significava. Houve outra vida na sua viagem com os Anunciadores que Luce sentiu que precisava mencionar. Ela respirou profundamente.

Não pense em Bill, disse a si. Você não está com medo.

— Quando fui trancada naquela tumba no Egito, soube de uma vez por todas que eu sempre escolheria o seu amor.

Foi então que os anjos caíram sobre um dos joelhos, olhando para ela cheios de expectativa – todos eles, menos Daniel. Os olhos dele cintilavam com o tom mais potente de violeta que já vira. Ele estendeu a mão para ela, mas antes que as mãos de ambos se encontrassem...

— *Argh!* — Luce gritou quando uma dor aguda atravessou suas costas.

Seu corpo



se convulsionou com uma sensação estranha e perfurante. Seus olhos se encheram de lágrimas. Os ouvidos zuniram. Pensou que pudesse estar tonta por causa da dor, mas aos poucos, aquilo se concentrou: de uma agonia aguda espalhada pelas costas para dois cortes pequeninos sobre suas escápulas.

Estaria ela sangrando? Estendeu as mãos para trás, por cima de um dos ombros. A ferida parecia dolorida, mas também dava a sensação de que algo estava sendo arrancado de dentro dela. Não doía, mas era desnorteante. Em pânico, virou a cabeça ao redor, mas não conseguiu ver nada, só conseguiu ouvir o som da pele deslizando e sendo esticada, o rasgão que soava como se músculos novos estivessem sendo gerados.

Então veio uma sensação súbita de peso, como se tivessem amarrado pedras em seus ombros.

E então... com a visão periférica, testemunhou amplas extensões de branco oscilando ao vento nas laterais de seu corpo enquanto os anjos soltavam um murmúrio de espanto coletivo.

— Oh, Lucinda — sussurrou Daniel, cobrindo a boca com as mãos.

Foi fácil assim: ela abriu as asas.

Eram luminosas, flutuantes, impossivelmente leves, feitas da matéria mais reflexiva e empírea. De ponta a ponta, sua envergadura era talvez de nove metros, mas parecia vasta, interminável. Já não sentia dor. Quando seus dedos se fecharam ao redor da base, atrás dos ombros, as asas tinham vários centímetros de espessura e maciez.

Eram prateadas, mas também não eram, como a superfície de um espelho. Eram inconcebíveis, eram inevitáveis.

Eram suas asas.

Continham cada grama de força e poder que ela reunira ao longo dos milênios que vivera. E, ao menor pensamento, as asas começaram a bater.

Sua primeira reflexão: *Posso fazer tudo, agora.*

Sem palavras, ela e Daniel se deram as mãos. As pontas das asas arquearam para a frente em uma espécie de beijo, como as asas dos anjos do *Qayom Malak*. Choravam e riam, e logo se beijaram.

— E então? — perguntou ele.

Ela estava atônita e maravilhada – e mais feliz do que já estivera. Não podia ser real, pensou... a menos que ela dissesse a verdade em alto e bom som, para Daniel e o restante dos anjos caídos que estavam ali testemunharem.

— Sou Lucinda — disse ela. — Sou o seu anjo.



DEZESSETE

A INVENÇÃO DO AMOR

V oar era como nadar, e Luce era boa em ambos.

Seus pés se ergueram do solo. Não foi preciso reflexão ou preparação. As asas batiam com intuição súbita. O vento zunia contra as fibras das asas, transportando-a pelo róseo céu diáfano. Em voo, sentia o peso do seu corpo, especialmente nos pés, mas maior que isso era aquela alegria nova e inimaginável. Ela deslizou acima de grupos baixos de nuvens provocando uma levíssima rachadura, como uma brisa passando por um carrilhão.

Olhava de uma ponta de asa para a outra, examinando o brilho prateado, maravilhada com todas as mudanças. Era como se o restante de seu corpo se submetesse às asas agora. Reagiam à primeira insinuação de desejo, batidas elegantes que geravam velocidade tremenda. Achatavam-se como um aerofólio para apenas deslizar por um momento, depois se retesavam em formato de coração atrás dos ombros quando ela rotacionava pelo ar.

Seu primeiro voo.

Só que... não era. O que Luce sabia agora, tão intensamente quanto suas asas sabiam voar, era que algo monumental acontecera *antes*.

Antes de Lucinda Price, antes de sua alma ter visto a curvatura da Terra. Pois em todas as suas vidas terrestres que presenciara pelos Anunciadores, em todos os corpos que habitara, Luce mal havia arranhado a superfície de quem era, de quem tinha sido. Havia uma história mais antiga que a história durante a qual ela batia aquelas asas.

Via os outros observando-a do chão. O rosto de Daniel brilhava com as lágrimas.

Ele sabia o tempo todo. Esperara por ela. Queria tocá-lo, queria que ele alçasse voo e se lançasse pelos ares com ela... mas então, de repente, não conseguia mais vê-lo.

A luz abriu caminho para a total escuridão...

De outra lembrança chegando.

Luce fechou os olhos e se rendeu a ela, deixando que a transportasse pelo passado. De algum modo sabia que era sua lembrança mais antiga, o momento que estava nas imediações mais remotas da alma. Lucinda estivera ali desde o princípio dos princípios.

A Bíblia tinha deixado essa parte de fora:

Antes de haver luz, havia anjos. Num instante, escuridão; no seguinte, a sensação cálida de ser trazido à existência por uma mão gentil e magnífica.

Deus criara a legião celestial de anjos – trezentos e dezoito milhões deles – num único e cintilante momento. Lucinda estava lá, e Daniel, Roland, Annabelle e Cam, além de outros milhões, todos perfeitos, todos gloriosos, todos designados a adorar o seu

Criador.

Seus corpos eram feitos da mesma substância que compunha o firmamento. Não eram carne e sangue, mas matéria empírea, a matéria da luz em si – forte, indestrutível, linda de se contemplar. Seus ombros, braços e pernas cintilaram ao vir à existência, prenúncio a formas que os mortais tomariam após a própria criação. Todos os anjos descobriram suas asas simultaneamente; cada par era ligeiramente distinto, refletindo a alma de seu dono.

Tão antigas quanto a gênese dos anjos, as asas de Lucinda eram de um tom prateado reflexivo, a cor da luz das estrelas. Brilhavam em sua

glória singular desde a aurora da aurora dos tempos.

A Criação ocorreu na velocidade da vontade de Deus, mas se desenrolou na lembrança de Luce como uma história, outra das criações iniciais de Deus, um produto do tempo. Num momento, não havia nada; no outro, o Céu estava repleto de anjos.

Naqueles tempos, o Céu era ilimitado, seu chão coberto por um piso nebuloso, uma substância branca e macia que parecia nuvens e que cobria os pés e as pontas das asas dos anjos quando eles andavam.

Havia camadas infinitas no Céu, cada nível repleto de alcovas e trilhas sinuosas que seguiam em todas as direções sob um firmamento cor de mel. O ar era perfumado com o néctar de delicadas flores que desabrochavam em deliciosos bosques. Seus brotos redondos pontilhavam o Céu de alto a baixo, parecendo ancestrais das peônias brancas.

Pomares de árvores prateadas frutificavam as mais saborosas frutas que já existiram. Os anjos se banqueteavam e agradeciam pelo seu primeiro e único lar. Suas vozes se uniam em adoração a seu Criador, formando um som uníssono que na garganta dos seres humanos mais tarde seria conhecido como harmonia.

Um prado veio à existência, dividindo o pomar em dois. E, quando tudo o mais no Céu estava pronto, Deus colocou um estonteante Trono na frente do campo, pulsante de luz divina.

— Venham diante de mim — ordenou Deus, acomodando-se no assento profundo com satisfação merecida. — Daqui em diante vocês irão me conhecer como Trono.

Os anjos se reuniram no prado celestial e se aproximaram do Trono com alegria.

Flutuaram naturalmente em uma linha reta, colocando-se em hierarquia de modo instantâneo e eterno. Quando atingiram a extremidade do prado, Lucinda recordou que não conseguia enxergar o Trono com clareza: ele cintilava demais para que a visão dos anjos suportasse mirá-lo. Também recordou que fora o terceiro anjo da fila: o terceiro anjo mais próximo de Deus.

Um, dois, três.

Suas asas se esticaram e encorparam com aquela honra.

No ar ao redor do Trono, oito saliências feitas de prata ondulada se dispunham em arco, protegendo-o como uma abóbada. Deus chamou os primeiros oito anjos da fila para tomar aqueles assentos e se tornar os Arcanjos divinos. Lucinda tomou seu lugar no terceiro assento à esquerda. Ele se encaixava com precisão a seu corpo, pois

tinha sido criado apenas para ela. Era o seu lugar de direito. Adoração fluía de sua alma, fluía para Deus.

Era perfeito.

Não durou.

Deus tinha mais planos para o Universo. Outra lembrança preencheu Lucinda, fazendo-a estremecer.

Deus abandonou os anjos.

Tudo era alegria no Prado, mas então o Trono ficou vazio. Deus atravessou os umbrais do Céu e se afastou para criar as estrelas, a Terra e a lua.

O homem e a mulher estavam prestes a serem criados.

O brilho do Céu diminuiu quando Deus o deixou. Lucinda se sentiu fria e inútil. Foi então, lembrou-se, que os anjos começaram a se ver de modo diferente, a notar as variações de cor das asas uns dos outros. Alguns começaram a fofocar que Deus estava cansado deles e de suas canções harmônicas de glória. Outros disseram que os seres humanos logo tomariam o lugar dos anjos.

Lucinda se lembrou de haver reclinado no seu assento prateado perto do Trono e de notar como parecia tedioso e simples sem a presença animadora de Deus. Ela tentou adorar seu Criador mesmo de longe, mas não conseguiu preencher a solidão. Havia sido criada para adorar Deus em Sua presença, e agora sentia um vazio. O que poderia fazer?

De sua cadeira, olhou para baixo e viu um anjo esvoaçando pelo chão de nuvens.

Parecia letárgico, melancólico. Pareceu sentir o olhar dela e olhou para cima. Quando os olhos de ambos se encontraram, ele sorriu. Ela se lembrou de como ele era lindo antes de Deus se afastar...

Eles não pensaram e foram um até o outro. Suas almas se entrelaçaram.

Daniel, pensou Luce, mas não podia ter certeza. O Prado estava assombrado e a lembrança era nublada...

Teria sido esse o momento da primeira conexão dos dois?

Flash.

O Prado voltou a se iluminar. O tempo passou; Deus havia voltado. O Trono cintilava de glória sublime. Lucinda não mais se sentou em sua cadeira de prata ondulante ao lado do Trono; agora, havia sido passada para o Prado lotado de anjos, depois que Deus lhe pediu que fizesse uma escolha.

A lista de chamada. Lucinda esteve presente também. Claro que sim. Sentiu-se acalorada e nervosa sem saber o motivo. Seu corpo corou do modo como costumava corar quando estava dentro de um eu do passado e prestes a morrer. Ela não conseguia sossegar as asas trêmulas.

Ela fizera uma escolha...

Sentiu o estômago revirar. O ar se rarefazer. Ela estava... caindo. Luce piscou e viu o sol recortando as montanhas, e soube então que estava de volta ao presente, a Troia.

E caía do céu, seis metros... doze. Seus braços fraquejaram, como se tivesse voltado a ser uma simples garota, como se não pudesse voar.

Abriu as asas, mas era tarde demais.

Aterrisou com um som macio nos braços de Daniel. Seus amigos a rodearam na planície verdejante. Tudo estava como antes: árvores de copa achatada ao redor de uma fazenda enlameada, sem plantações; a cabana abandonada no meio de uma planície árida; montes arroxeados; borboletas. Rostos de anjos caídos observando-a, cheios de preocupação.

— Está tudo bem? — indagou Daniel.

O coração ainda parecia acelerado. Por que não conseguia se lembrar do que acontecera na lista de chamada? Talvez isso não ajudasse a derrotar Lúcifer, mas Luce desejava desesperadamente saber.

— Cheguei tão perto — disse ela. — Quase entendi o que aconteceu.

Daniel pousou-a suavemente no chão e a beijou.

— Você vai chegar lá, Luce. Sei que vai.

Era o anoitecer do oitavo dia da jornada. Enquanto o sol passava pelo estreito de Dardanelos, lançando luz dourada nos campos acidentados sem plantações, Luce desejava que houvesse um jeito de fazer com que o tempo voltasse.

E se um dia não houvesse tempo suficiente?

Luce contraía e relaxava os ombros. Não estava acostumada ao peso das asas, leves como pétalas de rosa no céu, mas pesadas como cortinas de chumbo quando seus pés estavam no chão.

Quando as asas se abriram naquela primeira vez, rasgaram sua camiseta e a jaqueta cáqui militar. As roupas estavam na grama, despedaçadas, uma prova bizarra.

Annabelle havia logo surgido da cabana com outra camiseta para Luce. Era de um tom azul-vivo com uma imagem em serigrafia de Marlene Dietrich no peito e pequeninas aberturas sutis para as asas instaladas nas costas.

— Em vez de pensar em tudo o que você não lembra ainda — sugeriu Francesca

—, reconheça aquilo de que você se *lembrou*.

— Bem. — Luce caminhava de um lado a outro no campo, experimentando a nova sensação de suas asas balançando atrás de si.

— Sei que a maldição me impediu de conhecer minha verdadeira natureza de anjo, fez com que eu morresse sempre que chegava perto de me lembrar do meu passado. É por isto que nenhum de vocês podia me dizer quem sou.

— Você precisava caminhar por esse vale solitário sozinha — disse Cam.

— E o motivo que fez você levar todo esse tempo, até essa vida, também fazia parte da maldição — completou Daniel.

— Dessa vez eu fui criada sem uma religião específica, sem um conjunto único de regras para determinar o meu destino, o que me permite... — Luce fez uma pausa, recordando a lista de chamada. — Escolher por mim.

— Nem todos têm esse luxo — falou Phil, lá da fila dos Párias.

— Era por isso que os Párias me disputavam? — perguntou ela, sabendo de repente que, sim, era verdade. — Mas eu já não havia escolhido Daniel? Não conseguia me lembrar do passado, mas quando Dee me deu a dádiva do conhecimento, tive a impressão de que... — Ela estendeu a mão na direção de Daniel. — De que a escolha

sempre esteve pronta dentro de mim.

— Agora você sabe quem é, Luce — disse Daniel. — Sabe o que importa para você.

Nada pode estar fora de seu alcance.

As palavras de Daniel calaram fundo nela. Era isso o que era agora — era o que ela *sempre* havia sido.

O olhar de Luce se dirigiu até onde estavam os Párias, distantes do grupo. Luce não sabia o quanto da transformação haviam presenciado, se seus olhos cegos eram capazes de perceber a metamorfose de uma alma. Ela procurou um sinal em Olianna, a Pária que a protegera no teto em Viena. Porém, ao olhá-la, percebeu que Olianna também havia... mudado.

— Eu me lembro de você — disse Luce, aproximando-se da garota magra e loira de olhos brancos cavernosos. Ela a conhecia do Céu. — Olianna, você foi um dos doze anjos do Zodíaco. Regia o signo de Leão.

Olianna respirou profundamente, trêmula, e assentiu.

— Sim.

— E você, Phesia. Era uma Luminária. — Luce fechou os olhos, recordando. —

Você não foi um dos Quatro que emanaram da Vontade Divina? Eu me lembro das suas asas. Elas eram... — parou, sentindo sua expressão obscurecer ante a visão das asas pardas que a garota tinha agora. — Excepcionais.

Phesia endireitou os ombros caídos, ergueu o rosto pálido e esquelético.

— Ninguém me enxerga de verdade há eras.

Vincent, o mais jovem dos Párias, deu um passo à frente.

— E eu, Lucinda Price? Você se lembra de mim?

Luce estendeu a mão para tocar no ombro do garoto, recordando-se de como ficara mortalmente ferido depois que os anjos da Balança o torturaram. Então, lembrou-se de algo mais profundo que isso.

— Você é Vincent, o Anjo do Vento do Norte.

Os olhos cegos de Vincent nublaram, como se sua alma desejasse chorar, mas seu corpo se recusasse a fazê-lo.

— Phil — disse Luce, olhando por fim para o Pária que ela tanto temeu quando foi buscá-la no quintal na casa de seus pais. Os lábios dele estavam retesados e brancos, nervosos. — Um dos Anjos da Segunda-Feira, não é? Dotado dos Poderes da Lua.

— Obrigado, Lucinda Price. — Phil fez uma reverência hesitante, porém graciosa.

— Os Párias confessam que estavam errados em tentar afastá-la da sua alma gêmea e das suas obrigações. Mas sabíamos, conforme acabou de provar, que apenas você poderia nos enxergar como aquilo que fomos um dia. E que apenas você poderia nos restaurar à nossa glória.

— Sim — concordou ela. — Consigo enxergar vocês.

— Os Párias também conseguem enxergá-la — disse Phil. — Você é radiante.

— Sim, é.

Daniel.

Ela se virou para ele. Seu cabelo loiro e seus olhos cor de violeta, o formato forte

dos ombros, os lábios fartos que mil vezes a trouxeram de volta à vida. Eles haviam amado um ao outro por mais tempo ainda do que Luce se dera conta. O amor dos dois tinha sido forte desde os primeiros dias do Céu. O relacionamento abarcava toda a história da existência. Ela sabia onde encontrara Daniel pela primeira vez na Terra –

bem ali, nos campos tão famosos de Troia, enquanto os anjos caíam –, mas havia uma história anterior. Um início diferente para o amor dos dois.

Quando? Como havia sido?

Ela buscou a resposta nos olhos dele, porém sabia que não a encontraria ali.

Precisava procurar na própria alma. Fechou os olhos.

As lembranças vinham com maior facilidade agora, como se o abrir das asas tivesse criado uma rede de fissuras que rompiam a muralha existente entre a garota Lucinda e o anjo que havia sido. Seja lá o que fosse que a separara do seu passado, agora era fino e quebradiço como uma casca de ovo.

Flash.

De volta ao Prado, sobre sua saliência prateada, ansiando dolorosamente pelo retorno de Deus. Luce olhou para o anjo louro, aquele do qual ela se lembrava já ter procurado. Recordou seus passos vagarosos e tristes sobre o chão de nuvens. O topo de sua cabeça antes de ele olhar para cima. O Céu parecia silencioso então. Luce e o anjo estavam sozinhos por um raro momento, distantes da harmonia dos demais.

Ele se virou para olhar Lucinda. Tinha rosto quadrado, cabelo ondulado cor de âmbar e olhos azuis da cor do gelo, que se enrugaram ao sorrir para ela. Não o reconheceu.

Não, não é verdade – ela o reconheceu, sabia quem era. Muito antes, Lucinda havia *amado* esse anjo.

Mas ele não era Daniel.

Sem saber por que, Luce desejou se afastar de tal lembrança, fingir que não a vira, piscar de volta e ficar com Daniel nas planícies rochosas de Troia. Porém, sua alma soldou-se à cena. Não era capaz de se afastar daquele anjo que não era Daniel.

Ele estendeu a mão para Lucinda. Suas asas se entrelaçaram. Ele sussurrou ao ouvido dela:

— Nosso amor é infinito. Não pode existir mais nada.

Não.

Por fim, se desvencilhou daquela memória. De volta a Troia. Sem fôlego. Seus olhos deviam tê-la enganado. Ficou irrequieta e em pânico.

— O que você viu? — sussurrou Annabelle.

A boca de Luce se abriu, mas as palavras não saíram.

Eu o traí. Seja lá quem ele for. Houve alguém antes de Daniel, e eu...

— Não acabou ainda. — Ela finalmente encontrou sua voz. — A maldição. Embora eu saiba quem sou e saiba que escolho Daniel, há algo mais, não? Alguém. Foi ele quem me amaldiçoou.

Daniel correu os dedos bem de leve pela borda cintilante de suas penas. Ela estremeceu, pois cada toque em suas asas ardia com a paixão de um beijo profundo e

acendia algo em seu âmago. Por fim conheceu o prazer que dava a ele quando deixava as mãos acariciarem as asas de Daniel.

— Você chegou muito longe, Lucinda — disse ele. — Mas ainda há muito a percorrer. Busque em seu passado. Já sabe o que está procurando. Encontre-o.

Fechou os olhos, procurando mais uma vez através dos milênios carregados de lembranças.

A Terra se afastou sob seus pés. Um labirinto de cores formou um borrão ao redor de Luce, seu coração batia com força no peito, e tudo ficou branco.

Céu, de novo.

Estava iluminado com o retorno de Deus ao Trono. Brilhava com a cor de uma opala. O chão de nuvens estava espesso naquele dia, tufo branco chegavam quase à cintura dos anjos. Aquelas espiras altíssimas à direita eram árvores do Bosque da Vida; os brotos prateados em pleno desabrochar à esquerda logo carregariam os frutos do Pomar do Conhecimento. As árvores estavam mais altas agora. Tiveram tempo de crescer desde a última lembrança de Luce.

Ela estava de volta ao Prado, no centro de uma enorme congregação luminosa e cintilante. Os anjos do Céu estavam reunidos diante do Trono, restaurado a uma iluminação tão intensa que Lucinda tremia ao fitá-la.

A saliência prateada que um dia fora de Lúcifer agora tinha sido movida para o fim do Prado. Fora rebaixada a um nível insultante pelo Trono. O restante dos anjos estava unido numa única massa entre

Lúcifer e o Trono – mas logo, percebeu Lucinda, seriam divididos em um lado ou no outro.

Ela havia voltado para a lista de chamada. Dessa vez, se obrigaria a se lembrar de como tudo aconteceu.

Todos os filhos e filhas do Céu seriam solicitados a escolher um lado. Deus ou Lúcifer. Bem ou... não, ele não era mau.

O mal ainda não existia.

Juntos daquele jeito, cada anjo era estonteante, distinto, mas de alguma forma indistinto dos demais. Lá estava Daniel, no meio, o brilho mais puro que ela conheceria.

Na sua lembrança, Lucinda ia até ele.

Ia de onde?

A voz de Daniel preencheu seus ouvidos: *Busque em seu passado.*

Ela ainda não tinha olhado para Lúcifer. Não queria olhar.

Olhe para onde não deseja olhar.

Quando se virou para a extremidade do Prado, viu a luz ao redor de Lúcifer. Era esplêndida e ostensiva, como se ele desejasse competir com tudo o que havia no Prado

– o Pomar, o cântico celestial, o próprio Trono. Lucinda precisou fazer força para focar e conseguir enxergá-lo com clareza.

Ele era... lindo. Os cabelos âmbar desciam pelos seus ombros em ondas brilhantes.

O corpo parecia mais grandioso e definido por músculos que o de qualquer mortal jamais poderia ser. Seus frios olhos azuis eram hipnotizantes.

Lucinda não conseguia tirar os olhos dele. Então, entre os compassos do cântico

celestial, ela ouviu. Embora não se lembrasse de haver aprendido aquela música, sabia a letra e sempre saberia, do mesmo modo como os mortais se lembravam das canções de ninar ao longo de toda a vida.

De todos os pares que o Trono apoiou

Nenhum brilhou com mais poder

Do que Lúcifer, a Estrela da Manhã

E Lucinda, sua Estrela do Anoitecer

Os versos ecoaram na cabeça de Lucinda, trazendo lembranças consigo; recordações choviam a cada palavra.

Lucinda, sua Estrela do Anoitecer?

A alma de Lucinda rastejou, enojada, rumo a uma compreensão. Lúcifer havia escrito aquela música. Era parte do plano dele.

Ela foi... tinha sido... amante de *Lúcifer*?

No próprio momento em que se perguntou se aquele horror seria possível, Luce soube que era a mais antiga e fria verdade. Estivera errada quanto a tudo. Seu primeiro amor foi Lúcifer, e Lúcifer foi o amor dela. Até seus nomes combinavam. Um dia, foram almas gêmeas. Ela se sentia pervertida, estranha a si, como se tivesse acordado e descoberto que matara alguém durante o sono.

Do outro lado do Prado, Lucinda e Lúcifer se encararam durante a lista de chamada. Os olhos dela se arregalaram, sem acreditar, quando os dele se enrugaram em um sorriso inescrutável.

Flash.

Uma lembrança dentro de outra lembrança. Luce viajou ainda mais fundo pelo túnel da escuridão, em direção ao lugar onde mais odiava ir.

Lúcifer a abraçava, suas asas acariciavam as dela, gerando um prazer incapaz de ser mencionado, à vista, ali na cadeira prateada de Lucinda ao redor do Trono vazio.

Nosso amor é infinito. Não pode existir mais nada.

Quando ele a beijou, Lucinda e Lúcifer se tornaram os primeiros seres a vivenciar o afeto por algo que não fosse Deus. Os beijos eram estranhos e maravilhosos, e Lucinda desejava mais, porém receava o que os outros anjos iriam pensar dos beijos de Lúcifer e dela. Temia que aquele beijo ficasse marcado nos lábios e, mais do que tudo, que

Deus descobrisse tudo quando voltasse e retomasse a sua posição no Trono.

— Diga que me adora — implorou Lúcifer.

— A adoração é só para Deus — retrucou Lucinda.

— Não precisa ser — sussurrou Lúcifer. — Imagine como seríamos fortes se pudéssemos declarar nosso amor abertamente diante do Trono, você me adorando, eu adorando você. O Trono é um só. Unidos no amor, poderíamos ser maiores que ele.

— Qual é a diferença entre amor e adoração? — perguntou Lucinda.

— Amar é transferir a adoração que você sente por Deus para alguém que está *aqui*.

— Mas eu não quero ser maior que Deus.

O rosto de Lúcifer se fechou diante das palavras dela. Girou o corpo para longe de Lucinda, e a raiva se enraizou em sua alma. Lucinda sentiu uma mudança estranha dentro dele, mas era tão esquisita que não a reconheceu. Começou a ter medo de Lúcifer. Ele não parecia ter medo de nada, exceto de que um dia ela o abandonasse.

Ensinou a ela a canção sobre a grandeza da união dos dois. Fazia com que a cantasse constantemente, até Lucinda se ver como a Estrela do Anoitecer de Lúcifer. Disse a Lucinda que aquilo era amor.

Luce se retorceu com a dor daquela lembrança. A coisa se estendeu por bastante tempo daquele jeito ao lado de Lúcifer. A cada interação, a cada carícia nas asas de Lucinda, ele se tornava mais possessivo, mais ciumento de sua adoração ao Trono, dizendo a Lucinda que, se o amasse de verdade, somente ele, Lúcifer, seria o suficiente.

Houve um dia naquele período negro do qual ela se lembrava: estava chorando no Prado, enterrada até o pescoço no chão de nuvens, sentindo vontade de se afundar para longe de todas as coisas. A sombra de um anjo pairou acima dela.

— Deixe-me em paz! — gritou ela.

Porém, a asa que se enrolou ao redor da dela fez o oposto. Ela a aninhou. O anjo parecia saber melhor do que ela mesma do que precisava. Devagar, Lucinda ergueu a cabeça. Os olhos do anjo eram cor de violeta.

— Daniel. — Ela sabia que ele era o sexto Arcanjo, encarregado de guardar as almas perdidas. — Por que você veio até mim?

— Porque andei observando-a. — Daniel a olhou fundo nos olhos, e Luce soube que até então ninguém jamais tinha visto um anjo chorar. As lágrimas de Lucinda tinham sido as primeiras. — O que está acontecendo com você?

Durante um longo tempo, ela buscou as palavras certas.

— Sinto como se estivesse perdendo minha luz.

A história se derramou dos lábios dela, e Daniel deixou que assim fosse. Ninguém ouvia Lucinda havia muito tempo.

Depois que ela terminou, os olhos de Daniel estavam cheios de lágrimas.

— O que você chama de amor não parece ser muito belo — disse ele lentamente.

— Pense no modo como adoramos o Trono. Essa adoração nos transforma nas melhores versões de nós mesmos. Nós nos sentimos encorajados a seguir nossa intuição, não a nos modificar em nome do amor. Se eu fosse seu e você minha, eu desejaria que permanecesse exatamente como é. Jamais eclipsaria você com os meus desejos.

Lucinda segurou a mão forte e cálida de Daniel. Talvez Lúcifer tivesse descoberto o amor, porém aquele anjo ali parecia entender melhor como transformá-lo em algo maravilhoso.

De repente, Lucinda estava beijando Daniel, mostrando como se fazia aquilo, necessitando pela primeira vez entregar sua alma inteiramente a outra. Os dois se abraçaram, e as almas de Daniel e Lucinda cintilaram juntas, duas metades que eram melhores quando unidas em um todo.



Flash.

Claro, Lúcifer tornou a procurá-la. A ira dentro dele havia aumentado tanto que estava duas vezes maior que Lucinda, ao passo que antes eles tinham a mesma altura.

— Não posso mais suportar esta escravidão. Você irá até o Trono

comigo para declarar sua lealdade única ao nosso amor?

— Lúcifer, espere... — Lucinda quis lhe contar a respeito de Daniel, mas ele não a teria ouvido, de qualquer maneira.

— Para mim é uma farsa bancar o anjo adorador quando tenho você e não preciso de mais nada. Vamos fazer planos, Lucinda, você e eu. Vamos planejar como alcançar a glória.

— Como isto pode ser amor? — gritou ela. — Você adora os próprios sonhos, sua ambição. Você me ensinou a amar, mas não posso amar uma alma tão sombria que devora a luz das outras.

Ele não acreditou nela, ou fingiu não ouvi-la, pois logo desafiou o Trono a reunir todas as almas no Prado para a lista de chamada. Ele segurava Lucinda quando lançou o desafio, mas quando começou a falar, distraiu-se e ela conseguiu escapar. Caminhou para o Prado e vagou entre almas iluminadas. Viu aquela que estivera buscando todo o tempo.

Lúcifer gritou para os anjos:

— Uma linha foi desenhada no chão de nuvens do Prado. Agora todos vocês estão livres para escolher. Ofereço a vocês igualdade, uma existência sem a hierarquia arbitrária de uma autoridade.

Luce sabia que ele queria dizer que ela só estava livre se fosse para segui-lo.

Lúcifer talvez pensasse que a amava, mas o que ele amava era controlá-la com um fascínio sombrio e destrutivo. Era como se Lúcifer achasse que Lucinda era uma característica dele.

Ela se aninhou ao lado de Daniel no Prado, banhando-se do calor de um amor crescente que era puro e saciante, quando o nome de Daniel foi chamado no Prado.

Havia sido convocado. Ele se levantou acima da luz caótica dos anjos e disse, com confiança calma:

— Com todo o respeito, não farei isso. Não escolherei o lado de Lúcifer, e não escolherei o lado do Céu.

Um urro se ergueu do vasto campo de anjos, vindo daqueles que estavam ao lado do Trono e, principalmente, de Lúcifer. Lucinda ficou

atônita.

— Em vez disso, escolho o *amor* — continuou Daniel. — Escolho o amor e deixo vocês em meio à sua guerra. Você está errado em nos fazer passar por isto — disse Daniel a Lúcifer.

Depois, virando-se, dirigiu-se ao Trono:

— Tudo o que é bom no Céu e na Terra nasce do amor. Talvez esse não tenha sido o Vosso plano quando criaste o Universo; talvez o amor fosse apenas um dos aspectos

de um mundo complicado e brutal. Mas o amor foi a melhor coisa que Vós criastes, e tornou-se a única coisa que vale a pena poupar. Esta guerra não é justa. Esta guerra não é boa. O amor é a única coisa pela qual vale a pena lutar.

O Prado caiu em silêncio após as palavras de Daniel. A maioria dos anjos parecia confusa, como se não entendesse o que Daniel queria dizer.

Ainda não era a vez de Lucinda: os nomes dos anjos eram chamados pelas secretárias celestiais de acordo com a hierarquia, e Lucinda era um dos poucos anjos de posição mais elevada que a de Daniel. Não importava. Eram uma dupla. Ela ficou ao lado dele e o defendeu no Prado.

— Jamais deveria ter de haver uma escolha entre Vós e o amor — declarou Lucinda ao Trono. — Talvez um dia Vós encontreis um jeito de reconciliar a adoração com o amor verdadeiro que nos tornastes capaz de sentir. Mas, se for forçada a escolher, serei obrigada a ficar ao lado de meu amor. Eu escolho Daniel e o escolherei eternamente.

Então Luce se lembrou da coisa mais difícil que já tivera de fazer. Ela se virou para Lúcifer, seu primeiro amor. Se não fosse sincera com ele, nada daquilo valeria a pena.

— Você me mostrou o poder do amor, e por isso sempre serei grata. Mas o amor se situa em terceiro lugar para você, muito depois do seu orgulho e da sua ira. Você iniciou uma luta que jamais será capaz de vencer.

— Mas estou fazendo tudo isto por você! — berrou Lúcifer.

Era a primeira grande mentira dele, a primeira grande mentira do Universo.

De braços dados com Daniel no meio do Prado, Lucinda fez a única escolha possível. Seu medo não era nada em comparação ao seu amor.

Porém, jamais poderia ter previsto a maldição. Luce se lembrava agora que o castigo tinha vindo dos dois lados. Era isso que fizera da maldição algo tão compulsório: tanto o Trono quanto Lúcifer – por ciúme, despeito ou uma visão impiedosa de justiça – selaram o destino de Daniel e Lucinda por muitos milhares de anos.

No silêncio do Prado, uma coisa estranha aconteceu: *outro* Daniel pairou acima de Lucinda e Daniel. Era um Anacronismo – o Daniel que ela conhecera em Shoreline, o anjo que Luce Price conheceu e amou.

— Vim aqui para implorar clemência — começou o gêmeo de Daniel.
— Se devemos ser punidos, e, meu Mestre, não questiono Vossa decisão, por favor ao menos lembrai-vos de que um dos maiores traços de Vosso poder é Vossa misericórdia, que é misteriosa e imensa e supera a todos nós.

Naquela época, Lucinda não havia compreendido aquilo, mas, na lembrança, tudo finalmente fez sentido. Daniel lhe dera a dádiva de uma brecha na maldição, para que algum dia, no futuro distante, ela pudesse liberar o amor dos dois.

A última coisa da qual se lembrou foi de abraçar Daniel com força quando o chão de nuvens começou a ferver, enegrecido. O chão se abriu sob eles e os anjos iniciaram a Queda. Daniel e ela se separaram. O corpo dela se fixara na imobilidade. Ela

o perdera. Perdera toda a memória. Perdera a si.

Até agora.

Quando Luce abriu os olhos, a noite havia caído. O ar estava tão frio que seus braços tremiam. Os outros se aconchegaram junto a ela, tão silenciosamente que pôde ouvir os grilos cantando na grama. Não sentia vontade de olhar para ninguém.

— Isso tudo foi por minha causa — disse ela. — Durante todo esse tempo achei que você é que estivesse sendo punido, Daniel, mas o castigo era para mim. — Ela fez uma pausa. — Fui eu o motivo da revolta de Lúcifer?

— Não, Luce. — Cam lhe ofereceu um sorriso triste. — Talvez tenha sido a inspiração, mas inspiração é um pretexto para fazer algo que você já sabe que deseja fazer. Lúcifer estava procurando por uma

porta para a maldade. Teria encontrado outra maneira.

— Mas eu o traí.

— Não — disse Daniel. — Ele traiu você. Traiu todos nós.

— Sem a rebelião de Lúcifer, será que nós dois teríamos nos apaixonado?

Daniel sorriu.

— Gosto de pensar que teríamos encontrado um caminho. Agora, finalmente, temos uma chance de colocar tudo isso para trás. Temos uma chance de deter Lúcifer, de quebrar a maldição e de nos amar do modo como sempre desejamos fazer. Podemos fazer todos esses anos de sofrimento valerem a pena.

— Vejam — disse Steven, apontando para o céu.

As estrelas estavam agrupadas em bandos. Uma delas, lá longe, parecia particularmente brilhante. Ela tremeluziu, depois pareceu se apagar completamente antes de voltar a brilhar com ainda maior intensidade.

— São eles, não é? — perguntou ela. — A Queda?

— Sim — respondeu Francesca. — São eles. Têm a mesma imagem que os antigos textos dizem que teriam.

— É só que... — Luce franziu a testa, piscando. — Eu só consigo ver se eu me...

— Concentrar — sugeriu Cam.

— O que está acontecendo ali? — perguntou Luce.

— Eles estão entrando neste mundo — explicou Daniel. — Não foi o trânsito físico do Céu para a Terra que levou nove dias. Foi a mudança do âmbito celestial para o terrestre. Quando aterrissamos aqui, nossos corpos estavam... diferentes. Nós nos tornamos diferentes. Isso levou tempo.

— Agora o tempo está nos levando — revelou Roland, olhando para o relógio de bolso dourado que Dee provavelmente lhe entregara antes de morrer.

— Então chegou a hora de irmos — disse Daniel para Luce.

— Lá para cima?

— Sim, precisamos voar para encontrá-los. Voaremos diretamente até as fronteiras da Queda, e então você vai...

— Eu preciso impedi-lo?

— Sim.



Ela fechou os olhos, pensou no modo como Lúcifer havia olhado para ela no Prado. Parecia desejar esmagar cada partícula de ternura que existia.

— Acho que sei como fazer isso — disse ela.

— Sabia que iria dizer isto! — berrou Arriane.

Daniel puxou-a para mais perto.

— Tem certeza?

Ela o beijou. Nunca tivera tanta certeza.

— Acabei de conquistar minhas asas de volta, Daniel. Não vou deixar que Lúcifer as leve embora.

Assim, Luce e Daniel se despediram de seus amigos, deram as mãos e dispararam pelos céus no meio da noite. Subiram sem parar, através da camada mais fina da atmosfera, através de um filme de luz situado na orla do espaço.

A lua se tornou imensa, brilhava como um sol do meio-dia. Passaram por galáxias nebulosas e por luas cheias de crateras e planetas estranhos cintilando com gás vermelho e anéis listrados de luz.

O voo não extenuava Luce. Ela começou a entender por que Daniel era capaz de voar durante dias seguidos sem descansar; ela não sentia fome nem sede. Não sentia frio na noite gelada.

Por fim, nos limites do nada, no bolsão escuro do Universo, chegaram ao perímetro. Viram a teia negra do Anunciador de Lúcifer balançando no espaço entre as dimensões. Lá dentro estava a Queda.

Daniel pairou ao lado dela. Suas asas roçaram as de Luce, transmitindo-lhe força.

— Primeiro você terá de atravessar o Anunciador. Não se demore nele. Continue em frente até encontrar Lúcifer na Queda.

— Preciso entrar sozinha, não é?

— Eu seguiria você até os confins da Terra e além. Mas você é a única que pode fazer isso — disse Daniel, segurando sua mão. Beijou-lhe os dedos, a palma. Ele tremia.

— Estarei esperando aqui.

Os lábios deles se encontraram uma última vez.

— Eu amo você, Luce — disse Daniel. — Sempre amarei, quer Lúcifer vença ou não...

— Não, não diga isto — interrompeu Luce. — Ele não vai...

— Mas se ele vencer — continuou Daniel —, quero que você saiba que eu faria tudo isto novamente. Escolheria você todas as vezes.

Uma calma tomou conta de Luce. Por ele, não fracassaria. Por si, não fracassaria.

— Não vou demorar.

Ela apertou a mão de Daniel e se virou. Depois mergulhou na escuridão, no interior do Anunciador de Lúcifer.



DEZOITO

APANHAR UMA ESTRELA CADENTE

A escuridão era total.

Luce só havia viajado através de seus próprios Anunciadores, úmidos e frios, até mesmo tranquilos. A entrada para o de Lúcifer era fétida, quente, cheia de fumaça acre — e ensurdecedora. Doces pedidos de

misericórdia e soluções cortantes permeavam as paredes internas.

As asas de Luce se eriçaram — uma sensação que nunca tivera — quando se deu conta de que o Anunciador do diabo era as fronteiras do Inferno.

“É apenas uma passagem”, disse a si mesma. “É como qualquer outro Anunciador, um portal a se atravessar até outro espaço-tempo.”

Ela se impeliu para diante, sufocando com a fumaça. O chão era cheio de algo espinhento que só reconheceu quando tropeçou, caiu de joelhos e sentiu a dor excruciante de cacos de vidro nas mãos que Daniel acabara de soltar.

“Não se demore nele”, tinha dito Daniel. “Continue em frente até encontrar Lúcifer.”

Inspirou profundamente, endireitou o corpo e se lembrou de quem era. Abriu as asas e o Anunciador se encheu de luz. Agora Luce conseguia ver como era horrível: cada superfície fumegante estava coberta por cacos de vidro de diferentes cores, formas semi-humanas, mortas ou moribundas, em poças viscosas no chão, e, pior de tudo, uma esmagadora sensação de perda.

Luce olhou para as próprias mãos sangrentas, de onde malignos cacos de vidro marrom saíam das palmas. Num instante, elas se curaram. Rangeu os dentes e voou, fazendo o corpo penetrar na parede interna do Anunciador, em direção às profundezas da Queda roubada de Lúcifer.

Ali era vasto. Foi a primeira impressão. Amplo o bastante para ser um universo à parte, e estranhamente silencioso. A Queda era tão brilhante por causa da luz dos anjos que caíam que Luce mal conseguia enxergar. De algum modo, podia senti-los — todos ao redor, seus irmãos e irmãs, mais de cem milhões de anjos da legião celestial decorando o céu como pinturas. Estavam suspensos no ar, congelados no espaço-tempo, cada um preso em um círculo diferente de luz.

Foi assim que ela caíra também. Agora se recordava, dolorosamente. Aqueles nove dias contiveram novecentas eternidades. E, contudo, por mais imóveis que os anjos em queda estivessem, Luce via agora que mudavam constantemente. Suas formas assumiam uma translucidez estranha e amorfa. Aqui e ali, luzes cintilavam embaixo de um par de asas. Um braço começava a piscar de modo nebuloso até assumir sua forma, depois novamente se tornava indistinto. Foi isso o que Daniel quis

dizer quando falou na mudança que ocorreu dentro da Queda — a metamorfose das almas, do modo como eram no âmbito celestial para o modo como seriam no âmbito terrestre.

Os anjos estavam se despidendo de sua pureza angelical, entrando nas encarnações que assumiriam na Terra.

Luce se aproximou do anjo mais próximo. Ela o reconheceu: Tzadkiel, o anjo da Justiça Divina, seu irmão e amigo. Há eras não via sua alma. Ele não podia vê-la agora, e não poderia ter respondido se pudesse vê-la.

A luz dentro dele trinou, fazendo com que a essência de Tzadkiel cintilasse como uma joia em água lamacenta. Depois, juntou-se em um rosto borrado que Luce não reconheceu. Parecia grotesco — olhos cruamente formados, lábios semiterminados.

Não era ele, mas assim que os anjos atingissem o solo imperdoável da Terra, seria.

Quanto mais ela vagava no mar suspenso de almas, mais pesada se sentia. Luce reconheceu todos eles: Saraquel, Alat, Muriel, Chayo. Percebeu horrorizada que, quando suas asas chegavam perto o bastante, conseguia *ouvir* os pensamentos de cada anjo em queda.

Quem vai cuidar da gente? Quem iremos adorar?

Não consigo sentir minhas asas.

Sinto falta de meus pomares. Haverá pomares no Inferno?

Sinto muito. Sinto tanto.

Era doloroso demais permanecer perto de qualquer um deles por mais tempo que o de um único pensamento. Luce se impulsionou para a frente, sem direção, espantada, até que uma luz brilhante e familiar a atraíu.

Gabbe.

Mesmo em meio a uma transição não concluída, Gabbe estava maravilhosa. Suas asas brancas se dobravam como pétalas de rosa ao redor de suas feições em formação; a cortina escura de seus cílios fazia com que parecesse em paz e firme.

Luce foi até o círculo de luz prateada de Gabbe. Por um instante,

pensou que pudesse haver um lado bom na Queda de Lúcifer: a volta de Gabbe.

Então a luz dentro de Gabbe lampejou e Luce ouviu o anjo em queda pensar: *Continue em frente. Lucinda. Por favor, continue em frente. Sonhe com aquilo que você já conhece.*

Luce pensou em Daniel, que a aguardava do outro lado. Pensou em Lu Xin, a garota que tinha sido na dinastia Shang na China. Ela havia matado um rei, vestido as roupas de um general e se preparado para lutar em uma guerra que não era sua — tudo isso por causa de seu amor por Daniel.

Luce reconhecera a própria alma dentro de Lu Xin assim que a vira. E agora pôde se ver ali também, mesmo com tantas almas brilhando ao redor, como as luzes de uma cidade suspensas no ar.

Ela encontraria a si mesma dentro da Queda.

Era ali, soube naquele exato instante, que encontraria Lúcifer.

Fechou os olhos, bateu as asas de leve, pediu que a sua alma a guiasse. Ela se

movimentava entre milhões de seres, deslizando por marés cintilantes de anjos. Aquilo demorou uma pequena eternidade. Durante nove dias ela e seus amigos correram contra o tempo, tendo em mente apenas como localizar a Queda. Agora que a haviam encontrado, quanto tempo demoraria para que Luce achasse a alma que procurava, a agulha naquele palheiro formado por mutações de anjos? Quanto tempo ainda restaria?

Então, no meio de uma galáxia de anjos congelados, Luce parou.

Alguém estava cantando.

Era uma canção tão linda que fez suas asas tremerem.

Ela se apoiou atrás do círculo branco fixo de um anjo em queda chamado Ezekeel e ouviu:

— Meu mar encontrou uma praia... Meu ardor encontrou uma chama...

A alma dela se inflou diante de uma lembrança há tempos esquecida. Olhou ao redor de Ezekeel, o Anjo das Nuvens, para ver quem estava

cantando na clareira.

Era um garoto ninando uma garota em seus braços, e a voz de sua serenata era tão doce e suave quanto o mel.

O lento balançar de seus braços era o único movimento em toda a Queda congelada.

Então Luce percebeu que a garota não era simplesmente uma garota. Era um círculo de luz semiformado rodeando um anjo em metamorfose. Era a alma que, antes, costumava ser Lucinda.

O garoto olhou para cima, sentindo uma presença. Tinha rosto quadrado, cabelos ondulados cor de âmbar e olhos da cor do gelo, radiantes de um amor tolo.

Porém, não era um garoto. Era um anjo tão devastadoramente belo que o corpo de Luce se tensionou com uma solidão que não desejava recordar.

Era Lúcifer.

Era essa a aparência que ele tinha no Céu. Entretanto, se movia e estava completamente formado, ao contrário dos milhões de anjos que o rodeavam — e isso fez Luce ter certeza de que ele era o demônio do presente, aquele que lançou seu Anunciador ao redor da Queda para incitar a segunda ligação dos anjos com a Terra. A própria alma em queda de Lúcifer estaria em algum outro lugar dali, tão paralisada quanto o restante dos anjos ficou depois de o Trono expulsá-los do Céu.

Luce estava certa quanto a imaginar que sua alma a levaria até Lúcifer. Depois que ele colocou a Queda em movimento, provavelmente mergulhara para o interior do próprio Anunciador.

E passou aqueles nove dias fazendo o quê? Entoando canções de ninar e a embalando sem parar enquanto o mundo se via na corda bamba e exércitos de anjos corriam pelo mundo para impedi-lo?

Ela sentiu as asas arderem. Sabia que era isso o que ele tinha feito, apenas isso, pois sabia que a amava e que ainda a queria. Tudo aquilo só estava acontecendo porque ela havia traído Lúcifer.

— Quem está aí? — gritou ele.

Luce foi adiante. Não tinha ido até ali para se esconder dele. Além

disso, ele já

havia sentido o brilho da alma dela atrás de Ezekeel, ouviu o tom irritado de reconhecimento na voz de Lúcifer.

— Ah. É você. — Ele levantou ligeiramente os braços, segurando o eu de Luce que caía. — Já foi apresentada ao meu amor? Acho que irá achá-la... — Lúcifer olhou para cima, procurando a palavra certa. — revigorante.

Luce se aproximou mais, igualmente atraída pelo anjo radiante de coração partido e pela versão estranha e semiformada de si. Era aquele anjo que se tornaria a garota que Luce foi na Terra. Observou o próprio rosto tremeluzir ao se formar, dentro dos braços de Lúcifer. Depois o rosto sumiu.

Pensou em se fundir àquela estranha criatura. Sabia que seria possível fazer isso: tocar a garota e tomar posse de seu corpo mais antigo, sentir o frio na barriga ao se unir ao seu passado, piscar e se ver nos braços de Lúcifer, na mente da Luce em queda, como havia feito tantas vezes antes.

No entanto não precisava mais fazer aquilo. Bill ensinara Luce a se clivar antes de ela saber quem realmente era, antes de ter acesso às lembranças que agora conhecia.

Não precisava mais se unir a sua alma em queda para saber o que dizer a Lúcifer. Luce já conhecia a história completa.

Cruzou os braços na frente do corpo. Pensou em Daniel, do outro lado do Anunciador.

— O amor que você sente não é recíproco, Lúcifer.

Ele ofereceu um sorriso brilhante e desafiador para Luce.

— Você tem ideia de como um momento como este é raro?

Sem pensar, Luce se flagrou aproximando-se dele.

— Vocês duas, juntas ao mesmo tempo? Aquela que não pode me abandonar —

ele acariciou o corpo que se metamorfoseava em seus braços e olhou para Luce — e aquela que não sabe como ficar longe de mim.

— Nós duas compartilhamos a mesma alma — disse Luce. — E

nenhuma de nós o ama mais.

— E ainda dizem que o *meu* coração é que endureceu! — Lúcifer fez uma careta.

Toda a doçura desapareceu de seu rosto. O tom de voz baixou vários registros e se tornou mais grave que qualquer coisa que Luce já ouvira na vida. — Você me desapontou no Egito. Não deveria ter feito aquilo, e não deveria estar aqui agora.

Depositei você no âmbito externo para que não viesse interferir.

O corpo dele mudou: o rosto jovem e belo se dobrou em rugas que se espalharam pelo corpo em linhas compridas e ásperas. Asas poderosas irromperam de trás dos ombros. Garras se lançaram dos dedos, longas, curvas e amareladas. Luce estremeceu quando se cravaram no corpo semiformado dela mesma em queda.

Os olhos mudaram do tom azul gélido para um vermelho de chumbo derretido, e Lúcifer aumentou dez vezes de tamanho. Luce sabia que aquilo era resultado da raiva que antes ele havia controlado a fim de parecer com seu antigo e belo eu. Preencheu o espaço vazio, diminuindo imediatamente a expansão dos anjos suspensos.

Luce voou até o nível dos olhos dele e suspirou.

— Pode parar agora mesmo — disse ela.

— Ah, então você se tornou tolerante agora, é?

Luce balançou a cabeça e abriu as asas ao máximo. Elas se estenderam por um comprimento que ainda a espantava.

— Eu sei quem eu sou, Lúcifer. Sei o que sou capaz de fazer. Nenhum de nós está restrito a limites mortais. Eu também poderia ficar horrrosa. Mas por que faria isso?

Vapores saíam da cabeça de Lúcifer enquanto ele observava as asas de Luce.

— Suas asas sempre foram de tirar o fôlego — comentou ele. — Mas não se acostume demais com elas. O tempo está quase acabando e então... então...

Ele observou o rosto dela, em busca de medo ou agitação. Ela sabia como ele pensava, de onde retirava a energia e o poder. Os músculos

granulosos dele se flexionaram, e Luce observou a luz do próprio corpo em queda se agitar, mas permanecer imóvel, indefeso nos braços dele. Era como ver alguém querido correndo grave perigo — mas Luce não revelaria que isso a perturbava.

— Não tenho medo de você.

O grunhido dele foi uma nuvem de muco e fumaça.

— Mas vai ter, assim como teve antes, assim como na verdade tem agora. O medo é a única maneira de saudar o demônio.

O aumento de tamanho dele cessou. Os olhos se resfriaram de volta àquele tom impressionante de azul-gelo. Os músculos relaxaram e voltaram a formar o corpo magro que certa vez fizera dele o mais maravilhoso dos anjos nas hordas celestiais. Em sua pele branca havia um brilho do qual Luce não se lembrava, até aquele momento.

Lúcifer era mais lindo até do que Daniel.

Ela se deixou recordar. Ela o havia *amado*, sim. Tinha sido seu primeiro amor verdadeiro. Dera a ele todo seu coração. E Lúcifer também a amara.

Quando os olhos dele pousaram sobre ela, toda a história do relacionamento dos dois se desenrolou em seu lindo rosto: o fogo do início do romance, a ânsia desesperada dele de possuí-la, a angústia do amor que, dizia ele, inspirara sua revolta contra o Trono.

A mente dela sabia que essa tinha sido a primeira grande mentira do Grande Enganador, mas o coração de Luce sentia algo diferente — em parte porque compreendia que, no fim das contas, Lúcifer passara a acreditar na própria mentira. Tal mentira possuía um poder secreto e propagador, como uma enchente que ninguém era capaz de enxergar.

Ela não conseguiu evitar: amoleceu. Os olhos de Lúcifer tinham a mesma ternura dos de Daniel quando olhava para ela. Sentiu os seus começarem a retribuir aquela ternura.

Ele *ainda* a amava... e ele ficava profundamente ferido em todos os momentos nos quais não tinha Luce ao seu lado. Foi por isso que passou os últimos nove dias com uma sombra da alma dela, por isso que tentou zerar todo o universo. Apenas para tê-la de volta.

— Ah, Lúcifer — disse ela. — Desculpe.

— Está vendo? — riu ele. — Você *tem mesmo* medo de mim. Tem medo do que eu faço você sentir. Não quer se lembrar de...

— Não, não é i...

De uma bainha escondida às suas costas, Lúcifer sacou uma seta estelar prateada e comprida e a girou entre os dedos, cantarolando uma canção que Luce reconheceu.

Ela estremeceu: era o hino que ele havia composto, que emparelhava o amor dos dois. *Lucinda, sua Estrela do Anoitecer*.

Ela observou o brilho da seta estelar.

— O que você está fazendo?

— Você me amava. Era minha. Nós, que entendemos o que é a eternidade, sabemos o que significa o verdadeiro amor. O amor nunca morre. É por isso que sei que, quando atingirmos o chão, quando tudo recomeçar, você vai fazer a escolha certa.

Vai me escolher em vez de escolher a ele, e juntos iremos reinar. Ficaremos juntos... —

Ele olhou para ela. — Senão...

Então Lúcifer se aproximou dela com a seta.

— Sim! — gritou Luce. — Eu amei você um dia!

Ele congelou, a arma mortal pousada sobre o seio de Luce, seu eu anterior, sua alma mais antiga pendendo na dobra do braço dele.

— Mas isso faz mais tempo do que você se lembra — continuou ela. — Você gosta da eternidade, mas não gosta de como a eternidade pode mudar em um instante. Eu já não amava você quando nós caímos.

— Mentira. — Ele abaixou ainda mais a seta. — Você me amou há menos tempo do que pensa. Na semana passada mesmo, nos seus Anunciadores, quando pensava que amava outro... Nós dois éramos ótimos juntos. Lembra-se de descansarmos embaixo do pé de maracujá no Taiti? Tivemos momentos anteriores também. Espero que se lembre deles. — Ele recuou, observou a reação dela. — Ensinei a você tudo o que acha que sabe sobre o amor! Era para governarmos juntos. Você prometeu me seguir.

Mas *me* enganou. — Os olhos dele imploravam para Luce, deflagrando

dor e ira. —

Imagine o quanto foi solitário ficar em um Inferno que eu mesmo fiz, preso ao altar, o maior tolo de todos os tempos, suportando sete mil anos de agonia.

— Pare — sussurrou ela. — Precisa deixar de me amar. Porque eu deixei de amar você.

— Por causa de *Daniel Grigori*, que não é nem um décimo do anjo que eu sou, mesmo quando estou na mais péssima forma? É ridículo! Sabe que sempre fui mais radiante, mais talentoso. Estava ao meu lado quando inventei o amor. Eu o criei a partir do nada, a partir da própria... *adoração*! — Lúcifer franziu o cenho ao pronunciar tal palavra, como se o deixasse nauseado. — E você não sabe nem da metade. Sem você, eu depois criei o mal, a outra extremidade do espectro, o equilíbrio necessário. Inspirei Dante! Milton! Você devia dar uma espiada no submundo. Peguei as ideias do Trono e melhorei todas. Pode fazer o que quiser! Ah, você perdeu *tudo isso*.

— Não perdi nada.

— Ah, minha querida... — Ele esticou o braço para acariciar sua bochecha com a

mão macia. — Com certeza não acredita nisso. Eu poderia lhe dar o maior reino que jamais conheceu. Vamos trabalhar duro e depois nos divertir. Até o Trono ofereceu os benefícios da paz eterna! Mas o que você escolheu? Daniel. O que este corte de cabelo fez com você?

Luce afastou a mão dele.

— Ele conquistou meu coração. Ele me ama pelo que sou, não pelo que posso trazer para ele.

Lúcifer deu um sorrisinho irônico.

— Você sempre foi uma tapada para entender as coisas. Meu bem, esse é seu calcanhar de Aquiles.

Ela olhou ao redor para as almas cintilantes e imóveis em volta, milhões de anjos, estendendo-se por milhares de quilômetros, testemunhas acidentais da verdade sobre o primeiro amor romântico do universo.

— Achei que o que eu sentia por você era o certo — disse Luce. — Eu

o amei até isso me fazer mal, até nosso amor ser consumido pelo seu orgulho e pela sua ira. Aquilo que você chamava de *amor* me anulou, por isso precisei parar de amar você. — Ela fez uma pausa. — Nossa adoração nunca diminuiu o Trono, mas o seu amor, Lúcifer, me diminuiu. Jamais quis machucar você, só quis impedir que me machucasse.

— Então pare de me machucar! — implorou ele, estendendo os braços dos quais Luce se lembrava de a terem envolvido, onde se sentira completamente à vontade. —

Você pode aprender a me amar de novo. É a única maneira de estancar a minha dor.

Escolha-me agora, de novo, para sempre.

— Não — disse ela. — Acabou mesmo, Lúcifer. — Ela fez um gesto para os outros anjos que caíam ao redor deles. — Já tinha acabado antes mesmo de isto tudo acontecer. Jamais prometi governar ao seu lado fora do Céu. Você é que projetou esse sonho em mim, como se eu fosse mais uma das suas tábulas rasas. Não vai conseguir nada fazendo *esta* Lucinda cair na Terra. Ela não irá retribuir o seu amor.

— Talvez retribua. — Ele olhou para o anjo em seus braços, tentou beijá-la, mas a luz que rodeava o eu de Lucinda em queda impediu que os lábios dele tocassem-lhe a pele.

— Desculpe pela dor que causei a você — disse Luce. — Eu era... jovem. Eu me...

deixei levar. Brinquei com fogo. Não devia ter feito isso. Por favor, Lúcifer. Deixe-nos ir.

— Ah. — Ele afagou o rosto dele no corpo em seus braços. — Como dói.

— Vai doer menos se você aceitar que o que compartilhamos é passado. As coisas não são como eram. Se você me ama, precisa encontrar a força dentro da sua alma para me deixar seguir em frente.

Lúcifer lançou um longo olhar para Luce. Sua expressão se escureceu, depois ficou intrigada, como se ele estivesse tendo uma ideia. Olhou para o outro lado um instante, piscou e, quando olhou de novo para Lucinda, ela presumiu que fosse capaz de enxergá-la como ela realmente era: o anjo que se tornou uma garota, que viveu por milênios, que se tornou cada vez mais consciente de seu destino, que

encontrou um modo de voltar a ser anjo.



— Você... merece mais que isto — sussurrou Lúcifer.

— Mais do que Daniel? — Luce balançou a cabeça. — Não quero nada mais do que ele.

— Quero dizer que você merece mais que todo esse sofrimento. Não pense que não vi tudo o que você passou. Estive assistindo. Às vezes, sua dor me causava uma espécie de alegria. Quero dizer, você me conhece, não é? — Lúcifer deu um sorriso triste. — Mas mesmo a minha forma de alegria é sempre marcada pela culpa. Se pudesse me livrar da culpa, você *realmente* veria alguém grandioso.

— Liberte-me do meu sofrimento. Pare a Queda, Lúcifer. Pode fazer isso.

Ele cambaleou na direção dela, os olhos cheios de lágrimas. O demônio balançou a cabeça:

— Me diga como um sujeito, com um emprego decente, perde uma...

— BASTA!

A voz fez tudo parar. A órbita do sol, a consciência interna de trezentos e dezoito milhões de anjos e até mesmo a velocidade imensa da Queda *simplesmente pararam*.

Era a voz que havia criado o Universo: repleta de camadas e profunda, como se milhões de suas versões falassem em uníssono.

Basta.

A ordem do Trono atravessou Luce. Consumiu-a. A luz inundou-lhe a visão, obscurecendo Lúcifer, seu eu em queda, o mundo inteiro. A alma dela zumbiu com uma eletricidade inenarrável quando um peso saiu de dentro dela e foi jogado a distância.

A Queda.

Tinha sumido. Luce havia sido lançada para fora dela com uma única palavra e um raio que a fez sentir-se revirada pelo avesso. Estava se movimentando em direção a um grande vácuo, em direção a um

destino desconhecido, mais depressa que a velocidade da luz multiplicada pela velocidade do som.

Ela estava se movimentando à velocidade de Deus.



DEZENOVE

O PREÇO DE LUCINDA

Não havia nada além do branco.

Luce sentiu que ela e Lúcifer haviam voltado para Troia, mas não tinha certeza. O mundo estava iluminado demais, mármore em fogo. Ardia em completo silêncio.

De início, a luz era tudo: branca, incandescente, cegante.

Aí, devagar, começou a enfraquecer.

A cena diante de Luce se delineou: a luz menos intensa permitiu ver o campo, os ciprestes esguios, os bodes pastando na grama clara, os anjos ao redor dela, que entravam em foco. A luz parecia ter uma textura, como a de penas roçando a pele, e seu poder fazia com que ela sentisse humildade e medo.

O clarão diminuiu ainda mais, pareceu encolher-se e condensar-se, à medida que se reunia dentro de si. Tudo diminuía de intensidade, perdia a cor, enquanto a luz se afastava e se reunia em uma esfera brilhante, cujo fulgor era mais intenso no centro, pairando a três metros do chão. Pulsava e tremeluzia à medida que seus raios assumiam forma. Eles se esticavam, cintilavam como bala de coco quente, tomando a forma de uma cabeça, um tronco, pernas, braços. Mãos.

Um nariz.

Uma boca.

Até que a luz se tornou uma pessoa.

Uma mulher.

O Trono em forma humana.

Há tempos, Luce havia sido uma das preferidas do Trono — ela sabia disso agora, sabia nas tessituras de sua alma, porém jamais havia *visto* o Trono de fato. Nenhum ser era capaz de ter esse tipo de conhecimento.

Era a natureza das coisas, da divindade. Descrevê-la era reduzi-la. Portanto ali, agora, embora se parecesse muito com uma rainha num vestido branco esvoaçante, o Trono continuava sendo o Trono — ou seja, continuava sendo *tudo*. Luce não conseguia parar de olhar.

Ela era surpreendentemente linda. Seus cabelos tinham reflexos prateados e dourados. Os olhos, azuis como um oceano de cristal, emitiam o poder de enxergar tudo, em toda parte. Quando o Trono olhou para as planícies troianas, Luce pensou ter visto um clarão do próprio rosto na expressão de Deus — determinado, na forma que a mandíbula de Luce Price se contraía quando tomava uma decisão. Já tinha visto aquilo no próprio reflexo mil vezes antes.

Mas quando o rosto de Deus se virou para olhar o público diante dele, sua

expressão se modificou. Agora parecia a devoção de Daniel; capturava aquela luz específica dos olhos dele. Depois, no modo relaxado e aberto que Deus gesticulava, Luce reconhecia o desprendimento da própria mãe — e então viu o sorriso orgulhoso que só Penn possuía.

A diferença era que, agora, Luce percebia que *não pertencia* a Penn. Cada traço fugaz da vida encontrava sua origem na força que estava diante de Luce. Ela podia ver como o mundo inteiro — mortais e anjos, do mesmo modo — havia sido criado à imagem mercurial do Trono.

Uma cadeira de mármore apareceu na extremidade do prado. Era feita de uma substância divina que Luce sabia já ter visto. Era o mesmo material da sua antiga cadeira de prata com a ponta espiralada que o Trono segurava na mão esquerda.

Quando o Trono se sentou, Annabelle, Arriane e Francesca correram para a frente dele, caindo de joelhos em adoração. O sorriso do Trono cintilou para elas, lançando arco-íris de luz nas asas delas. Os anjos entoaram cânticos juntos em um prazer harmonioso.

Arriane ergueu o rosto reluzente e bateu as asas para se levantar e dirigir-se ao Trono. Sua voz irrompeu em uma canção gloriosa:

— Gabbe se foi.

— Sim — cantarolou o Trono de volta, embora, é claro, já soubesse disso.

Mais do que um compartilhamento de informações, aquilo era um ritual de comiseração. Luce se lembrou de que fora para isso que o Trono criara a fala e a canção; para ser outra maneira de sentir, outra asa para roçar na asa de seu amigo.

Então os pés de Arriane e de Annabelle deslizaram pelo chão e elas flutuaram acima do Trono. Pairaram ali, de frente para Luce e o restante de seus amigos, mirando com adoração para seu Criador. A formação delas parecia estranha — de certa maneira incompleta — até que Luce percebeu algo:

As saliências.

Arriane e Annabelle estavam tomando seus antigos lugares de Arcanjos. No Prado Celestial, as saliências onduladas e prateadas que outrora formavam um arco sobre a cabeça do Trono; e estavam ali de volta: Arriane à direita dos ombros do Trono, e Annabelle a centímetros do chão, perto da mão direita.

Espaços vazios cintilantes brilhavam no espaço ao redor do Trono. Luce se lembrou para qual delas Cam costumava voar, qual era a de Roland e qual pertencia a Daniel. Viu relances em sua lembrança do local de Molly diante do Trono, e do de Steven também — embora eles não fossem Arcanjos, e sim anjos que adoravam com alegria lá do Prado.

Por último, viu os lugares dela e de Lúcifer, suas saliências prateadas pareadas do lado esquerdo, e as asas de Luce formigaram. Era tudo tão claro.

Os outros anjos caídos — Roland, Cam, Steven, Daniel e Lúcifer — não deram um passo à frente para adorar o Trono. Luce ficou devastada. Adorar o Trono era algo que lhe vinha naturalmente; foi para isso que Lucinda tinha sido criada. Mas de algum modo ela não conseguia se mexer. O Trono não pareceu nem desapontado, nem surpreso.

— Onde está a Queda, Lúcifer? — A voz fez Luce sentir vontade de cair de joelhos e rezar.

— Só Deus sabe — rosnou Lúcifer. — Não importa. Talvez eu não a

quisesse, no fim das contas.

O Trono girou seu cetro de prata nas mãos, remexendo em um recesso enlameado no chão onde sua extremidade encontrava a Terra. Uma vinha de lírios brancos com reflexos prateados surgiu, lançando uma espiral ao redor do cetro. O Trono não pareceu notar; fixou seus olhos azuis em Lúcifer até que os olhos azuis deste se torceram para encontrar os Dela.

— Acredito nas duas primeiras afirmações — disse o Trono — e logo você será convencido da terceira. Minha indulgência tem limites bastante célebres.

Lúcifer começou a falar, mas o olhar do Trono se desligou do dele, e Lúcifer chutou a terra em frustração. O chão se abriu embaixo dele, fazendo lava borbulhar e se resfriar no chão, um vulcão pessoal.

Com o menor dos gestos, o Trono chamou novamente a atenção de todos.

— Precisamos tratar da maldição de Lucinda e Daniel — disse ela.

Luce engoliu em seco, sentindo o terror se alastrar pelo estômago.

Os olhos fosforescentes do Trono, porém, eram bondosos quando ela colocou uma mecha de cabelo prateado e dourado atrás da orelha, reclinou-se no assento e inspecionou a reunião diante de si.

— Como vocês sabem, chegou a hora de eu mais uma vez fazer uma pergunta a esses dois.

Todos ficaram em silêncio, até o vento.

— Lucinda, comecemos com você.

Luce assentiu. A calma de suas asas se justapunha ao coração acelerado. Era uma sensação estranhamente mortal, que a fez se lembrar do que sentia ao ser chamada à sala do diretor na escola. Ela se aproximou do Trono, de cabeça baixa.

— Você já pagou o bastante da sua dívida de sofrimento ao longo destes últimos seis milênios...

— Não foi tudo apenas sofrimento — disse Luce. — Houve momentos difíceis, mas... — Ela olhou ao redor para os amigos que tinha feito, para Daniel e até mesmo para Lúcifer. — Mas houve muita beleza,

também.

O Trono sorriu de modo curioso para Luce.

— Você também cumpriu as condições para descobrir a própria natureza sem ajuda, de ser verdadeira consigo. Diria que veio a conhecer a sua alma?

— Sim — respondeu Luce. — Profundamente.

— Agora você é mais Lucinda do que jamais foi. Qualquer decisão que tomar carrega não apenas o conhecimento que você traz enquanto anjo, mas também o peso de sete mil anos de lições de vida em cada um dos estágios do ser humano.

— Eu me dobro à minha responsabilidade — disse ela, usando palavras que não pareciam nem um pouco coisa de Luce Price, mas que, percebeu, pareciam muito coisa de Lucinda, sua verdadeira alma.

— Talvez você tenha ouvido que nesta vida a sua alma “está disponível”?

— Sim. Ouvi.

— E talvez tenha ouvido falar do equilíbrio entre os anjos do Céu e as forças de Lúcifer?

Luce assentiu, devagar.

— E, portanto, a pergunta recai sobre você uma vez mais: escolhe o Céu ou o Inferno? Aprendeu as suas lições e agora é quatrocentas vidas mais sábia, portanto, perguntamos mais uma vez: onde você deseja passar a eternidade? Se for no Céu, permita-me dizer que iremos recebê-la em casa e providenciar para que a transição seja suave. — Deus lançou um olhar para Lúcifer, mas Luce não o acompanhou. — Se sua escolha for o Inferno, me arrisco a dizer que Lúcifer a aceitaria, não?

Lúcifer não respondeu. Luce ouviu um farfalhar pesado atrás de si e se virou para ver as costas das asas dele torcidas em um nó.

Não tinha sido fácil dizer a Lúcifer, dentro da Queda, que ela não o amava, que não o escolheria. Parecia impossível dizer o mesmo ao Trono. Luce estava diante do poder que a criara, e nunca se sentira tão infantil.

— Lucinda? — O olhar do Trono se voltou para baixo, para ela. — Cabe a você fazer pender a balança.

A conversa que ela tivera com Arriane em Las Vegas lhe veio mais uma vez à mente: *No fim, a coisa se resumiria à escolha de um único anjo poderoso quanto a que lado ficar. Quando isso acontecesse, a balança finalmente penderia.*

— Cabe a mim?

O Trono assentiu, como se Luce tivesse sabido disso o tempo inteiro.

— Da última vez você se recusou a escolher.

— Não, isso não é verdade — retrucou Lucinda. — Eu escolhi o amor! Agora mesmo, Vós perguntastes se eu conhecia minha alma, e conheço. Devo permanecer fiel a quem sou e colocar o amor acima de tudo.

Daniel segurou a mão dela.

— Escolhemos o amor no passado e faremos a mesma escolha agora.

— E se Vós nos amaldiçoardes por isso agora — continuou Lucinda —, o resultado será o mesmo. Nós dois sempre nos reencontramos ao longo de sete mil anos. Todos vocês são testemunhas. Faremos isso novamente.

— Lúcifer? — indagou o Trono. — O que diz quanto a isso?

Ele olhou para Luce com olhos chamejantes, e sua dor era visível para todos os presentes.

— Digo que todos nós iremos nos arrepender deste momento para sempre. É a escolha errada, é egoísta.

— Sempre há arrependimento quando aceitamos que o amor se afastou de nós —

veio a voz impassível do Trono. — Mas tomarei sua resposta como uma pequena demonstração de misericórdia e aquiescência, que oferece ao Universo alguma esperança. Lucinda e Daniel deixaram clara sua escolha e os lembrarei dos votos feitos na lista de chamada. O amor deles está fora de nossa alçada. Então, que assim

seja. Mas isso terá seu preço. — Ela voltou o olhar novamente para Luce e Daniel. —

Estão preparados para pagar pelo último sacrifício do seu amor?

Daniel balançou a cabeça.

— Se eu tiver Lucinda, e Lucinda tiver a mim, não existe sacrifício.

Lúcifer gargalhou, alçando voo e pairando no ar acima de Luce e Daniel.

— Quer dizer que poderíamos roubar tudo de vocês... suas asas, sua força, sua *imortalidade*, que mesmo assim escolheriam *seu amor*?

De soslaio, Luce viu Arriane. As asas dela estavam dobradas atrás de si. As mãos estavam enfiadas nos bolsos do macacão. Ela assentiu de modo presunçoso, os lábios espremidos em satisfação, como se dissesse: *Que diabo, sim, eles escolheriam*.

— Sim — disseram Luce e Daniel ao mesmo tempo.

— Ótimo — respondeu o Trono. — Mas entendam: existe um preço. Vocês podem ficar um com o outro, mas talvez não tenham mais nada além disso. Se escolherem o amor de uma vez por todas, precisam desistir de suas naturezas de anjo. Nascerão de novo, renovados como mortais.

Mortais?

Daniel, o anjo dela, renascido como mortal?

Todas aquelas noites ela havia ficado deitada acordada, pensando no que aconteceria com o amor dela e de Daniel depois daqueles nove dias. Agora a decisão do Trono a fazia se lembrar da sugestão de Bill no Egito: de que ela matasse a própria alma que reencarnava.

Mesmo então, havia pensado na hipótese de viver uma vida mortal e deixar Daniel seguir seu caminho. Ele não sofreria mais por perder um amor. Ela quase tinha conseguido fazer isso. O que a impediu foi a ideia de perder Daniel. Só que agora...

Ela poderia tê-lo, de verdade, durante um longo tempo. Tudo seria diferente. Ele estaria ao lado dela.

— Se vocês aceitarem — ergueu-se a voz do Trono, acima da gargalhada de Lúcifer —, não se lembrarão de quem foram um dia, e não posso garantir que se encontrarão durante a vida na Terra. Vocês irão viver e morrer, assim como qualquer outro mortal da criação. Os

poderes do Céu que sempre os atraíram um para o outro não mais existirão. Nenhum anjo irá cruzar seu caminho. — Ela lançou um olhar de advertência para os outros anjos, amigos de Luce e Daniel. — Nenhuma mão amiga aparecerá na noite escura para guiá-los. Realmente estarão sozinhos.

Um som suave escapou dos lábios de Daniel. Ela se virou para ele e pegou sua mão. Então eles seriam mortais, vagando pela Terra em busca de sua outra metade, assim como todo mundo. Parecia uma linda proposta.

De trás deles, Cam disse:

— A mortalidade é a mais linda história romântica que já se contou. Só uma única chance de fazer tudo o que se deve fazer. Depois, magicamente, você passa para outra.

Mas Daniel parecia arrasado.

— O que foi? — sussurrou Luce. — Não quer?

— Você acabou de reconquistar as suas asas.

— É exatamente por isso que sei que posso ser feliz sem elas. Desde que eu tenha você comigo. Você é quem de fato estaria abrindo mão das suas. Tem certeza de que é isso o que *você* quer?

Daniel abaixou o rosto em lágrimas, com os lábios perto dos dela, suaves.

— Sempre.

Lágrimas enchiam os olhos de Luce enquanto Daniel se virava para encarar o Trono.

— Nós aceitamos.

Ao redor deles, o brilho das asas aumentou, até que todo o Prado zuniu com luz. E

Luce sentiu os outros anjos — seus queridos e preciosos amigos — passarem da enorme expectativa para o choque.

— Muito bem. — O Trono quase sussurrava, sua expressão era inescrutável.

— Espere! — gritou Luce. Havia mais uma coisa. — Nós... nós

aceitamos, com uma condição.

Daniel se remexeu ao lado dela, observando Luce com o canto do olho, mas não interrompeu.

— Qual é a sua condição? — ribombou a voz do Trono, notavelmente nada acostumado a negociações.

— Que Vós leveis os Párias de volta ao seio do Céu — disse ela, antes de sua confiança fraquejar. — Demonstraram ser dignos. Se havia espaço suficiente para me aceitar novamente no Prado, existe espaço suficiente para eles.

O Trono olhou para os Párias, que estavam em silêncio e brilhavam com luz fraca.

— Isso não é nada ortodoxo, mas, no fundo, é um pedido livre de egoísmo. Assim seja. — Devagar, ela estendeu um dos braços. — Párias, deem um passo à frente se desejam entrar mais uma vez no Céu.

Os quatro Párias caminharam e se colocaram diante do Trono, com mais propósito do que Luce já vira neles. Então, com um único aceno de cabeça, o Trono lhes restaurou as asas.

Elas aumentaram.

Espessaram-se.

A cor marrom esfarrapada drenou e se transformou em um branco brilhante.

E então os Párias sorriram. Luce nunca tinha visto nenhum Pária sorrir, mas eles estavam lindos.

Ao fim de sua metamorfose, os olhos dos Párias se arregalaram quando suas íris desabrocharam para a visão novamente. Agora eram mais uma vez capazes de enxergar.

Até mesmo Lúcifer parecia impressionado. Murmurou:

— Só Lucinda poderia ter feito isso.

— É um milagre! — Olianna abraçou o próprio corpo com as asas para admirá-las.

— É o que Ela faz — disse Luce.

Os Párias retomaram suas antigas posições de adoração ao redor do Trono.

— Sim. — O Trono fechou os olhos para aceitar a adoração deles. — Acredito que

assim foi melhor no fim das contas.

Finalmente, o Trono ergueu o cetro e apontou-o para Luce e Daniel.

— Hora de se despedirem.

— Já? — Não tinha sido intenção de Luce deixar escapar tal palavra.

— Despeçam-se.

Os ex-Párias envolveram Luce com gratidão e abraços, abarcando a ela e Daniel.

Quando se afastaram, Francesca e Steven vieram se colocar diante dos dois, de braços dados, lindos, sorrindo.

— Sempre soubemos que você conseguiria. — Steven deu uma piscadela para Luce. — Não é, Francesca?

Ela concordou:

— Foi difícil, mas você se provou uma das almas mais impressionantes que já tive o prazer de instruir. Você é um enigma, Luce. Continue assim.

Steven apertou a mão de Daniel e Francesca beijou as bochechas de ambos antes de se afastarem.

— Obrigada — disse Luce. — Vocês dois, se cuidem. E cuidem de Shelby e Miles também.

Os anjos estavam ao redor deles, a velha equipe que havia se formado na Sword & Cross e em centenas de outros lugares antes disso.

Arriane, Roland, Cam e Annabelle. Haviam salvado Luce mais vezes do que ela poderia contar.

— Isso é difícil. — Luce se lançou aos braços de Roland.

— Ah, qual é. Você já salvou o mundo. — Ele riu. — Agora vá salvar o seu relacionamento.

— Não dê ouvidos ao Dr. Phil! — disse Arriane com um gritinho. — Não nos abandone nunca! — Ela tentava rir, mas não estava dando certo. Lágrimas rebeldes corriam pelo seu rosto. Não as enxugou; apenas segurou firme a mão de Annabelle. —

Certo, beleza, *vão!*

— Vamos pensar em vocês — disse Annabelle. — Sempre.

— Vamos pensar em vocês, também. — Luce precisava pensar que era verdade.

Do contrário, se de fato iria se esquecer de *tudo aquilo*, não conseguiria suportar deixá-los.

Mas os anjos sorriram com tristeza, sabendo que ela precisava esquecê-los.

Então foi a vez de Cam, que estava de pé ao lado de Daniel. Os dois tinham as mãos pousadas nos ombros um do outro.

— Você conseguiu, irmão.

— Claro que sim. — Daniel tentava bancar o esnobe, mas aquilo denunciava seu amor. — Graças a você.

Cam segurou a mão de Luce. Seus olhos verdes estavam cintilantes, a primeira cor que saltou à vista dela no mundo sombrio e triste da Sword & Cross.

Ele inclinou a cabeça e engoliu em seco, pensando com cuidado no que dizer.

Abraçou-a, e, por um momento, ela achou que fosse beijá-la. O coração de Luce

acelerou quando os lábios dele se aproximaram dos dela e depois pararam, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Não deixe ele te mostrar o dedo da próxima vez.

— Você sabe que não vou deixar — riu ela.

— Ah, Daniel, uma mera sombra de um verdadeiro *bad boy*. — Ele pressionou a mão contra o coração e ergueu uma sobrancelha para ela. — Não deixe que ele a trate mal. Você merece o melhor que existe.

Pela primeira vez, ela não queria soltar a mão dele.

— O que você vai fazer?

— Quando se está arruinado, há muito o que escolher. Todas as possibilidades se abrem. — Ele olhou além dela para as nuvens distantes do deserto. — Vou desempenhar meu papel. Eu o conheço bem. Conheço o adeus.

Ele deu uma piscadela para Luce, assentiu pela última vez para Daniel, depois girou os ombros para trás, abriu suas tremendas asas douradas e sumiu no céu turbulento.

Todos observaram-no se afastar, até as asas de Cam virarem um brilho dourado distante. Quando Luce baixou o olhar, ele caiu sobre Lúcifer. A pele dele tinha aquele brilho adorável, mas seus olhos estavam glaciais. Ele nada disse, e parecia que teria sustentado o olhar dela eternamente se ela não tivesse desviado os olhos.

Havia feito o que pôde por ele. A dor de Lúcifer já não era mais problema dela.

A voz do Trono ribombou:

— Mais uma despedida.

Juntos, Luce e Daniel se viraram para agradecer ao Trono, mas assim que seus olhos pousaram sobre Ela, a figura grandiosa da mulher se incandesceu em glória branca abrasante e eles precisaram proteger os olhos.

O Trono agora estava indiscernível outra vez, uma reunião de luz brilhante demais para ser apreendida pelos anjos.

— Ei, vocês dois — zombou Arriane. — Acho que ela quis dizer para se despedirem um do outro.

— Oh! — disse Luce. Virou-se para Daniel, subitamente em pânico. — Agora?

Precisamos...

Ele segurou a mão dela. As asas dele tocaram as de Luce. Beijou-lhe as bochechas.

— Estou com medo — sussurrou ela.

— O que eu disse a você?

Ela vasculhou o milhão de conversas que ela e Daniel já haviam tido — as boas, as tristes, as discussões. Uma delas se ergueu acima das nuvens da sua mente.

Ela estava tremendo.

— Que você sempre irá me encontrar.

— Sim. Sempre. Não importa o que aconteça.

— Daniel...

— Mal posso esperar para fazer de você o amor da minha vida mortal.

— Mas você não terá como me reconhecer. Não vai se lembrar. Tudo será



diferente.

Ele enxugou uma lágrima dela com o polegar.

— E você acha que isso vai me impedir?

Ela fechou os olhos.

— Amo você demais para dizer adeus.

— Isso não é um adeus. — Ele lhe deu um último beijo angelical e abraçou-a com tanta força que ela pôde ouvir as batidas constantes do coração dele, sobrepondo-se às do dela. — É até breve. Até nos encontrarmos novamente.



VINTE

PERFEITOS ESTRANHOS

DEZESSETE ANOS DEPOIS

Luce segurou o cartão de entrada para o seu dormitório entre os dentes, virou o pescoço para inseri-lo na fechadura, aguardou o pequeno clique elétrico e abriu a porta com o quadril.

Suas mãos estavam lotadas de coisas. A cesta amarela de roupas para lavar estava abarrotada de peças, a maioria encolhera no primeiro ciclo de secadora longe de casa.

Atirou as roupas na estreita cama de baixo do beliche, impressionada por haver encontrado um jeito de vestir tanta coisa diferente em tão pouco tempo. A semana de orientação aos novos alunos do Emerald College tinha passado em um borrão desconcertante.

Nora, sua companheira de quarto, a primeira pessoa fora da família de Luce a vê-la usando o aparelho ortodôntico noturno (mas tudo bem, porque Nora também tinha um), estava sentada ao peitoril, pintando as unhas e conversando ao telefone.

Ela estava sempre falando ao telefone e pintando as unhas. Tinha uma prateleira inteira dedicada a frascos de esmalte e já havia feito os pés de Luce duas vezes naquela única semana em que se conheciam.

— Estou dizendo, Luce não é assim. — Nora fez um aceno animado para Luce, que se recostou na cabeceira da cama, ouvindo a conversa. — Nunca beijou um cara. Certo, beijou uma vez... Lu, qual era mesmo o nomezinho daquele menino do acampamento de verão, aquele que você me contou que...

— Jeremy? — Luce torceu o nariz.

— *Jeremy*, mas foi tipo um jogo de verdade ou consequência ou algo assim.

Brincadeira de criança. Então, sim...

— Nora — disse Luce. — Você precisa mesmo contar isso para... para seja lá quem está conversando com você?

— São só Jordan e Hailey. — Ela encarou Luce. — Estamos no viva voz. Dê tchauzinho!

Nora apontou para a janela do entardecer de outono. O dormitório delas era um lindo prédio de tijolinhos brancos em formato de U com um pequeno pátio no meio onde todos ficavam o tempo todo. Mas não era para lá que Nora estava apontando.

Diretamente em frente à janela do terceiro andar do quarto de Nora e Luce havia outra janela. A vidraça estava levantada, pernas bronzeadas se balançavam por ela, e os braços de duas garotas apareceram, acenando.

— Oi, Luce! — gritou uma delas.

Jordan, a loira fogosa de Atlanta, e Hailey, mignon e sempre risonha, com cabelo preto espesso que caía em cascatas escuras ao redor do rosto. Elas pareciam gente fina, mas por que estavam conversando sobre os garotos que Luce não tinha beijado?

Ah, a faculdade era um lugar tão estranho.

Antes de Luce ter percorrido os três mil quilômetros de carro com seus pais até a Emerald College, uma semana antes, podia contar nos dedos as vezes em que havia saído do Texas: uma vez para viajar com a família até Piles Peak no Colorado, duas vezes para competições de natação regionais no Tennessee e em Oklahoma (no segundo ano ela bateu o próprio recorde no nado livre e levou para casa uma fita azul), e as visitas anuais de fim de ano para a casa dos avós em Baltimore.

Mudar-se para Connecticut para cursar a faculdade era algo *imenso* para Luce. A maioria de seus amigos da escola Plano Senior High iria estudar em faculdades texanas, mas Luce sempre tivera a sensação de que havia algo à sua espera no mundo, que ela precisava sair de casa para encontrar.

Seus pais lhe deram apoio — principalmente quando conseguiu aquela bolsa parcial por causa do seu nado borboleta. Enfiou a vida inteira dentro de uma mala vermelha de lona e encheu algumas caixas com objetos de valor sentimental dos quais não conseguia se livrar: o peso de papel da Estátua da Liberdade que o pai tinha lhe trazido de lembrança de Nova York; uma foto da mãe com um corte de cabelo ruim quando ela era da idade de Luce; o porquinho de pelúcia que a fazia se lembrar do cão da família, Mozart. O tecido do banco de trás do jipe surrado estava em frangalhos e cheirava a picolés de cereja, e isso foi confortador para Luce, assim como a visão da parte de trás da cabeça dos pais quando o pai dirigiu dentro do limite de velocidade durante quatro longos dias pela Costa Leste, parando de quando em quando para ler marcos históricos e fazer uma excursão por uma fábrica de pretzels a noroeste de Delaware.

Houve um momento em que Luce pensou em recuar. Já estavam a dois dias na estrada, em algum lugar da Geórgia, e o “atalho” do pai

ao sair do hotel onde estavam hospedados para pegar a autoestrada os levou para mais longe no litoral, a estrada cheia de cascalho e o ar fedendo por causa da grama malcheirosa. Eles estavam a mais ou menos um terço do caminho e Luce já sentia saudades da casa onde havia crescido.

Sentia saudades do seu cachorro, da cozinha onde a mãe assava pãezinhos e do modo como, no verão anterior, os roseirais do pai cresceram ao redor da sua janela, enchendo o quarto dela com um aroma suave e a promessa de buquês recém-colhidos.

E foi então que Luce e seus pais passaram por uma trilha comprida e sinuosa com um portão alto e sinistro que parecia eletrificado, como uma prisão. Uma placa do lado de fora dizia em letras fortes em negrito: *Reformatório Sword & Cross*.

— Ah, isso é meio agourento — comentou a mãe de Luce lá do banco da frente, desviando os olhos da revista de decoração. — Que bom que você não vai para essa escola, Luce!

— É — concordou a menina —, que bom mesmo. — Ela se virou e observou pela janela de trás do carro até os portões sumirem no meio da floresta. Então, antes que se

desse conta, já estavam atravessando a fronteira da Carolina do Sul, aproximando-se ainda mais de Connecticut e de sua nova vida na Emerald College a cada volta dos pneus novos do jipe.

E então ela estava ali, no dormitório, e seus pais já voltavam para o Texas. Luce não queria que a mãe se preocupasse, mas a verdade era que estava sentindo saudades desesperadoras de casa.

Nora era ótima; a questão não era essa. Elas fizeram amizade assim que Luce colocou o pé no quarto e viu a nova companheira colando com fita adesiva um pôster de Albert Finney e Audrey Hepburn em *Um caminho para dois*. A ligação se fortaleceu quando tentaram fazer pipoca na cozinha caindo aos pedaços do dormitório às duas da manhã daquela primeira noite, mas só conseguiram disparar o alarme de incêndio, fazendo todo mundo sair dos quartos de pijama. Durante toda a semana de orientação, Nora fizera de tudo para incluir Luce em cada um de seus inúmeros planos. Já havia estudado em uma escola preparatória chique antes de ir para a Emerald, portanto chegou à faculdade com uma vivência do que era o cotidiano em um dormitório. Não lhe parecia esquisito que houvesse garotos no quarto ao lado, que a estação de rádio on-line do campus fosse a *única* forma

aceitável de se ouvir música, que você tivesse de passar um cartão magnético para fazer qualquer coisa por ali e que os trabalhos de fim de curso precisassem ter o colossal tamanho de quatro páginas.

Além dos muitos amigos da Dover Prep, Nora parecia fazer mais 12 amizades todos os dias, como Jordan e Hailey, que ainda estavam balançando as pernas e acenando da janela. Luce queria acompanhar aquele ritmo, mas havia passado a vida inteira em um canto remoto do Texas onde nada acontecia e as coisas andavam muito mais devagar. Agora percebia que preferia a vida assim. Ela se viu sentindo falta de coisas que sempre dizia odiar em casa, como música country e frango frito no palito vendido em posto de gasolina.

Porém, fora estudar ali tão longe para se descobrir, para que a vida pudesse finalmente começar. Não parava de dizer isso a si mesma.

— Jordan estava me contando que o vizinho de porta dela achou você bonitinha.

— Nora deu um puxão no cabelo escuro de Luce, que batia na cintura.

— Mas ele é um safado, por isso fiz questão de deixar bem claro que você, querida, é uma dama. Quer ir até lá daqui a uns minutinhos para um esquentar antes daquela festa que vai rolar hoje?

— Claro. — Luce abriu o refrigerante que havia comprado na máquina de perto da lavanderia cheia de sabão em pó.

— Achei que você ia me trazer uma diet.

— E trouxe. — Luce enfiou a mão dentro da cesta de lavanderia para apanhar a lata que havia comprado para Nora. — Nossa, desculpe, devo ter esquecido lá embaixo.

Vou correr para pegá-la. Volto daqui a pouco.

— *Pas de prob* — disse Nora, praticando o seu francês. — Mas rápido. Hailey disse que tem uma infiltração do time de futebol no lado delas do corredor. Jogadores de futebol são iguais a festas bacanas. É melhor a gente não demorar muito para dar as caras. — E então ela disse ao telefone: — Preciso desligar. Não, vou usar a camisa preta.

Luce vai de amarelo... ou você vai mudar de roupa? Enfim...

Luce fez um gesto para Nora dizendo que voltaria dali a pouco e saiu do quarto.

Desceu os degraus da escada de dois em dois, percorrendo os pisos sinuosos do dormitório até se ver no tapete marrom desgastado da entrada do porão, que todo mundo no campus chamava de Fosso, um termo que fazia Luce se lembrar de castelos.

Na janela que dava para o pátio, Luce parou. Um carro cheio de garotos estava parado na trilha circular do dormitório. Quando eles saíram, rindo e dando empurrões uns nos outros, viu que estavam com camisetas do time de futebol da Emerald.

Reconheceu um deles. Era muito fofo: loiro, sorriso branco enorme, aparência típica de cara que estudou em escola preparatória (algo que ela reconhecia agora, depois de Nora desenhar um diagrama outro dia durante o almoço). Ela nunca havia conversado com Max, nem quando eles foram parar no mesmo time durante uma caça ao tesouro pelo campus. Mas quem sabe, se ele fosse à festa naquela noite...

Todos os meninos que estavam saindo do carro eram muito lindos, o que, para Luce, equivalia a intimidadores. Não gostava da ideia de ser a única menina tímida no quarto de Jordan e Hailey, lá em cima.

Mas gostava da ideia de estar na festa. O que mais podia fazer? Esconder-se porque estava nervosa? Não, com certeza ela iria à festa.

Correu o último lance de escadas até chegar ao porão. Agora o sol estava quase se pondo, portanto a lavanderia estava praticamente vazia, o que lhe dava um ar solitário.

O fim do dia era quando as pessoas usavam as roupas que tinham lavado e secado. Só havia uma menina com meias malucas listradas que iam até a coxa e que estava esfregando como uma doida uma mancha de um par de jeans *tie dye*, como se todas as futuras esperanças e sonhos dependessem da remoção daquela nódoa. E um garoto, sentado em cima de uma secadora barulhenta e balançante, que atirava uma moeda para o alto e a apanhava com a palma da mão.

— Cara ou coroa? — perguntou ele quando ela entrou. Tinha rosto quadrado, cabelos ondulados cor de âmbar, grandes olhos azuis, e usava uma correntinha dourada ao pescoço.

— Cara. — Luce deu de ombros e soltou um risinho.

Ele atirou a moeda, apanhou-a e colocou-a na palma da mão. Luce viu que não era uma moeda de vinte e cinco centavos e sim uma moeda muito velha de tom dourado desgastado e letras desbotadas em outro

idioma. O garoto levantou uma sobancelha para ela.

— Você ganhou. Ainda não sei o quê, mas isso provavelmente depende de você.

Ela se virou, procurando o refrigerante diet que havia deixado ali. Então o viu, a cerca de dois centímetros do joelho direito do garoto.

— Essa latinha não é sua, é? — perguntou ela.

Ele não respondeu, apenas fitou-a com seus olhos azuis gélidos, que, agora percebia, sugeriam uma tristeza profunda que não parecia possível para alguém da idade dele.

— Eu a esqueci aqui. É para a minha amiga. Que divide o quarto comigo. Nora —

explicou Luce, estendendo a mão para apanhá-la. O garoto era estranho, intenso. Ela começou a tagarelar. — Vejo você mais tarde.

— Mais uma vez? — perguntou ele.

Ela se virou quando chegou à porta. Ele estava se referindo ao jogo com a moeda.

— Ah. Cara.

Ele atirou a moeda para cima. A moeda pareceu pairar no ar. Ele a apanhou sem olhar, colocou-a na palma e abriu a mão.

— Ganhou de novo — cantarolou ele com uma voz estranhamente idêntica à de Hank Williams, um velho cantor favorito do pai de Luce.

No quarto, Luce atirou a bebida para Nora.

— Você já conheceu aquele menino estranho que fica atirando uma moeda para cima na lavanderia?

— Luce — piscou Nora. — Quando minha lingerie fica suja, compro lingerie nova.

Tenho planos de conseguir aguentar as pontas até o Dia de Ação de Graças sem precisar lavar roupa. E aí, está pronta? Os caras do futebol estão esperando, torcendo para fazer gol. Nós somos o gol, mas precisamos lembrar os fofos de que eles não podem usar as mãos.

Ela segurou Luce pelo cotovelo e a guiou para fora do quarto.

— Agora, se você conhecer um garoto chamado Max, sugiro que o evite. Estudei com ele na Dover, e tenho certeza absoluta de que deve estar no time de futebol. Vai parecer fofo e charmoso, mas tem uma namorada na cidade dele que é a maior vaca da história. Bem, pelo menos ela acha que é a namorada dele... — Nora murmurou atrás da mão: — Ela foi recusada pela Emerald, e está amargurada até o talo por isso. Tem espiões plantados por toda parte.

— Saquei. — Luce riu, mas por dentro franziu o cenho. — Ficar longe de Max.

— Qual é o seu tipo de cara, aliás? Quero dizer, eu sei que você já superou o velho e desengonçado Jeremy.

— Nora. — Luce empurrou a amiga de leve. — Está proibida de lembrar esse cara o tempo todo. Aquilo foi uma conversa privada entre garotas que dividem o mesmo quarto. O que acontece de pijamas fica entre os pijamas.

— Tem toda razão. — Nora assentiu, levantando as mãos em sinal de rendição. —

Algumas coisas são sagradas. Respeito isso. Certo. Se você tivesse de descrever o seu beijo dos sonhos em cinco palavras ou menos...

As duas caminhavam pela segunda ala do dormitório em formato de U. Num instante, virariam a esquina e se aproximariam do fim do corredor, chamado de Caboose, onde ficava o quarto de Jordan e Hailey. Luce se encostou na parede e suspirou.

— Não estou envergonhada por não ter, sabe, experiência — disse ela em voz baixa, pois aquelas paredes eram finas. — É só que... já teve a sensação de que *nada* aconteceu com você? Tipo, como se soubesse que tem um destino, mas tudo o que viu na sua vida até então não possui nada de excepcional? Quero que a minha vida seja diferente. Quero sentir que ela começou. Estou esperando por *aquela* beijo. Mas às

vezes sinto como se pudesse esperar para sempre que nada iria mudar.

— Também tenho pressa. — Os olhos de Nora ficaram um pouco enevoados. —

Sei do que está falando... mas pelo menos você tem um pouquinho de controle.

Principalmente se andar comigo. Podemos fazer as coisas acontecerem. Nosso primeiro semestre mal começou, menina!

Nora estava ansiosa para chegar logo à festa, e Luce queria ir; queria mesmo. Mas ela estava falando daquela coisa indescritível que era maior do que simplesmente se divertir em uma festa. Estava falando de um destino sobre o qual tinha a sensação de ter tanto controle quanto em um resultado de cara ou coroa — era algo que estava e ao mesmo tempo não estava em suas mãos.

— Tá tudo bem com você? — Nora inclinou a cabeça para Luce. Um cacho ruivo curto caiu por cima do seu olho.

— Tá — assentiu Luce de modo casual. — Tô legal.

Elas foram à festa, que não passava de um monte de portas de quartos abertas e calouros entrando e saindo delas. Todos levavam copos de plástico repletos de um ponche superdoce que parecia se reabastecer automaticamente. Jordan discotecava do seu iPod, gritando “Issa!” de vez em quando. A música era boa. O seu vizinho de porta David Franklin pediu pizza, na qual Hailey deu uma incrementada, acrescentando orégano fresco do herbanário que trouxera de casa e instalara no canto do quarto perto da porta. Eram todos gente boa, e Luce ficou feliz por conhecê-los.

Luce conheceu vinte alunos em meia hora e a maioria era de garotos que se inclinavam para a frente e colocavam a mão na sua lombar quando ela se apresentava, como se não pudessem escutá-la direito, como se tocá-la tornasse sua voz mais clara.

Ela se flagrou de olho para ver se encontrava o cara da moeda da lavanderia.

Três copos de ponche e dois pedaços de pizza de pepperoni com massa maravilhosamente fina depois, Luce havia sido apresentada a Max e passara os dez minutos seguintes tentando evitá-lo. Nora tinha razão: ele era lindo, mas muito paquerador para alguém com uma namorada em sua cidade. Ela e Nora estavam emboladas na cama de Jordan, sussurrando notas para todos os meninos dali, entre um risinho e outro, quando Luce decidiu que já tinha bebido um pouco demais daquele ponche misterioso. Deixou a festa e desceu as escadas, procurando ar fresco.

A noite estava fria e seca, nada parecida com as noites do Texas. Aquela brisa lhe refrescava a pele. Havia algumas estrelas no céu e algumas pessoas no pátio, mas ninguém que Luce conhecia, portanto

ela se sentiu livre para sentar em um dos bancos de pedra entre dois arbustos de peônias. Eram suas flores preferidas. Encarara como um bom presságio quando viu que o terreno ao redor do dormitório estava repleto de peônias em flor, mesmo no fim de agosto. Tocou as pétalas profundamente curvas de um dos botões brancos e se inclinou para sentir seu cheiro suave.

— Oi.

Ela deu um pulo. Com o nariz enterrado na flor, não tinha visto o garoto se aproximar. Agora um par de tênis detonados estava bem na frente dela. Seus olhos subiram: jeans desbotados, camiseta preta, um cachecol vermelho fino amarrado de

um jeito solto ao redor do pescoço. O coração dela se acelerou e não soube o motivo; não tinha nem visto o rosto do garoto — cabelos loiros curtos... lábios com aparência obscenamente macia... olhos tão lindos que Luce perdeu o fôlego.

— Desculpe — disse ele. — Não quis assustar você.

De que cor mesmo eram os olhos dele?

— Não foi por isso que tomei um susto. Quero dizer... — A flor caiu da mão dela, três pétalas pousaram nos tênis do garoto.

Diga alguma coisa.

“Bem-me-quer. Mal-me-quer. Bem-me-quer”

Isso não!

Era fisicamente impossível dizer alguma coisa. Não apenas aquele cara era a coisa mais incrível que Luce já havia visto, como tinha se aproximado dela e se apresentado. O modo como a olhava fazia Luce sentir como se fosse a única pessoa no pátio. Como se fosse a única pessoa na face da Terra. E estava colocando tudo a perder.

Instintivamente, ela levou a mão ao colar — e descobriu que seu pescoço estava nu. Que estranho. Sempre usava o medalhão de prata que sua mãe tinha lhe dado em seu décimo oitavo aniversário. Era uma herança de família e trazia uma foto antiga da avó, que se parecia muito com Luce, tirada exatamente quando ela conheceu o homem que se tornaria seu avô. Será que havia se esquecido de colocá-lo naquela manhã?

O garoto inclinou a cabeça numa espécie de sorriso.

Ah, não. Ela estivera encarando-o aquele tempo todo. Ele levantou a mão como se fosse lhe dar um pequeno aceno, mas não fez isso. Seus dedos pairaram no ar. E o coração dela começou a bater com força, porque de repente não teve a menor ideia do que aquele estranho iria fazer. Ele poderia fazer qualquer coisa. Um gesto simpático era apenas uma das possibilidades. Poderia lhe mostrar o dedo. Provavelmente merecia isso, por ter ficado encarando-o como uma maluca psicótica. Era ridículo. Estava sendo ridícula.

Ele acenou, como se dissesse: “Oi, você ainda está aí?”

— Meu nome é Daniel.

Quando ele sorriu, ela viu que seus olhos eram lindos, cinzentos com um leve toque de... seria violeta? Ah, meu Deus, ela ia se apaixonar por um cara de olhos roxos. O

que Nora iria dizer?

— Luce — conseguiu por fim dizer. — Lucinda.

— Bacana. — Ele sorriu de novo. — Tipo Lucinda Williams, a cantora.

— Como você sabe disso? — Ninguém conhecia Lucinda Williams. — Meus pais se conheceram num show da Lucinda Williams em Austin. Texas — acrescentou ela. —

É daí que vem o meu nome.

— *Essence* é o meu disco preferido dela. Eu o escutei durante a metade do caminho até aqui, vindo da Califórnia. Texas, é? Está sendo difícil se acostumar com a Emerald?

— Choque cultural completo. — Ela teve a sensação de que era a coisa mais honesta que havia dito em toda aquela semana.



— Você vai se acostumar. Pelo menos eu me acostumei, depois de dois anos. —

Ele estendeu o braço para tocar o ombro dela ao perceber a expressão de pânico de Luce. — Estou brincando. Você parece muito mais

adaptável que eu. Na semana que vem, quando eu vir você de novo, já vai estar completamente em casa, usando um moletom com um E enorme estampado.

Ela estava olhando para a mão dele no próprio braço. Entretanto, mais do que isso, estava sentindo mil pequeninas explosões acontecendo dentro de si, como o final de um espetáculo de fogos de artifício nas comemorações do Dia da Independência. Ele riu e depois ela riu, e não soube o motivo.

— Você quer — ela não podia acreditar que iria dizer isso àquele garoto de classe alta da Califórnia, lindo como um modelo — sentar?

— Sim — disse ele na mesma hora. Depois, olhou para uma janela lá em cima onde as luzes estavam acesas e uma festa, acontecendo. — Você por acaso sabe onde está rolando uma festa do pessoal do time de futebol?

Luce apontou para cima, ligeiramente arrasada.

— Eu estava lá; é só subir as escadas.

— Não estava legal?

— Estava — respondeu ela. — Mas eu...

— Quis pegar um pouco de ar?

Ela fez que sim.

— Eu ia encontrar uma amiga. — Daniel deu de ombros e olhou para a janela, onde Nora estava flertando com alguém que não conseguiam distinguir. — Mas talvez já tenha encontrado.

Ele deu uma piscadela para Luce e ela ficou imaginando, horrorizada, se havia passado todo aquele tempo conversando com ele com pólen de flor no nariz. Não seria a primeira vez que fazia isso.

— Você está fazendo biologia celular neste trimestre? — perguntou ele.

— Nem pensar. Mal consegui sair viva dessa aula na escola. — Ela olhou para Daniel, para os olhos dele, que definitivamente tinham um tom violeta. Eles cintilaram quando ela disse:

— Por que está perguntando?

Daniel balançou a cabeça, como se estivesse pensando em uma coisa que não queria dizer em voz alta.

— É que... você parece familiar. Poderia jurar que já nos vimos antes.



EPÍLOGO

AS ESTRELAS NOS OLHOS DELES

-E u adoro esta parte! — disse Arriane com um gritinho.

Três anjos e dois Nephilim estavam sentados na beirada de uma nuvem baixa cinzenta acima de um dormitório em forma de U no centro de Connecticut.

Roland sorriu para ela.

— Não me diga que já viu isto acontecer!?

As asas douradas marmorizadas dele estavam abertas e dispostas horizontalmente. Assim, Miles e Shelby podiam sentar-se sobre elas e permanecer no ar, como se as asas fossem um cobertor de piquenique num *drive thru* do céu.

Os Nephilim não viam aqueles anjos há mais de doze anos. Embora Roland, Arriane e Annabelle não exibissem nenhum sinal físico da passagem do tempo, os Nephilim haviam envelhecido. Usavam alianças, e as laterais dos seus olhos estavam marcadas pelas linhas de expressão do seu casamento feliz. Embaixo de seu boné de beisebol desbotado, o cabelo de Miles estava ligeiramente grisalho nas têmporas. A mão repousava sobre a barriga de Shelby, que estava saliente por causa de um bebê que nasceria no mês seguinte. Ela esfregou a cabeça como se tivesse escapado por pouco de uma concussão.

— Mas Luce não come pepperoni. Ela é vegetariana!

— Foi isso que chamou sua atenção nesta cena? — Annabelle revirou os olhos. —

Luce está diferente agora. É a mesma garota, só que com detalhes

diferentes. Não vê os Anunciadores, nem se consultou com todos os psiquiatras da Costa Leste. Está muito mais “normal”, o que a entedia até as lágrimas, mas... — Então Annabelle sorriu. — Mas acho que, no longo prazo, ela vai ficar muito feliz.

— Esta pipoca está com gosto de queimado para vocês? — perguntou Miles, mastigando ruidosamente.

— Não coma isso aí — repreendeu Roland, tirando uma pipoca da mão de Miles.

— Arriane tirou do lixo depois que Luce quase colocou fogo na cozinha do dormitório.

Miles começou a cuspir freneticamente, inclinando-se sobre a beirada das asas de Roland.

— Foi meu jeito de me conectar com Luce. — Arriane encolheu os ombros. — Mas tome, pegue amendoins.

— Não é estranho que a gente esteja assistindo aos dois como se fosse um filme?

— perguntou Shelby. — A gente deveria imaginá-los como um romance, um poema, uma música. Às vezes me sinto oprimida ao ver o quanto o meio cinematográfico é redutor.

— Ei. Roland não *precisava* ter trazido você até aqui, Nephilim. Então não banque

a intelectual, apenas assista. Veja. — Arriane bateu palmas. — Ele está completamente fissurado no cabelo dela. Aposto que vai para casa desenhá-lo. Esta noite mesmo. Que fofooooofo!

— Arriane, você se saiu bem demais sendo a adolescente — disse Roland. —

Quanto tempo mais vamos ter de ficar assistindo? Quero dizer, você não acha que eles já conquistaram um pouquinho de privacidade a esta altura?

— Ele tem razão — disse Arriane. — Temos outras coisas em nossa agenda celestial. Tipo... — O sorriso dela sumiu quando pareceu não conseguir pensar em nada.

— Então vocês se encontram com frequência? — perguntou Miles a

Arriane, Annabelle e Roland. — Desde que Roland, vocês sabem...

— Claro que a gente vê Roland. — Annabelle sorriu para o anjo. — Porque ainda estamos insistindo com ele. Mesmo depois de todos esses anos. O Trono inventou o perdão, sabia?

Roland balançou a cabeça.

— Acho que a redenção divina para mim não está nos planos de curto prazo do Trono. Tudo é tão *branco* aqui em cima.

— Nunca se sabe — interrompeu Arriane. — Ela fica muito cabeça aberta às vezes. Dê uma passada para dar um oi. Lembre-se: foi por causa do Trono que Daniel e Luce estão juntos agora.

Roland ficou sério, olhando além da cena que se descortinava lá embaixo, para as nuvens distantes e escuras.

— O equilíbrio entre o Céu e o Inferno estava perfeito da última vez que verifiquei. Você não precisa que eu desequilibre a balança.

— Sempre existe pelo menos a esperança de que a gente possa se reunir de novo

— disse Annabelle. — Luce e Daniel são um exemplo disso: nenhum castigo é eterno.

Talvez nem o de Lúcifer.

— Alguém teve notícias de Cam? — perguntou Shelby. Por alguns instantes, as nuvens ficaram em silêncio. Então Shelby pigarreou e se virou para Miles. — Bem, falando em coisas que não são eternas... O turno da nossa babá está quase terminando.

Ela nos cobrou hora extra semana passada, quando o jogo dos Dodgers teve prorrogação.

— Vocês querem ser avisados quando Luce e Daniel tiverem o primeiro encontro? — perguntou Annabelle.

Miles apontou para a Terra.

— Ei, mas não era para a gente deixar os dois em paz?

— Eu quero acompanhar! — disse Shelby. — Não escute o que ele diz.
— E, para Miles: — Nem um pio.

Roland envolveu um Nephilim ao redor de cada asa e se preparou para levantar voo.

Então os anjos, o demônio e o Nephilim voaram até os confins distantes do céu, deixando por um momento um clarão brilhante de luz atrás deles enquanto, lá embaixo, Luce e Daniel se apaixonavam pela primeira — e última — vez.



FIM

{1} Reticella: ponto de costura rendado datado do século XV.

{2} The International House of Pancakes (A Casa Internacional das Panquecas), rede de restaurantes especializada em café da manhã.

{3} Pee, em inglês, além de rimar com Dee, significa “xixi”.

Document Outline

- [Folha de Rosto](#)
- [Sinopse](#)
- [Dedicatória](#)
- [Agradecimentos](#)
- [PRÓLOGO](#)
- [UM](#)
- [DOIS](#)
- [TRÊS](#)
- [QUATRO](#)
- [CINCO](#)
- [SEIS](#)
- [SETE](#)
- [OITO](#)
- [NOVE](#)
- [DEZ](#)
- [ONZE](#)
- [DOZE](#)
- [TREZE](#)
- [CATORZE](#)
- [QUINZE](#)
- [DEZESSEIS](#)
- [DEZESSETE](#)
- [DEZOITO](#)
- [DEZENOVE](#)
- [VINTE](#)
- [EPÍLOGO](#)